CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

REFLEXÕES EM TORNO AO USO DIDÁTICO DAS TICs: UM CAMINHO POSSÍVEL PARA O PROFESSOR PROBLEMATIZAR SUA CULTURA DIDÁTICA?

Ricardo Jullian da Silva Graça

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Educação, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientadora:
Andreia Guerra de Moraes, D.Sc.

Rio de Janeiro
Maio 2013

REFLEXÕES EM TORNO AO USO DIDÁTICO DAS TICs: UM CAMINHO POSSÍVEL PARA O PROFESSOR PROBLEMATIZAR SUA CULTURA DIDÁTICA?

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

Ricardo Jullian da Silva Graça

Aprovada por:

_____
Prof. Presidente, Andreia Guerra de Moraes, D.Sc.

_____
Prof. Marco Antônio Barbosa Braga, D.Sc.

_____
Prof. Gilda Helena Bernardino de Campos, D.Sc. (PUC-RJ)

Rio de Janeiro
Maio 2013

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

G729 Graça, Ricardo Jullian da Silva
Reflexões em torno ao uso didático das TICs: um caminho possível para o professor problematizar sua cultura didática? / Ricardo Jullian da Silva Graça.—2013.
ix, 74f. + apêndices : il. ; enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2013.
Bibliografia : f. 72-74
Orientadora : Andreia Guerra de Moraes

1. Professores – Formação. 2. Educação permanente. 3. Tecnologia da informação. 4. Didática. 5. Tecnologia educacional. I. Moraes, Andreia Guerra de (Orient.). II. Título.

CDD 370.71

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho as sete pessoas mais importantes no início de minha vida: meu pai Ricardo (em memória), minha mãe Ivonete, meu primo Roberto, que é professor e que me orientou e ajudou nos estudos, meu amigo e músico Tião que me estimulou a imaginar e a sonhar e minhas três professoras primárias: Janete, Gracildes e Gisele.

Dedico também as quatro pessoas mais importantes do momento atual de minha vida: Andréa, Pedro, Ana Terra e Mariana.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, a todos os professores do Programa de Ciência, Tecnologia e Educação pelo excelente trabalho realizado. Principalmente, aos integrantes do Grupo Teknê, sonhadores com pés no chão, que dedicam suas vidas a desmistificar e divulgar a Ciência. E, entre esses, agradecer especialmente a minha orientadora, Andreia Guerra, que reúne as importantes características de uma verdadeira mestre: força, sabedoria e bondade, com quem tive a oportunidade de compartilhar dúvidas e certezas durante mais tempo.

Agradeço, também, aos meus companheiros de trabalho no LIpE, de onde partem as atividades desta reflexão; ao professor Antônio Cláudio, que mais do que um coordenador é uma das pessoas que mais admiro e confio; à incansável companheira de trabalho, Rejane Gadelha, com quem trabalho há mais de 25 anos na extensão da UFRJ; à memória dos ousados e generosos camaradas que fizeram a extensão Universitária da UFRJ dar um grande salto: prof. Horácio Macedo e prof. Fernando Amorim; ao prof. Ricardo Rhomberg, pela ousadia de ter criado o Projeto Minerva, antecessor do LIpE; à prof. Gilda Campos, por ter dado as primeiras orientações acadêmicas para nosso projeto. Agradeço, ainda, a todas as professoras parceiras das escolas públicas com quem tanto aprendemos, principalmente, as amigas Flora e Adelina, como também às professoras de Cabo Frio que tanto ajudaram nessa pesquisa. Agradeço também a diversos companheiros de luta e construção de uma outra Universidade possível como o Joarez, Vitor, Cubero, Walter, Celso, Felipe, Alan, Lianza...

As amigas Rita, Rosângela, Sabine, Cláudia, agradeço aos diversos momentos compartilhados na construção dessa dissertação e na preparação para o XV IOSTE.

Aos dedicados professores Artexes, Gouveia, Zé Carlos e Murilo, do curso técnico e da licenciatura aqui no CEFET, meu reconhecimento.

Aos amigos Humanistas, com quem divido a esperança utópica de humanizar a Terra, meu muito obrigado.

E, finalmente, agradeço à minha querida companheira de sonhos e de construção, Andréa Medina, que além de compartilhar a caminhada nessa vida, me ajudou em vários momentos de reflexão sobre a presente dissertação e principalmente a não desistir nos momentos mais difíceis.

RESUMO

REFLEXÕES EM TORNO AO USO DIDÁTICO DAS TICS: UM CAMINHO POSSÍVEL PARA O PROFESSOR PROBLEMATIZAR SUA CULTURA DIDÁTICA?

Ricardo Jullian da Silva Graça

Orientadora:
Prof. Andreia Guerra de Moraes, D.Sc.

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

A presente dissertação discute a possibilidade de problematização e de modificações na cultura didática de professores do Ensino Fundamental através de determinados processos de apropriação de uso pedagógico das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). A pesquisa empírica, desenvolvida no formato de estudo de caso, realizou-se com um grupo de cinco professores de uma escola municipal de Cabo Frio que iniciou o uso pedagógico das TICs entre os anos de 2006 e 2007. Nesses anos, o Laboratório de Informática para Educação (LIpE) da UFRJ realizou formações continuadas sobre uso pedagógico das TICs para esses e outros professores em coordenação com a Secretaria Municipal de Educação dessa cidade. Entre os professores integrantes de nosso estudo de caso, uma professora assumiu a função de Multiplicadora Tecnológica (MT) da escola após a formação realizada em 2006. Dessa forma, ao longo dos últimos anos, esse grupo específico de professores mantiveram-se em contato planejando e executando atividades didáticas que utilizam as TICs nessa escola. Buscamos identificar, através da análise de questionários e entrevistas realizadas com esses professores no fim de 2011 e ao longo de 2012, quais deles haviam conseguido ou não problematizar e modificar certos aspectos de sua cultura didática. Procuramos, também, identificar, através do discurso dos professores, os principais elementos responsáveis por essa problematização que estavam presentes nas formações continuadas realizadas há pouco mais de cinco anos. Os resultados da pesquisa apontam que quatro professores, dentre os cinco docentes integrantes deste estudo de caso, conseguiram problematizar e promover certas mudanças em sua cultura didática. Os resultados encontrados também apontam alguns dos principais elementos diretamente relacionados a essa problematização.

Palavras-chave:
Cultura didática; Formação continuada de professores; TICs

Rio de Janeiro
Maio 2013

ABSTRACT

REFLECTING ON THE PEDAGOGICAL USE OF INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES: A POSSIBLE PATH FOR TEACHERS TO PROBLEMATIZE THEIR OWN PEDAGOGICAL CULTURE?

Ricardo Jullian da Silva Graça

Advisor:
Prof. Andreia Guerra de Moraes, D.Sc.

Abstract of dissertation submitted to Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Educação - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, as a partial fulfillment of requirements for de degree of Master of Science, Technology and Education.

This dissertation reflects on the possibility of problematizing and changing the culture of teaching with elementary school teachers through particular processes of pedagogical use of Information and Communication Technologies (ICT). The empirical research, designed in a case study format, was conducted with a group of five teachers from a public school located in Cabo Frio. They started the pedagogical use of ICT in the years 2006 and 2007. During this period, the Education Computing Laboratory from Universidade Federal do Rio de Janeiro conducted continuing professional development courses on pedagogical use of ICT for these and other teachers. These courses were developed in a partnership with the Board of Education of Cabo Frios´s City Hall. Among the participants of our study, a teacher assumed the function of a Technology Multiplier (TM) after the training held in 2006. Thus, over the past few years, this particular group of teachers remained in contact planning and carrying learning activities using ICT at this school. We try to identify, through the analysis of questionnaires and interviews with those teachers in late 2011 and throughout 2012, who had succeeded to problematize and modify certain aspects of their culture of teaching. We also seek to identify, through the teachers´ voice, the main elements for this questioning that were present in the continuing teacher education courses carried on over the five years. The survey results indicate that four teachers, from the five teachers participating in this case study, were able to discuss and promote certain changes in their culture teaching. The results also point out some key elements directly related to this problematizing.

Keywords:

Pedagogical culture; Teachers continuing professional development; Information and Communication Technologies

Rio de Janeiro
May 2013

Sumário

I Introdução 1

II Educação e Formação de Professores..... 4

II.1 Dois Modelos Antagônicos de Formação de Professores..... 4

II.1.1 “Modelo dos Conteúdos Culturais-Cognitivos”..... 4

II.1.2 “Modelo Pedagógico-Didático”..... 5

II.2 Formação de Professores e Saberes Docentes..... 5

III Educação e Tecnologia..... 11

III.1 Motivações Econômicas..... 13

III.2 Artefatos Tecnológicos e Educação..... 14

III.2.1 Computadores Inseridos no Paradigma de Transmissão de Conteúdos.....16

III.2.2 Computadores Inseridos no Paradigma de Construção de Conhecimentos 18

III.3 Algumas Formações Iniciais para Uso das TIC na Educação no Brasil..... 20

IV Metodologia da Pesquisa..... 24

IV.1 Delimitação do Objeto de Pesquisa..... 24

IV.2 As Fontes de Dados para a Pesquisa..... 24

IV.2.1- Instrumentos Utilizados para Coleta de Dados..... 25

IV.3 Metodologia para Análise dos Dados..... 26

V Contexto da Pesquisa..... 29

V.1 Atores da Pesquisa..... 29

V.1.1 Laboratório de Informática para Educação (LIpE)..... 29

V.1.1.1 Histórico e Fundamentos do LIpE..... 30

V.1.2 Programa de Extensão UFRJmar..... 35

V.1.3 Grupo de Educação Multimídia (GEM)..... 36

V.1.4 DINFE e o NTM de Cabo Frio..... 36

V.1.5 Professores da Rede Municipal..... 37

V.2 As Formações Realizadas em 2006 e 2007..... 37

V.2.1 Planejamento das Formações..... 37

V.2.2 Aspectos Mais Relevantes Destas Formações..... 41

V.3 Primeiros Dados Observados em 2006 …..... 44

VI Análise dos Dados..... 48

VI.1 Coleta de Dados em 2011 e 2012..... 48

VI.2 Análise dos Dados de 2011 e 2012..... 49

VII Considerações Finais..... 64

VII.1 Elementos de Contexto Externo ao Estudo de Caso..... 64

VII.1.1 Problemas Estruturais da Carreira Docente..... 64

VII.1.2 Apoio e Coordenação da SEME/CF, do NTM/CF e da Direção da Escola..... 65

VII.2 Elementos Internos ao Estudo de Caso..... 66

VII.2.1- O Protagonismo dos Professores..... 66

VII.2.2- Trabalho em Rede de Colaboração Entre os Professores..... 67

VII.3 Dificuldades de Expansão do Trabalho em Rede para os Demais Professores..... 68

VII.4 Finalizando..... 70

Referências Bibliográficas..... 72

Apêndice I - Planejamentos elaborados pelos professores nas formações em 2006..... 75

Apêndice II - Questionários professores ao final da formação de 2006..... 82

Apêndice III - Questionários professores para pesquisa em dezembro de 2011..... 85

Apêndice IV - Transcrição entrevistas professores em dezembro de 2011..... 92

Apêndice V - Transcrição entrevistas complementares por chat em dez. De 2012.....132

Capítulo I - Introdução

"A escola que queremos é aquela em que em vez de adaptar o educando ao mundo dado, procura inquietá-lo para que perceba o mundo dando-se, o qual pode ser mudado, transformado, reinventado." (FREIRE,1992. p.24[1])

Diversos pesquisadores apontam o uso educacional das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), como um caminho possível para superação do modelo hegemônico educacional atual, centrado na transmissão de conteúdos aos alunos. Defende-se que determinadas utilizações das TICs podem ajudar a implementar um paradigma educacional no qual os aprendizes possam desempenhar papel ativo no processo de construção de seu próprio conhecimento (ALMEIDA, 2000; BARANAUSKAS et al, 1999; BETTEGA,2004; CHAVES e SOFNNER,2005; QUARTIERO, 2007; KARSENTY,2004; SALOMON, 2002; VALENTE, 1999a e 2005; VALENTE e MARTINS, 2011). Assim, afirmam a necessidade de profundas mudanças no sistema educacional, de forma que as TICs não sirvam apenas para continuar a reforçar o modelo educacional atualmente predominante.

No entanto, transformações profundas no processo educacional são de difícil realização. As práticas educacionais hegemônicas estão ligadas à cultura da instituição escolar como um todo. Ainda temos a predominância de um modelo "bancário" de educação (FREIRE, 1972). Assim, transformações no processo educacional implicam mudanças na "cultura de ensino" ou na "cultura didática" nas quais os professores ficaram imersos ao longo de sua experiência como alunos, durante sua formação profissional e, posteriormente, enquanto constituíram seus primeiros "saberes experienciais" no exercício de sua ação docente (HÖTTECKE e SILVA, 2011; TARDIF, 2011).

É necessário, assim, implementar processos de formação inicial e continuada de professores que levem em consideração os saberes experienciais desses professores, bem como sua cultura didática.

Seria, então, a apropriação, de forma prática e reflexiva, das possibilidades de uso didático das TICs, de acordo com as diretrizes acima citadas, um caminho para que o professor consiga identificar e problematizar certos aspectos de sua própria cultura didática?

Por ser esta uma questão bastante ampla e complexa, procuramos desenvolver nossa pesquisa a partir de uma experiência de introdução de uso didático das TICs . Essa experiência realizou-se na Cidade de Cabo Frio nos anos de 2006 e 2007, onde o Laboratório de Informática para Educação (LIpE) da UFRJ, em coordenação com a Secretaria Municipal de Educação (SEME) desta cidade, realizou formações continuadas para 35 professores, com

1- Projeto Gênese: A Informática chega ao Aluno da Escola Pública Municipal - Paulo Freire ocupava a função de Secretário de Educação do município de São Paulo

esta intenção.

O LIpE é um laboratório de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que realiza, desde 1994, prioritariamente, cursos de formação continuada na utilização didática das TICs para professores de diversas disciplinas do Ensino Básico.

A delimitação de nosso objeto de estudo nos levou a construir uma pesquisa com o intuito de construir subsídios capazes de gerar respostas à seguinte questão: que elementos de uma formação continuada sobre o uso das TICs na educação, centrada na aprendizagem, podem ser identificados na fala de professores como aspectos problematizadores da cultura didática?

Para responder a essa questão é necessário trabalhar com um número grande de variáveis, pois a formação do professor e a cultura didática não se constroem em um único espaço e tempo. Assim, optamos por realizar a pesquisa num modelo de “análise qualitativa” (BOGDAN & BIKLEN, 1994; FLICK, 2009) e delimitar, o máximo possível, o objeto de investigação.

Inicialmente, a pesquisa seria realizada com o grupo de 35 professores de escolas públicas municipais de Cabo Frio que participaram dos cursos de formação continuada na área de Informática Educativa nos anos de 2006 e 2007. Após as primeiras entrevistas decidimos limitar a pesquisa a um grupo de cinco professores. Sendo todos de uma mesma escola e, assim, a pesquisa foi redefinida num modelo de "estudo de caso" (BOGDAN e BIKLEN,1994) .

A parte central de nossa pesquisa se baseia na análise de entrevistas realizadas com esses professores. Nas entrevistas, os professores descreveram suas práticas e concepções educacionais e também estabeleceram relações com os cursos realizados pelo LIpE. Essas entrevistas, do tipo semiestruturada, foram realizadas em 2011 e 2012.

Para expor os resultados da pesquisa desenvolvida, a presente dissertação foi dividida em sete capítulos. Após a introdução, no segundo capítulo, analisaremos as possibilidades e limitações que determinados modelos de processos de formação de professores podem apresentar (SAVIANI, 2009). Discutiremos, então, os saberes mobilizados pelos professores em sua prática, e a forma como esses distintos saberes se relacionam (TARDIF, 2011).

No terceiro capítulo, apresentaremos algumas das motivações e das diferentes possibilidades de uso das TICs aplicadas à educação. Ênfase será dada às discussões que permitam avaliar como essas podem ser direcionadas a reforçar um modelo baseado na transmissão de conteúdos na mesma medida em que podem se estabelecer como auxílio na construção de práticas pedagógicas que visem a construção ativa de conhecimentos por parte dos alunos.

No quarto capítulo, apresentaremos a metodologia utilizada na pesquisa. Explicaremos, inicialmente, o processo de delimitação do objeto de pesquisa em relação à pergunta da dissertação. Apresentaremos, então, as ferramentas utilizadas para obter os dados e, por último, a metodologia de análise de conteúdo utilizada (BARDIN, 1979).

No capítulo cinco, apresentaremos os elementos que dão contexto à presente pesquisa, entre os principais atores envolvidos nas formações continuadas de professores realizadas em 2006 e 2007; as características específicas dessas formações e os primeiros resultados observados na época.

No capítulo seis, explicaremos o processo de obtenção de dados realizados em 2011 e 2012, apresentando os dados de nossa pesquisa e as primeiras interpretações desses.

Como considerações finais, no sétimo capítulo, apresentaremos alguns dos fatores externos que podem ajudar ou dificultar o processo de problematização e modificação da cultura didática de um determinado grupo de professores, bem como os elementos específicos dessas formações relacionadas a nossa pergunta de dissertação.

Nos apêndices, incluímos os planejamentos realizados pelos professores nas formações realizadas em 2006 e as respostas dadas ao questionários ao fim da mesma. Colocamos, também, os questionários e as transcrições das entrevistas realizadas com os professores, ao final de 2011 e 2012.

Capítulo II - Educação e Formação de Professores

Ao longo do século XIX, com a necessidade de se expandir o acesso das camadas populares à educação, torna-se também necessário organizar e ampliar o processo de formação docente. Surgem, então, dois diferentes modelos de formação de professores (SAVIANI, 2009) que, de certa forma, disputam espaço nas instituições responsáveis por esta formação até os dias de hoje.

II.1 Dois Modelos Antagônicos de Formação de Professores

O autor denomina esses modelos de "Modelo dos conteúdos culturais-cognitivos" e "Modelo pedagógico-didático" que serão analisados a seguir.

II.1.1 "Modelo dos conteúdos culturais-cognitivos"

Nesse modelo, a instituição formadora dirige suas atividades para o estudo da cultura geral e para o aprofundamento dos conteúdos disciplinares específicos que o professor irá transmitir a seus alunos. Acredita-se que a formação pedagógica e didática será decorrente da apreensão desses conteúdos e da lógica de organização intrínseca desses saberes escolares.

Esse modelo se baseia no conceito de "*saber escolar*" (SCHÖN, 1992), que é um tipo de conhecimento que os professores devem possuir e ser capazes de transmitir a seus alunos. O saber escolar é tido como certo, verdadeiro e capaz de gerar respostas exatas. É ainda classificado como molecular, ou seja, constituído de partes isoladas que podem ser transmitidas separadamente. Afirma-se que essas partes isoladas se estruturam em construções mais complexas, dando origem a conhecimentos tidos como mais avançados que organizam-se em categorias específicas e muitas vezes distantes das situações de vida cotidiana. Essa concepção de formação isenta o professor de responsabilidade sobre um grupo de alunos que não consiga apropriar-se de determinado saber escolar. O resultado negativo dos alunos nas avaliações estaria relacionado à incapacidade dos mesmos. Tal incapacidade é atribuída a problemas cognitivos individuais dos discentes, à falta de conhecimento prévio necessário à aquisição dos conhecimentos transmitidos, ou a problemas de ordem socioeconômicas. Segundo Schön (1992) dentro desse modelo "*se um aluno tiver problemas na aquisição dos saberes escolares, trata-se de um problema seu*" (pp.81 e 82).

Esse modelo de formação de professores vai ao encontro de categorizações fornecidas por educadores a respeito dos modelos de educação vigentes nas escolas brasileiras. Por exemplo, se tomarmos como referência a definição de Paulo Freire de "educação bancária"(FREIRE,1987), podemos argumentar que o modelo de formação de professores dos conteúdos culturais-cognitivos capacitaria os docentes a realizarem o "depósito" de conteúdos em seus alunos. Isto porque, "*na visão bancária da educação, o 'saber' é uma doação dos*

que se julgam sábios aos que julgam nada saber" (FREIRE, 1987, p. 20).

Como resultado desse modelo, constata-se a urgente necessidade de suprir essa falta de preparo na questão pedagógica e didática na formação de professores secundários em vários países. Numa pesquisa realizada junto a professores recém-formados na Itália, na década de 90, chegaram a seguinte conclusão, que certamente se aproxima muito de nossa realidade atual:

> *"Os professores estão, na sua esmagadora maioria, agudamente conscientes da inadequação da formação profissional recebida; eles se sentem jogados na água sem que ninguém esteja preocupado em ensiná-los a nadar. De um lado, eles julgam quase sempre suficiente a preparação disciplinar obtida, mas se sentem desguarnecidos na linha de frente do conhecimento dos problemas educativos, dos processos de aprendizagem na idade evolutiva, das metodologias didáticas gerais (programação curricular, avaliação etc.) e das metodologias didáticas específicas da matéria ensinada" (CAVALLI, 1992, p. 243 apud SAVIANI, 2011).*

II.1.2 "Modelo pedagógico-didático"

Além da formação em cultura geral e nos conhecimentos específicos da disciplina a serem lecionados, nesse modelo, considera-se que a formação para o magistério apenas se dará verdadeiramente se a instituição formadora assegurar a preparação pedagógica e didática em sua estrutura curricular obrigatória.

De forma geral, podemos afirmar que, historicamente, o "modelo pedagógico-didático" prevaleceu no interior das instituições formadoras, conhecidas como escolas normais, através da formação dos professores que atendiam ao primeiro segmento do Ensino Fundamental (professores primários) na organização do sistema de ensino brasileiro, enquanto que o "modelo dos conteúdos culturais-cognitivos" foi predominante nas Instituições de nível superior responsáveis pela formação dos professores que trabalham no segundo segmento do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Tomando, então, por certa a necessidade de maior atenção à qualificação profissional dos professores que atuam em todo o Ensino Básico, dentro do enquadre em que se insere a presente pesquisa, destacamos a necessidade de se analisar os diferentes caminhos que podem ser trilhados para esta formação, a partir das diferentes concepções sobre a natureza do trabalho docente e sobre os saberes mobilizados por esses, no exercício de sua profissão.

II.2- Formação de Professores e Saberes Docentes

Ao constatarmos a necessidade de uma maior e melhor formação docente nos aspectos pedagógicos e didáticos, precisamos, inicialmente, especificar de que forma essa poderia se concretizar nos processos de formação inicial e continuada de professores. Uma proposta apressada de encaminhamento estaria em simplesmente multiplicar o número das disciplinas específicas relacionadas à área de educação, ou então, em aumentar a carga horária destas

disciplinas. Permanecendo, ainda, dentro do modelo de ensino atualmente predominante, que privilegia a transmissão de conhecimentos produzidos pelas ciências da educação. Entretanto, esses conhecimentos, muitas vezes, não estão de acordo com a realidade e as necessidades concretas dos futuros professores, ficando essa formação muito distante da profissão docente, das suas rotinas e da cultura profissional (NÓVOA, 2009). Como resposta a esta situação o autor propõe “uma formação de professores construída dentro da profissão” (p. 203).

Podemos encontrar em Tardif (2011) uma proposta nessa direção, ao afirmar que uma mudança efetiva nos processos de formação de professores começaria por investigar os saberes que os professores constroem e utilizam em sua prática profissional cotidiana. Necessita-se tentar compreender: De onde vêm esses saberes? Como se relacionam? Como são construídos ao longo da carreira profissional? Como são hierarquizados?

Ao longo das últimas décadas, via de regra, as ciências da educação têm visto o professor sob a mesma ótica do trabalho material. Seguindo um modelo fabril de divisão do trabalho entre os que planejam e os que executam, o professor é percebido como o operário na ponta de um processo de produção, e como tal, alguém que precisa apenas ser treinado para executar bem suas funções previamente estudadas e determinadas por outros, pelos teóricos da academia, pelos que pensam e planejam o processo educacional (TARDIF, 2011). A partir dessa perspectiva, o interesse em estudar o trabalho docente quase sempre recaiu em pesquisas preocupadas em colher dados ou testar a aplicação de certas fórmulas ou procedimentos sobre sua prática, mas muito pouco sobre os saberes mobilizados e elaborados pelos próprios professores na sua atividade docente.

Segundo Tardif (2011), esta perspectiva também está fortemente relacionada à separação produzida entre a pesquisa e o ensino nas escolas e até mesmo nos espaços universitários. Nesses, os docentes e os pesquisadores se distanciam, tornando-se grupos cada vez mais distintos, o que gera esta divisão entre os que produzem e os que transmitem conhecimentos, praticamente, sem relação entre si. Porém, a própria natureza do trabalho do professor, por ser uma ação face a face, com necessidades de tomadas de decisão e julgamentos quase que instantâneos e em constante mutação produz saberes decorrentes da própria prática profissional docente.

Essa perspectiva de compreender em profundidade como se constroem os saberes docentes, como se relacionam entre si e como determinam o fazer pedagógico de um professor encontra-se, também, presente em várias outras pesquisas de âmbito internacional nas décadas de 1980 e 1990, principalmente relacionadas ao movimento de profissionalização do ensino (NUNES, 2001).

Entre as várias formas de se tentar estudar e classificar os saberes docentes, Tardif propõe uma análise centrada nas suas fontes de aquisição, todas essas, construídas socialmente e em diferentes momentos de vida. Inicialmente teríamos o que o autor classifica como sendo “fontes pré profissionais”, através da educação informal, das relações na família,

nas experiências de vida. Em muitas pesquisas, estudadas e conduzidas pelo autor, estas experiências são determinantes porque relacionadas aos anos iniciais de vida. São elas, justamente, as que irão ajudar a formar as crenças, os gostos, os valores, que servirão de base aos julgamentos posteriores ao longo dos processos de formação e da carreira.

Outra “fonte pré profissional” considerada é a própria formação escolar. Nesse período, várias práticas docentes surgem como modelos positivos ou negativos e seus procedimentos, muitas vezes, servirão de parâmetro para os passos seguintes, principalmente, nos primeiros momentos de ação do professor. Os cálculos conduzem a aproximadamente 15 mil horas de permanência média nos bancos escolares (TARDIF, 2011) ao longo do período equivalente ao Ensino Básico. É um longo tempo em contato com profissionais relacionados diretamente a seu próprio futuro profissional. Obviamente, a partir desse contato, formam-se as bases de uma cultura escolar e, mais especificamente, de uma cultura didática que irá influenciar fortemente a forma como este professor irá lecionar.

Após a decisão pelo magistério, os futuros professores recebem das instituições específicas uma formação que o autor classifica como “disciplinar”, ou seja, relacionada com a disciplina que irá lecionar. Normalmente, esta formação é tida como a mais importante pelos próprios futuros professores e pelas instituições universitárias formadoras priorizando o modelo anteriormente denominado “Modelo dos conteúdos culturais-cognitivos”.

Outra fonte de saber, também a partir das instituições de formação, é relacionada com os conhecimentos das ciências da educação e da ideologia pedagógica que o autor denomina de “saberes da formação profissional”. Muitas vezes, estes conhecimentos são avaliados como menores ou de pouca importância pelos próprios futuros professores. Um fator que leva a essa avaliação é que muitos os professores universitários que lecionam estas disciplinas o fazem de forma excessivamente teórica, muito distante dos problemas práticos que os professores terão que enfrentar ao lidar cotidianamente com suas turmas (NÓVOA, 2009). Muitos destes professores universitários não possuem experiência profissional como professor do Ensino Básico e veem os futuros professores como executores de currículos e planejamentos, ou até mesmo planos de aula elaborados por outros. Como consequência, algumas pesquisas demonstram uma adesão quase espontânea destes futuros professores ao que podemos classificar como ensino tradicional, onde a transmissão dos “saberes escolares” é o aspecto considerado mais relevante por estes (RAYMOND et al , 1993 apud TARDIF, 2011).

Outra fonte de conhecimento é designada como “curricular”, adquirida nas escolas em que os professores começam a trabalhar, através dos currículos, dos programas escolares e dos livros didáticos. Aí, também temos as orientações básicas sobre os processos de avaliação e regras disciplinares que serão utilizados tanto para os alunos quanto para os professores.

Por último, temos os “saberes experienciais”, provenientes da própria prática profissional, tanto do professor quanto de seus pares. Esses conhecimentos vão se

solidificando a partir do momento em que o professor vai registrando que determinadas ações deram resultados positivos e outras não. Dessa forma, o professor vai construindo este saber que é essencialmente relacionado à prática docente. É muito importante observar que este saber experiencial será o responsável por julgar e hierarquizar todos os saberes anteriormente adquiridos, bem como os relacionados às futuras formações continuadas. Todos os demais saberes serão filtrados e reorganizados a partir dos saberes experienciais. Basicamente, o professor irá considerar como mais relevantes os saberes que o ajudam a dar respostas a questões práticas de seu trabalho docente e deixará os demais saberes em segundo plano (TARDIF, 2011).

Ainda segundo o autor, estudos demonstram que teríamos duas fases distintas na construção desses saberes ao longo dos primeiros anos da carreira docente:

Na fase inicial, a“fase de exploração”, o professor está muito preocupado com seu desempenho, centrado em si mesmo. Sua atenção está direcionada a construção de diferentes papéis que facilitem a relação e aceitação por parte dos alunos, de seus pares e da instituição escolar. Essa é uma fase de tentativa, de autoafirmação, que pode durar de um a três anos e é crucial para o futuro profissional.

Na fase seguinte, a “fase de estabilização e de consolidação” o professor já se sente mais seguro e ao estar menos preocupado consigo mesmo, consegue ter uma maior preocupação com os processos de aprendizagem dos alunos. Mais confiante, permite-se experimentar outras formas que possibilitem melhorar o desempenho de suas turmas. Essa fase pode durar de três a sete anos.

A tabela 1, a seguir, sintetiza os diferentes saberes docentes apresentados, de acordo com suas respectivas fontes sociais e pela forma que serão integrados ao trabalho dos professores.

Tabela 1 – Saberes dos professores (TARDIF, 2011 p. 63)

Saberes dos professores	**Fontes sociais de aquisição**	**Modos de integração no trabalho docente**
Saberes pessoais dos professores	A família, o ambiente de vida, a educação no sentido lato etc.	Pela história de vida e pela socialização primária
Saberes provenientes da formação escolar anterior	A escola primária e secundária, os estudos pós secundários não especializados etc	Pela formação e pela socialização pré profissionais
Saberes provenientes da formação profissional para o	Os estabelecimentos de formação de professores, os	Pela formação e pela socialização profissionais nas

magistério	estágios, os cursos de reciclagem etc.	instituições de formação de professores
Saberes provenientes dos programas e livros didáticos usados no trabalho	A utilização das “ferramentas” dos professores: programas, livros didáticos, cadernos de exercícios, fichas etc.	Pela utilização das “ferramentas” de trabalhos, sua adaptação às tarefas
Saberes provenientes da sua própria experiência na profissão, na sala de aula e na escola	A prática do ofício na escola e na sala de aula, a experiência dos pares etc.	Pela prática do trabalho e pela socialização profissional

Porém, nesse processo investigativo, o autor adverte sobre dois posicionamentos que são prejudiciais ao se tentar compreender os saberes docentes e sua prática, que denomina de “mentalismo” e “sociologismo”.

O “mentalismo” reduz o saber a processos mentais, como representações, processamento de informações, crenças etc., radicados unicamente nos indivíduos. Está vinculado a uma visão exageradamente subjetiva, ou subjetivista, na qual estaríamos presos a uma concepção estritamente individual do processo de construção do saber docente.

O autor se contrapõe ao mentalismo afirmando que o saber dos professores é um saber social por diversos motivos. Por ser um saber compartilhado por um determinado grupo de agentes, por ser validado socialmente, por estar relacionado a ação com outros grupos sociais durante sua realização, principalmente na ação direta com os educandos, e por ser construído num contexto de socialização profissional.

No outro extremo, no “sociologismo”, a tendência é de desconsiderar a possibilidade de construção de conhecimento por seus agentes internos. Defende-se aqui que os fatores externos à escola, como a imposição de uma cultura dominante ou a reprodução de uma dada ordem simbólica, seriam os fatores plenamente determinantes de tudo o que acontece na educação escolar e, desta forma, tornando irrelevante qualquer análise mais detalhada da ação de seus atores internos.

Para Tardif (2011) essas posições devem ser superadas, de forma a procurar:

> *“ ... situar o saber do professor na Interface entre o individual e o social, entre o ator e o sistema, a fim de captar sua natureza social e individual como um todo.”* (p.16)

Posicionamento esse que adotaremos como um dos princípios norteadores de análise na presente dissertação, em sintonia com os princípios de uma perspectiva pedagógica emancipatória (FREIRE,1987). Apesar da constatação de que a ação dos educadores está

fortemente demarcada e influenciada pelo ideário hegemônico dos “opressores”, que se expressa, principalmente, através de uma concepção “bancária de educação”. Existe o espaço da decisão e da ação individual e coletiva de cada educador, podendo optar por uma ação contra hegemônica, por uma relação “dialógica” com seus educandos e com os demais professores e por uma concepção “problematizadora da educação”.

> *“Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo. Se sou puro produto da determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que faço no mover-me no mundo e se careço de responsabilidade não posso falar em ética. Isto não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos seres condicionados mas não determinados. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável.” (FREIRE, 1997 p.20)*

Nessa perspectiva, acreditamos que uma análise sobre possibilidades de problematização e mudanças na cultura didática precisa levar em consideração as consequências dos modelos de formação de professores predominantes, bem como os saberes produzidos pelos próprios professores e a valorização que esses lhes atribuem.

Capítulo III - Educação e Tecnologia

> *"Uma técnica não é nem boa, nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades). Não se trata de avaliar seus "impactos", mas de situar as irreversibilidades as quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer dela."* (LÉVY, 1999 p.26)

Inúmeros pesquisadores na área de informática educacional, no Brasil e no mundo, apontam o uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs) na área educacional como um caminho de mudança no paradigma educacional escolar, isto é, a saída de um modelo centrado na transmissão de conteúdos do professor para o aluno, para um modelo no qual os aprendizes possam exercer papel ativo no processo de construção de seu conhecimento (ALMEIDA, 2000; BARANAUSKAS et al, 1999; BETTEGA,2004; CHAVES e SOFNNER,2005; CUBAN,2001; QUARTIERO, 2007; KARSENTY,2004; SALOMON, 2002; VALENTE, 1999a e 2005; VALENTE e MARTINS, 2011). Assim, destacam a necessidade de mudanças profundas no sistema escolar como um todo. Principalmente nos processos de formação inicial e continuada dos professores para a implementação desse processo de mudança de paradigma.

O uso inicial dos computadores na área educacional, desde as primeiras máquinas de grande porte, serviu para reforçar um modelo tradicional de educação. Exemplificado, principalmente, através de sua utilização como uma versão aperfeiçoada da "máquina de ensinar" de Skinner na implementação da "instrução programada" (KARSENTY, 2004; VALENTE,1999b). Entretanto, suas propriedades específicas como um artefato tecnológico programável, de múltiplas possibilidades de uso e, principalmente, como um "instrumento de criação" ganham forte impulso dentro do movimento de "contracultura", na década de 1970, com a criação do computador pessoal (LÉVY, 1999).

Se, por um lado, o computador coloca à disposição do professor uma série de recursos para tornar suas aulas expositivas mais atraentes e fáceis de preparar. por outro gera a possibilidade de apoiar e facilitar processos de autoria individual e/ou coletivo, tanto por aprendizes quanto por professores, criando assim, possibilidades de auxiliar na implantação de projetos pedagógicos centrados na aprendizagem e na construção de conhecimento (VALENTE,1999b)

Entretanto, muito antes do advento dos computadores e das , vários pensadores e pesquisadores na área da educação, destacavam as necessidades de superação do modelo educacional pautado exclusivamente no professor classificado, genericamente, como tradicional ou ainda "bancário" (FREIRE,1972). Para isso, apontavam caminhos de mudança na prática escolar, na construção de novas relações do processo de ensino-aprendizagem

entre aprendizes e professores. Como exemplos de mudanças propostas podem ser citados: a “aprendizagem pela ação” de Dewey, a “construção do saber” proposta por Piaget, a “aprendizagem pela descoberta” encaminhada por Bruner, a “aprendizagem como processo sociointerativo” de Vygotsky , a defesa de uma educação “problematizadora” com Paulo Freire (1972) o “construcionismo” de Papert entre outros (BOLEIZ, 2012, KARSENTY, 2004, VALENTE, 2005). Apesar dessas propostas e das múltiplas experiências bem sucedidas geradas, o modelo hegemônico na escola atual continua a ser o de local de transmissão unidirecional de conteúdos a alunos passivos (CUBAN,2001; SALOMON, 2002; VALENTE, 1999b e 2005; VALENTE e MARTINS, 2011).

Mudanças profundas no processo educacional não são fáceis de serem implementadas, pois estão ligadas à cultura da instituição escolar como um todo, sendo compartilhada e reconstruída constantemente não apenas por professores, mas também por alunos, pais e pela gestão escolar. Assim, alterações na escola e no processo educacional implicam mudanças na “cultura didática” nas quais, via de regra, os professores ficaram imersos não somente quando no papel de alunos, mas durante sua formação profissional, enquanto constituíram seus primeiros “saberes experienciais” e no exercício de sua ação docente (HÖTTECKE e SILVA, 2011; TARDIF, 2001).

Vale ainda destacar que os computadores e as TICs não são os primeiros artefatos tecnológicos a serem introduzidos na educação com a perspectiva de sua modificação para diferentes direções. Ao longo do século XX e inclusive antes, vários outros artefatos, como o videocassete, tiveram essa pretensão e, ao final, tiveram um impacto pouco expressivo (CUBAN, 2001; KARSENTY, 2004;). Os próprios computadores já estão presentes há mais de três décadas e poucas mudanças são verificadas nos processos de ensino-aprendizagem nas mais diversas instituições de ensino (CUBAN, 2001; SALOMON, 2002; KARSENTY, 2004; VALENTE, 1999b e 2005).

Outro aspecto fundamental é refletir sobre os interesses que levaram a introdução dos computadores na educação há algumas décadas, em diversos países e, posteriormente, as TICs.

Desta forma, objetivamos, ao longo deste capítulo, avançar na análise de algumas das questões apresentadas referentes à relação entre as tecnologias, em geral, e as TICs em específico, com a educação escolar. Abordaremos, para isso, desde a discussão sobre os interesses econômicos que motivaram a inserção dessas tecnologias nas escolas, passando pelas primeiras experiências, até algumas considerações sobre as relações entre professores, aprendizes, conhecimentos e tecnologias. Apresentaremos, também, algumas abordagens iniciais implementadas nos processos de formação de professores na área da informática educacional no Brasil.

III.2 Motivações Econômicas

Larry Cuban, em seu livro “Oversold and underused: computers in the classroom” (2001) descreve, detalhadamente, o processo de formação de uma verdadeira coalizão nos Estados Unidos da América, no início da década de 1980, constituída por executivos de grandes empresas, vendedores de computadores e softwares, funcionários públicos, políticos e pais com o objetivo de introduzir o mais rapidamente possível as “novas tecnologias” nas salas de aula de todo o país. De acordo com Michael Apple (1995), já nessa época, a utilização do computador na educação era fortemente recomendada por muitos relatórios do governo norte americano e defendida por inúmeros educadores e pais, por acreditarem que o uso do computador revolucionaria a sala de aula, melhorando as oportunidades de vida de crianças e jovens .

Tal perspectiva em relação à tecnologia também pode ser observada na realidade da educação brasileira (NOVAES e DAGNINO, 2004). Raquel Barreto (apud MOREIRA e KRAMER, 2007) afirma que para muitos gestores e professores, as tecnologias da comunicação e da informação têm em si a mística *“capacidade de desencadear mudanças significativas no processo de ensino-aprendizagem, bem como de minimizar a lacuna entre as práticas escolares e as demais práticas sociais de docentes e discentes”* (p.1038).

De acordo com Apple a questão da ampliação da utilização das tecnologias da informática na educação pode ser observada com duplo objetivo por parte dos detentores dos meios de produção. Por um lado, como uma extensão das técnicas de controle de produção industrial ao campo da educação, que levam à expropriação do saber do professor segundo uma ótica marxista. Nesse contexto, *“o próprio emprego torna-se rotinizado, enfadonho e alienante, à medida que a concepção é separada da execução e mais aspectos dos postos de trabalho são racionalizados”* (APPLE,1995 p. 154). Por outro lado, como uma estratégia de adequar os alunos às necessidades e à lógica de um mercado de trabalho cada vez mais informatizado. Ainda, segundo Apple, essa preparação é, geralmente, acompanhada pelo discurso de que esse processo garantiria, por si só, melhores posições e salários no mercado (APPLE, 1995). Essa premissa, entretanto, não foi confirmada. A grande maioria dos postos de trabalho criados na década de 1980 não estão relacionados ao desenvolvimento tecnológico e sim, na maioria das vezes, a sua utilização mecânica, que não requer maiores conhecimentos especializados sobre o funcionamento da máquina. Na verdade, conforme a tecnologia avança, menores são as necessidades de formação por parte do trabalhador que irá operar de forma direta tais equipamentos (APPLE, 1995).

A busca de um ensino pautado em TICs precisa considerar que a tecnologia não é neutra (LEVY, 1999). No caso das tecnologias da informação, há atrelado a ela uma forma de pensar, uma forma técnica, na qual o “como” substitui o “porque” e desta forma influencia o pensar do aluno de forma mais ampla, a forma como ele vê sua própria educação, seu papel na sociedade e o papel da tecnologia nesta (APPLE, 1995).

III.2 Artefatos Tecnológicos e Educação:

> *"os livros breve cairão em desuso. Os alunos aprenderão mais através dos olhos. É possível ensinar todas as facetas do saber humano pelo filme. Nosso sistema escolar será completamente transformado daqui a 10 anos" (Thomas Edison, 1913 apud KARSENTY, 2002).*

Ao longo do século XX tivemos várias promessas de "revolução no ensino" através da inserção de novas tecnologias, como por exemplo, pelo filme, depois pelo rádio, pela televisão, pelo videocassete e finalmente pelo computador. O extrato acima, retirado de um discurso pronunciado por Thomas Edison, em 1913, após produzir seu primeiro filme destinado especificamente ao ensino, The Minutemen, ilustra bem a pretensão sempre presente nestas tentativas de "revolucionar" a educação (KARSENTY, 2002).

Entretanto, é importante destacar que esta relação entre tecnologia e educação não se iniciou no século XX. A construção de artefatos de apoio ao processo pedagógico, como o livro didático, confunde-se com a história da pedagogia e a própria pedagogia pode ser considerada uma técnica em sentido amplo. George Buck (1989) fez uma pesquisa sobre máquinas de ensino e de apoio à aprendizagem no mundo antigo. Entre diversos exemplos, descreve uma máquina feita por Arquimedes, na Grécia antiga, no século III A.C., que pode ser considerada uma das primeiras máquinas de ensino. Tratava-se de um conjunto de esferas que representavam a Terra (ao centro, de acordo com o modelo geocêntrico da época), o Sol, a Lua, os cinco planetas conhecidos e possivelmente outros corpos celestes. Nessa máquina, existia um mecanismo que, ao ser acionado, permitia ao operador reproduzir o movimento dos corpos celestes e inclusive facilitar a visualização do fenômeno do eclipse. Outro interessante exemplo é o aparato inventado por Hero de Alexandria, provavelmente no século II D.C., para demonstrar a filosofia Estoica relativa ao pneuma. O aparato consistia de um recipiente com água. A água era aquecida até ferver, de forma a produzir vapor d´água. O vapor saia por um orifício e, assim, mantinha em suspensão uma pequena esfera oca. Com isso, o aparato demonstrava a proposta de que o pneuma manteria em suspensão a Terra e demais corpos celestes.

Retornando ao século XX, podemos verificar que em relação ao computador, suas primeiras utilizações na educação surgem como um prosseguimento e aperfeiçoamento das máquinas de ensinar. Em 1920, o pesquisador americano Sidney Pressey, a partir das teorias behavioristas de Watson, elaborou uma máquina de ensinar, fundando o princípio do ensino programado. Essa era semelhante a uma máquina de escrever, trazendo perguntas impressas. O aprendiz respondia as perguntas e só conseguia avançar para a pergunta seguinte caso escolhesse a resposta correta dentre quatro ou cinco opções de resposta. Um contador mecânico acoplado permitia acompanhar os erros e acertos dos aprendizes. Uma versão

modificada dessa máquina fornecia um pequeno pedaço de doce todas as vezes que a criança acionasse a resposta correta (BENJAMIN, 1988).

Na década de 1950, Skinner fez a sua primeira versão de máquina de ensinar sem conhecer a máquina de Pressey (BENJAMIN, 1988). Após a publicação de um artigo sobre este assunto, Pressey entra em contato com Skinner e estes trocam informações, mas acabam divergindo em muitos pontos sobre as máquinas e suas possibilidades de utilização. A máquina modificada de Skinner era também semelhante fisicamente a uma máquina de escrever, e nesta o aluno deveria ler trechos de uma instrução programada, completar lacunas, e comparar sua resposta com a fornecida pelo material impresso. Caso a resposta estivesse correta poderia prosseguir ao passo seguinte, caso contrário deveria retornar à leitura da instrução anterior. Entre as principais defesas apresentadas por Skinner para sua máquina de ensinar é que a mesma serviria para que cada aluno aprendesse na sua própria velocidade de aprendizado (evitando que os mais rápidos se desmotivassem e principalmente que os mais lentos desistissem). Sem a necessidade da intervenção direta de um professor, o aluno teria a correção imediata, sem precisar esperar a correção do professor . De acordo com Skinner, esses aspectos permitiriam construir um espaço em que o aluno tinha atenção exclusiva e contínua de um tutor, permitindo, então, solucionar os problemas advindos com o aumento da demanda escolar e da educação simultânea.

> *"a escola pública foi inventada para oferecer os serviços de um tutor particular a mais de um estudante ao mesmo tempo. Como o número de estudantes aumentou, cada um necessariamente passou a receber menos atenção. No momento em que o número atingiu a marca de 25 ou 30 alunos, a atenção pessoal tornou-se esporádica, se tanto. Os livros foram inventados para fazer uma parte do trabalho do tutor, mas eles não podem fazer duas coisas importantes. Eles não podem, assim como o tutor, avaliar imediatamente o que cada estudante disse nem dizer-lhe exatamente o que deve fazer em seguida. As máquinas de ensino e os textos programados foram inventados para restabelecer essas características importantes da instrução tutorial" (SKINNER,1986, p. 118 apud QUARTIERO, 2007 p.5).*

O tutor máquina, dessa forma concebido, era visto como capaz de aumentar o prazer de aprender, além de reforçar os comportamentos positivos. Skinner apontava ainda 5 vantagens de sua máquina sobre um professor (Karsenty, 2004):

- Induzia uma atividade continuada por parte do aluno;
- Cada ponto teria que ser completamente compreendido antes do aluno seguir adiante;
- Apresentava apenas o conteúdo que o aluno estava preparado a estudar (diminuindo a possibilidade de erros);
- Ajudava a produzir uma boa resposta;
  - Reforçava a produção de uma boa resposta (teoria do condicionamento operante).

III.2.1 Computadores Inseridos no Paradigma de Transmissão de Conteúdos

Na década de 1960, surgem as primeiras experiencias de sistemas computacionais para uso no ensino. Esses primeiros modelos apresentavam softwares elaborados a partir dos conceitos da instrução programada, compondo, assim, versões mais poderosas e flexíveis das anteriores máquinas de ensinar. Surge assim o Ensino Auxiliado por Computador, mais conhecido na sua sigla em inglês como CAI (Computer Assisted Instruction). Nessa época, eram utilizados computadores de grande porte aos quais eram conectados terminais que apenas serviam de forma de comunicação entre o aluno e o Computador Central (BARANAUSKAS et al, 1999). Devido ao elevado custo, estas experiências reduziram-se a poucas Universidades. Além das dificuldades de infraestrutura física impostas pelos computadores de grande porte da época, outro importante obstáculo residia na dificuldade de construção dos conteúdos dos tutoriais. Era necessário grandes equipes de especialistas e muito tempo de elaboração para produzir materiais que seriam utilizados em poucas horas ou minutos pelos alunos (VALENTE,1999b).

Com a criação dos microcomputadores, no final da década de 1970, os problemas operacionais diminuem. Os microcomputadores passam a ser utilizados amplamente em muitas escolas dos EUA e os Sistemas CAI passam a ser amplamente utilizados em escolas secundárias em várias partes do país. Nesse período, diversas empresas começaram a produzir softwares educacionais para essas máquinas, como tutoriais, programas de exercício para avaliação de aprendizado, jogos educacionais e simuladores. (APPLE, 1995).

Além disso, esses softwares apresentavam uma utilização bastante rígida e uniformizadora. O sistema controlava todo o processo, restando ao aluno avançar caso conseguisse acertar a resposta esperada ou retornar ao passo anterior, no caso de erro. Os sistemas CAI terminavam apenas por substituir materialmente o papel originalmente utilizado na Instrução programada. Dessa forma, mostraram-se bastante desmotivantes para os alunos, persistindo, principalmente, como forma de complemento ao realizado em sala de aula, nos formatos de exercícios, práticas e nos jogos educacionais. Um amplo estudo realizado em 1998 nos EUA por Weglinsky concluiu que o uso do computador de forma tradicional, como tutor, debilitou em 26% o aproveitamento dos alunos (SALOMON, 2002).

Com o advento dos recursos multimídia e da Inteligência Artificial (IA) os softwares educacionais ganharam novo impulso, com uma apresentação mais atraente e com capacidade de maior adaptação as características específicas de aprendizado de cada usuário, criando os tutores denominados ICAI (Intelligent CAI). Mais recentemente, foram adicionados recursos de representação de imagem em terceira dimensão. Porém, devido ao alto investimento de recursos financeiros e de pessoal especializado necessário para a elaboração de softwares deste tipo, na maioria das vezes, estes são de baixa qualidade educacional e servem apenas como mais um recurso de “pirotecnia pedagógica”, explicitando interesses de marketing em algumas instituições de ensino privado (VALENTE, 2010).

De um modo geral, avalia-se que as novas tecnologias aplicadas à educação não cumpriram a "revolução" prometida. Entre os inúmeros fatores relacionados a esse fracasso, pode-se afirmar que o fato da introdução das novas tecnologias ter sido realizada à margem da pedagogia, com nenhuma ou pouca discussão com especialistas da área educacional e principalmente com os professores que deveriam utilizar em sua prática cotidiana tais tecnologias provocou o fracasso destacado (KARSENTY, 2002).

Gavriel Salomon, no artigo "Technology and Pedagogy: Why Don't We See the Promised Revolution?**"** (2002), analisando essa situação, aponta 3 razões gerais e interligadas, que ele classifica e define como:

- "O Paradoxo Tecnológico" - A introdução das TICs na educação não alteraria o paradigma de ensino predominante, pautado na transmissão de conteúdos. Resultado da tendência geral do sistema educacional de preservar-se e a suas práticas através da assimilação das novas tecnologias em suas práticas instrucionais já existentes. A tecnologia torna-se "domesticada", significando que somente é permitido fazer precisamente o que se encaixa na filosofia educacional vigente de "transmissão cultural" e de "treino para o mundo de ontem". De acordo com essa filosofia o conhecimento deve ser transmitido de cima para baixo, daqueles que sabem para os que não sabem; existe um corpo de conhecimento importante que todos terão que dominar, que classificamos também como "*saber escolar*" (SCHÖN, 1992). E assim três crenças básicas ainda dominam a área educacional:

a) Conhecimento é uma questão de acúmulo de fatos e rotinas

b) Conhecimento e entendimento podem ser transmitidos a partir da autoridade do professor e do livro para os recipientes chamados de estudantes.

c) Os alunos podem, totalmente por conta própria, preencher a lacuna entre teoria e prática, entre o conhecimento abstrato e sua aplicação específica

- "O foco tecnocêntrico" - Tudo que você precisa é equipar as escolas com computadores e com acesso à Internet e pronto: a revolução vai começar!. Consequentemente, nada será alterado, nada é renovado; computadores são introduzidos nas salas de aula e todo mundo espera o milagre tecnológico acontecer.

- "Pesquisas mal orientadas " - A pesquisa sobre a utilização das novas mídias na educação hoje está equivocada em pelo menos dois caminhos: O uso do meio X irá produzir melhores resultados de aprendizagem do que o meio Y?, que o autor denomina como "paradigma da corrida de cavalos" e outro diz respeito aos tipos de resultados que se espera do uso das novas mídias na educação, ou seja aplicamos os mesmos testes e métodos de avaliação de aprendizagem construídos dentro de um modelo conteudista em experiências centradas numa pedagogia orientada para a solução de problemas.

III.2.2 Computadores Inseridos no Paradigma de Construção de Conhecimentos

Em direção oposta aos CAI, Seymour Papert propôs o uso do computador na educação numa abordagem construtivista. Para tal, coordenou a equipe que criou, na década de 1960, a linguagem de programação Logo (VALENTE, 2005). Papert havia estudado com Piaget e trabalhava com pesquisas na área de Inteligência Artificial (IA) no Massachusetts Institute of Technology (MIT). Para Papert, a máquina não deveria ser programada previamente, quem deveria fazer a programação da máquina deveria ser o próprio aprendiz, que ao fazê-la estaria "ensinando" ao computador e, desta forma, construindo o seu próprio conhecimento (BARANAUSKAS et al, 1999).

De acordo com Valente (1999b), o Logo não é uma linguagem de programação exclusiva para crianças, podendo ser empregada por todas as faixas etárias e níveis de escolaridade. A versão gráfica do Logo, popularmente conhecida como Logo da tartaruga, é a mais conhecida. É uma linguagem simples e ao mesmo tempo poderosa que pode ser utilizada em inúmeros projetos de aprendizagem. Crianças em fase de alfabetização podem utilizá-la para a aprendizagem de noções básicas de lateralidade ou de princípios básicos de geometria: alunos de ensino secundário e universitário podem utilizá-la para o desenvolvimento de projetos complexos de modelagem, de controle de aparatos de robótica etc. De forma simplificada, no Logo gráfico, temos o controle do deslocamento da tartaruga a cada comando, como por exemplo:

Para Frente 50 ou PF 50 (desloca-se 50 pontos a frente da tartaruga)

Para Direita 90 ou PD 90 (A tartaruga gira, a partir de seu eixo, 90 graus a direita)

Como também podemos "ensinar" a tartaruga novos comandos que serão incorporados a linguagem, como por exemplo:

```
Aprenda Quadrado :N
Repita 4 [ PF :N PD 90]
Fim
```

Neste caso :N será a variável de entrada para estipular o tamanho do lado do quadrado que deverá ser desenhado na tela do computador.

Uma das grandes vantagens desta linguagem, é que o resultado é imediato para o aprendiz e este pode, se necessário, ir modificando sua proposta de solução inicial de um problema, isto é, de seu programa, até chegar ao resultado esperado. Pela interação com a máquina, num ciclo de ação-reflexão o aprendiz constrói sua própria solução para o problema apresentado. Construindo assim, seu conhecimento.

Podemos pedir que uma criança pequena tente representar seu deslocamento no espaço, da casa até a escola, por exemplo, e a um aluno mais experiente que represente um movimento retilíneo acelerado ou até mesmo elaborar uma modelagem do movimento de órbita real dos planetas ao redor do sol.

Inicialmente, a linguagem Logo foi implementada em computadores de grande porte (como na metodologia CAI) e como não existiam dispositivos simples de saída de informação do computador como os monitores de vídeo, o resultado da programação era apresentado através de um dispositivo robótico que executava os movimentos no solo. A este dispositivo estaria acoplada uma caneta que poderia ser baixada nos momentos em que a tartaruga desenhava. Nesta etapa de primeiros testes algumas crianças eram convidadas para irem à Universidade utilizar o equipamento. Atualmente, temos inúmeras versões de Logo para diversos sistemas operacionais e softwares baseados na filosofia Logo que acompanham as últimas possibilidades tecnológicas de apresentação de vídeo e áudio e até mesmo de utilização de princípios de IA.

Papert chega a denominar sua filosofia de aprendizagem Logo como "construcionista" pelo fato de acreditar que o grau de relação entre o aprendiz e seu objeto de criação seria de natureza diferente e maior do que o analisado no construtivismo piagetiano, no qual se dá a interação entre o aprendiz e o objeto já existente.

Valente (2005) apresenta ainda como uma importante característica o fato do aprendiz descrever seu pensamento e desta forma facilitar a sua análise sobre seu processo de pensar e de aprendizagem.

> *"O Logo, portanto, oferece facilidades para o aprendiz expressar ideias por intermédio de procedimentos. Eles usam comandos que têm funções bem específicas e não ambíguas e a combinação desses comandos informa sobre os conceitos que o aprendiz utiliza e o seu grau de compreensão sobre a resolução do problema em si. Nesse sentido, o procedimento pode ser visto como uma representação formal do raciocínio que o aprendiz usa para resolver problemas ou projetos. Essas representações podem ser analisadas, comparadas em termos de eficácia do uso de conceitos e de recursos computacionais. Ou seja, são descrições que podem ser formalmente analisadas de acordo com critérios previamente definidos." (p. 46)*

Ciclos de ação na interação aprendiz-computador e a espiral de aprendizagem - Valente (2005) afirma que não apenas as linguagens de programação como o Logo, como praticamente qualquer outro software de uso geral, que sirva a processos de criação ou autoria individual e/ou coletiva, pode ser utilizado didaticamente no processo de construção do conhecimento por parte do aluno, desde que conte com a participação efetiva do professor ou do "agente de aprendizagem". Entre esses softwares de uso geral podemos incluir os editores de texto, programas de criação musical ou de páginas web ou ainda para modelagem de fenômenos etc. E a partir de sua utilização, tornam-se um importantes recursos dentro de um processo por ele denominado de "descrição-execução-reflexão-depuração" e assim ajudam a promover a construção da "espiral da aprendizagem". Apesar do protagonismo dos aprendizes em vários momentos do processo educacional, caberá ao agente de aprendizagem o papel central no processo de ensino-aprendizagem, não apenas para manter o ciclo de ação em

funcionamento, como também para identificar os momentos em que é necessária uma atuação de forma a repassar os conceitos historicamente constituídos.

A partir dessas análises, Valente constata que nas propostas iniciais do Logo, o papel do professor não era considerado relevante dentro do processo de construção do conhecimento dos aprendizes:

> *"nessas descrições do uso do computador na educação **não aparece a figura do professor.** A ênfase ainda está nos aspectos computacionais e os recursos que eles oferecem à educação. No entanto, **é justamente a falta de professores formados o que contribui para que a área não avance** e que os potenciais oferecidos pelos computadores não sejam explorados. Daí a banalização ou mesmo o desprezo por algumas soluções propostas, como aconteceu com o Logo." (2005 p.48, grifo nosso)*

Assim, percebe-se uma grande semelhança da proposta inicial da filosofia Logo com a que analisamos anteriormente do computador como máquina de ensinar em relação ao papel do professor no processo educacional (VALENTE, 2005). Podemos concluir, então, que estas duas propostas traziam, como ponto em comum, a pretensão de substituir o professor pela máquina, ou de certa forma reduzir em muito a importância deste. Encontra-se, então, presente na implementação dessas propostas a "lógica da substituição" (LÉVY, 1999). Dessa forma, essas tecnologias organizaram-se substituindo em parte ou até mesmo completamente as atribuições do professor.

Assim, analisar e repensar os diferentes modelos e abordagens nos processos de formação continuada e inicial de professores relacionados às novas tecnologias é algo fundamental e para tal recorreremos, a seguir, à análise de algumas destas experiências de formação realizadas no Brasil.

III.3 Algumas Formações Iniciais para Uso das TICs na Educação no Brasil

De acordo com vários pesquisadores da área, a história do projeto nacional de informática educacional brasileira nasce com o Projeto EDUCOM, uma parceria entre universidades públicas, governo federal e escolas públicas no início da década de 1980 com o objetivo de criar cinco centros pilotos para desenvolver pesquisas sobre o uso do computador no processo de ensino e aprendizagem, a formação de professores da rede pública de ensino e a produção de *software* educacional (VALENTE1999a, 1999c). Segundo o autor, o projeto EDUCOM surge com o objetivo de introduzir mudanças pedagógicas na educação escolar. Desejava-se desenvolver um caminho diferente do ensino sobre a informática, como também, da introdução da instrução programada através do computador. Para tanto, cada um dos grupos das cinco universidades integrantes deveria desenvolver um projeto de pesquisa, em parceria com uma escola pública específica, envolvendo seus professores, alunos e sua gestão. Isso se deu com diferentes abordagens ao longo de seu desenvolvimento:

- Abordagem mentorial **-** Como estavam se constituindo os primeiros grupos de pesquisa na área no Brasil, tais grupos seguiram internamente um processo de autoformação, com o conhecimento sendo construído no interior de cada grupo durante o próprio processo de desenvolvimento. Assim, os professores das escolas públicas integrantes dos projetos eram formados em contato direto e permanente com o grupo de pesquisadores de cada universidade ao longo da implantação do projeto em suas respectivas escolas. Sua grande limitação estava na pequena quantidade de pessoas que poderiam se formar nessa abordagem.

- Abordagem do FORMAR I **-** A partir da necessidade de expandir os conhecimentos produzidos nesses 5 projetos iniciais para os demais estados da federação, surge o curso FORMAR I. Neste projeto seriam capacitados professores integrantes dos recém criados núcleos de informática educacional de todos os estados da federação, que ficariam responsáveis por implementar projetos de multiplicação em suas respectivas localidades através da implantação de Centros de Informática na Educação.

O primeiro destes cursos aconteceu em Campinas, São Paulo, com aproximadamente 50 professores, com duração de 360 horas de aulas teóricas e práticas. Inicialmente, neste curso, não houve a possibilidade de trabalho direto dos professores em formação com alunos, o que gerou insegurança posterior em seus participantes durante o processo de implantação em suas localidades. Além disso, os cursos iniciais ocorriam fora da realidade escolar de cada integrante, que apresentaram grandes dificuldades de implementação posterior, por dificuldades técnicas que abarcavam desde espaços inadequados e precariedade das instalações elétricas, até a falta de apoio dos dirigentes escolares. Entretanto, nesses primeiros momentos da informática educacional no Brasil, não existia nem infraestrutura física nem pessoal capacitado para uma formação mais descentralizada e contextualizada (VALENTE, 1999c).

- Abordagem baseada no “construcionismo contextualizado” **–** O autor destaca que a análise dos resultados obtidos com as primeiras experiências de formação do FORMAR I mostrou que as futuras formações deveriam ocorrer dentro das próprias escolas onde os projetos estariam sendo implantados. Equipe formadora e professores em formação deveriam vivenciar juntos as dificuldades e possibilidades reais ao longo de uma formação em serviço. Além disso, o modelo pedagógico de tal formação deveria ser realizado dentro dos moldes do “construcionismo”, onde não apenas a linguagem Logo, mas diferentes softwares de criação (editores de textos, de planilhas...) estariam vinculados a projetos pedagógicos mais amplos e baseados no processo de construção de conhecimentos por parte dos alunos. Apesar de vários aspectos de sucesso nas experiências nesse formato, um de seus aspectos de maior fragilidade foi o longo tempo necessário para sua realização dentro das escolas - ao tentar superar obstáculos de diversas ordens - e a consequente dificuldade em atingir objetivos quantitativamente significativos.

Após essas e outras experiências iniciais ao longo da década de 1980 e na primeira metade da década de 1990 temos um salto qualitativo na área de informática aplicada a educação com a criação da Secretaria de Educação a Distância (SEED) do MEC em 1996. Logo no ano seguinte, em 1997, após a SEED/MEC organizar diversos encontros pelo Brasil para discutir suas diretrizes iniciais, lança, em 1997, o Proinfo (Programa Nacional de Informática na Educação) que tem por objetivo a instalação de laboratórios de computadores para as escolas públicas de ensino básico de todo o país e da implantação dos Núcleos de Tecnologia Educativa (NTE) em parceria com secretarias estaduais e municipais de educação (ALMEIDA,2008).

> *"A institucionalização da SEED impulsionou a criação de programas com foco na introdução de tecnologias na escola e na preparação do professor. Para garantir a implementação de seus programas no território nacional, respeitando a diversidade e as características regionais, a SEED estabeleceu cooperação com secretarias estaduais e municipais de educação, responsáveis por articular as diretrizes nacionais com as políticas e especificidades locais, sustentar as ações, conduzir o processo de inserção das TIC nos Núcleos de Tecnologia Educativa - NTE e nas escolas a partir das demandas explicitadas em seus projetos pedagógicos."* (p.117)

Dez anos depois, em 2007, dentro do contexto do PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação) a SEED/MEC institui o Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologias na Educação, o ProInfo Integrado a partir da experiência anterior em distintas ações realizadas (FIORENTINI, MEDEIROS e SALGADO, 2008)

> *"Toma como ponto de partida toda a experiência construída pela SEED/MEC na área de formação de professores e gestores escolares voltada para o uso das TIC na Educação, em parceria com estados, municípios e instituições de ensino superior. TV Escola, Mídias na Educação, Proinfo, Proformação, Proinfantil, Formação pela Escola e outras ações fundamentam as bases do Proinfo Integrado e, ao mesmo tempo, articulam-se a esse Programa num grande mosaico de possibilidades frente aos desafios da construção de uma educação pública eficiente, eficaz e com efetividade social.*
> *Portanto, o ProInfo Integrado representa uma política de formação de professores e gestores escolares voltada ao uso político-pedagógico das Tecnologias da Informação e da Comunicação – TIC.*
> *Procura respeitar, sobretudo, o contexto em que essa política se efetiva, o perfil dos profissionais a serem formados e a trajetória e a experiência de outras políticas de formação local, principalmente, dos parceiros representados pelos formadores/multiplicadores dos Núcleos de Tecnologias Educacionais de estados e municípios." (pp.63 e 64)*

Este programa oferecia, entre outros, três cursos de extensão a professores e gestores escolares: "Introdução à Educação Digital" (60h); "Tecnologias na Educação: Ensinando e Aprendendo com as TIC" (60h) e "Elaboração de Projetos" (40h).

Ainda em 2007, iniciam-se as primeiras experiências dentro da filosofia de "Um Computador por Aluno" (UCA) com laptops educacionais em cinco escolas brasileiras a partir de doações de três modelos de diferentes fabricantes. Este primeiro momento é denominado

de “Pré-piloto”. Em 2010 inicia-se o Projeto UCA (PROUCA) também sob coordenação da SEED/MEC[2], em sua “fase piloto”, em 300 escolas públicas das redes municipais e estaduais de ensino de todos os estados. Nesse momento foi implementada uma formação do tipo semipresencial, em módulos, incluindo as dimensões teórica, tecnológica e pedagógica com participação das universidades integrantes, das secretarias de educação e dos NTE (www.uca.gov.br). O PROUCA possui três eixos principais: infraestrutura de hardware e software, capacitação de professores e gestores para uso educacional do laptop, e avaliação contínua e acompanhamento das escolas (MARTINS e VALENTE, 2011). Sobre a formação de professores e gestores, os autores descrevem:

> *““Formação Brasil” foi a proposta geral de formação de professores e gestores sugerida pelo PROUCA. O curso de 180 horas, distribuído em 5 módulos deveria a ser desenvolvido na escola e com atividades a distância via ambiente virtual e-Proinfo. [...] O quarto módulo, “Elaboração de Projetos”, sugeria a proposição de atividades integrando tecnologia ao currículo, a vivência de experiências de uso do laptop com os alunos na escola, o registro e o compartilhamento das experiências bem como a reflexão da equipe escolar sobre tais práticas. A partir da vivência de práticas iniciais de uso dos laptops na escola, o módulo final da formação propunha que a escola elaborasse um Projeto de Gestão Integrado com Tecnologia (ProGITEC) para o ano letivo subsequente. A elaboração deste plano requer a definição das diretrizes para o uso do laptop na escola, fomentando assim que professores e gestores explicitem suas concepções, proponham e discutam estratégias para uso dos laptops educacionais de forma integrada ao Plano Político Pedagógico da instituição.” (pp.128 e 129)*

Entre os relatos das diferentes experiências de formação no PROUCA em diversas escolas do país, muitas apresentam elementos do “construcionismo contextualizado” anteriormente apresentado. No extrato a seguir, os autores reafirmam a centralidade que deve ser dada à questão pedagógica em relação ao uso das TICs na educação (MIRANDA et al, 2011).

> *“Sabemos que apenas o XO[3] não mudará a realidade da educação brasileira. Como Valente (2010), compreendemos que a inovação não está na presença de tecnologias na sala de aula, mas sim em como iremos, pedagogicamente, fazer uso delas. É mister pensar como a aplicação do laptop XO na escola pode impactar no cotidiano e no currículo escolar...” (p.1074)*

A pesquisa de dissertação que será apresentada e analisada nos próximos capítulos insere-se no paradigma de uso educacional das TICs no processo de construção de conhecimentos por parte dos aprendizes, bem como aproxima-se do modelo do construcionismo contextualizado.

---

2 - Em 2011 a SEED/MEC foi extinta, e o PROUCA transferido para dois outros órgãos do MEC: Secretaria de Ensino Básico e FNDE

3 - Um dos modelos de Laptop de baixo custo avaliados no Projeto PROUCA. Foi desenvolvido pela OLPC (One Laptop Per Child) e utilizado em projetos educacionais de vários países

Capítulo IV- Metodologia da Pesquisa:

Para responder à questão central desta pesquisa é necessário trabalhar com um número grande de variáveis, uma vez que a formação do professor e a cultura didática não se constroem em espaço e tempo únicos. A formação profissional dos docentes ocorre tanto nos bancos escolares, quanto na prática profissional. Essas considerações levaram-nos a optar por uma "análise qualitativa" para a pesquisa num formato de "estudo de caso" (BOGDAN & BIKLEN, 1994; FLICK, 2009). Numa pesquisa desse tipo, a delimitação do objeto a ser analisado é determinante para o sucesso da mesma.

Nesse capítulo, apresentamos o objeto de pesquisa e os motivos que conduziram a sua delimitação, as fontes de dados, os instrumentos utilizados para sua coleta e por último a metodologia empregada para análise desses dados.

IV.1- Delimitação do Objeto de Pesquisa

A questão da cultura didática é bastante complexa e interligada a múltiplos fatores e aspectos dentro e fora de sala de aula que condicionam sua problematização (Höttecke and SILVA, 2011; TARDIF, 2001). Assim, buscamos como objeto de pesquisa, uma ação prática em que o LIpE estivesse inserido, que contasse com forte adesão e participação de um significativo grupo de professores,além de contar com um amplo apoio por parte a gestão educacional e que fosse uma ação continuada por um relativo período de tempo.

A partir desses critérios, selecionamos para nossa pesquisa, uma experiência de introdução de uso didático das TICs na Cidade de Cabo Frio, que contou com a participação do LIpE através de cursos de formação continuada. Tais cursos tinham por objetivo levar os professores a introduzir o uso das TICs em suas aulas.

Selecionamos como momento inicial da pesquisa o ano de 2006 por ser quando o LIpE realizou seu primeiro curso de formação em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SEME) desta cidade.Como momento final, escolhemos o ano de 2012, durante o qual, realizamos nossas últimas coletas de dados.

Dois meses após essa formação inicial, ainda em 2006, realizamos uma jornada de acompanhamento desses professores para avaliarmos com eles os principais avanços e as principais dificuldades encontradas na implementação de uso das TICs em suas aulas. Em 2007, realizamos uma nova formação com o mesmo grupo de 2006 , , uma jornada de acompanhamento. Mais informações sobre o contexto da pesquisa são apresentadas no próximo capítulo.

IV.2- As Fontes de Dados para a Pesquisa

As informações iniciais de nossa pesquisa são provenientes dos relatórios gerados

pelos integrantes do LIpE que ministraram os cursos de formação continuada em Cabo Frio nos anos de 2006 e 2007. Além desse relatórios, analisaremos as respostas dadas pelos professores que participaram da formação continuada ao questionário apresentado pelo LIpE e, também, da análise dos planejamentos feito pelos professores enquanto participantes do curso.

Os demais dados foram obtidos junto a alguns desse professores 5 ou 6 anos após essa formações com os instrumentos descritos a seguir.

IV.2.1- Instrumentos Utilizados para Coleta de Dados

Os dados para nossa pesquisa no ano de 2012 foram coletados através de 2 instrumentos: respostas a questionário escrito e entrevista semiestruturada. O questionário foi o primeiro instrumento a ser aplicado naquele momento com objetivo de fornecer informações básicas capazes de orientar a construção e desenvolvimento das entrevistas. No questionário escrito (apêndice 1), solicitou-se alguns dados básicos do professor, como as disciplinas que lecionava naquele momento, as redes de ensino em que atuava e o tempo de magistério. Constaram do questionário perguntas que permitissem o professor escrever sobre sua prática docente em geral, e, especificamente, em relação a utilização das TICs em suas aulas.

A análise das respostas do questionário, indicou o tipo de entrevista a ser realizada com aquele grupo de professores.

Segundo Minayo (2011) as entrevistas, além de nos entregar dados relacionados a fatos que poderiam ser obtidos através de outras fontes, também podem nos fornecer dados que estão ligados aos objetivos centrais de uma pesquisa de tipo qualitativa:

> *"referem-se a informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado e tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia. Os cientistas sociais costumam denominar esses últimos de dados "subjetivos", pois só podem ser conseguidos com a contribuição da pessoa. Constituem uma representação da realidade: ideias, crenças, maneira de pensar; opiniões, sentimentos, maneiras de sentir; maneiras de atuar; condutas; projeções para o futuro; razões conscientes ou inconscientes de determinadas atitudes e comportamentos." (p.65)*

De acordo com a autora, existem 5 classificações para os diferentes tipos de entrevistas que podem ser utilizadas, a "sondagem de opinião" que parte de um questionário completamente fechado ou estruturado e que pode ser definida como "estruturada"; a "semiestruturada" que combina questões fechadas e abertas e que permite ao entrevistado aprofundar num determinado tema sem estar preso a pergunta inicial do entrevistador; "aberta ou em profundidade", na qual o entrevistado é estimulado a discorrer livremente sobre um tema; a "focalizada" quando objetiva apenas esclarecer um problema específico e por último entrevista do tipo "projetiva" que parte de projeções de imagens de diferentes tipos com objetivo de introduzir um tema delicado, difícil de ser tratado de forma direta, em que o

entrevistado é convidado a emitir suas opiniões sobre o que viu ou leu.

De acordo com a especificidade e a natureza da pesquisa, optou-se pelo modelo de entrevista semiestruturada filmada. Algumas das entrevistas foram realizadas de forma individual e outras com grupos de 2 ou 3 professores em conjunto.

IV.3 Metodologia para Análise dos Dados

O método selecionado para guiar e aprofundar a análise e interpretação dos dados obtidos na pesquisa foi o da análise de conteúdo, que de acordo com Bardin (1977) pode ser definida como:

> *"um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens." (p.42)*

De acordo com a autora, ao longo da primeira metade do século XX esse método se restringia a técnicas de análise de abordagem quantitativa, contabilizando a frequência com que certas palavras ou índices apareciam em determinada mensagem ou medindo a área que certos artigos ocupavam num determinado jornal e etc. Estava assim imersa numa concepção positivista que dominava completamente as ciências da época. Entretanto, na década de 1950, surge uma outra vertente de análise de conteúdo, de abordagem qualitativa, tomando em consideração as condições específicas em que determinados textos foram produzidos, onde o que serve de parâmetro de análise é a presença ou ausência de determinado tipo de conteúdo, e não a quantidade de vezes em que ele aparece. Esta concepção de análise de conteúdo de abordagem qualitativa, também classificada como "instrumental" é a metodologia de análise de conteúdo utilizada em nossa pesquisa.

Entre as diferentes técnicas para realização da análise de conteúdo apontadas pela autora utilizamos a análise do tipo categorial ou temática, que é definida como:

> *"Fazer uma análise temática, consiste em descobrir os "núcleos de sentido" que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido.*
>
> *O tema, enquanto unidade de registro, corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida uma vez por todas, visto que o recorte depende do nível de análise e não de manifestações formais reguladas." (pp.105 e 106)*

Para realização da análise dos dados da pesquisa utilizamos os procedimentos metodológicos definidos por Minayo (2011) de categorização: inferência, descrição e interpretação. Tanto após a digitação dos questionários respondidos e quanto após a transcrição das entrevistas filmadas, decompomos todo este material em unidades de registros temáticas. Em seguida, distribuímos os índices temáticos nas categorias previamente

construídas. Para conduzir esse processo de categorização, elaboramos 7 temas com suas respectivas categorias (Tabela 2) a partir de nossa pergunta de dissertação .

Tabela 2: Temas e categorias utilizadas para análise dos dados

Temas:	Categorias:
1- Uso regular das TICs nas aulas:	O professor...
	(a) utiliza regularmente as TICs em suas aulas;
	(b) NÃO utiliza regularmente as TICs em suas aulas.
2- Forma de uso das TICs nas aulas:	O professor utiliza as TICs durante suas aulas principalmente para...
	(a) que os alunos construam seu conhecimento
	(b) transmitir conteúdos aos alunos
3- Insegurança no uso didático das TICs:	O professor...
	(a) NÃO demonstra insegurança no uso didático das TICs
	(b) demonstra insegurança no uso didático das TICs
4- Principais problemas/dificuldades destacadas pelos professores para realização de atividades utilizando TICs em suas aulas:	(a) Falta de tempo para planejamento
	(b) Falta de domínio sobre uso das TICs
	(c) Falta de infraestrutura
5- Principais aspectos que o professor recorda/destaca em relação ao que foi trabalhado ao longo dos cursos do LIpE/UFRJ em relação as TICs na educação:	(a) Concepções de uso das TICs na educação
	(b) O planejamento de atividades utilizando TICs na educação
	(c) Exemplos de softwares/atividades apresentados ao longo da formação
	(d) Possibilidade de autoria (em relação aos objetos de aprendizagem)
6- Forma de trabalho em relação aos demais professores (incluindo o professor MT)	O professor trabalha...
	(a) em parceria com os demais professores
	(b) de forma isolada dos demais professores
7- Modificações na atuação didática do professor ao longo de sua carreira.	O professor ...
	(a) destaca mudanças na sua forma de atuação didática ao longo de sua carreira.
	(b) NÃO destaca mudança na sua forma de atuação didática ao longo de sua carreira

Em seguida realizamos os demais procedimentos de descrição dos resultados do processo de categorização, as primeiras inferências e interpretações que serão apresentados ao longo dos próximos capítulos.

Capítulo V – Contexto da Pesquisa

Nesse capítulo serão apresentados, de forma resumida, o LIpE e os demais atores envolvidos, diretamente e indiretamente, em nosso estudo de caso. Em seguida, analisar-se-ão os planejamentos e os aspectos mais relevantes das formações continuadas de professores sobre uso didático das TICs promovidas em 2006 e 2007, assim como, os primeiros resultados observados à época. Por último, serão descritos o processo de coleta de dados realizados em 2011 e 2012.

V.1 – Atores da Pesquisa

Dentre os atores da presente pesquisa podemos enumerar: o LIpE, o UFRJmar, o Grupo de Educação e Multimídia (GEM), a Divisão de Informática Educativa (DINFE) da SEME/CF e os professores da rede municipal de Cabo Frio que participaram das formações.

Relacionados à UFRJ, além do LIpE, temos o programa de extensão multidisciplinar UFRJmar que promove o Festival UFRJmar dentro do qual as formações do LIpE foram realizadas. O GEM, um projeto do programa UFRJmar, que também realizou formações com o mesmo grupo de professores, o que ajudou a potencializar os efeitos das formações realizadas pelo LIpE, conforme observamos nos dados coletados. Relacionados à Secretaria Municipal de Educação de Cabo Frio temos a DINFE (posteriormente transformada no Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal - NTM) responsável por coordenar as formações e as políticas e estratégias de implantação das TICs em suas escolas bem como os professores que participaram dessas formações e prosseguiram atuando na rede pública desse município. A seguir, são apresentadas mais informações sobre esses respectivos atores.

V.1.1 – Laboratório de Informática para Educação (LIpE)

O LIpE é um laboratório de extensão do Departamento de Eletrônica (DEL) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), criado em 1994, que realiza, prioritariamente, cursos de formação continuada de professores de diversas disciplinas e níveis de ensino, na utilização didática das TICs de forma “crítica” (APPLE, 1995). Essa ação visa possibilitar modificações no processo ensino aprendizagem de acordo com cada cada realidade educacional (FREIRE, 1987). As atividades deste Laboratório baseiam-se na Metodologia Participativa (THIOLLENT, 1998) e estão regularmente inscritas na Pró-reitoria de Extensão da UFRJ de onde recebe apoio através de bolsas de extensão para alunos de graduação que constituem, juntamente com dois funcionários e um professor coordenador, sua equipe de trabalho.

V.1.1.1- Histórico e Fundamentos do LIpE:

O LIpE, inicialmente denominado Projeto Minerva, iniciou suas atividades em 1994, inserido no Departamento de Eletrônica da Escola de Engenharia da UFRJ com uma equipe de 2 funcionários técnico-administrativos, 1 professor coordenador e 5 alunos de graduação de diferentes áreas.

a) Antecedentes: A Inspiração extensionista do Projeto Maré

A equipe de servidores que deu inicio as atividades do projeto Minerva integrou, anteriormente, o Projeto de Qualificação Profissional para jovens na área de eletroeletrônica, parte do Projeto Maré. Tal projeto, deu início as ações de extensão da UFRJ na segunda metade da década de 1980 para moradores do Complexo da Maré, idealizado e implementado pela então reitoria da UFRJ. Em 1989, com o término dessa gestão, todas essas ações de extensão foram extintas. Entretanto, diversos servidores dessa universidade, convencidos de que a extensão universitária é uma missão social da universidade pública, buscaram estratégias para sua continuidade em diferentes espaços da universidade. Entre as diversas iniciativas de resistência da extensão universitária da UFRJ na década de 1990 temos a criação do então Projeto Minerva.

b) A parceria com o CIEP Gustavo Capanema:

O Projeto Minerva iniciou suas atividades em 1994, em parceria direta com uma escola pública municipal na Vila Pinheiro, no Complexo da Maré, o CIEP Ministro Gustavo Capanema. Anteriormente, buscou-se estabelecer essa parceria com uma escola municipal situada dentro do campus da Ilha do Fundão, a Escola Municipal Tenente Antônio João. Entretanto, seguindo orientação da direção dessa escola, buscou-se estabelecer um convênio com a 4ª Coordenadoria Regional de Educação (4ª CRE), a qual essa escola era, na época, vinculada. Após contato com essa Coordenadoria, responsável pelas escolas da Ilha do Governador e bairros próximos, percebeu-se que esse seria um caminho burocrático, complicado e muito demorado.

Entretanto, quando o então coordenador do Projeto entrou em contato com a Direção do CIEP Min. Gustavo Capanema, a orientação desta escola apontou a possibilidade de trilharmos um outro caminho. Primeiramente, iniciaríamos a parceria de trabalho diretamente com a escola e, no futuro, comunicaríamos à 4a CRE que a parceria já estava em andamento. A direção e a coordenação pedagógica desse CIEP já desejavam estabelecer uma parceria com a Universidade vizinha há muitos anos. Apenas um pequeno detalhe ao final da reunião com a escola surpreendeu o coordenador do Projeto Minerva: esta era uma escola que atendia exclusivamente a alunos do primeiro segmento do ensino fundamental, alunos que não tinham idade e escolaridade suficientes para participar de um curso de qualificação profissional em eletroeletrônica nos moldes do Curso de Qualificação Profissional anteriormente realizado no

contexto do Projeto Maré.

Dessa forma, existia uma escola muito interessada em ajudar a construir essa parceria de ação de extensão, porém com um universo de alunos completamente fora do planejado originalmente. Diante da dúvida e da empolgação da escola começou-se a organizar visitas de alunos e professores a diversos laboratórios e setores de manutenção do Centro de Tecnologia da UFRJ, tentando verificar o que poderia ser feito em parceria com a escola. Após um conjunto de visitas, observamos que, independentemente do setor visitado, todos os interesses de alunos e professores recaiam sobre aquela máquina atraente e tão distante da realidade deles naquela época: o computador.

Estava-se diante de um desafio completamente novo para todos: trabalhar o uso educacional das TICs com professores do primeiro segmento do Ensino Fundamental e seus alunos.

c) A infraestrutura:

Na época, vários setores do Centro de Tecnologia da UFRJ estavam substituindo seus primeiros microcomputadores do tipo PC-XT e PC-AT por computadores mais modernos. Dessa forma, a equipe do Projeto Minerva iniciou um processo de recolhimento e reciclagem desses computadores. Assim, o primeiro laboratório de Informática do Projeto Minerva foi montado com computadores reciclados numa das salas do Departamento de Eletrônica.

Para transportar alunos e professores do CIEP para o laboratório montado na UFRJ conseguiu-se apoio do serviço de transportes da universidade. Entretanto, estávamos limitados, por esse mesmo serviço, a atender apenas 2 turmas da escola, semanalmente

A partir do desejo da escola e da equipe da UFRJ de incluir as demais turmas e professores da escola iniciou-se a montagem de um segundo laboratório, com máquinas também recicladas, no próprio CIEP. Dessa forma, o projeto passou a funcionar numa carga horária maior nessa escola do que na própria UFRJ.

Apesar das inúmeras dificuldades de deslocamento foi mantida durante a parceria a ida das 2 turmas de 4a série e seus professores, semanalmente, a UFRJ.

d) As primeira aulas:

Iniciamos as atividades do Projeto Minerva com o ensino “sobre a informática” para professores e alunos da escola. Hoje, podemos avaliar que seguimos, inicialmente, um caminho similar ao que foi descrito no capítulo III sobre as experiências de introdução da informática em escolas particulares no Brasil e em escolas dos EUA, onde esta foi tratada, na maioria da vezes, como uma “nova disciplina” (Cuban, 2001; Valente, 1999a). Após algumas semanas, avaliamos, com os professores, que o ensino sobre a informática não era o encaminhamento mais adequado a seguir.

Após diversas reuniões conjuntas com os professores dessa escola, começou-se o

planejamento de atividades de uso do computador diretamente ligadas aos assuntos das disciplinas que alunos e professores estavam trabalhando em sala de aula. As atividades em laboratório de informática deveriam começar a servir de reforço escolar ao que estava sendo estudado, naquele momento em sala de aula, principalmente, nos temas que se apresentavam como maior dificuldade para alunos e professores. As questões técnicas relacionadas à forma de funcionamento e de controle operacional do computador ficaram em segundo plano.

Continuamos a realizar, sistematicamente, o ensino sobre o uso básico do computador apenas para os professores, nos momentos de formação continuada. Ensinávamos desde algumas informações iniciais sobre Hardware e sistema operacional até o uso básico de programas como editores de texto e planilhas eletrônicas. Nessa época, a maioria dos professores participantes do Projeto Minerva nunca haviam utilizado um computador anteriormente.

Entretanto, essa não foi uma mudança fácil, mas com ajuda dos professores da escola, a equipe da UFRJ conseguiu diminuir sua preocupação em ensinar sobre o uso dos programas e sistemas operacionais aos alunos, e centrar a atenção no apoio ao uso didático das TICs. A aprendizagem dos aspectos específicos de uso dos programas ficou em segundo plano. Principalmente por conta do processo de descoberta dos próprios alunos no processo de interação com a máquina. Atualmente, podemos avaliar que, por estarmos trabalhando em equipe com professores de orientação, principalmente, construtivista, com eles fomos implementando uma forma específica de utilização educacional das TICs. Priorizamos seu uso como ferramenta de auxílio ao processo de elaboração de conhecimentos pelos alunos e não para ensino sobre a informática ou ainda para facilitar a transmissão de conteúdos. Essas possibilidades de uso das TICs na educação analisamos e descrevemos ao longo do capítulo III.

Inicialmente, priorizamos o processo de criação de textos com os programas disponíveis na época. Percebemos que, ao usar o computador, o aluno se preocupava muito mais em melhorar o conteúdo e a forma de seu texto.

Com os poucos softwares disponíveis para o PC-XT iniciou-se a construção de softwares em parceria com os professores da escola. Partimos das necessidades e prioridades apontadas por eles. O primeiro desafio selecionado foi elaborar um software que ajudasse o aluno no processo de identificação da sílaba tônica de uma palavra. Após inúmeras reuniões de trabalho, foi construída uma versão didática do conhecido vídeo game Space Invaders, denominado Words Invaders, onde os alunos controlavam, pelo teclado, um canhão que deveria acertar a silaba tônica de palavras que se deslocavam e caiam na tela do computador de forma semelhante aos alienígenas no jogo original. Da mesma forma que no vídeo game, o aluno ganhava pontos quando acertava a sílaba tônica e perdia, quando errava. O jogo também possuía diversas fases e o professor tinha acesso a um modo de edição que possibilitava alterar as palavras utilizadas. Após esse, outros softwares foram feitos a partir de

questões relativas à classificação de palavras ou seres vivos, dessa vez, sob inspiração do Tetris.

Como o processo de produção de software da equipe era lento, continuou-se procurando outros tipos de softwares que se adequassem às necessidades do Projeto. Entretanto, a maioria dos softwares disponíveis não atendiam as expectativas dos professores. Uma reclamação dos professores era de que a maioria desses softwares não davam oportunidades aos alunos de construir sua própria resposta. Outra, era de que não facilitavam aos alunos entender o porque de seu eventual erro. Uma remediação realizada, na época, foi utilizar alguns desses softwares com os alunos construindo, paralelamente, as operações em seus cadernos.

e) Expansão do Projeto Minerva para outra escola:

Após eficaz insistência de uma professora orientadora educacional que desejava trabalhar o tema do uso didático das TICs com seus alunos de outra unidade escolar, expandimos o projeto Minerva para outra escola pública municipal no bairro de Inhaúma, a escola Levy Neves. Apesar da dúvida se conseguiríamos atender as demandas de uma outra escola, a possibilidade de começar a trabalhar com professores de segundo segmento do Ensino Fundamental, nos estimulava. Devido as limitações do serviço de transporte da UFRJ, não conseguimos garantir o deslocamento desses alunos para o Laboratório na UFRJ. Assim, priorizamos a montagem de um laboratório nessa nova escola, também com máquinas recicladas.

Apesar dessa nova ação ter oportunizado uma maior experiência para o Projeto Minerva, a maior parte de nosso trabalho nessa escola acabou por concentrar-se também com os professores do primeiro segmento do Ensino Fundamental. Logo foi percebido que os professores de segundo segmento do Ensino Fundamental tinham pouca disponibilidade de tempo, tanto para participar das formações como para planejar e realizar atividades com suas turmas no laboratório de Informática da escola. Outro fator dificultador encontrado foi que a direção dessa nova escola pouco apoiava a iniciativa da professora orientadora na implantação do Projeto Minerva - situação que era muito diferente da que existia no CIEP Gustavo Capanema. Então, o trabalho na escola Levy Neves contou com a parceria de um reduzido grupo de professores, formado apenas pelos ideologicamente mais próximos da professora orientadora educacional.

Constatamos, através da experiência com essas duas escolas, a grande influência da gestão escolar sobre as possibilidades de implementação ou não de mudanças no cotidiano escolar.

f) Projeto Minerva sob nova coordenação - Formalização institucional e início de busca por orientação acadêmica:

No ano de 1995, o professor que ocupava a função de coordenador do Projeto necessitou ser substituído por outro professor do Departamento de Eletrônica. Entre as primeiras mudanças implementadas pelo novo coordenador podemos destacar o Projeto Minerva ter saído da informalidade institucional. Este foi apresentado e teve seu funcionamento aprovado em reunião de conselho do Departamento de Eletrônica.

Resolvido o tema institucional do projeto, decidiu-se contatar e pedir orientação acadêmica a pesquisadores da UFRJ que já atuavam na área. Uma das pesquisadoras que havia participado do Projeto Educom na década de 1980 disponibilizou-se a realizar essa orientação. Primeiramente, ajudou a equipe do Projeto Minerva a entender o que se estava discutindo em termos de informática e educação naquele momento ao repassar artigos da área. Destacamos um artigo de sua própria autoria sobre avaliação de softwares educacionais e outro do professor José Armando Valente com o título "diferentes usos do computador na educação"[4], de 1993. Essa professora também ministrou um primeiro seminário sobre avaliação de softwares educacionais para os professores das duas escolas públicas parceiras.

Hoje, avaliamos que essa primeira orientação metodológica teve grande impacto no desenvolvimento do Projeto Minerva. Sua base teórica estava alinhada com as aspirações dos professores e, consequentemente, com o que estávamos tentando colocar em prática até aquele momento, de forma empírica.

Em síntese, essa primeira orientação acadêmica ajudou-nos a analisar nossa experiência prática anterior e colaborou para nosso planejamento a futuro na medida em que reforçou a opção pelo uso das TICs como ferramenta de apoio ao processo educacional, centrada no paradigma de construção de conhecimento por parte dos alunos.

g) Ao longo do processo, os professores vão assumindo o controle das aulas no laboratório de informática:

No início do projeto, nas primeiras aulas sobre a informática, a equipe da UFRJ conduzia as atividades com as turmas e os professores simplesmente "assistiam". No momento em que começamos a utilizar as aulas em laboratório para reforçar o trabalho sobre os temas que eram vistos em aula, iniciamos uma espécie de planejamento compartilhado com os professores e também a compartilhar a condução da aula em laboratório, dividindo os momentos entre a parte técnica de uso do computador e as tarefas didáticas envolvendo seu uso. Num terceiro momento, chegamos à conclusão de que seria melhor todo o controle do processo da aula em laboratório ser realizado pelo professor de turma. Nesse novo formato, caberia à equipe da UFRJ ajudar na implementação e no preparo da aula planejada previamente pelo professor (a partir das possibilidades e limitações técnicas existentes), além

4- Capítulo I do Livro "Computadores e Conhecimento: Repensando a Educação". Org. VALENTE, 1993 - Editado pelo Núcleo de Informática Aplicada à Educação – NIED/UNICAMP (http://pan.nied.unicamp.br/publicacoes/publicacao_detalhes.php?id=50)

de acompanhar e apoiar a execução das aulas, colaborando, pontualmente, nas dificuldades técnicas de professores e alunos.

Essa foi uma transição difícil, principalmente pela insegurança dos professores naquele ambiente novo e pelo impulso de vários integrantes da equipe da UFRJ em priorizar os conteúdos técnicos de informática. Porém, pouco a pouco foi-se avançando nesse novo modelo e professores e atividades didáticas ficaram em primeiro plano. As questões técnicas foram assumindo a perspectiva de suporte `aquelas.

h) Dez anos depois: as dificuldades em seguir a parceria com as escolas:

Alguns obstáculos fizeram diminuir o volume das atividades do Projeto Minerva com essas escolas no início da década de 2000. Entre esses obstáculo podemos destacar: dificuldades de infraestrutura, aumento da violência nessas comunidades e, principalmente, mudanças na direção dessas escolas. Até que, em meados da década de 2000, as atividades com o CIEP Gustavo Capanema e com a Escola Levy Neves foram completamente encerradas.

Nessa mesma época, surgiram demandas por promover a inclusão digital de trabalhadores da UFRJ e para comunidades menos favorecidas, onde se desenvolviam outras ações de extensão da UFRJ. A metodologia de inclusão digital, construída com os professores das escolas parceiras, que possuía função secundária no momento anterior do Projeto, estava agora sendo utilizada em diversas outras ações cujo foco era o ensino sobre informática. Nessa época também foi decidido mudar a denominação de Projeto Minerva para Laboratório de Informática para Educação.

Existia, porém, a intenção do LIpE de retomar a sua ação inicial, em relação a formação continuada de professores para uso educacional das TICs. Em 2006, o LIpE retornou ao tema através do contato com professores de diferentes municípios do Rio de Janeiro durante os Festivais do UFRJmar.

V.1.2- Programa de Extensão UFRJmar

Este é um programa interdisciplinar de extensão que reúne projetos de diversas unidades da UFRJ. Seu objetivo é promover múltiplas ações de extensão universitária em várias cidades litorâneas do Rio de Janeiro através de parcerias com as prefeituras locais. Entre as cidades em que o UFRJmar já desenvolveu ou desenvolve atividades podemos enumerar: Arraial do Cabo, Búzios, Cabo Frio, Macaé e Paraty.

Além das ações permanentes do programa, esse organiza, desde sua criação, o Festival UFRJmar em duas edições anuais nessas diferentes cidades. Esses Festivais serviram, inicialmente, para estimular a criação das parcerias com os governos locais. O objetivo inicial do Festival UFRJMar era promover uma estratégia de interiorização da universidade. A proposta era realizar eventos de extensão capazes de divulgar a produção

acadêmica da UFRJ em regiões onde a Universidade fosse pouco conhecida e, simultaneamente, iniciar um processo de aproximação com a sociedade e com o governo local.

Iniciado em 2003, a descrição a seguir, do 9o Festival, realizado em 2007, em Cabo Frio, nos fornece uma ideia das dimensões destes festivais:

> *"Na 9ª edição do Festival UFRJMar realizada em maio de 2007 na cidade de Cabo Frio o evento reuniu cerca de 800 alunos de graduação e pós-graduação da UFRJ e 150 docentes e servidores técnico administrativos, que atenderam a cerca de 40.000 pessoas em quatro dias de atividades. As mais de 50 oficinas mobilizaram alunos e professores de todos os Centros da Universidade marcando a consolidação da estratégia de promover a integração da Comunidade Acadêmica.*
> *Como estratégia de interiorização também alcançou alguns de seus objetivos principais. Foram assinados convênios na abertura do evento para a criação de um Centro Vocacional Tecnológico para indústria náutica, pesca e turismo, a criação de uma Escola Técnica em consórcio e um Polo Náutico, também administrado em conjunto com a Prefeitura Municipal de Cabo Frio, marcando o início de atividades permanente da UFRJ na região."*
> (http://www.ufrjmar.ufrj.br/festival.asp. Acessado em: 15/2/2013)

Além das diversas atividades realizadas em espaços públicos como praças, praias, teatros, centros culturais, museus etc. também são oferecidos cursos e oficinas para professores e alunos em diversas escolas públicas do Município. Na semana do Festival todas as aulas e atividades regulares das escolas municipais são suspensas.

V.1.3- Grupo de Educação e Multimídia

O Grupo Educação e Multimídia (GEM) é um dos projetos integrantes do Programa de extensão UFRJmar que, além das atividades que desenvolve em parceria ao longo do ano nos municípios em que esse programa atua, também oferece cursos sobre produção e uso didático de vídeos para os professores durante os Festivais UFRJmar.

A orientação pedagógica e metodológica desses cursos é semelhante ao que é realizado pelo LIpE. A maioria dos professores que participaram de nossas formações também participaram em anos anteriores ou posteriores das oficinas promovidas por esse grupo.

Desta forma, podemos afirmar que ambas formações se complementaram, surgindo indicadores disso, tanto no momento das formações, quanto nas entrevistas realizadas com os professores.

V.1.4 – DINFE e o NTM de Cabo Frio

As formações de professores promovidas pelo LIpE em Cabo Frio, em 2006 e 2007, no Festival UFRJmar, foram realizadas em coordenação com a então Divisão de Informática Educacional (DINFE) da Secretaria Municipal de Educação de Cabo Frio (SME/CF). Essa divisão nos ajudou nos temas de planejamento, infraestrutura, divulgação e inscrição dos

professores nos cursos nesses dois anos. Também auxiliou na mobilização de seus professores para uma jornada de acompanhamento realizada em Julho de 2006 no Campus da Ilha do Fundão.

No ano de 2007 a DINFE já havia conseguido instalar Laboratórios de Informática Educacional (LIE) em muitas outras escolas da rede pública municipal de Cabo Frio e isso facilitou os professores que participavam do curso de formação realizar atividades com informática em suas próprias escolas.

Em 2008, a prefeitura de Cabo Frio, a partir da DINFE criou o Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal (NTM) através de parceria estabelecida com o MEC no Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo). Este Núcleo é responsável por "*promover o acesso dos alunos e educadores da Rede Municipal de Educação às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), contribuindo para o desenvolvimento de uma educação inovadora e de qualidade.*" (http://ntmcf.webnode.com)

A parceria com a DINFE, posteriormente NTM, foi de extrema importância, tanto para a realização das formações continuadas realizadas em 2006 e 2007, quanto para a efetivação da pesquisa posterior.

V.1.5- Professores da Rede Municipal

A maioria dos professores participantes atuavam no segundo segmento do Ensino Fundamental. Havia professores das diferentes disciplinas desse segmento. Na formação continuada realizada em 2006, participaram 19 professores de 7 escolas e na formação de 2007 participaram 20 professores de 8 escolas, sendo que 4 professores participaram de ambas formações. No total das 2 formações tivemos a participação de 35 professores de 12 escolas diferentes.

V.2 – As Formações Realizadas em 2006 e 2007

Por estarmos na semana do Festival UFRJmar, foi possível realizar os cursos sobre uso educacional das TICs com os professores, em seu horário de trabalho, de forma concentrada, em uma única semana, e contar também com a participação de alunos nas atividades planejadas pelos professores ao longo do curso.

A seguir, apresentamos o planejamento dessas formações e informações sobre sua execução, destacando suas maiores diferenças em comparação as experiências anteriores do LIpE.

V.2.1- Planejamento das Formações Realizadas em 2006 e 2007

A formação foi planejada para uma carga horária total de 40h, dividida em 4 momentos distintos. A carga prevista para ser realizada durante o Festival era de 28h. As 12h restantes

seriam distribuídas ao longo das semanas seguintes ao Festival. Esses momentos estavam divididos da seguinte forma:

1º Momento - Discussão teórica inicial – 4h

2º Momento - Planejamento das atividades - 12h

3º Momento - Execução das atividades com suporte presencial -12h

4º Momento - Execução de atividades com acompanhamento a distância (após o Festival UFRJmar) -12h

Apresentamos, abaixo, detalhadamente, o que foi planejado para cada um desses momentos.

1º Momento: Discussão teórica inicial – 4h

Iniciamos com os professores apresentando suas expectativas em relação ao curso, além dos conhecimentos e experiências que já possuíam sobre informática aplicada à educação. Em seguida, explicamos que o objetivo da formação não seria o ensino sobre informática, mas sim, sua utilização como uma ferramenta de apoio ao processo educacional. Os pontos desenvolvidos nesse momento foram:

(a) Realizamos uma discussão, referenciada em Michael Apple (1995), sobre os interesses que conduzem a introdução de computadores na educação considerando que, em muitas situações, são os interesses econômicos, e não educacionais, que estão por trás da utilização da informática na educação em diversos países. Nessa perspectiva, a informática é introduzida na escola, via de regra, através de pacotes educacionais fechados, onde os professores apenas monitoram essas atividades. .

(b) Aprofundamos a crítica aos softwares classificados como softwares educacionais, que costumam compor esses pacotes educacionais fechados. Geralmente, esses softwares ou conjunto de softwares são feitos por especialistas desconectados da realidade e necessidades educacionais locais. Como também estão alinhados a um paradigma educacional baseado na transmissão de conteúdos para os alunos. Esse ponto foi baseado, principalmente num artigo de Eduardo Chaves[5], que propõe a utilização educacional de softwares classificados como de uso geral, como editores de texto, de apresentações eletrônicas, de planilhas etc. O extrato abaixo foi discutido durante a formação.

> *"Sugiro que, pelo menos temporariamente, se considere software educacional aquele que puder ser usado para algum objetivo educacional ou pedagogicamente defensável, qualquer que seja a natureza ou finalidade para a qual tenha sido criado. Além disso, que nos preocupemos em ver como é que os programas comerciais que já existem em grande quantidade (processadores de textos, gerenciadores de banco de dados, planilhas eletrônicas, geradores gráficos etc.) podem ser usados para ajudar a atingir mais fácil e eficientemente os objetivos educacionais a que nos propomos. Vamos usar pedagogicamente o que já temos em quantidade e qualidade suficiente antes de embarcar em projetos que poderão apenas*

5- Artigo "o que é software educacional" - www.chaves.com.br/TEXTSELF/EDTECH/softedu.htm *acessado em 02/05/2006*

> *produzir grande volume de software com qualidade semelhante à dos livros didáticos de hoje." (pp 1-2)*

(c) Apresentamos a classificação das possibilidades de uso do computador na educação baseada em Taylor (apud VALENTE, 1993)[6]: "Tutor", "Tutelado" e "Ferramenta". Nesse contexto "Tutor" significa o computador sendo utilizado como "máquina de ensinar", onde temos como exemplo não apenas os softwares do tipo CAI, mas alguns jogos e simuladores. No caso de "Tutelado" o computador é utilizado como "máquina de aprender". Nessa situação, encontramos os softwares para programação de computadores, onde o aluno irá ensinar ao computador através da programação. Sendo que a Logo é a linguagem mais utilizada em ensino Fundamental . No caso de "Ferramenta", temos a utilização dos softwares de uso geral, como apresentados por Chaves, na direção da construção de conhecimento por parte dos alunos. Para isso sendo necessária a elaboração de atividades e projetos por parte dos professores.

(d) A partir dessa análise, apresentamos a proposta de que os professores elaborassem atividades, no momento seguinte, priorizando seu uso como "Ferramenta", através dos softwares que esses já conheciam, para construção de conhecimento. Os professores poderiam também experimentar a opção de uso como "Tutelado" através da linguagem Logo.

(e) Para concluir esse momento, fizemos uma rápida oficina de introdução aos princípios e aos comandos básicos da Linguagem Logo.

2º Momento: Planejamento de atividades (em duplas) – 12h

Como alguns poucos professores possuíam reduzido, ou nenhum, conhecimento de informática, as duplas de professores foram formadas de maneira que pelo menos um dos integrantes possuísse conhecimentos básicos de uso do computador.

1ª Parte – Planejamento da primeira atividade - 4h

Cada dupla de professores planejou, de forma conjunta, uma atividade didática relacionada as suas disciplinas. Como na maioria das duplas os professores eram de disciplinas diferentes, as atividades planejadas deveriam ser, preferencialmente, interdisciplinares. Os professores elaboraram as atividades utilizando um roteiro proposto com os seguintes pontos:

(a) Tema geral da atividade

(b) Objetivos da atividade

(c) Estratégias (relacionadas aos tipos de atividades e de softwares empregados)

(d) Roteiro do que deveria ser feito, detalhadamente, pelos alunos e pelos professores

6- Essa apresentação baseava-se no artigo de Valente "diferentes usos do computador na educação" (1993) que recebemos em nossa primeira orientação acadêmica conforme descrito no histórico do Projeto Minerva, posteriormente LIpE.

(e) Avaliação (opcional)

Durante a elaboração do planejamento a equipe do LIpE apoiava cada dupla, separadamente. Auxiliando em temas técnicos e quando necessário, repassando exemplos de planejamentos elaborados, anteriormente, por outros professores. Nesse momento, apresentamos a Wikipédia e alguns softwares para produção de histórias em quadrinhos e desenhos animados.

Esse planejamento era feito pelos professores no computador com acesso à internet. O professor com maior conhecimento de informática auxiliava o outro professor.

Quando os professores terminassem esse primeiro planejamento deveriam realizar essa atividade no computador como se fossem seus alunos. Assim, os professores que tinham dificuldades no uso do computador eram auxiliados por sua dupla e pela equipe de monitores do LIpE.

2ª parte – Avaliação conjunta dos planejamentos - 4h

Cada dupla apresentou para os demais integrantes do curso o planejamento elaborado. Em seguida, todos os presentes foram encorajados a avaliar e apresentar sugestões de melhorias para esse planejamento.

Nessa etapa, além de mediar o processo, a equipe do LIpE aproveitava para aprofundar certos conceitos básicos sobre uso do computador, principalmente inseridos no paradigma de construção do conhecimento por parte dos alunos.

3ª parte – Refazer planejamentos e fazer novos planejamentos - 4h

A partir das contribuições da etapa anterior, cada dupla de professores deveria refazer seus planejamentos conjuntos iniciais. Também deveriam planejar, ao menos, duas outras atividades específicas para suas disciplinas.

3º Momento: Execução das atividades com suporte presencial - 12h

Para realização desse momento, parte dos professores integrantes da formação foi convidada a desenvolver essas atividades em oficinas no Festival UFRJmar. coordenadas por seus respectivos criadores .

Cada dupla de professores deveria conduzir 2 atividades planejadas por eles e apoiar outras 4 atividades, de outros professores.. Cada professor deveria ter a oportunidade de coordenar uma atividade, mesmo que possuindo pouca experiência na área de informática.

Cada oficina desenvolvida com os alunos do Festival UFRJmar tinha a duração total de 2h, aproximadamente. As atividades planejadas tinham uma duração média de 1hora e 30 minutos. Dessa forma, nos 30 minutos restantes era realizada uma primeira avaliação dessa atividade, entre todos os professores presentes.

4º Momento- Execução de atividades com acompanhamento a distância – 12h (a ser realizado nas semanas seguintes ao festival UFRJmar)

Esta fase do curso deveria ser realizada nas semanas seguintes ao Festival UFRJmar. Cada professor deveria colocar em prática 6 atividades com suas turmas ao longo do bimestre seguinte, num total de, aproximadamente, 12h de atividades. Nesse período, a proposta inicial seria de realizar a análise e avaliação dessas atividades através de uma lista de e-mails. Entretanto, esse acompanhamento a distância não funcionou conforme o esperado, principalmente pela falta de tempo e prática dos professores. Assim, realizamos um novo encontro presencial de 6h de duração, 2 meses após o início do curso com ajuda da DINFE.

Nesse encontro, aplicamos um questionário onde os professores, avaliaram a parte do curso realizada durante o Festival, as semanas seguintes e a formação como um todo.

Na próxima seção analisaremos algumas das características mais relevantes dessa formação em relação as nossas experiências anteriores que, de certa forma, contribuem para reforçar o porquê dessas formações terem sido um momento importante no desenvolvimento do LIpE bem como ajudam a justificar sua escolha como nosso objeto de pesquisa.

V.2.2- Aspectos Mais Relevantes destas Formações

Por comparação com as experiências anteriores de formação de professores promovidas pelo LIpE, podemos afirmar que quatro aspectos inéditos nessa formação continuada foram importantes para os resultados obtidos.

1- Não houve perda de parte do tempo do curso com introdução aos conceitos básicos de informática aos professores:

Como descrito no histórico do LIpE, os primeiros processos de formação de professores, realizados na década de 1990, continham, em sua parte inicial, a introdução ao uso básico do computador. Essa prática possuía como justificativa o fato de que a maioria dos professores nunca havia utilizado um computador anteriormente, como também o fato de que sua utilização era muito menos intuitiva e direta que no momento atual (como também a equipe do LIpE possuía muito menos experiência na área).

Ao longo de nossa experiência, fomos observando que vários professores ficavam “presos” nessa etapa e não conseguiam passar ao momento seguinte, de começar a planejar o uso das TICs para suas aulas. Alguns ficavam “presos” pela insegurança, por acreditarem não saber o suficiente para utilizar as TICs em suas aulas (quanto mais sabiam, mais sabiam que nada sabiam) e outros ficavam tão interessados que começavam a se preocupar mais em aprender o uso da máquina do que em planejar sua utilização didática em suas aulas. Pouco a pouco, fomos percebendo que quanto menor era o tempo dedicado a essa formação inicial

básica em informática, melhor era o resultado do processo em relação a sua aplicação educacional. Assim, fomos diminuindo o tempo destinado a explicar o uso do sistema operacional, eliminamos a explicação básica sobre hardware. Começamos a perceber que após o professor começar a planejar e utilizar o computador em suas aulas com os alunos poderíamos ir complementando os conhecimentos básicos que o professor solicitasse de acordo a sua necessidade.

Durante a preparação da primeira formação continuada em Cabo Frio, em 2006, conseguimos a informação da SEME/CF de que a maioria dos professores que se inscreveram para o curso já possuíam conhecimentos básicos de informática e assim tomamos a decisão de, pela primeira vez, irmos direto ao ponto do planejamento de atividades didáticas utilizando o computador. Como esses planejamentos seriam feitos em duplas de professores, um poderia ajudar a suprir a falta de conhecimento básico de informática do outro.

Acreditamos que esse seja um dos grandes diferenciais desse processo de formação em relação aos anteriores; apontado como indicativo de avanço em relação aos demais. Todo o tempo do processo de formação pode destinar-se ao planejamento, realização e avaliação de atividades educacionais utilizando as TICs seguido de momentos de reflexão em todas essas fases.

2- Concentrou-se o curso em apenas uma semana:

Nas duas escolas em que realizávamos a formação de professores em serviço; ou seja, dentro da própria escola, num modelo próximo ao construcionista contextualizado (VALENTE, 1999d), nosso tempo disponível para aprofundamento, planejamento e reflexão junto aos professores ao longo do período letivo era bastante reduzido. Geralmente, no início do ano, conseguíamos realizar uma primeira formação, antes do início das aulas, na qual, como descrito anteriormente, a maior parte do tempo era utilizada com ensino sobre informática básica. Ao longo do período de aulas, na melhor das hipóteses, conseguíamos um encontro semanal de 1h ou 2h com um grupo de professores pois, para que eles participassem da formação, uma série de outras atividades tinham que ser realizadas, nesse momento, com suas turmas, por algum outro elemento da escola já que, quase sempre, eram professores do primeiro segmento do ensino fundamental que trabalham todos os dias, o turno completo, com seus alunos). Além da pouca carga horária, diversos outros problemas dificultavam a presença constante de todos os professores envolvidos, gerando grande instabilidade e rotatividade no grupo.

Assim, um outro importante fator diferenciador da formação realizada concomitante ao Festival UFRJmar, em relação às anteriores foi o fato de que ali o curso ocupou uma semana inteira pois todos os professores envolvidos estavam com disponibilidade de horário uma vez que seus alunos participavam das atividades propostas pelo Festival no mesmo horário. Desta forma, pudemos realizar, num curto espaço de tempo e de forma concentrada, todo um

processo formativo que poderia durar mais de 6 meses ou um ano numa escola regular.

3- Os problemas do cotidiano escolar não prejudicaram o processo de formação

Ao mesmo tempo que concordamos que o processo de formação de professores na área de uso das TICs na educação deva ser realizado da forma mais próxima possível de sua realidade cotidiana, percebeu-se que esta própria realidade do cotidiano escolar dificulta o processo de formação de seus professores. Nas formações realizadas em dias letivos dentro do ambiente escolar, tivemos vários obstáculos. Não raras vezes, nos deparamos com problemas de infraestrutura de uma determinada escola; com inúmeros incidentes com alunos, como a falta de outros professores, problemas disciplinares com as turmas que estão realizando outras atividades, ou até mesmo, como nas escolas em que atuamos, problemas de violência na comunidade onde a escola está localizada, dificultando ou impedindo o acesso à escola em diversos momentos.

Em contrapartida, realizamos as formações em Cabo Frio, em 2006 e 2007, sem praticamente sermos incomodados ou impedidos por essas dificuldades do cotidiano escolar, uma vez que as atividades regulares da escola estavam todas suspensas ao longo dessa semana devido ao Festival já mencionado. Outro fator importante é que os laboratórios de informática das escolas que trabalhamos em Cabo Frio estavam relativamente bem equipados.

4- Todos os professores estavam interessados em se apropriar das TICs para uso em suas aulas:

Uma das desvantagens de realizarmos a introdução de uso educacional da TICs num determinado segmento de uma escola é que sempre existe um grupo de professores que não está suficientemente interessado em participar, mas sente-se compelido devido às pressões da gestão escolar ou dos outros professores e, principalmente, dos seus alunos que desejam começar a ter suas aulas no laboratório de informática da escola. Assim, em muitos desses processos, enfrentamos a dificuldade ou até mesmo a resistência de um grupo de professores que não tinha o mesmo objetivo que os demais. Isso, como foi analisado na literatura estudada e vivenciado a partir da experiência do LIpE já relatada, potencializa as dificuldades naturais de todo processo de formação pois, iniciar a utilização educacional das TICs requer muita persistência para superar os mais diversos obstáculos da prática em aula e dos condicionantes e limitantes da escola como um todo.

Nas formações realizadas em Cabo Frio, os professores de diferentes escolas da rede municipal puderam optar entre muitas outras possibilidades de cursos e oficinas oferecidas pelo Festival. Desta forma, tivemos a constituição de grupos de professores muito interessados e motivados a superar os diversos obstáculos à introdução das TICs em suas aulas.

Considerando esses pontos destacados, acreditamos, que conseguimos, por primeira vez, implementar de forma plena, os elementos constantes da orientação acadêmica recebida

no início do Projeto.

V.3 - Primeiros dados observados em 2006:

Os primeiros dados foram observados: a partir dos planejamentos realizados pelos professores durante a formação, por comunicação com a DINFE de Cabo Frio e pela análise dos questionários respondidos pelos professores ao término da formação.

A- A partir dos planejamentos elaborados pelos professores durante a formação:

Um dado observado no momento de avaliação conjunta dos planejamentos, com a colaboração de diversos professores, foi que muitos desses planejamentos iniciais estavam essencialmente expositivos, e assim, deixando pouco ou nenhum espaço para o trabalho criativo dos alunos. Podemos relacionar isso à cultura didática desses professores onde as TICs eram, inicialmente, concebidas, simplesmente, como um recurso a mais para transmitir conteúdos. Contudo, no momento de reelaboração dos planejamentos, alguns professores conseguiram repensar as TICs para uso mais ativo por parte de seus alunos.

Conseguiu-se recuperar 15 planejamentos elaborados durante a formação em 2006 que estão incluídos no apêndice I. Ao analisar esses planejamentos, observamos que 10 desses não possuem nenhum momento de aula expositiva em seu roteiro. Dos 5 restantes, 4 seguem um formato de aula expositiva, seguida de exercícios de fixação ou pesquisa para serem realizados com auxílio do computador e da Internet e apenas 1 planejamento (planej. 5) não apresenta indicação clara de qualquer elaboração por parte do alunos, apenas indicando uma pesquisa na Internet.

Entre os planejamentos refeitos, que não possuem aula expositiva, gostaríamos de usar como exemplo o planej. 1, relacionado à educação física e matemática. Esses professores estavam tendo, como a maioria dos demais, o primeiro contato com o uso educacional das TICs.

Nesse planejamento, inicialmente, os alunos deveriam observar a quadra de futebol de salão da escola para, em seguida, representá-la através do programa Logo. Os comandos básicos deste programa foram selecionados pelos professores e colocados numa lista disponível para os alunos que aprenderiam seu uso básico por teste e reflexão.

Feito isso, deveriam pesquisar na Wikipédia sobre as medidas oficiais de uma quadra de futebol de salão e comparar com as proporções do desenho elaborado por eles. E por último:

> *"- Elaborar uma conclusão: um texto relacionando a Matemática, Geometria, com a Educação Física. Quais as figuras geométricas usadas numa quadra. Quais as medidas utilizadas." (planejamento 5)*

Nesse planejamento podemos observar que os professores construíram uma proposta relacionada ao cotidiano dos alunos, que apresentava a eles inúmeros desafios, desde manusear um programa desconhecido, pesquisar informações na Wikipédia (ainda pouco conhecida entre eles, na época), comparar os dados observados com seu trabalho até, finalmente, construir uma conclusão, por escrito, de todo o processo.

Entre os planejamentos com parte expositiva, destacamos o planej. 11, sobre ciências. Nesse planejamento, a parte expositiva foi transferida do professor para um site onde a navegação seria guiada (determinando que links o aluno deveria clicar e sua ordem). Após o aluno visualizar a apresentação, deveria responder um questionário para fixação de conteúdos. Temos assim, um modelo, ainda centrado no paradigma de transmissão de conteúdos.

No momento de execução das atividades, observamos que nem todos os professores conseguiam, facilmente, aplicar seu planejamento, dentro de um modelo de aula centrada na construção ativa pelo alunos, por justamente, estarem acostumados, em sua cultura didática, a aulas preponderantemente expositivas.

B- A partir da comunicação com a DINFE:

Fomos informados pela DINFE/CF que os professores que concluíram a formação continuada, realizada em 2006, foram convidados, no ano seguinte, por essa Divisão a assumir a função de professor Multiplicador Tecnológico (MT) nas escolas onde seriam instalados novos Laboratórios de Informática Educativa (LIE). Para assumir essa função, o professor, de qualquer disciplina necessitava ter uma formação na área educacional de uso das TICs de pelo menos 40h. Na função de MT, o professor torna-se responsável por auxiliar aos demais professores dessa escola a utilizarem didaticamente as TICs em suas atividades pedagógicas dentro e fora do LIE. Além disso, o professor MT é, também, responsável pela infraestrutura do laboratório, com auxílio de equipes de manutenção centralizadas no município.

Essa estratégia utilizada pela SEME/CF, de direcionar professores de sua rede para a função de MT, nos pareceu mais adequada do que a realizada por algumas outras secretarias municipais e estaduais de educação. Essas outras secretarias, ou designam um técnico de informática como responsável pelo laboratório da escola, ou, como no caso do município do Rio de Janeiro, simplesmente acumulam a responsabilidade por esse laboratório para o professor responsável pela sala de leitura.

C- A partir dos questionários respondidos pelos professores ao término da formação em 2006:

Como descrito anteriormente, no encontro presencial para acompanhamento das atividades realizadas nas semanas seguintes ao Festival, aplicamos um questionário avaliativo aos professores. Esses questionários foram respondidos digitalmente e desses, conseguimos

recuperar as respostas de 5 professores que estão incluídas no apêndice II. Desses questionários, selecionamos as respostas de 2 professoras, que denominaremos como prof_X e prof_A, para serem analisadas.

A prof_X foi selecionada por exercer a função de MT antes da realização dos cursos e assim, acompanhar o trabalho dos demais professores antes e após as formações. Em sua escola, onde a formação foi realizada, tivemos a presença de quase a metade dos professores participantes do curso em 2006. E a prof_A também foi escolhida para procedermos a análise de suas respostas porque aceitou assumir a função de MT após a formação e, juntamente com outros 4 professores de sua escola, irá compor nosso estudo de caso realizado, posteriormente, em 2011 e 2012.

Em função de nosso objeto de pesquisa, um dado importante é que a prof_X está relacionado ao aumento do número de professores que começaram a se mobilizar para utilizar o laboratório de Informática e atribui esse fato a acreditar que os professores estavam mais seguros após a formação.

> *"Elevou consideravelmente a procura por agendamentos no laboratório, uma vez que proporcionou mais segurança aos professores." (prof_X)*

Na questão acerca do impacto da formação, a prof_X reforça a afirmação anterior sobre os demais professores destacando a questão de que esses passam a desenvolver ideias criativas na utilização das TICs:

> *"Como já desenvolvo este trabalho há alguns anos, observei maior impacto no trabalho dos demais professores, o que me proporcionou grande satisfação por vê-los utilizando esta ferramenta para dinamizar suas aulas com mais segurança, ideias criativas e carinho." (prof_X)*

A prof_A, apesar de não ter LIE em sua escola em 2006 e de não conseguir levar seus alunos ao laboratório da escola mais próxima no período estipulado, conseguiu se mobilizar em seus dois outros locais de trabalho para começar a utilizar as TICs em suas aulas:

> *"Como minha escola municipal não conta com laboratório de informática e este bimestre foi curto demais, não tive mesmo tempo hábil de levá-los ao laboratório mais próximo, na E.M. Edílson Duarte, pois isso demandaria uma manobra de horários quase impossível uma vez que meus colegas já tinham suas atividades e projetos organizados. De qualquer maneira, planejei algumas atividades e utilizei com algumas turmas em minha escola estadual e no curso de idiomas que coordeno." (Prof_A)*

Em outra questão, a prof_A reforça a expectativa em ampliar a utilização das TICs em suas aulas:

> *"Apesar de me considerar uma pessoa moderna e atualizada, não tinha muitas ideias com relação à informática ao preparar minhas aulas. Hoje em dia, quando as planejo, já fico imaginando como seria no laboratório. Realmente, utilizar um auxílio tão eficiente como o computador facilita e*

> *encanta mais as aulas, pois é um instrumento que os alunos gostam muito. (Prof_A)*

Podemos, assim, considerar, a partir dessas informações iniciais, coletadas em 2006, que o curso mobilizou parte dos professores e alterou a expectativa desses em relação ao uso educacional das TICs. Assim, retirando-os de uma espécie de zona de conforto, geralmente estabelecida na sala de aula convencional, e abrindo margem a novas práticas, à reflexão e à possibilidade de problematização de sua cultura didática. No próximo capítulo iremos apresentar e analisar os dados da pesquisa realizada em 2011 e 2012 com a prof_A e os demais integrantes de nosso estudo de caso.

Capítulo VI- Análise dos Dados

Nesse capítulo apresentaremos, inicialmente, a forma como os dados foram coletados em 2011 e 2012 através de questionários, entrevistas filmadas e chats. Em seguida, apresentaremos a análise desses dados.

VI.1 Coleta de Dados em 2011 e 2012

A proposta inicial era realizar a pesquisa com o grupo de 35 professores de escolas públicas municipais de Cabo Frio que participaram dos cursos de formação continuada na área de uso didático das TICs nos anos de 2006 e 2007 promovidos pelo LIpE/UFRJ em coordenação com a SEME/CF. Como primeiro passo, entramos em contato com a professora responsável pela divisão de informática Educativa na época da realização dos cursos, para pedir autorização para iniciar a pesquisa. No final de 2011, essa professora estava na coordenação do Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal de Cabo Frio (NTM/CF) .

Após o pedido de autorização formal direcionado à Secretaria de Educação de Cabo Frio, marcamos uma primeira viagem a esta cidade com objetivo de aplicar os primeiros questionários e realizar as primeiras entrevistas. A professora coordenadora do NTM ajudou a organizar esse primeiro contato em Dezembro de 2011 com três professores que ocupavam a função de Multiplicadores Tecnológicos (MT) em suas respectivas escolas. Um dos professores presentes nesta primeira entrevista não havia participado das formações realizadas pelo LIpE e as duas professoras participaram de ambas formações em 2006 e 2007. Uma dessas professoras já exercia a função de MT antes de participar da primeira formação continuada realizada pelo LIPE em 2006, e a outra professora assumiu a função no início de 2007, utilizando como qualificação necessária para exercer a função de MT a própria formação continuada realizada no ano anterior.

A primeira análise dos questionários e das entrevistas realizadas com estes três professores MT levou-nos a um redirecionamento da pesquisa, redefinindo-a no modelo de um estudo de caso (BOGDAN e BIKLEN,1994).

O estudo de caso foi direcionado para o trabalho desenvolvido entre a professora MT, que assumiu essa função em 2007 após a formação anterior, e um grupo de quatro professores dessa mesma escola que também participou das formações continuadas promovidas pelo LIpE. Entre os fatores que influenciaram nessa decisão podemos destacar a possibilidade de realizar a pesquisa em maior profundidade e, também, facilitar a análise ao diminuir o número de variáveis pelo fato de trabalharmos com todos os professores de uma mesma escola.

Outros professores dessa escola também participaram das formações citadas, porém saíram desta escola antes de iniciarmos a nossa pesquisa. Desta forma, para nosso estudo de caso foram selecionados 5 professores de uma mesma escola pública municipal de Cabo Frio,

sendo que:

a) Três destes professores participaram da formação continuada promovida pelo LIpE/UFRJ em 2006 e permanecem atuando na escola até hoje; (que denominaremos de prof_A, prof_B e prof_C)

b) Após esta formação promovida pelo LIpE uma destas professoras assumiu a função de MT nesta escola em 2007 (prof_A)

c) A professora MT participou novamente de outra formação realizada pelo LIpE em 2007, e mobilizou outros professores de sua escola. Dois desses professores convidados pela MT e integrantes do curso de formação continuada promovido pelo LIpE permanecem trabalhando na escola até hoje (prof_D e prof_E).

Dessa forma, nossa pesquisa centra-se na professora MT e nos quatro professores regentes de turma e principalmente na relação de trabalho pedagógico estabelecida entre esses desde o período da formação até o momento atual numa mesma escola. Essa escola pública localiza-se nas proximidades do centro de Cabo Frio e destina-se ao segundo segmento do Ensino Fundamental.

Na tabela 3, incluímos algumas informações básicas sobre os professores integrantes de nosso estudo de caso.

Tabela 3- Dados básicos professores pesquisados

Prof.	Formação	Disciplina/função	Nível de Ensino	Rede
A	Inglês	Multiplicador Tecnológico	Fundamental (6º a 9º ano)	Municipal
		Orientador Tecnológico	Médio	Estadual
B	Português/Literatura	Português	Fundamental (6º a 9º ano)	Municipal
		Português	Médio	Estadual
		Literatura	Médio	Estadual
C	História/Sociologia	História	Fundamental (6º a 9º ano)	Municipal
		História	Médio	Estadual
		Sociologia	Médio	Particular
D	Matemática	matemática	Fundamental (6º a 9º ano)	Municipal
		matemática	Médio	Estadual
E	Matemática	matemática	Fundamental (6º a 9º ano)	Municipal
		matemática	Fundamental (6º a 9º ano)	Estadual

VI.2 – Análise dos Dados de 2011 e 2012

A análise dos dados foi desenvolvida tomando como base a pergunta de dissertação: Que elementos de uma formação continuada sobre o uso das TICs na educação, centrada na aprendizagem, podem ser identificados na fala de professores como aspectos

problematizadores da cultura didática?

Para conduzir nossa análise, foram selecionados sete temas a partir dos elementos considerados de maior relevância para essa pergunta de pesquisa, utilizando os conceitos da revisão bibliográfica realizada, principalmente a partir de Freire (1987, 1997), Tardif (2011) e Valente (1993, 1999c, 2005).

Assim, os temas em destaque partem tanto da análise da formação de professores em relação aos seus saberes quanto dos processos de formação de professores em relação ao uso didático das TICs como possibilidade de mudança de paradigma educacional. As categorias temáticas utilizadas para cada uma das questões analisadas foram construídas também a partir da literatura estudada ou emergiram das próprias unidades de registro temáticas encontradas no material de pesquisa analisado. Os 7 temas selecionados e suas respectivas categorias foram representadas na tabela 2 no capítulo sobre a Metodologia utilizada na pesquisa.

A seguir, analisaremos os principais dados observados, de acordo com cada um dos temas, destacando os elementos teóricos relacionados e algumas inferências e interpretações iniciais, bem como exemplos de falas dos professores.

As falas destacadas dos professores e da MT foram obtidas tanto das análises das respostas do questionário, quanto das entrevistas.Não faremos separação entre as respostas dos questionários e entrevistas, mas apenas a distinção quanto aos temas e categorias. Utilizaremos as entrevistas e o questionário respondidos pela professora MT (prof_A) tanto para indicar o posicionamento dessa professora, quanto como parâmetro de comparação entre as respostas dos demais professores em algumas das questões analisadas.

Tema 1- Uso regular das TICs nas aulas:

TEMA 1	Categorias
1- Uso regular das TICs nas aulas:	O professor...
	(a) utiliza regularmente as TICs em suas aulas;
	(b) NÃO utiliza regularmente as TICs em suas aulas.

O simples fato de uma escola dispor de um laboratório de informática educacional (LIE) não significa que este será utilizado pelos professores dessa instituição para realizar atividades pedagógicas regulares com suas turmas de alunos (CUBAN, 2001; SALOMON, 2002; VALENTE 2005). Algumas pesquisas apontam que os laboratórios de informática de algumas instituições escolares são subutilizados e até mesmo tornaram-se obsoletos sem praticamente nunca terem sido usados por seus alunos e professores em atividades pedagógicas (CUBAN, 2001)

Diante dessas constatações, o primeiro tema focado foi se os professores regentes

utilizavam ou não regularmente as TICs em suas aulas após os cursos de formação continuada promovidos pelo LIpE. A partir dos dados analisados, verificou-se que **todos os quatro professores regentes utilizam as TICs regularmente em suas aulas.** Essa constatação foi reforçada pela análise da fala da prof_A, professora Multiplicadora**,** quando a mesma narrou a experiência que teve ao substituir uma professora de matemática grávida (apesar de sua área de formação ser a Língua Portuguesa e a Língua inglesa):

> *"eu tive a oportunidade, ano passado, por conta da gripe suína, de pegar uma turma de matemática de uma professora que tava grávida e foi assim, muito curioso, porque eu sentava com ela né, falava por telefone, montava as aulas com ela e eu baixava tudo da internet eu pegava todos...todos... o Prof._y[7] me ajudou bastante com coisa de site, de jogos, de atividades e tal e eu consegui trabalhar isso no laboratório de informática com eles, consegui ficar quase dois meses com os alunos trabalhando, a minha formação é inglês e eu também tinha essa rejeição natural à matemática, mas eu consegui trabalhar esse conteúdo com eles" (prof_A)*

Os diversos exemplos sobre uso regular das TICs nas aulas relacionados aos demais professores pesquisados estarão presentes nos outros temas e, desta forma, acreditamos não ser necessário incluí-los nesse momento.

A partir da constatação de que todos os professores utilizam regularmente as TICs em suas aulas nos interessa saber o que está presente na próxima questão: de que forma utilizam segundo qual paradigma educacional?

Tema 2- Forma de uso das TICs nas aulas:

TEMA 2	Categorias
2- Forma de uso das TICs nas aulas:	O professor utiliza as TICs durante suas aulas principalmente para...
	(a) que os alunos construam seu conhecimento
	(b) transmitir conteúdos aos alunos

De acordo com Salomon (2002) existe uma possibilidade de uso das TICs em que o "ensino tradicional" consegue "domesticar" a tecnologia e adaptá-la a seus fins e métodos e servindo para reforçar o paradigma tradicional de ensino centrado numa "concepção bancária" (FREIRE, 1972) onde o foco de ação docente está na transmissão de conteúdos escolares aos alunos. Ou em sentido oposto, a utilização das TICs poderia estar a serviço de um paradigma centrado na aprendizagem , desta forma, possibilitar atividades em que os próprios aprendizes construam de forma ativa seu conhecimento (BOLEIZ, 2012; VALENTE, 2005).

A partir dos dados analisados, pudemos constatar que dos quatro professores regentes pesquisados, **3 (três) (prof_B, prof_D e prof_E) concentram suas ações pedagógicas na**

7- *Apesar de não fazerem parte do estudo de caso, outros professores multiplicadores surgem em alguns momentos na fala da prof_A, assim um desses professores será denominado prof_y e a outra professora, prof_x.*

categoria (a), ou seja, no uso das TICs para construção ativa dos conhecimentos por parte do aluno. Entre as inúmeras falas dos professores que contém indicadores referentes a categoria (a) podemos destacar:

> *"...gosto sempre de trazer coisas diferentes para os alunos aplicarem o conhecimento, atualmente tenho procurado aliar à Informática Educativa o conteúdo, principalmente quanto ao gênero textual. Por exemplo, a atividade que desenvolvi recentemente com meus alunos. O gênero era reportagem. Apresentei o gênero com um power-point com atividades textuais, depois foi dada uma oficina com noção de filmagem (ângulos, som, etc..) e eles produziram uma reportagem de 3 a 10 min. Alguns temas foram sugeridos. Ficou muito bom. Se quiser posso enviar o link do youtube do melhor trabalho: http://www.youtube.com/watch?v=mYzlQojP76A" (prof_B)*

> *"...para a construção de gráficos....usamos o campeonato brasileiro de futebol e com a tabela do campeonato em mãos, construímos gráficos de barras e setores utilizando folha quadriculada, régua, compasso e depois que eles visualizaram e colocaram a "mão na massa" fomos finalizar a aula na sala de informática, onde os mesmos gráficos foram feitos utilizando o excel e foi muito interessante que alguns alunos não tinham a mínima noção de como fazer isso, e ao final esses alunos acharam a "coisa mais fácil" e outros que já faziam uso da ferramenta, brincaram com os gráficos, utilizando todos os tipos disponíveis , e mostrando aos outros colegas. Uma aula simples, mas achei super interessante..." (prof_D)*

> *"Geometria do cotidiano – 2º semestre de 2010. Consiste em tirar fotos de objetos ao seu redor que tenha relação com formas geométricas e transformar em vídeo. Artemática – 1º semestre 2011, baseada na obra de Romero Britto, possui várias etapas tais como: pesquisa, webquest, criação do próprio desenho, etc..." (prof_E)*

A professora MT reforça a afirmação desses professores através de diversos exemplos, como nos trechos selecionados:

> *"...ela [prof_B] apresentou as Novelas de Cavalaria através de apresentação em power point e vídeos e solicitou a produção de vídeos utilizando a estética das Novelas de Cavalaria. As tecnologias foram usadas em todo o processo, desde a elaboração dos roteiros até filmagem, edição e exibição." (prof_A)*

> *"Bom, a prof_B e a prof_D [...] hoje em dia, além de usarem as tecnologias para apresentarem os conteúdos de forma mais atrativa também avaliam com elas, sempre propondo trabalhos que envolvam o uso de ferramentas tecnológicas. " (prof_A)*

Constatou-se, ainda, que a**penas um professor, o prof_C enfatiza o uso das TICs na segunda categoria**, isto é, privilegia o uso das TICs como forma de transmissão de conteúdos aos alunos:

> *"crio aulas baseadas em slides, mas com inserções de vídeos, áudios, animações em flash, buscando não ficar preso somente em slides textuais." (prof_C)*

> *"eu não sei como falar... eu me sinto às vezes até um pouco desiludido porque a gente tem todo um trabalho de preparar, de montar e eu trabalhei e trabalho durante muito tempo com data show, praticamente desde quando eu comecei a dar aula eu tento trabalhar com as questões da mídia e todo cuidado na hora de preparar, de tentar editar um vídeo pra melhorar a qualidade, melhorar o áudio e chega na hora nem sempre sai como o planejado" (prof_C)*

Para esse professor (prof_C), o uso das TICs se realiza apenas em sala de aula e as TICs são vistas como forma de levar à sala de aula recursos como data show para realizar apresentações eletrônicas de slides, onde inclui trechos de filmes relacionados ao conteúdo didático que está lecionando.

Entretanto, um indicador diferente surge na fala da professora B. Apesar da maioria de suas afirmações estar localizada na primeira categoria, essa professora ao mencionar o trabalho que realiza com gramática, afirma que tal conteúdo só pode ser trabalhado na forma de transmissão de conteúdos aos alunos, não conseguindo visualizar outra forma didática, utilizando ou não as TICs:

> *"porque na gramática, gramática não tem muita. É aquilo mesmo, é explicar a matéria e passar exercício, muito exercício, muito exercício, muito exercício." (prof_B)*

Podemos inferir que neste caso a dificuldade principal não estaria no uso da tecnologia, nem na falta de intenção da professora em trabalhar esses conteúdos de outra forma didática. A dificuldade central está relacionada com a forma como o conhecimento específico das diferentes disciplinas é trabalhado durante as formações iniciais e continuadas de professores, como analisado no capítulo II, de acordo com o "Modelo dos conteúdos culturais-cognitivos" (SAVIANI, 2009). Neste modelo, o conhecimento é visto como um produto acabado, que Schön (1992) definiu como "*saber escolar*", não sendo objetivo uma maior compreensão de seu processo de construção e sistematização ao longo do tempo por parte dos professores em formação:

> *"É uma visão dos saberes como fatos e teorias aceites, como proposições estabelecidas na sequência de pesquisas. O saber escolar é tido como certo, significando uma profunda e quase mística crença em respostas exatas. É molecular, feito de peças isoladas, que podem ser combinadas em sistemas cada vez mais elaborados de modo a formar um conhecimento avançado." (p.81)*

Um dos fatores que muitas vezes condiciona ou até mesmo impede o uso educacional das TICs é a insegurança por parte de alguns professores. Esse tema será analisado na questão a seguir.

Tema 3- Insegurança no uso didático das TICs:

TEMA 3	Categorias
3- Insegurança no uso didático das TICs:	O professor...
	(a) NÃO demonstra insegurança no uso didático das TICs
	(b) demonstra insegurança no uso didático das TICs

A insegurança dos professores frente à possibilidade de uso didático das TICs em suas aulas é um tema recorrente em pesquisas e artigos sobre formação de professores na área do uso educacional das TICs. Encontra-se na literatura da área, classificações quanto ao comportamento do professor em relação as TICs. De acordo com Demo (2009) dentre essas classificações dos professores temos a definida como "tecnofobia" ou, então, a partir de uma divisão geracional, alunos e professores são classificados como "nativos digitas", "estrangeiros" ou "imigrantes" digitais.

3 (três) dos professores regentes (prof_C, prof_D e prof_E) estão na categoria (a), pois não demonstraram indicadores de insegurança quanto ao uso pedagógico das TICs em suas falas. Apenas nos registros de **1 (uma) das professoras (prof_B)** conseguimos encontrar tais indicadores que a situam **na categoria (b).**

Entre as presenças temáticas que incluem o discurso dessa professora nessa categoria podemos exemplificar: no questionário, na questão 8, que pergunta: "Em sua opinião quais fatores mais dificultam o uso da informática na educação?" a prof_B responde *"A falta de domínio da máquina."* e na questão seguinte, para a pergunta: "Em sua opinião quais fatores mais favorecem o uso da informática em educação?" A prof_B responde "*É fácil* ***para os alunos*** *lidar com a máquina*" (grifo nosso). Como também encontramos outros exemplos em que a prof_B indica solicitar ajuda para utilizar as TICs em suas aulas não somente à prof_A, que é a MT, como também a outros profissionais. Destacamos que esta é a mesma professora que na questão anterior afirmou que certos conteúdos de sua disciplina não podem ser trabalhados com o aluno sendo o agente do processo. Entretanto, essa professora sente-se amparada e assim, apesar de certo grau de insegurança em relação ao uso pedagógico das TICs, não deixa de utilizá-las com frequência em suas aulas.

Interessante ressaltar, também, que a referência a certo grau de insegurança dos professores no uso didático das TICs aparece também, de forma recorrente, na fala da professora MT em relação aos demais professores da escola, principalmente aos que não

fazem parte do grupo integrante desta pesquisa:

> "*O mais interessante é que o professor fica mesmo... durante o processo de produção, ele fica super inseguro, mas isso aqui vai dar certo? isso aqui?... que tecnologia tem essas coisas também né? nem sempre as coisas funcionam da maneira que a gente planejou, ai ele fica inseguro, super inseguro e quando ele vê que dá certo, gente, mas olha isso... olha , isso aqui é... parece que ele descobriu a pólvora, né?"(prof_A)*

Após a análise do tema específico da insegurança, nosso objetivo com o próximo tema foi identificar no discurso dos professores quais são as principais dificuldades encontradas por eles para a utilização didática das TICs.

Tema 4- Principais problemas/dificuldades destacadas pelos professores para realização de atividades utilizando TICs em suas aulas:

TEMA 4	Categorias
4- Principais problemas/dificuldades destacadas pelos professores para realização de atividades utilizando TICs em suas aulas:	(a) Falta de tempo para planejamento
	(b) Falta de domínio sobre uso das TICs
	(c) Falta de infraestrutura

Desde as primeiras experiências de formação de professores para uso de informática educacional no Brasil, na década de 1980, como por exemplo, no Curso Formar I (VALENTE 1999a) até os relatos de experiência relacionados à implantação do Projeto UCA nos últimos anos (SANTOS e BORGES, 2008), são destacadas as inúmeras dificuldades e obstáculos à implementação do uso didático das TICs nas escolas. Dentre esses, podemos destacar problemas de infraestrutura básica nas escolas, como a falta de espaço para implantação de laboratórios de informática educativa ou até mesmo a falta de tomadas para recarregar as baterias dos Notebooks; problemas na gestão das escolas que não compreendem as finalidades e possibilidades de uso pedagógico das TICs; a falta de domínio das TICs por parte dos professores.

Devido ao número reduzido de professores que compõe a nossa pesquisa, as 3 categorias utilizadas surgiram da própria análise dos temas presentes nos dados.

A categoria "**(a) falta de tempo"** para planejamento das atividades envolvendo o uso didático das TICs emerge mais fortemente na fala de **2 (dois) professores entrevistados** (Prof_D e prof_E). Esse é um problema relacionado à precariedade dos contratos de trabalho de professores nas escolas públicas e privadas, onde o tempo destinado ao planejamento das atividades didáticas ou é subdimensionado ou mesmo ausente, como se o trabalho do professor se restringisse apenas ao momento em que está em sala de aula.

> *"O professor muitas das vezes não possui o tempo necessário para buscar os recursos que irá utilizar" (prof_E)*

Esta categoria é confirmada pela professora MT através da aparição deste tema diversas vezes nas suas afirmações, onde podemos destacar:

> *"então quando ele domina o software, ele domina o uso da máquina,* ***ele não tem tempo****, infelizmente a gente é obrigado hoje em dia a trabalhar em três, quatro lugares, então se tem uma pessoa que vai fazer isso pra ele é mais fácil, ele fala o que ele quer, você monta e ele já chega lá com tudo pronto." (prof_A – grifo nosso)*

A categoria "**(b) falta de domínio sobre o uso das TICs**" surge na fala de **1 (uma) das professoras** (Prof_B). A professora ressalta, entretanto, que procura suprir esta dificuldade através do auxílio de outros professores, como na relação com a professora MT e outros profissionais que realizam oficinas relacionadas as TICs diretamente com seus alunos. Este tema também aparece na fala da professora MT ao relacionar certa falta de domínio sobre essa linguagem por parte do professor e as suas possibilidades de uso:

> *"Como já disse antes, a questão material já não é o maior fator dificultador, mas sim o planejamento das atividades, o domínio da linguagem por parte do professor e o seu uso adequado, não apenas como ferramentas que vão substituir outras. Ex: data show substituindo o quadro negro, a TV, etc." (prof_A)*

Indicadores relacionados à categoria **"(c) falta de infraestrutura"** surgem inúmeras vezes na fala de **1 (um) dos professores**, (prof_C) que afirma não existir equipamentos disponíveis nas salas de aula e assim necessitando utilizar seu equipamento comprado com recursos próprios: Data show, Notebook e caixas de som, que este se vê obrigado a carregar para a escola, montar e desmontar ao início e ao término de cada uma de suas aulas:

> *"A grande dificuldade hoje ... no uso da informática da educação é a precária infraestrutura que a gente tem. Por que a gente tem dois, três data show no máximo por escola e quando eu dei aula deveria ser um equipamento em cada uma das salas, mas também a gente tem vários outros problemas em torno disso." (prof_C)*

> *"A precária infraestrutura. No meu caso, por exemplo, além de todo o trabalho na elaboração da aula, locomover-se com data show, notebook, caixas de som, além de livros, sem deixar de lado o fato de ser necessário montar e desmontar todo o equipamento no fim de cada aula, torna o trabalho muito mais complicado." (prof_C)*

Nesta categoria, encontramos uma forte discordância da professora MT, que trabalha na mesma escola que o prof_C e os demais professores. A MT afirma que a questão de

infraestrutura já não é mais problema, como podemos verificar nos exemplos abaixo transcritos onde essa professora ressalta as “facilidades materiais” que estão disponíveis com programas do governo Federal implementados atualmente:

> *“Hoje em dia, com as facilidades materiais oferecidas pelos programas do Governo Federal, a grande dificuldade se encontra na falta de tempo do professor, que muitas vezes acaba deixando a parte técnica por conta do professor da sala de informática.”(prof_A)*

> *“Como já disse antes, a questão material já não é o maior fator dificultador, mas sim o planejamento das atividades, o domínio da linguagem por parte do professor e o seu uso adequado, não apenas como ferramentas que vão substituir outras. Ex: data show substituindo o quadro negro, a TV, etc.” (prof_A)*

Essa divergência relaciona-se, principalmente, com a concepção e tipo de uso didático das TICs, já que o prof_C é o professor que utiliza as TICs unicamente como forma de transmissão de conteúdos aos alunos, de acordo com o que foi descrito na questão 2 e por isso também não utilizando o LIE.

Tema 5- Principais aspectos que o professor recorda/destaca em relação ao que foi trabalhado ao longo dos cursos do LIpE/UFRJ em relação as TICs na educação:

TEMA 5	Categorias
5- Principais aspectos que o professor recorda/destaca em relação ao que foi trabalhado ao longo dos cursos do LIpE/UFRJ em relação as TICs na educação:	(a) Concepções de uso das TICs na educação
	(b) O planejamento de atividades utilizando TICs na educação
	(c) Exemplos de softwares/atividades apresentados ao longo da formação
	(d) Possibilidade de autoria (em relação aos objetos de aprendizagem)

Como descrito no capítulo IV, o principal objetivo das formações continuadas realizadas em 2006 e 2007, em coordenação com a SEME/CF, era proporcionar um espaço em que o professor fosse incentivado a produzir práticas pedagógicas, elaborando os planejamentos em dupla com outros professores e depois, executando-os com seus alunos. Após essa fases, deveria implementar uma avaliação conjunta com os demais professores participantes da formação (nesse momento, na posição de observadores) e a equipe do LIpE dessas atividades pedagógicas em que seus alunos utilizaram as TICs. Dessa forma, como podemos ver, os cursos de formação não foram planejados tendo a questão tecnológica como fator central, mas sim, a construção de caminhos para destacar as possibilidades pedagógicas de sua utilização por parte dos aprendizes e dos professores.

Nessa questão, as categorias que foram utilizadas emergiram da própria análise dos dados e, embora algumas sejam similares entre si, decidimos mantê-las separadas.

1 (uma) professora (prof_B) estaria na **categoria (a)** ao destacar a concepção do uso das TICs na educação como uma possibilidade para que o aluno "desenvolva e construa seu próprio conhecimento":

> *"[do curso realizado com o LIpE] o mais relevante foi o conceito de informática Educativa em si. Não é uma maneira de continuar com o ensino tradicional, como aquela animação da aula de matemática com tabuada[8], é dar ao aluno ferramentas para que ele desenvolva e construa o seu conhecimento." (Prof_B)*

2 (dois) professores incluem-se na categoria (b), onde um (prof_E) destaca a questão da "aplicabilidade" concreta dos temas trabalhados ao longo da formação e outro professor (prof_C) destaca a importância de ter construído, em parceria com outro professor, um planejamento de aula, passo a passo, que conseguisse incluir uso das TICs:

> "*mas na época, como eu tava ainda em formação, caminhando pro final da formação é... eu achei muito interessante que é uma coisa que eu aprendi lá é a estruturar justamente o uso dessa informática na sala de aula, porque as vezes a gente fala: "...há eu vou fazer isso...", vou fazer tal trabalho na sala de informática ou com alguma coisa com relação a informática, mas é... se não souber estruturar direitinho como foi uma aula que a gente teve, que era criar um plano de aula, se você não estruturar direitinho, você se perde e você não consegue descobrir porque que eu to fazendo isso. Porque que eu to fazendo essa aula então? Pode parecer um pouco bobo, mas essa aula foi pra mim, naquela época, foi muito importante aquilo porque é... eu queria usar, trabalhar e como que eu vou montar a aula, com qual sentido, pra quê? Entendeu? Tiveram vários outros pontos, mas o que me marcou muito foi justamente essa preparação da aula, acho que foi o que ficou na minha memória, ficou gravado apesar de todo o tempo" (prof_C).*

1 (uma) professora está na categoria (c) (prof_D) por destacar ter conhecido o software Logo, que denominou "*do software da tartaruguinha...*" de abordagem construtivista ou construcionista de acordo com Papert (VALENTE, 2005).

A professora MT (prof_A), apresenta elementos relacionados a **3 categorias diferentes (b,c,d) dando maior relevância à categoria (d)**. No exemplo abaixo destaca a importância dos aspectos vistos no curso relacionados a **"categoria (c)".**

> *"Apesar de já utilizar as tecnologias na minha vida pessoal e até, de maneira moderada, em minhas aulas, o curso me fez ver possibilidades pedagógicas em softwares de uso corriqueiro e até então sem nenhuma aplicação pedagógica para mim, como o pacote do office, além de me apresentar novas possibilidades..." (prof_A)*

8 Vídeo Metodologia ou Tecnologia de autoria do professor José Cubero Allende do GEM/ UFRJmar disponível em http://www.youtube.com/watch?v=xLRt0mvvpBk acessado em 15 de Fevereiro de 2013

A professora MT também apresenta um índice relacionado a **categoria (b)**, referente ao tema de planejamento com o trecho:

"...e de reforçar a importância do planejamento" (prof_A)

E por último **a professora MT** destaca que o que considerou mais relevante nos cursos de formação foi o tema relacionado à **categoria (d),** por colocar como aspecto principal o fato de poder se considerar como "produtora de objetos de aprendizagem".

"...Mas o mais importante foi abrir minha mente para o fato de que eu também posso ser produtora de objetos de aprendizagem" (prof_A)

Além dos aspectos destacados no discurso dos professores durante a análise desse tema, deve-se ressaltar que nos cursos houve grande preocupação da equipe do LIpE em criar espaços de trabalho conjunto entre os professores. Desde os planejamentos das atividades realizados em duplas até as avaliações realizadas entre todos os integrantes. Assim, a partir da reflexão de nossa experiência prática e da literatura estudada, formulamos o próximo tema de análise.

Tema 6- Forma de trabalho em relação aos demais professores incluindo o MT

TEMA 6	Categorias
6- Forma de trabalho em relação aos demais professores (incluindo o professor MT)	O professor trabalha...
	(a) em parceria com os demais professores
	(b) de forma isolada dos demais professores

De acordo com Tardif (2001), é justamente "na troca de saberes experienciais entre pares" que os professores formam e objetivam seus próprios "saberes experienciais". Dessa forma, a comunicação e o tipo de relação que se estabelece entre os professores é determinante sobre sua prática docente e seus saberes:

"É através das relações com os pares e, portanto, através do confronto entre os saberes produzidos pela experiência coletiva dos professores, que os saberes experienciais adquirem uma certa objetividade: as certezas subjetivas devem ser, então, sistematizadas a fim de se transformarem num discurso da experiência capaz de informar ou de formar outros docentes e de fornecer uma resposta a seus problemas. O relacionamento dos jovens professores com os professores experientes, os colegas com os quais trabalhamos diretamente ou no contexto de projetos pedagógicos de duração mais longa, o treinamento e a formação de estagiários e de professores inciantes, todas essas são situações que permitem objetivar os saberes da experiência. Em tais situações, os professores são levados a tomar consciência de seus próprios saberes experienciais, uma vez que devem transmiti-los e, portanto, objetivá-los em parte, seja para si mesmos, seja para seus colegas. Nesse sentido, o docente é não apenas um prático mas também um formador." (p. 52)

Dos quatro professores regentes, **3 (três) trabalham em parceria com os demais professores** e a professora MT (prof_B, Prof_D e prof_E). Podemos observar isso em várias falas destes, que indicam tal prática. Alguns dos exemplos são transcritos abaixo:

> *"e a troca de experiência com um colega também que está fazendo o curso um determinado curso, isso aí já assim, nossa você muda totalmente, ás vezes uma ideia de uma coisa, uma troca de experiência, um relato de alguma, você começa assim, você muda totalmente aquele conceito." (prof_D)*

> *"ah! ficou mais fácil também trabalhar em parceria com outros profs, agora só não me pergunte o porque."* (prof_D)

> *"a troca, você conhece outro tipo de pessoa, você consegue trocar, poxa eu não gostei disso, vamos fazer diferente, como que eu posso fazer. Se aprende um pouco e troca com o outro a ideia e ai que vai incluindo."* (prof_E)

> *"Em parceria com a Informática – fotonovela HQ, animação em recorte, vídeos de novela de cavalaria, audiobook de contos de terror." (prof_B)*

Entre os exemplos de trabalho em parceria encontramos, na fala destes 3 (três) professores, menção direta ao trabalho realizado em conjunto com a professora que ocupa a função de MT:

> *"Foram tiradas várias fotos de cada movimento de montagem da figura escolhida para a edição no adobe premiere, com edição da prof_A, claro."*(prof_D)

> *"...o professor com a ajuda dos MTs. O professor muitas das vezes não possui o tempo necessário para buscar os recursos que irá utilizar..."* (prof_E)

> *"Sete Ossos e uma Maldição da Rosa Amanda Strausz e ai é, eu trabalhei oralidade com eles, fiz muito treino oral com eles e a gente pegou e eles tiveram que ler o conto interpretando né a coisa, ficou muito legal. Foi gravado, foi registrado, foi até com ela porque foi aqui, foi até com ela [prof_A] isso" (prof_B)*

Como também na fala da professora MT encontramos referência ao trabalho em parceria, em "compartilhar" não apenas com os demais professores regentes como também

com os demais professores que ocupam a função de MT em outras escolas:

> *"...e ai depois começou a gente a trabalhar com projetos interdisciplinares e tal e eu acho que a gente tá conseguindo descobrir que agora não é só o adolescente que compartilha né, o professor também compartilha. Eu acho que isso assim é a palavra que me vem, compartilhamento, adoro essa palavra, meus alunos brincam muito com isso, que agora a câmera compartilha, eu compartilho, tudo compartilha"* (prof_A)

Apenas 1 (um) professor estaria na categoria (b) trabalha de forma isolada dos demais professores (prof_C), conforme podemos verificar no trecho abaixo:

> "*Eu acho que desde quando eu comecei a dar aula, eu acho que eu nunca planejei uma aula junto com outro professor" (Prof_C)*

Importante destacar que esse também é o único professor de nosso estudo de caso que indicou, em seu discurso, utilizar as TICs segundo o paradigma tradicional de transmissão de conteúdos aos alunos e também o único que apontou como principal dificuldade para implementar atividades utilizando as TICs em suas aulas o tema da infraestrutura em contradição ao afirmado pela professora MT.

Tema 7- Modificações na atuação didática do professor ao longo de sua carreira.

TEMA 7	Categorias
7- Modificações na atuação didática do professor ao longo de sua carreira.	O professor ...
	(a) destaca mudanças na sua forma de atuação didática ao longo de sua carreira.
	(b) NÃO destaca mudança na sua forma de atuação didática ao longo de sua carreira

Este é um dos temas centrais de nossa pesquisa e buscamos indicadores no discurso dos professores regentes e do MT que trouxessem essa questão em destaque.

3 (três) dos professores regentes (prof_B, prof_D e Prof_E), como também **a professora MT** destacam inúmeras **mudanças na sua atuação didática ao longo de sua carreira**. Surgiram inúmeros temas, que nos direcionaram a dividir a categoria (a) em 2 subcategorias, no momento de análise dos dados:

a.1) Mudança na forma de ação didática

a.2) Mudança na forma de relação com o aluno.

Em relação a subcategoria **(a.1) Mudança em relação a forma de ação didática**, podemos destacar os seguintes exemplos dos 3 professores regentes analisados:

> *"mas realmente assim o meu começo, o meu primeiro ano de, de como professora pra hoje é, mudou muita coisa, entendeu, mudou é, como a gente*

> *lida realmente, como a prof_E falou, a gente aprendeu de uma forma que o aluno ah, tinha que realmente, na hora de estudar tinha que ficar quieto e esperar o professor falar, falar, se tiver que falar alguma coisa seria depois né. Mas hoje em dia não é mais assim, mudou muito, essa, esse salto assim, acho que também foi um salto por causa de tanta informação ai, com a, do dia a dia né, de todo mundo, na palma da mão você tem informação do mundo inteiro" (prof_D)*

> *"com certeza ainda vou pesquisar mais, vou aprender mais pra ensinar muito mais" (prof_D)*

> *"deixei de ser tão conteudista e passei a buscar outras estratégias" (prof_B)*

> *"quando eu comecei o professor era cuspe e giz como se dizia antigamente, né você não encontrava professores que faziam, é, dinamizavam as aulas, faziam, coisa, que faziam alguma coisa até porque eu trabalhava com o primário no começo, mas não era aquele negócio e você vai vendo que o mundo muda e você tem que mudar junto com ele porque senão se você ficar pra trás a escola não vai atender as necessidades do aluno. Então você precisa aprender com tudo que se faz, vários cursos deram, claro, por exemplo, muitos cursos ai eu não sabia trabalhar uma WebQuest, um Blog, hoje é claro, não sou nenhuma expert, mas a gente tem uma noção de como fazer as coisas" (prof_E)*

As mudanças apontadas pelos professores _B e _D são reafirmadas pela professora MT:

> *"Bom, a prof_B e a prof_D eram muito burocráticas com relação as suas disciplinas e hoje em dia, além de usarem as tecnologias para apresentarem os conteúdos de forma mais atrativa também avaliam com elas, sempre propondo trabalhos que envolvam o uso de ferramentas tecnológicas. Pra elas acabou o momento "apenas cuspe e giz", rs" (prof_A)*

De forma geral, os professores (prof_A, prof_B, prof_D e prof_E) apresentam indicadores em seu discurso de que saíram de uma ação centrada na transmissão de conteúdos para outra em que os alunos são construtores desse conhecimento também em vários momentos do processo pedagógico. Afirmam também, explicitamente ,que já não são "tão conteudistas". Percebem o professor como um pesquisador também.

> *"porque é na minha época, eu ainda falo assim, não era, professor não pesquisava, professor pegava livro, mas hoje em dia não a gente pesquisa, não só como exercício, mas também como aplicar aquilo ali" (prof_E)*

Em relação a **subcategoria (a.2) "Mudança na forma de interação com o aluno"** encontramos no discurso dos professores (prof_B, prof_D e prof_E) indicadores que reforçam uma maior interação com o aluno, uma maior abertura ao debate e uma ampliação da visão de

possibilidades de influencia na vida desse aluno de forma mais ampla, além do conteúdo escolar. A seguir, destacamos alguns trechos desses professores que reforçam reforçam essa visão:

> *"...é a interação do aluno com o professor, antigamente o professor, o aluno ficava sentado recebendo só conhecimentos, o professor passava conhecimento e o aluno recebia, hoje em dia há uma interação, não existe mais aquela, professor só que sabe, não, o professor está ali ministrando, mas ele, há essa interação, o aluno também trás, antigamente você não levava em conta a experiência do aluno..." (Prof._E)*

> *"... e você pode até também não só mudar as suas aulas, mas também o seu convívio com o aluno, porque você já tem um outro tipo de convivência." (Prof._E)*

> *"mas o resultado assim, da, dessa, dessa convivência que hoje que ela falou que, dessa aproximação, e quando você tem aproximação, você mexe com tudo do aluno né, você* ***mexe*** *com toda a vida dele também, então com certeza, naquele âmbito que você deu aula pra ele, você pode ter passado muita coisa pra ele do que, só mesmo, só a matéria em si." (Prof._D)*

> *"...a abertura que se tem pra, pra discutir, pra expor, pra ouvir do aluno hoje é muito, é muito mais aberta a troca e, é eu acho que basicamente é isso, hoje em dia acho tem o retorno, é, você propor pelo menos esse retorno e, mas, a gente não podia falar muito, era isso, ponto final e acabou. Até em alguma coisa de debate, não tinha muito o que debater entendeu, era mais imposto." (Prof._B)*

Em relação a esse tema apenas **1 professor (prof_C)** estaria na categoria **(b) não apresentando indicadores de mudança na sua ação didática**. Esse professor é o mesmo que ressaltou trabalhar de forma isolada dos demais professores, como também é o mesmo professor que utiliza as TICs segundo um parâmetro de transmissão de conteúdos como visto na questão 2. Algumas das possíveis inferências e interpretações sobre esse dado e dos anteriores serão tratados no próximo capítulo, nas considerações finais.

Capítulo VII- Considerações Finais

A partir da análise dos temas propostos no capítulo anterior, identificamos que alguns dos elementos encontrados podem ser interpretados como relacionados a um contexto externo ao estudo de caso. Outros, seriam elementos internos ou mais diretamente relacionados às características específicas do grupo pesquisado.

Apresentamos, então, nesse capítulo, os elementos externos e internos considerados de maior relevância em nossa pesquisa. Destacamos, também, as dificuldades apontadas pela professora MT em conseguir expandir seu trabalho para os outros professores dessa escola e, por último, apresentamos nossas considerações finais.

VII.1- Elementos de Contexto Externo ao Estudo de Caso

Considerou-se fatores externos aqueles fatores que se encontram fora do campo de decisão individual ou coletiva desses professores mas que, de alguma forma, condicionam a prática desses. Assim, os fatores externos acabam por limitar ou potencializar o processo de problematização da cultura didática referente à disciplina de cada professor. Entre os fatores externos limitadores mais relevantes destacamos os problemas estruturais da carreira docente, como por exemplo, o regime de contrato de trabalho em horário parcial. Já entre aqueles que potencializaram a problematização da cultura didática da disciplina do professor destacamos o apoio da gestão da SEME/CF, do NTM/CF e da unidade escolar ao longo dos últimos anos. Importante aqui destacar que reconhecemos que os fatores externos não possuem correlação direta com elementos centrais dessa pesquisa.

VII.1.1- Problemas Estruturais da Carreira Docente

Como visto no capítulo anterior, um indicador que surge com destaque no questionário e na fala dos professores pesquisados é o da falta de tempo para planejar suas aulas. Este fator é decorrente da precariedade da carreira docente, onde o regime de trabalho contratado, na quase totalidade das escolas públicas e privadas em horário parcial, não destina o tempo suficiente para planejamento do trabalho individual e coletivo do professor, nem para seu aperfeiçoamento profissional.

> *"O professor muitas das vezes não possui o tempo necessário para buscar os recursos que irá utilizar" (prof_E)*

> *"...ele não tem tempo, infelizmente a gente é obrigado hoje em dia a trabalhar em três, quatro lugares […] A nossa profissão é muito ingrata né, por que assim a gente não ganha bem, mas a gente tem que ler bem, tem que se vestir bem, a gente tem que falar bem, escrever bem,tem que consumir bem né, e assim [...] você não ganha pra isso " (prof_A)*

> *"...a grande dificuldade se encontra na falta de tempo do professor, que muitas vezes acaba deixando a parte técnica por conta do professor da sala de informática." (prof_A)*

Os baixos valores de remuneração em cada local de trabalho também direcionam a maioria dos professores para uma longa jornada de trabalho em 2, 3 ou até 4 instituições educacionais diferentes, reduzindo ainda mais a possibilidade de tempo disponível para o planejamento de suas aulas.

VII.1.2- Apoio e Coordenação da SEME/CF, do NTM/CF e da direção da escola

Um elemento favorável à possibilidade de problematização da cultura didática foi a política pública desenvolvida pela SEME/CF, ao longo dos últimos anos, de estímulo e coordenação das ações de formação continuada dos professores de sua rede. No caso específico de uso didático das TICs, a SEME/CF iniciou sua implantação por iniciativa própria. Num primeiro momento, em algumas de suas escolas, montou Laboratórios de Informática Educativa (LIE) com recursos próprios, como também selecionou os primeiros professores para a função de Multiplicadores Tecnológicos (MT) para impulsionar as atividades nesses laboratórios.

Num segundo momento, realizou uma expansão às demais escolas de sua rede com a parceria estabelecida com o MEC através do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) e da criação do Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal (NTM), em 2008 (http://ntmcf.webnode.com). Este Núcleo é responsável, desde então, pela capacitação permanente dos trabalhadores da área educacional como também pela seleção, formação e acompanhamento dos professores Multiplicadores Tecnológicos nas escolas de sua rede.

> "*A quantidade de máquinas, a estrutura da sala, com mobília adequada, ar condicionado e a assistência técnica (contratadas pelo MEC e pela Prefeitura), a crescente capacitação dos professores e o incentivo das novas gestões." (Prof_A)*

> *"A secretaria [municipal de educação], em parceria com o governo federal, tem oferecido capacitação para os gestores e esses cursos envolvem toda a parte fiscal, mas também pedagógica e dentro dessa parte são apresentados os trabalhos e possibilidades com as tecnologias. Além de todo o sistema administrativo ser informatizado agora, o que obriga as novas gestões a terem um contato muito mais próximo com a internet e suas possibilidades, mais especificamente." (Prof_A)*

A direção da unidade escolar também é apontada como elemento responsável por possibilitar mudanças:

> *"....as escolas estão muito bem equipadas é, o governo federal mandou as máquinas e mandou verba também quer dizer, enfim,* ***é uma questão de gestão também da escola né****, internet, a gente tem internet banda larga 2 mega, laboratório cheios de máquinas, projetores nas escolas, notebooks em fim, então claro,* ***vou voltar a enfatizar que tudo depende da gestão*** *né, tem gestões que são mais flexíveis por esse lado tecnológico e da informática e investem mesmo nisso, e gestões que acham que a prioridade está em outros aspectos, mas assim, de maneira geral né, essa dificuldade material a gente superou..." (prof_A; Grifo nosso)*

VII.2- Elementos Internos ao Estudo de Caso

Os elementos internos são aqueles que mais se aproximam ao núcleo de nossa pergunta: que elementos de uma formação continuada sobre o uso das TICs na educação, centrada na aprendizagem, podem ser identificados na fala de professores como aspectos problematizadores da cultura didática?

Dessa forma, a partir dos elementos internos procurou-se identificar quais os principais fatores presentes nas formações continuadas realizadas na área de uso educacional das TICs em 2006 e 2007 que foram apropriados, trabalhados e ressignificados pelos professores de forma a potencializar a problematização da cultura didática de sua disciplina.

Ao realizar a análise dos dados, interpretamos que 2 elementos são determinantes no processo, possibilitando a problematização da cultura didática observada em 4 dos 5 professores integrantes de nosso estudo de caso. Um desses elementos é o protagonismo de cada professor ao assumir a responsabilidade pessoal e individual para conduzir as rupturas e modificações no processo educacional por ele mesmo consideradas necessárias. Outro elemento fundamental é o trabalho em equipe entre os professores, gerando uma rede de colaboração permanente entre eles.

VII.2.1- O Protagonismo dos Professores

A maioria dos professores integrantes desse estudo de caso afirmou que eles próprios são os principais responsáveis por decidir e realizar as mudanças na sua ação docente em relação à cultura didática. Assumem o protagonismo do processo educacional, desde o momento que tomam para si a responsabilidade de sua própria formação profissional, até o momento em que se tornam, paulatinamente, autores de sua própria prática como educadores. Dessa forma, nos dados obtidos a partir das entrevistas, foi possível perceber que esses professores estão refletindo sobre sua prática docente, e, assim, aperfeiçoando-a. Isso se manifesta, principalmente, no rompimento com o modelo de transmissão de conteúdos, em que foram formados e na apropriação de um outro modelo, centrado no processo de construção de conhecimento por parte dos alunos. Dessa forma, reconhecemos que tais professores acabam por trabalhar na perspectiva que Valente (2005) denomina de "agente de aprendizagem". Os professores em diferentes momentos destacaram a necessidade de tomada de decisão

pessoal com afirmações do tipo “*a gente só muda quando a gente quer”.*

> *“...porque se não houvesse o meu interesse de tentar mudar, não mudaria. […] eu sou 26 anos de prática de turma, então é realmente, eu me sinto uma autora daquilo que eu tô tentando mudar, em mim, a gente só muda quando a gente quer, então na verdade nós somos autores da própria mudança porque se, não adianta as outras pessoas falarem se você não conseguir fazer essa diferença, eu acho que cabe ai, nós somos autores dessa diferença que nós estamos fazendo” (prof_E)*

E reafirmando a relação entre a pesquisa realizada pelo professor e as possíveis mudanças em sua prática didática.

> *“com certeza ainda vou pesquisar mais, vou aprender mais pra ensinar muito mais” (prof_D)*

> *“professor não pesquisava, professor pegava livro, mas hoje em dia não, a gente pesquisa, não só exercício, mas também como aplicar aquilo ali” (prof_E)*

A necessidade do protagonismo em direção à mudança também surge na fala da prof_A, que assumiu a função de MT.

> *“porque realmente a gente tem que fazer pra melhorar alguma coisa, eu não vim aqui a passeio, eu não to nesse mundo a passeio e eu não sou professora porque não tinha o que fazer da vida né, eu sou professora porque preciso trabalhar, mas também porque gosto do que eu tô fazendo, mesmo que não gostasse eu tô a tanto tempo ali que se eu ficar fazendo alguma coisa que eu não gosto é porque eu sou muito masoquista” (prof_A)*

A prof_A já destacava esse tema ao final do processo de formação em 2006. Na atividade de , dois meses após o início do curso, no questionário final, ao responder a questão “Quais as principais dificuldades encontradas ao planejar as atividades?” enfatiza:

> *"Não ficar repetindo atividades e nem cair na tentação de usar o computador como tutorial, como professor, não achar que joguinhos e programinhas prontos possam superar meu trabalho nem o dos meus alunos [...] Acabei descobrindo ser mais criativa que pensava." (prof_A)*

Esse protagonismo dos professores está relacionado também a um processo de maior valorização profissional e de seus saberes experienciais (TARDIF, 2011).

VII.2.2- Trabalho em Rede de Colaboração Entre os Professores

Tanto a professora MT (prof_A), quanto os três professores regentes (prof_B, D ,E) que valorizam, e indicam ações de trabalho em parceria com os demais professores, conseguem apontar a superação de certos aspectos de sua cultura didática. As formações continuadas

valorizaram através de seus princípios metodológicos e de sua implementação o processo de construção coletiva desses professores, como destacou a prof_A no questionário que respondeu para avaliar a formação de 2006 "*Trocar experiências e opiniões com meus colegas de profissão e com o pessoal da UFRJ foi realmente especial".* Também as iniciativas de gestão municipal e escolar deram as condições materiais e pessoais para o desabrochar desse trabalho coletivo, ao longo do tempo.

Além dos exemplos já destacados na questão 5 do capítulo anterior, selecionamos mais um exemplo retirado de entrevista da professora MT, que reforça a questão da construção coletiva:

> *"E o interessante assim é que os professores vão entrando pro grupo [de professores MT] é e nem todos são assim, expert em tecnologias e informática a minoria né, [...] e ai a gente tá numa lista de discussão em que um contribui com o outro, eu não sei usar mais você sabe, então eu pergunto ali, todo mundo responde e isso eu acho muito legal, isso eu acho que é uma característica do professor." (prof_A)*

O quinto professor (prof_C), que, de acordo com os dados analisados no capítulo anterior, trabalhou de forma isolada dos demais professores, não modificando suas crenças e suas atitudes em relação à ação docente, permanecendo mais próximo do ensino tradicional e utilizando as TICs nesse paradigma de ensino, ajuda a reforçar a afirmação da importância do trabalho em rede de colaboração para que o professor tenha condições de problematizar sua própria cultura didática.

Os demais professores da escola, apesar de não fazerem parte direta de nosso estudo de caso, são citados diversas vezes pela professora MT por não conseguirem assumir o planejamento de suas atividades didáticas que envolvam as TICs e mantendo-se à parte dessa rede de colaboração formada entre os demais professores. Antes de finalizarmos, acreditamos ser importante analisar esse tema específico.

VII.3- As Dificuldades de Expansão do Trabalho em Rede para os Demais Professores

Em diversos momentos da entrevista com a professora MT, surge o tema da dificuldade de que os demais professores da escola, não integrantes de nosso estudo de caso, assumam novas práticas pedagógicas em relação ao uso das TICs, pois geralmente os professores procuram o LIE apenas para que seus alunos realizem pesquisas.

> *"agora, o grande problema é exatamente isso, o professor, ele quer, né, quer usar o laboratório. É, normalmente ele quer fazer, quer botar os alunos pra fazer pesquisa, né." (prof_A)*

Quando a professora MT "consegue convencer" o professor a realizar atividades educacionais diferentes, utilizando as TICs, na maioria das vezes essas ações são planejadas

e conduzidas pela própria professora multiplicadora, cabendo ao professor regente apenas dizer o tema a ser trabalhado e o tempo disponível. Observamos, assim, a dificuldade de envolver os demais professores neste trabalho em rede, pois estes delegam a parte referente ao planejamento de uso das TICs em suas aulas ao professor MT.

> *"Preciso trabalhar o convencimento com eles, pois envolver as tecnologias nas aulas envolve um planejamento maior e a elaboração de um "plano B" sempre. Como eles, via de regra, estão preocupados com a relação conteúdo-tempo eu preciso quase que chegar com a proposta pronta para que eles façam adaptações e depois ainda preciso meio que liderar todo o processo para que ele ande dentro dos conformes (na parte tecnológica)." (prof_A)*

> *"o professor, ele tem alguns problemas, primeiro é, talvez ele até domine, então quando ele domina o software, ele domina o uso da máquina ele não tem tempo, [...]então se tem uma pessoa que vai fazer isso pra ele é mais fácil, ele fala o que ele quer, você monta e ele já chega lá com tudo pronto..." (prof_A)*

> *"...ou então ele não domina mesmo ai ele precisa que você faça né, aquilo ali. Tem professores até que dominam a máquina no seu uso pessoal, mas não se sentem a vontade pra...pra trabalhar aquilo ali, não vê aquilo ali como uma ferramenta de educação e não sabe como tirar dali alguma coisa, ai a gente faz a sugestão, trabalhar com a produção de vídeos, seminários, podem utilizar a máquina pra produzirem seminários em fim, podcast..." (prof_A)*

Outro dado é o de que poucos professores participam das formações continuadas sobre uso didático das TICs que são oferecidas tanto no NTM quanto na própria escola pela professora MT.

> *"As vezes a gente faz na escola também. É eu faço essas oficinas também num dia em que eu não trabalho na escola, eu vou e fico manhã e tarde...E faço, abro sempre pra professor e duas se inscreveram é, as duas ficaram assim muito, eu tive que ficar puxando pra elas se... Agora o que eu abro assim, alunos, professores e funcionários também. Aluno, aluno vai...O aluno vai participar."*

A professora MT destaca também a necessidade de mudanças na formação Inicial de professores que normalmente não estimula a criação, a produção, apenas a reprodução por parte dos professores.

> *"Eu acho assim, que a gente não foi educado pra ser produtor de conteúdo. É, desde a nossa formação na escola, a gente, na verdade, reproduz e quando a gente chega na graduação é muito, é ...eu não sei, eu acho que a gente ainda tem que caminhar muito é, com relação à reformulação do currículo, dessa questão da graduação, porque a gente também não é estimulado a produzir" (prof_A)*

Assim, ao mesmo tempo que a estratégia executada pela SEME/CF de colocar um professor na função de professor MT demonstra-se eficaz por criar as condições básicas para uso do Laboratório de Informática Educativa por todos os professores e turmas da escola, ainda não parece ser suficientemente eficaz na tarefa de envolver os demais professores dessa escola neste trabalho em rede de colaboração.

VII.4. Finalizando

A presente pesquisa destinava-se, primeiramente, a confirmar a hipótese de que um determinado grupo de professores havia conseguido problematizar e modificar certos aspectos de sua cultura didática através da incorporação de uso didático das TICs. Em caso afirmativo, o esforço de pesquisa estaria em identificar os principais elementos desse processo de incorporação responsáveis por essa problematização. De acordo com a literatura apresentada e com nossa experiência na área, as TICs podem ser incorporadas ao cotidiano escolar sem alterar a cultura didática de um professor ou de uma instituição escolar.

O grupo de professores presentes em nosso estudo de caso iniciou a utilização didática das TICs através de um curso de formação continuada realizado pelo LIpE há um pouco mais de 5 anos. Desde estas formações até o momento atual, esse grupo contou com apoio da gestão municipal e local, viabilizando o uso das TICs tanto através de recursos materiais, quanto de apoio de pessoal por parte do professor MT. Ao mesmo tempo, sofrem as consequências das dificuldades estruturais da carreira docente como a maioria dos professores no Brasil.

A partir do que foi analisado, constatou-se que quatro professores (prof_A, prof_B, prof_D e prof_E) dos cinco integrantes do presente estudo de caso conseguiram romper com algumas características de sua cultura didática ao realizarem determinado uso pedagógico das TICs. Interpretamos que dois elementos presentes nas formações iniciais foram os mais relevantes no processo de problematização da cultura didática desses professores: o estímulo ao protagonismo dos professores e o trabalho em rede de colaboração entre esses. Esses dois elementos estão diretamente interligados ao uso das TICs como ferramenta de autoria e de protagonismo do professor e ao mesmo tempo como linguagem e ferramenta que auxilia na construção dessa rede de colaboração.

De acordo com Tardif (2011), o saber que é mais valorizado pelos docentes e que ajuda a classificar e reacomodar os outros tipos de saberes é justamente o “saber experiencial”. Em nosso estudo, essa “experiência” foi facilitada pela apropriação e incorporação das TICs como ferramenta de autoria e de promoção de protagonismo de cada professor em sua experiência didática.

Em relação ao trabalho em rede de colaboração, de acordo com o autor, esses saberes experiencias também são construídos através de um constante processo de “troca entre pares”, que se assemelha ao conceito de construção de uma “inteligência coletiva” elaborado

por Pierre Lévy (1999) e do processo de “dialogicidade” de Paulo Freire (1972), de um diálogo horizontal entre aqueles que buscam a construção de uma “práxis”, isto é, reflexão mais ação em uma direção transformadora.

Além do protagonismo individual de cada professor, a partir desta pesquisa, percebemos que a ação em rede de colaboração entre esses mesmos professores conformam os principais elementos capazes de mobilizar força suficiente para problematizar e promover mudanças na cultura didática.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. E. B. **Informática e formação professores**. Coleção Informática para a mudança na Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2000.

_____. **Tecnologias na Educação: dos caminhos trilhados aos atuais desafios**. Bolema: Rio Claro, Ano 21, nº 29, p. 99-129, 2008.

APPLE, Michael W. **As novas Tecnologias em Educação: parte da solução ou parte do problema**. In Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e gênero em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, pp. 150-173, 1995.

BARANAUSKAS, M. C. C. ROCHA, H. V. da. MARTINS, M. C. D'ABREU, J. V. V. **Uma taxonomia para ambientes de aprendizado**. In:VALENTE, J.A (Org.). O computador na sociedade do conhecimento. Campinas: UNICAMP/Nied, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** 4 ed. Lisboa. Edições 70, 1979.

BENJAMIN, Ludy T. "A History of teaching machines". **American Psychologist**. v. 43, n.9 p 703-712. Setembro 1988.

BETTEGA, Maria Helena S. **Educação Continuada na Era Digital**. Cortez Editora, São Paulo 2004.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOLEIZ, Flávio. **Freinet e Freire: processo pedagógico como trabalho humano**. Tese doutorado na área de educação. USP, 2012.

BUCK, Geoge H. "**Teaching Machines and Teaching Aids in the Ancient World**". McGill Journal of Education, vol. 24 n1, inverno de 1989.

CHAVES, Eduardo O. C. e SOFNNER, Renato Kraide "**TECNOLOGIA E A EDUCAÇÃO COMO DESENVOLVIMENTO HUMANO**". Educação Temática Digital, Campinas, v.6, n.2, p.77-84, jun. 2005.

CUBAN, Larry. **Oversold and Underused: Computers in the Classroom**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. 2001.

DEMO, Pedro. **Tecnofilia & Tecnofobia**. In: Boletin Técnico do SENAC:a revista da educação profissional. Senac Departamento Nacional. v.35, n.1. jan./abr., p.5-17, 2009.

FIORENTINI, Leda M. R.; MEDEIROS, Simone e SALGADO, Maria U. C. **Políticas para o uso das tecnologias da informação e da comunicação na escola (Proinfo Integrado)**. Salto para o Futuro. Ano XVIII – Boletim 18 / setembro e outubro de 2008.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**, 3ª ed. Porto Alegre: Artmed,2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra,1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 4ª Edição. – Rio de Janeiro. Ed Paz e Terra. 1997.

HÖTTECKE, Dietmar e SILVA, Cibelle C. **Why implementent History and Philosophy in School Science Education is a Challenge: An analysis of Obstacles.** Science & Education 20, 293-316.2011

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de S. **Pesquisa Social: Teoria, método, criatividade**. Petrópolis. Editora Vozes. Edição digital, 2011.

MIRANDA, Leonardo; ASSIS, Rosângela; MARTINS, M. C. e BARANAUSKAS M. C. C. **Interdisciplinaridade via Laptop da OLPC Experimentada com Alunos do Ensino Fundamental**. Anais do XXII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (SBIE 2011). disponível em http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/download/1659/1424 acessado em 25/02/2013.

MOREIRA, Antônio F.B. e KRAMER, Sonia. **CONTEMPORANEIDADE, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA**. *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1037-1057, out. 2007.

NOVAES, Henrique e DAGNINO, Renato. "**O fetiche da tecnologia**". *Rev. ORG & DEMO*, vol.5, n.2, p.189-210, jul-dez 2004

NÓVOA, António. **Para una Formación de Profesores construida dentro de la profesió**n. Revista de Educación, 350. MECD. Madrid. Septiembre-diciembre pp. 203-218.2009.

NUNES, Célia Maria F. **Saberes Docentes e Formação de Professores: Um breve panorama da pesquisa brasileira.** Revista Educação & Sociedade, ano XXII, nº 74, pp 27- 42 Abril/2001.

QUARTIERO, Maria E. **Das máquinas de ensinar à máquina de aprender: pesquisas em tecnologia educacional**. Vertentes, São João del-Rei, n. 29, p. 51-62, jan./jun. 2007.

SALOMON, Graviel; **"Technology and Pedagogy: Why Don't We See the Promised Revolution?",** *Educational Technology Magazine*. v.42, n2, pp. 71-75, Março- Abril 2002.

SANTOS, Maximiliana B. F. e BORGES, Martha K. **Implantação de Laptops Educacionais e Mudanças no Currículo Escolar**. Anais do XIX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (SBIE 2008). disponível em http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/715/701 acessado em 25/02/2013

SAVIANI, Dermeval. **Formação de Professores: Aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. Revista brasileira de educação. Vol.14 n40. 2009

_____. **Formação de Professores no Brasil: Dilemas e Perspectivas**. Publicado na Revista Poíesis

Pedagógica - V.9, N.1 jan/jun.2011; pp.07-19. 2011

SCHÖN, Donald A. **Formar professores como profissionais reflexivos.** In: Nóvoa, Antônio. **Os professores e sua formação**. Lisboa. Dom Quixote. 1992

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e Formação profissional**. 12ª edição. Petrópolis/RJ, Editora Vozes. 2011

THIOLLENT, M. J. M. **Extensão Universitária e Metodologia Participativa**. 1ª edição. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 1998.

VALENTE, J.A. **Diferentes usos do computador na educação.**In VALENTE, J.A.. :*Computadores e conhecimento: Repensando a educação.* Campinas, SP: Nied, Unicamp.1993

_____. **Informática na educação no Brasil: Análise e contextualização histórica**. In: VALENTE, J.A. (Org.) *Computadores na sociedade do conhecimento.* pp. 1-27 *Campinas*, SP: UNICAMP/NIED,1999a

_____. **Análise dos diferentes tipos de software usados na educação**. Em J. A. Valente (Org.) *Computadores na sociedade do conhecimento.* pp. 89-110. Campinas, SP: UNICAMP/NIED,1999b.

_____. **Formação de professores: Diferentes abordagens pedagógicas**. Em J. A. Valente (Org.) *Computadores na sociedade do conhecimento.* pp. 131-156. Campinas, SP: UNICAMP/NIED,1999c

_____. "**A espiral da espiral de aprendizagem: o processo de compreensão do papel das tecnologias de informação e comunicação na educação.**" Tese de Livre Docência - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

_____. "**As Tecnologias de Informação e Comunicação no Ensino Médio**". Pátio - Ensino Médio, Profissional e Tecnológico, v. 2, p. 10-13, 2010.

VALENTE, J.A e MARTINS, M.C. "**O programa um computador por aluno e a formação de professores das escolas vinculadas à Unicamp**". Revista Geminis, ano 2. n.1pp 116-136, Jan-Jun, 2011.

Apêndice I

PLANEJAMENTOS ELABORADOS PELOS PROFESSORES DURANTE AS FORMAÇÕES

A- PLANEJAMENTOS EM DUPLAS:

Planejamento 1: Educação Física e Matemática

Tema: Futsal

Objetivos: Ao final da aula o aluno deverá:
- Identificar as figuras geométricas que compõem uma quadra de futsal;
- Adquirir uma noção de medidas;
- Relacionar a Matemática, Geometria e Educação Física

Estratégias:
- Observação de uma quadra e em seguida utilizar o programa logo para desenhar uma quadra com o auxílio do professor;
- Pesquisar na internet as medidas oficiais de uma quadra de futsal (SITE :WIKIPEDIA);

Roteiro:
1- Deixar o programa logo aberto nos computadores;
2- Deixar aberto o site Wikipédia;
3- Construir uma quadra de futsal no programa Logo;
4- Acessar o site Wikipédia e pesquisar futebol de salão;
5- Elaborar uma conclusão: um texto relacionando a Matemática, Geometria, com a Educação Física. Quais as figuras geométricas usadas numa quadra. Quais as medidas utilizadas.

*** Comandos do Logo para fazer a quadra de futsal:**
Andar para frente – pf espaço número
Andar para trás – pt espaço número
Virar para direita – pd espaço ângulo
Virar para esquerda – pe espaço ângulo
Apagar – ub enter, digitar pt espaço e o número digitado anteriormente
Voltar a riscar – digitar ul enter, a seguir dar novos comandos
Andar sem riscar – digitar un espaço enter
Para pintar a figura- colocar a tartaruga dentro da figura, clicar em formatar, cor, preenchimento, escolher a cor, OK, dar o comando PINTE.

Planejamento 2: Ciências e Geografia

Tema: Mata Atlântica ontem e hoje

Objetivos:
- Reconhecer a importância do ecossistema Mata Atlântica
- Comparar a área original da floreta com a área existente hoje
- Identificar os principais problemas enfrentados na preservação da Mata Atlântica (pressão antrópica)
- Identificar espécies da fauna e flora da Mata Atlântica
- Reconhecer medidas de preservação em áreas de Mata Atlântica

Estratégias:
Os alunos acessarão a página: www.matatlantica.org.br e acompanharão a explicação observando o mapa da área da floresta, estabelecendo comparações entre a situação original e a atual. Ainda observando o mapa, tentarão descobrir quais os principais motivos da diminuição da área de Mata Atlântica da cidade de Cabo frio.

Roteiro:
1º - Os alunos encontrarão os computadores ligados à internet e uma atividade no editor de texto Word (minimizada)
2º - Os alunos acessarão a pagina: www.sosmatatlantica.org.br
3º - Clicar no Link " Atlas da Mata Atlântica" e comparar a situação atual com a original da Mata Atlântica.
4º - Após a comparação, clicar no link "Meio Ambiente Fauna e Flora".
5º - Após identificar espécies da fauna e flora da Mata Atlântica, clicar no link "Meio Ambiente - Pressão Antrópica", identificando os principais fatores que interferem na preservação da Mata Atlântica.
6º - Realização da atividade proposta.

Atividade:
1 – Compare a situação atual da Mata Atlântica com a situação original. Qual a sua opinião sobre a atual situação?
2 – Observe o mapa da Mata Atlântica e identifique o principal fator responsável pela destruição desta floresta na cidade de Cabo Frio.
3 – Identifique 5 espécies característica da fauna brasileira que estejam ameaçadas de extinção em: www.mma.gov.br/port/sbf/fauna

Planejamento 3 : Língua Portuguesa e Literatura

Tema: *Elementos da comunicação*

Objetivos:
- Trabalhar o conceito de "comunicação" e através do mesmo, desenvolver a capacidade de compreensão e a objetividade das ações.
- Desenvolver a habilidade de processar e repassar informações de maneira eficiente.
- Estimular a percepção de que sua capacidade de repassar informações corretamente é imprescindível para haver de fato, a comunicação.
- Favorecer a interdisciplinaridade.

Estratégias:
- Utilizar o laboratório de informática
- Através do *power point*, apresentar os conceitos dos elementos da comunicação.
- Estruturar as charadas com base no conhecimento interdisciplinar prévio.
- Construir figuras no programa LOGO de acordo com as respostas das charadas propostas.

Avaliação:
- Através das respostas das charadas será possível perceber se o aluno alcançou os objetivos propostos.

Tempo previsto:
- 2 horas/aula (100 minutos)

Planejamento 4: Língua Portuguesa no Ensino Fundamental

Tema: Produção de Texto

Objetivo:
Construir conhecimentos na área de leitura e escrita, desenvolvendo linguagem, ordenação de pensamento e criatividade.

Estratégia:
- Apresentar uma "tira" de história em quadrinhos.
- Fazer leitura e interpretação oral.
- Propor que criem a sequência da história utilizando o software "Quadrinhos Turma da Mônica".

Tirinha



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 6687

Planejamento 5: Geografia e História

Tema: O imperialismo dos Estados Unidos

Objetivo:
- Demonstrar a influencia negativa dos E.U.A nas nossas vidas

Estratégia:
- Pesquisa na internet de textos e imagens que demonstrem essa influencia

Recurso:
- Computador e Revistas e jornais

Planejamento 6: Ciências

Assunto: O ciclo da água

Objetivos:
- Conhecer as etapas do ciclo da água

Estratégia:
- Através da ilustração elaborar um pequeno texto;
- Através do texto farão uma pequena ilustração.

B- PLANEJAMENTOS INDIVIDUAIS:

Planejamento 7: Inglês para Sétima série

Tema:
- Imperatives

Objetivos:
- Desenvolver a habilidade de dar e receber ordens negativas e positivas.
- Reconhecer as funções afirmativa e negativa em uma frase imperativa.
- Utilizar conhecimento prévio de vocabulário e apreender novas informações.
- Desenvolver a cognição.
- Incentivar o interesse e o aprendizado através de música.

Estratégias:
- Completar uma apresentação do *power point* utilizando-se de imagens e frases previamente dadas no Word.
- Usando o *word* e o *media player*, deverão fazer exercícios relacionados à música que será trabalhada.

Roteiro:

1º MOMENTO	Os computadores estarão ligados com os programas minimizados (*power point*, *media player e word*). Os alunos receberão instruções sobre o conteúdo a ser trabalhado e farão atividades sinestésicas.
2º MOMENTO	Utilizando o *power point*, os alunos irão produzir uma apresentação com frases relacionadas às imagens previamente selecionadas pelo professor.
3º MOMENTO	Após a produção do PPS os alunos irão produzir um documento no *Word* especificando regras para a sala de aula, usando o conteúdo trabalhado. Para tal, eles poderão contar com a ajuda do tradutor eletrônico de maneira supervisionada. Em seguida, os trabalhos serão enviados por e-mail para serem avaliados.

Planejamento 8: Inglês para Oitava série

Tema:
- Past simple –irregular forms

Objetivos:
- Familiarizar os alunos com o passado dos verbos irregulares.
- Reconhecer e praticar as formas de alguns verbos irregulares no passado.
- Facilitar e tornar prazeroso este primeiro contato com o conteúdo.

Estratégias
- Os alunos utilizarão uma apresentação PPS sobre Pelé para construírem a noção de verbos irregulares.
- Serão propostos exercícios de fixação no Word.
- Os alunos serão guiados em uma pesquisa na *web* para encontrarem listas de verbos irregulares no passado.
- Após acharem a referência, faremos atividades orais.

Roteiro

1º MOMENTO	Os computadores estarão ligados com os programas minimizados (*power point e word*). Os alunos receberão instruções sobre o conteúdo a ser trabalhado.
2º MOMENTO	Utilizando o *power point*, os alunos irão ler uma apresentação sobre Pelé.
3º MOMENTO	Os alunos executarão uma pesquisa *on-line* para observarem listas de verbos irregulares que os ajudará na solução de exercícios escritos no word.
4º MOMENTO	Após encontrarem as listas de verbos irregulares, os alunos responderão a atividades orais em que serão premiados de acordo com seus acertos.
5ºMOMENTO	Os alunos enviarão por e-mail os exercícios solucionados.

Planejamento 9: Língua Portuguesa

Tema: Texto Narrativo

Objetivos:

- Produzir textos narrativos através da continuação de uma já iniciada.
- Desenvolver raciocínio lógico através da escrita.

Estratégias:
- Continuar as tirinhas (história em quadrinho) apresentadas no power point.

Avaliação:
- Conclusão das HQ propostas com sequência lógica, coerência e , se possível, criatividade.

Momentos:
- 1º momento **-** os computadores estarão já com os programas Power Point e Quadrinhos da Mônica abertos e minimizados.
- 2º momento **-** o Power Point será aberto para exibição dos slides com as tirinhas propostas, minimizando, então novamente este programa.
- 3º momento **-** o "Quadrinhos da Turma da Mônica" será aberto e usado.
- 4º momento - com a ajuda do professor, se necessária, os trabalhos serão salvos na pasta da professora, já previamente criada

Planejamento 10: Ciências no Ensino Fundamental I

Tema: Atmosfera terrestre

Objetivos:
- Adquirir conhecimentos sobre a atmosfera terrestre e as camadas que a compõem.
- Desenvolver senso crítico e de preservação quando relacionado o problema da destruição da camada de ozônio e do efeito estufa.

Estratégias:
- Apresentação de slides com o assunto.

Avaliação:
- Ao fim da apresentação de slides haverá um link para um arquivo documento de texto.
- Neste arquivo estarão relacionadas algumas perguntas sobre os assuntos de "destruição da camada de ozônio" e "efeito estufa".
- Também estarão relacionados links de sites relacionados aos assuntos e onde eles pesquisarão

Pré-requisitos:
- Instalar a apresentação de slides em todas as máquinas.
- Instalar o arquivo de perguntas e links em todas as máquinas.
- Verificar a conexão de Internet

Planejamento 11: Ciências (Física – 8a série)

Tema: As Leis de Newton

Objetivos:
- Conhecer o Principio da Inércia
- Utilizar o Principio Fundamental da Dinâmica
- Explicar o principio da Ação e Reação

Estratégias:
- Entrar no site **www.brasilescola.com** e no trabalho escolar clicar:
  - primeira lei de Newton
  - segunda lei de Newton
  - terceira Lei de Newton

- Entrar no Word e responder as perguntas.

- Entrar no Google imagens e pesquisar as imagens das referidas leis e colar no Word, identificando-as.

Planejamento 12: História

TEMA: A descoberta do Fogo

Objetivo:
-Mostrar ao aluno, como funcionava a sociedade do Paleolítico, antes e depois do fogo.

Estratégias:
-Pesquisa na internet sobre a sociedade do Paleolítico utilizando o Google ou outras ferramentas de pesquisa. (Ex.: Cadê, Busca UOL, www.historianet.com) Com o objetivo de procurar imagens sobre o fogo.
-Elaborar um texto sobre as imagens coletadas.
-Baixar uma música que fale sobre o fogo.
-Colar as imagens encontradas no world.
-Elaborar uma apresentação no power point .
-Procurar no google mapas do berço da humanidade.
-Procurar informações sobre a pré-história brasileira com destaque a descoberta do fogo
-Elaborar um texto sobre o tema.

Roteiro do trabalho:

Verificar se as máquinas estão perfeitas condições: instalar o programa de baixar música, world e o que houver.

1º fase : O aluno deverá ir ao arquivo e responder as questões propostas que se encontram na pasta do professor Marcos Estevam.
2º fase: O aluno deverá encontrar no google, sites de busca com o tema proposto.
3º fase : O aluno deverá utilizar a fonte Arial Black
4º fase : O aluno irá fazer uma apresentação em power point.
5º fase : O aluno enviara´ as atividades para o e-mail do professor.

Planejamento 13: História

TEMA: As Sociedades Antigas

Objetivos:
O aluno deverá ser capaz de identificar visualmente utilizando mapas do Oriente Médio. Pelo menos 3 sociedades, com destaque para a Sociedade Hidráulica: Egito.

Estratégias:
O aluno irá fazer um texto a partir de informações coletadas no Google e Google Image ou no site www.historianet.com, buscar imagens do mapa do Oriente Médio e da África, localizando as Sociedades Antigas.

Planejamento 14: História

TEMA: Renascimento Cultural, Artístico e Científico

Objetivo:
Entender a cultura renascentista e suas influências nos dias atuais.

Estratégia:
- Pesquisar através de ferramentas de pesquisa na internet, as principais características, fotos de pinturas e esculturas e fotos de alguns dos participantes do movimento renascentista.
- Elaborar comentários para as fotos e imagens.
- Utilização do Power Point para apresentação do Tema proposto e conclusão feita com suas próprias

palavras trazendo o tema para os dias de hoje.

Roteiro:
- Os PCs deverão estar ligados na área de trabalho
- Criar pasta para mim e uma de imagens para cada PC
- Verificar as condições e programas de cada PC
- Dividir os alunos em grupos p/ pesquisa
- Indicar ao aluno sites de pesquisa para localizar fontes
- Ajudar o aluno na seleção das imagens e comentários
- Ajudar os alunos na preparação da apresentação do trabalho no power point
- Ajudar os alunos na contextualização do tema
- Apresentação dos trabalho e conclusões
- Ao fim da apresentação, o aluno deverá enviar o trabalho por e-mail para o professor.

Planejamento 15: História

TEMA: Reforma Protestante

Objetivo:
- Ajudar o aluno a entender esse Movimento.

Estratégia:
- Após pesquisas em ferramentas próprias, dissertar sobre o tema e sobre as suas vertentes e características, complementando com fotos e uma conclusão, utilizando ferramentas de digitação.

Apêndice II

QUESTIONÁRIOS PROFESSORES AO FINAL DA FORMAÇÃO DE 2006

Questão 1- Qual era sua expectativa ao inscrever-se no curso?
Prof_A- Na verdade eu não esperava me integrar tanto e nem que o curso fosse tão interessante e instigante. Quando me inscrevi pensei em um cursinho básico que fosse introduzir os novos usuários no mundo da informática. Mas como conhecimento nunca é demais, esperava aprender coisas novas.
Prof_X- Aprimorar meus conhecimentos para poder orientar com mais eficiência os professores da minha unidade escolar.
P3- Unir minhas ***carreiras***, uma vez que sou professora de 1ª à 4ª e também graduada em Ciência da Computação. Esperava conhecer metodologias e técnicas, além de ferramentas que me auxiliassem.
P4- Aprender como trabalhar no computador
P5- Aprender mais sobre informática para usá-la como mais uma ferramenta de apoio nas minhas aulas.
Questão 2- Qual o conceito que você tinha de informática educativa antes do curso?
Prof_A- Já tinha me informado,feito pesquisas e alguns cursos pelo NTE, então o meu conceito de informática educativa não era mesmo o de “aulas de informática na escola”. Desde o princípio sempre soube que usaríamos o computador como um instrumento para a melhoria da aquisição de conhecimentos em diversas áreas.
Prof_X- Já trabalho com informática educativa há 8 anos.
P3- Apesar de ter dado aula para um curso técnico em informática pós-médio, e nele fazer uso de ferramentas (softwares) que estavam ao meu alcance, nunca havia tido nenhum estudo específico na área de informática educativa.
P4- Que era muito difícil.
P5- É que a maioria dos cursos, só ensinam a informática para o mercado de trabalho formal, com a informática educativa eu observei que eu poderia ter uma outra opção de preparar melhor as minhas aulas de uma maneira mais dinâmica e produtiva utilizando-a com uma ferramenta alternativa.
Questão 3- Depois do curso este conceito mudou? Qual é o conceito atual?
Prof_A- O conceito não mudou, ele ficou confirmado.
Prof_X- xxxxxxx
P3- Agora possuo um conceito. Conheci várias ferramentas que me podem ser uteis, já busquei informações a respeito da informática educativa, participo de comunidades e grupos de discussões sobre o assunto, trocando ideias e opiniões e realmente me informando mais.
P4- Totalmente. Que é muito interessante e gostoso.
P5- Sim. Mudou muito...O meu conceito atual é que com a informática educativa eu posso trabalhar melhor, dinamizar mais as minhas aulas e fazer com que os meus alunos, participem mais e melhor e aprendendo de uma maneira diferente.
Questão 4- Em relação à parte inicial do curso (presencial):
Prof_A- A parte inicial do curso foi maravilhosa. Como já disse, não esperava que fosse tão boa e integradora. Trocar experiências e opiniões com meus colegas de profissão e com o pessoal da UFRJ foi realmente especial.
Prof_X-xxx
P3- Foi maravilhosa e muito proveitosa. Houve bastante interação entre todos os participantes e ajuda dos monitores.

P4-xxxx
P5- Eu achei um pouco confuso, quanto ao horário e a organização, depois melhorou muito...
Questão 5- Quais as principais dificuldades encontradas ao planejar as atividades?
Prof_A- Acho que a criatividade é a parte mais difícil. Não ficar repetindo atividades e nem cair na tentação de usar o computador como tutorial, como professor, não achar que joguinhos e programinhas prontos possam superar meu trabalho nem o dos meus alunos também tem seu peso. Além disso, casar conteúdo e prática criativamente , que já não é fácil em sala de aula, me deu um certo trabalho. Acho que tudo se resume em uma palavrinha mesmo: CRIATIVIDADE. Acabei descobrindo ser mais criativa que pensava. Não posso esquecer do pouco tempo hábil que tivemos.
Prof_X- O tempo era demasiadamente curto somado à inexperiência da maioria dos professores.
P3- No meu caso, o fato de ser professora do 1º segmento do ens. fundamental, e ter tido que planejar e apresentar uma aula para uma turma do 2º segmento. Tirando isso, contei com a ajuda tanto de outros participantes como dos monitores.
P4- Tempo muito curto.
P5- Falta de tempo, cobrança da direção da escola em relação a presença do professor em sala de aula e espaço para encaixar as aulas pré planejadas.
Questão 6- Quais as principais dificuldades encontradas ao executar as atividades em laboratório?
Prof_A- Não encontrei dificuldades, fui bem monitorada e contei com a ajuda dos colegas.
Prof_X- O desconhecimento de algumas ferramentas.
P3- A falta de alunos, já que no dia marcado para que eu desse a aula, muitos alunos da escola estavam participando de outras atividades do UFRJ Mar.
P4- Tempo e a minha inexperiência.
P5- xxxxxxxxxxxx
Questão 7- Em relação às semanas seguintes ao curso:
Prof_A- Como minha escola municipal não conta com laboratório de informática e este bimestre foi curto demais, não tive mesmo tempo hábil de levá-los ao laboratório mais próximo, na E.M. Edílson Duarte, pois isso demandaria uma manobra de horários quase impossível uma vez que meus colegas já tinham suas atividades e projetos organizados. De qualquer maneira, planejei algumas atividades e utilizei com algumas turmas em minha escola estadual e no curso de idiomas que coordeno.
Prof_X- xxxxx
P3- Tenho que confessar que fui relaxada e displicente, não executando os planejamentos e nem a aulas quer foram previstas.
P4-xxxx
P5-xxxx
Questão 8- Quais as principais dificuldades encontradas ao planejar as atividades?
Prof_A- Apesar de termos mais tempo desta vez, a criatividade me pegou novamente. Foi um obstáculo que venci com prazer.
Prof_X- Conciliar os conteúdos à ferramenta tecnológica, ou seja,”o quê, como e com qual objetivo?”
P3- Planejar as atividades que eu poderia realizar não me causaria dificuldades, mas não as fiz por não haver como ministrar as aulas.
P4- Tempo e ter um só laboratório para muitos professores.
P5-xxxx

Questão 9- Quais as principais dificuldades encontradas ao executar as atividades em laboratório?
Prof_A- Mais uma vez não encontrei dificuldades. As orientadoras tecnológicas da minha escola estadual são muito atenciosas e as máquinas, apesar de velhas, estão em bom estado de conservação. Os alunos também já estão habituados ao uso do computador, o que facilitou bem o trabalho.
Prof_X- Os equipamentos se encontravam instáveis: poucos micros funcionavam eficientemente.
P3- O principal motivo por eu não ter realizado as aulas propostas foi por minha escola não possuir laboratório e não haver condições de levar minha turma (de 3ª série) até uma escola que o possuísse.
P4- Ter um computador por aluno e as turmas serem grandes.
P5-xxxx
Questão 10- Como o curso de informática para educação influenciou em suas aulas?
Prof_A- Apesar de me considerar uma pessoa moderna e atualizada, não tinha muitas ideias com relação a informática ao preparar minhas aulas. Hoje em dia quando as planejo, já fico imaginando como seria no laboratório. Realmente, utilizar um auxílio tão eficiente como o computador facilita e encanta mais as aulas, pois é um instrumento que os alunos gostam muito.
Prof_X- Elevou consideravelmente a procura por agendamentos no laboratório, uma vez que proporcionou mais segurança aos professores.
P3- Ainda de forma abstrata, pois na minha escola não temos laboratório, então utilizo a informática em forma de pesquisa ainda. Mas sempre “imaginando” como poderiam ser realizadas num aula “informatizada”.
P4- Muito, pois tive oportunidade de preparar aulas diferentes .
P5-xxxx
Questão 11- Quais sugestões você daria para melhorar a utilização da informática educativa em sua escola?
Prof_A- Cursos de inclusão digital e de conscientização para os professores seria interessante. Muitos não têm consciência de que o computador não é só pra joguinhos ou digitar provas.
Prof_X- Depende de uma otimização dos equipamentos para poder atender à demanda de alunos e comportar os programas exigidos, além de capacitações periódicas de professores.
P3- Bem, como já escrevi anteriormente, minha escola ainda não possui laboratório de informática.
P4- Que aumentasse o número de computadores.
P5-xxxx
Questão12- Em sua opinião qual o maior impacto da informática no seu curso?
Prof_A- O computador oferece inúmeras vantagens para o ensino de língua estrangeira, então o impacto foi imensurável.
Prof_X- Como já desenvolvo este trabalho há alguns anos, observei maior impacto no trabalho dos demais professores, o que me proporcionou grande satisfação por vê-los utilizando esta ferramenta para dinamizar suas aulas com mais segurança, ideias criativas e carinho.
P3- Por enquanto, não posso responder essa pergunta. Mas acredito que uma aula que utiliza o computador como auxiliar sempre atrai mais a atenção dos alunos.
P4- Meus alunos terem gostado, e aprenderem o conteúdo pesquisado.
P5-xxxx

Apêndice III

QUESTIONÁRIOS PROFESSORES PARA PESQUISA EM DEZEMBRO DE 2011

PROFESSOR_A

Obs1.: Esta pesquisa servirá para dissertação de Mestrado sobre Informática & Educação de Ricardo Jullian (LIpE/UFRJ) no programa de Ciência, Tecnologia e Educação do CEFET-RJ.

Obs2.: Nenhuma identificação pessoal será utilizada

Dados básicos do (a) entrevistado (a):

A) Níveis de atuação:
( ) E.F. I (x) E.F. II (x) E.M ( ) E.S. ( ) Pós grad.

B) Redes em que atua:
(x) Municipal (x) Estadual ( ) Federal ( ) Particular

C) Disciplinas ou atividades que realiza em cada rede:

Disciplina/Atividade	Nível	Rede
1 Multiplicador Tecnológico	E.F.II	Municipal
2 Orientador Tecnológico	E.M.	Estadual

D) Tempo de magistério: 13 anos

Pesquisa:

1- Você acha importante o uso da informática nas aulas? Porque?

Acho extremamente importante o uso da informática nas aulas por ser uma linguagem familiar aos alunos, integradora e democrática.

2- Você faz uso de informática em suas aulas?

Sim (*Obs.: Se a sua resposta a esta pergunta for **"Não"** então "pular" para a pergunta 7)*

3- Se possível, detalhe alguma atividade/aula que você tenha criado recentemente (e quando foi?)

Realizamos, este mês, um projeto de aulas interdisciplinares sobre o aborto. No laboratório de ciências, os alunos dos 9os anos assistiram uma aula sobre o assunto. Eles filmaram, gravaram e fizeram anotações sobre o que foi falado. Em seguida, a professora de português solicitou uma produção textual, em que eles davam suas opiniões. No terceiro momento, eles foram encaminhados ao laboratório de informática para a publicação dos textos em blog, assim como os vídeos e podcasts.

4 – Quais as principais dificuldades que você observa para elaborar as atividades/aulas?

Hoje em dia, com as facilidades materiais oferecidas pelos programas do Governo Federal, a grande dificuldade se encontra na falta de tempo do professor, que muitas vezes acaba deixando a parte técnica por conta do professor da sala de informática.

5 - Na sua opinião quem deveria criar (planejar) as atividades didáticas? Por que?

O ideal seria quer os professores tivessem a autonomia para isso, pois encaixariam o pedagógico ao

técnico. Mas a parceria criada com o professor da sala de informática tem suprido bem essa lacuna.

6- Observa alguma relação entre as formações continuadas que você participou e a sua prática em sala de aula? Caso afirmativo: quais?

Tenho feito muitos cursos de formação continuada, inclusive sem relação direta como o uso das tecnologias e reparo sempre que esse assunto é recorrente, mesmo que surja incidentalmente. Sendo assim, minha prática tem sido consoante com o que venho observando nas formações: usar essa ¨nova¨ linguagem como auxílio no processo ensino-aprendizagem.

7- Gostaria de relatar (destacar) algum exemplo de atividade realizada em suas aulas?

Trabalho em duas escolas e em ambas atuo no laboratório de informática. Tenho presenciado boas mostras do uso da informática em que o professor vem com a proposta pedagógica e eu alio a técnica. Uma atividade que eu gosto bastante é o desenvolvimento de atividades de reforço para geometria utilizando o software GEOGEBRA e a WIKI (utilizamos o zoho.com)

8- Em sua opinião quais fatores mais dificultam o uso da informática em educação?

Como já disse antes, a questão material já não é o maior fator dificultador, mas sim o planejamento das atividades, o domínio da linguagem por parte do professor e o seu uso adequado, não apenas como ferramentas que vão substituir outras. Ex: datashow substituindo o quadro negro, a TV, etc.

9- Em sua opinião quais fatores mais favorecem o uso da informática em educação?

Primeiro, porque é uma ferramenta que reúne em si uma infinidade de ferramentas. Além disso, abre as portas do mundo (através da internet) e é uma linguagem que o aluno “fala” muito bem, o que serve como estímulo extra, pois aproveita o que o aluno traz de experiência pessoal.

PROFESSOR_B

Dados básicos do (a) entrevistado (a):

A) Níveis de atuação:
( ) E.F. I (x) E.F. II (x) E.M ( ) E.S. ( ) Pós grad.

B) Redes em que atua:
(x) Municipal (x) Estadual ( ) Federal ( ) Particular

C) Disciplinas ou atividades que realiza em cada rede:

Disciplina/Atividade	Nível	Rede
1 Língua Portuguesa	E.F.II	Municipal
2 Língua Portuguesa	E.M.	Estadual
3 Literatura	E.M.	Estadual

D) Tempo de magistério: 15 anos

Pesquisa:

1- Você acha importante o uso da informática nas aulas? Porque?

Sim, porque torna as aulas mais interessantes. Além disso estimula a criação digo, criatividade dos alunos.

2- Você faz uso de informática em suas aulas?

Sim (*Obs.: Se a sua resposta a esta pergunta for **"Não"** então "pular" para a pergunta 7)*

3- Se possível, detalhe alguma atividade/aula que você tenha criado recentemente (e quando foi?)

Produção de animação em recorte.

4 – Quais as principais dificuldades que você observa para elaborar as atividades/aulas?

As Salas de Informática não estão abertas o tempo todo (principalmente no Estado)

5 - Na sua opinião quem deveria criar (planejar) as atividades didáticas? Por que?

O professor. Na Sala de Informática a orientação e o suporte do responsável é importante.

6- Observa alguma relação entre as formações continuadas que você participou e a sua prática em sala de aula? Caso afirmativo: quais?

Em alguns casos sim. Em outros não.

7- Gostaria de relatar (destacar) algum exemplo de atividade realizada em suas aulas?

Em parceria com a Informática – foto-novela, HQ, animação em recorte, vídeos de novela de cavalaria, audiobook de contos de terror.

8- Em sua opinião quais fatores mais dificultam o uso da informática em educação?

A falta de domínio da máquina.

9- Em sua opinião quais fatores mais favorecem o uso da informática em educação?

É fácil para os alunos (ligar) lidar com a máquina.

PROFESSOR_C

Dados básicos do (a) entrevistado (a):

A) Níveis de atuação:
( ) E.F. I (x) E.F. II (x) E.M ( ) E.S. ( ) Pós grad.

B) Redes em que atua:
(x) Municipal (x) Estadual ( ) Federal ( ) Particular

C) Disciplinas ou atividades que realiza em cada rede:

Disciplina/Atividade	Nível	Rede
1 História	E.F.II e E.M.	Municipal/Estadual
2 Sociologia	E.M.	Estadual

D) Tempo de magistério: 3 anos

Pesquisa:

1- Você acha importante o uso da informática nas aulas? Por quê?

A informática possibilita uma imensa variedade de opções para diversificar e dinamizar a aula, fugindo do clássico conceito “cuspe e giz” tão criticado pelas tendências pedagógicas modernas.

2- Você faz uso de informática em suas aulas?

Sim (*Obs.: Se a sua resposta a esta pergunta for **“Não”** então “pular” para a pergunta 7)*

3- Se possível, detalhe alguma atividade/aula que você tenha criado recentemente (e quando foi?)

Eventualmente crio aulas baseadas em slides, mas com inserções de vídeos, áudios, animações em flash, buscando não ficar preso somente em slides textuais.

4 – Quais as principais dificuldades que você observa para elaborar as atividades/aulas?

É muito difícil encontrar vídeos e imagens com a qualidade necessária para que possa ser exibido sem problemas, apesar da grande quantidade de material disponível na internet.

5 - Na sua opinião quem deveria criar (planejar) as atividades didáticas? Por que?

É ideal que o próprio docente se encarregue dessa função, pois cada professor tem particularidades as quais serão plenamente satisfeitas se produzido pelo próprio.

6- Observa alguma relação entre as formações continuadas que você participou e a sua prática em sala de aula? Caso afirmativo: quais?

Evidente que um curso, como o de informática na educação, possibilita o maior desenvolvimento de habilidades necessárias para a elaboração de aulas que favoreçam ao processo de ensino.

7- Gostaria de relatar (destacar) algum exemplo de atividade realizada em suas aulas?

Edição e exibição do filme “300” com inserções de comentários fazendo a ligação com o conteúdo estudado. O mesmo trabalho foi feito com o filme “avatar”.

8- Em sua opinião quais fatores mais dificultam o uso da informática em educação?

A precária infra-estrutura. No meu caso, por exemplo, além de todo o trabalho na elaboração da aula, locomover-se com datashow, notebook, caixas de som, além de livros, sem deixar de lado o fato de ser necessário montar e desmontar todo o equipamento no fim de cada aula, torna o trabalho muito mais complicado.

9- Em sua opinião quais fatores mais favorecem o uso da informática em educação?

É inegável que a informática faz parte da vida de todas as pessoas atualmente, assim, faz-se necessário utilizá-la para fins positivos.

PROFESSOR_D

Dados básicos do (a) entrevistado (a):

A) Níveis de atuação:
( ) E.F. I (x) E.F. II (x) E.M ( ) E.S. ( ) Pós grad.

B) Redes em que atua:
(x) Municipal (x) Estadual ( ) Federal ( ) Particular

C) Disciplinas ou atividades que realiza em cada rede:

Disciplina/Atividade	Nível	Rede
1 Matemática	E.F.II	Estadual/Municipal
2 Matemática	E.M.	Estadual

D) Tempo de magistério: 11 anos

Pesquisa:

1- Você acha importante o uso da informática nas aulas? Porque?

Sim. Porque como a tecnologia está em todos os lugares, a escola (professor) não pode ficar fora desta ferramenta, que o auxilia no entendimento da matéria e atrai a atenção do aluno

2- Você faz uso de informática em suas aulas?

Sim. (*Obs.: Se a sua resposta a esta pergunta for **"Não"** então "pular" para a pergunta 7)*

3- Se possível, detalhe alguma atividade/aula que você tenha criado recentemente (e quando foi?)

Função do1o grau – Atividade realizada com turma do 9o ano (noturno), no mês de novembro. Consiste em montar uma tabela no excell. Na montagem foi auxiliada toda parte da estrutura da tabela (formatação). E logo após, inserir o gráfico da tabela. E, observando o gráfico, eles puderam analisar: crescente ou decrescente; domínio e imagem; inclinação (ângulo) da reta.

4 – Quais as principais dificuldades que você observa para elaborar as atividades/aulas?

Falta de tempo.

5 - Na sua opinião quem deveria criar (planejar) as atividades didáticas? Por que?

O professor. Porque ele sabe a realidade de cada turma, criando atividade adequada para aplicar conforme a deficiência de cada uma.

6- Observa alguma relação entre as formações continuadas que você participou e a sua prática em sala de aula? Caso afirmativo: quais?

Sim. Participo de uma formação continuada pelo Estado, e está me ajudado muito, pelo material fornecido e a troca de experiências entre os participantes, que aprimora minhas aulas.

7- Gostaria de relatar (destacar) algum exemplo de atividade realizada em suas aulas?

Uso do excell para ensinar funções. Tangram animado: uso das peças do jogo para o ensino de formas e áreas.

8- Em sua opinião quais fatores mais dificultam o uso da informática em educação?

Numero de computadores por alunos. O ideal é um por aluno, mas não é a realidade.

9- Em sua opinião quais fatores mais favorecem o uso da informática em educação?

O interesse dos alunos pela tecnologia.

PROFESSOR_E

Dados básicos do (a) entrevistado (a):

A) Níveis de atuação:
( ) E.F. I (x) E.F. II ( ) E.M ( ) E.S. ( ) Pós grad.

B) Redes em que atua:
(x) Municipal (x) Estadual ( ) Federal ( ) Particular

C) Disciplinas ou atividades que realiza em cada rede:

Disciplina/Atividade	Nível	Rede
1 Matemática	E.F.II	municipal
2 Matemática	E.F.II	estadual

D) Tempo de magistério: 26 anos

Pesquisa:

1- Você acha importante o uso da informática nas aulas? Porque?

Sim. A tecnologia está em toda parte, o aluno tem contato constante com todos os tipos de mídia, e a aulas precisam de estímulos p/atrair o aluno, então, nada melhor que trazer a informática para o contexto escolar.

2- Você faz uso de informática em suas aulas?

Sim (*Obs.: Se a sua resposta a esta pergunta for **"Não"** então "pular" para a pergunta 7)*

3- Se possível, detalhe alguma atividade/aula que você tenha criado recentemente (e quando foi?)

Geometria do cotidiano – 2o semestre de 2010. Consiste em tirar fotos de objetos ao seu redor que tenha relação com formas geométricas e transformar em vídeo. Artemática – 1o semestre 2011, baseada na obra de Romero Britto, possui várias etapas tais como: pesquisa, webquest, criação do próprio desenho, etc...

4 – Quais as principais dificuldades que você observa para elaborar as atividades/aulas?

Falta de tempo

5 - Na sua opinião quem deveria criar (planejar) as atividades didáticas? Por que?

O professor com a ajuda dos M.T.s. O professor muitas das vezes não possui o tempo necessário para buscar os recursos que irá utilizar e com isso usa os M.T. Para auxílio.

6- Observa alguma relação entre as formações continuadas que você participou e a sua prática em sala de aula? Caso afirmativo: quais?

Sim. Produção de vídeo, webquest, blogs, etc...

7- Gostaria de relatar (destacar) algum exemplo de atividade realizada em suas aulas?

Trabalhando c/gráficos, webquest...

8- Em sua opinião quais fatores mais dificultam o uso da informática em educação?

Professores pouco preparados, poucos cursos de aperfeiçoamento em informática, burocracia.

9- Em sua opinião quais fatores mais favorecem o uso da informática em educação?

O interesse do aluno, a dinamização das aulas, a conexão com o mundo.

Apêndice IV

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTAS PROFESSORES EM DEZEMBRO DE 2011

A- Entrevista com professores Multiplicadores Tecnológicos: Prof_A, Prof_X e Prof_Y

Tema1: O que motivou a sua escolha de ser professor e as suas primeiras experiências?
RJ:
Primeiro tema. Como foi a questão inicial pra vocês de ser professora? Sobre as primeiras aulas que vocês deram, se quiserem falar sobre o que motivou escolher a carreira de ser professor.

T1-Prof_X:
No início pra mim, foi complicado, eu sempre fui meio a que obedece e faz tudo certinho, mas eu nunca falei na minha vida que eu queria ser professora. Então quando eu cheguei a morar no interior com a minha avó e quando eu cheguei no Rio, minha mãe já tinha me matriculado no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, então pra mim, foi uma coisa assim: era o que eu tinha que fazer! Né? Era minha obrigação, era estudar, então! E eu percebi durante o percurso que eu até tinha talento pra isso, porque eu era uma das alunas que se destacavam, na parte de … não na parte de disciplinas, mas na parte de didática e eu sempre tinha notas boas e eu não achava aquilo interessante, mas eu era boa mesmo assim...(eu acho tão engraçado isso). Não era uma coisa que, adoro isso, mas eu era boa mesmo naquilo. E ai, logo que eu me formei, eu ainda tinha 17 anos, minha mãe também tratou de arrumar uma escola pra mim trabalhar como auxiliar de professora, então pra mim, foi uma coisa assim, foi é...uma coisa consequência da outra, mas eu sempre tive, acho que um talento eu diria, uma facilidade, não talento, uma facilidade pra trabalhar com pessoas e pra ensinar, pra passar minha experiência, pra passar o que eu sei pra outras pessoas que sabem menos, então isso pra mim foi assim, uma coisa natural entendeu? É lógico que a gente gosta de trabalhar com quem quer aprender né? difícil é trabalhar com quem não tá disposto. Mas naquela época, há vinte e poucos anos atrás, quem tava na escola era porque queria aprender, tinha que aprender ou não queria, mas se predispunha, então não foi complicado não. Eu dava boas aulas, os alunos me adoravam, até na parte de educação infantil que eu comecei me adoravam, as mães dos alunos me adoravam, depois eu fiz um concurso pro magistério de Niterói e fui trabalhar e foi tranquilo, só começou a complicar depois de alguns anos, que a indisciplina começou a acontecer, ai eu percebi que eu não sou muito talentosa pra paciência, eu não sou, eu confesso que a indisciplina é uma coisa que me atrapalha, eu não sou muito habilidosa pra lidar com isso, eu não tenho talento pra palhaçada e tal e de repente encontrar um... aquela sensibilidade do aluno pra outra coisa, como a gente vê na televisão ai as vezes... eu não tenho esse talento não, mas eu acho que eu sou boa no que eu faço. Pelo menos eu sou muito esforçada, sirvo pra isso.

RJ:
E esse problema da indisciplina você percebia mais em que série? Em que seguimento era isso? Era no ensino fundamental 1, era no ensino fundamental 2...

Prof_X:
Por que no início eu só trabalhei com ensino fundamental 1. Aí, depois, eu vim pra cá em 99... não em 2003 e comecei a trabalhar com o segundo seguimento. Então a indisciplina já acontecia no ensino fundamental.

T1-prof_A:
Bom, eu sou de uma família de professoras, eu sou neta de professora, filha, sobrinha né, eu só não sou irmã porque minha irmã decidiu ir pra outro caminho. Então pra mim, essa questão de dá aula, já era uma questão natural, já acompanhava né, a vó na escola, minha família tem escola em Niterói e foi muito tranquilo.
Sou professora de inglês né, primeiro, desde os 14 anos que eu dou aula aqui no Circulando que é um curso que já não existe mais, e isso foi natural, fui fazer Letras, fiz até Bacharelado, depois eu fiz licenciatura, mas sempre teve em mim né, a questão de ser professora, gosto, gosto de lidar... eu acho que se eu não fosse professora de inglês, se eu tivesse feito qualquer outra coisa, direito, engenharia, eu seria professora também de alguma coisa dessa área, nessas áreas, dessa área né, porque eu gosto, gosto de lidar com pessoas, é... tenho, sou paciente, entendo bem a questão da... isso que a Prof_X falou né, de pegar o talento do aluno e usar, de respeitar as inteligências múltiplas assim, independente de eu ter aprendido isso, porque eu já vim aprender isso depois, que é um conceito até pra mim um pouco mas novo do que o conceito de professora né, e... já fazia isso por instinto, mas ser professora pra mim, eu acho que é uma coisa até de DNA assim, talvez...

#Prof_X:
… instinto...

prof_A:
é instinto mesmo... uma questão da minha pessoa, do meu talento, da minha... das minhas vocações.

T1-Prof_X: – Continuação...
Eu acho que é igual a dança né, tem gente que nasce com o dom pra dançar, mesmo sem técnica ela sabe dançar porque ela tem esse dom, outras pessoas não nasceram com esse dom, mas aprendem né, a dançar bem, a técnica, eu não aprendi e tenho até uma certa facilidade, mas acho que meu dom não é instintivo não, ele veio sendo elaborado.

#prof_A:
É o dom, exatamente...

RJ:
Então, o quê que vocês acham? Vamos chamar o Lúcio pra ver se ele participa, eu já tô meio sem jeito, porque ele não me conhece...
Prof_Y...
Lúcio é o … é, eu já até falei com o Lúcio pra ver se eles quiserem entrar...
Isso... tá em eleição, meu problema é esse, lá no Edilson, mas ai ele falou... olha, a eleição é quarta-feira e em duas quartas... melhor você não vir, se não podem dizer que eu tenho alguma coisa a ver … ai eu devo, mandei um e-mail pra ele pra ver se eu consigo voltar lá segunda ou terça da semana que vem... eu tô casando gente pra entrevistar amanhã, eu pretendo ficar hoje e amanhã...

prof_A:
Não... Prof_Y...

Prof_X:
Ele tava como diretor do... mas ai você não... só professor de informática ou não? Ou professores de outras áreas?

RJ:
Não... inclusive eu quero pegar os professores que de repente, fizeram o curso e nem usam, eu quero pegar vários olhares né, que o olhar de vocês duas é bastante específico né,

Prof_X:
E tem aqueles que não usam também né... ai você tem que perguntar por quê que não usam, qual a dificuldade né...

EXTRA: (Enquanto aguardávamos o outro professor): Porque vcs acham que alguns professores não usam a sala de informática?
RJ:
Aproveitando o tempo, em quanto ela chama o …
O quê você observa dos professores que não usam... o quê que você acha?
A é?!

EXTRA-Prof_X:
Engraçado que os professores da minha escola que não usam, são os mais novos, os recém-formados, assim, são os mais novos de profissão né, você fica em cima... ai, eu vou lá semana que vem, não! deixa pra próxima, tem sempre uma desculpa, é prova, é a eleição, é a feira de ciências, é o projeto de não sei o quê... sempre tem um porém né, não é... ele diz que vai passar e não... você oferece, você mostra, teve um que chegou a ir na sala pra você, ai você diz que tem um programa assim e assim e assado, que tá trabalhando aquilo que ele tá dando dentro de sala …

RJ:
Os mais novos que você diz, mais novos de idade ou de profissão?

Prof_X:

Mais novos de idade e de profissão

RJ:
Ou seja, os que sabem usar mais que...

Prof_X:
Que usam no dia a dia deles né, pra fuçar Facebook, twitter, Youtube e tudo, mais não querem usar com os alunos, eu acho que talvez por inexperiência, acha que vai perder o domínio da turma na sala de informática entendeu? Porque realmente é um lugar fácil de se perder o domínio da turma né, porque eles vão querer acessar outras coisas, isso acontece. Então quando o professor não tem já muito o domínio, ele tem medo de ir pra sala de informática e lá na hora desandar e ninguém convence ele do contrário né, as vezes tem mesmo uma indisciplina muito forte dentro da sala de informática, as vezes uma turma muito indisciplinada em sala de aula, não é na aula de informática e tem uns três casos aqui na escola, o professor reclama que tem muitos alunos tomam advertência, são indisciplinados e que comigo são extremamente educados, sabe... são gentis, são... são colaborativos e então não tem uma fórmula ai, mas não adianta o professor tem que não é experiente ele já acha que vai ser mas complicado na sala de informática...

RJ:
E por outro lado você tem professores que não tem tanta habilidade com o computador assim...

Prof_X:
Não tem habilidade, mas eles fazem questão de ir.

RJ:
Ai você apoia e...

Prof_X:
Apoio e ofereço ver o que a gente pode fazer, as vezes ele nem... ajuda na parte técnica né, só na parte pedagógica...

RJ:
Mas ele planeja a aula? Isso que eu quero saber.

Prof_X:
As vezes ele planeja, mas geralmente quem planeja pra ele sou eu. Eu que planejo e entrego planejada e ai ele pega a turma e ai vê os resultados e avalia os resultados né...

RJ:
Ele só te dá o tema, não é isso?

Prof_X:
É, ele me dá o tema.
Ele diz olha, eu tô trabalhando um tema como a Guerra do Vietnã, os grandes eventos né, Guerra do Vietnã, da Coreia, não sei o quê... do Iraque, mas eu queria que eles fizessem um trabalho mais moderno, uma coisa mais dinâmica, o quê você tem pra me sugerir?
Eu tirei esse caso de um professor e eles fizeram um vídeo, eles foram pra sala de informática pesquisaram e em cima da pesquisa produziram o vídeo, e usaram o Movie Maker, mas produziram um vídeo muito bacana, uns gravaram com som, microfone, som pra não ficar só texto, texto, texto e ela adorou, mas ela não participou desse processo de construção de vídeo.

RJ:
Entendi, ela só deu o tema.

Prof_X :
Ela só deu o tema e disse que ela queria um trabalho inovador.

RJ:
Depois vamos então, tentar retomar isso ai...essa parte é interessante...

Intervenção externa

RJ:
Então professor, seguinte...
Eu vou só colocar os temas e a ideia é que vocês falem sobre cada um desses temas, o primeiro tema elas duas já falaram e eu tô te convidando pra falar um pouco sobre o teu início como professor, se quiser dizer por que você se transformou em professor, como é que foi o início, como é que foram as primeiras aulas, o início da tua carreira como professor, pode ser? Fica a vontade pra você falar o que você achar importante.

Prof_Y:
Pergunta e resposta.
Tempo?

RJ:
Não tem tempo. O tempo é você quem diz...

Intervenção da Prof_X e risos...

Prof_Y:
O áudio dá ai?

RJ:
Tá, tá capitando...
Se você puder falar alto como se tivesse dando aula fica legal o som. mas tudo bem.

Intervenção técnica...

Prof_Y:
Bom. Meu início como professor foi... eu fiz matemática porque eu gostava de exatas, mas trabalhava com o meu pai né, e ai entrou o plano Collor, depois entrou o plano Real, e meu pai veio, veio a ficar uma situação meio complicada financeira e como eu trabalhava com ele, então a coisa também ficou complicada, fiz licenciatura em matemática porque na época na região não tinha curso de administração ou economia, que seria algo que seria interessante pra gente, então fiz matemática e eu não podia sair da região porque eu já trabalhava né, com meu pai, então eu tinha que fazer algo que fosse próximo do trabalho, de casa, então não dava pra sair e fazer universidade fora da cidade de Cabo Frio. Eu fiz matemática porque eu gostava de exatas, me formei, fiquei muito satisfeito, peguei o diploma e guardei. Uns anos depois, quando meu pai veio a entrar num processo de falência né, ele faliu e eu fali junto porque né, sempre trabalhei com ele e desse processo de falência trabalhávamos eu, meu pai e meu irmão. Eram três, numa empresa que estava falindo né, dai eu me lembrei que tinha uma formação, formado em matemática e poderia dar aula, que seria algo que eu poderia fazer de imediato. Comecei a lecionar, como contratado na Prefeitura de Cabo Frio e depois de uns anos, meu pai fechou a porta mesmo, da empresa dele, fechou a empresa dele e ai eu assumi de vez a função né, a profissão de professor de matemática.

T2-Prof_X:
Eu terminei a licenciatura em 2007 né, a pouco tempo, ai eu...

RJ:
Desculpa, mas você tinha falado que fez pós também, pelo que você falou era professora de primeira a quarta né, foi professora do ensino fundamental um... as formações que você fez depois de ser professora do ensino fundamental um...

Prof_X:
Deixa eu ver, depois...

RJ:
Você se formou quando?
Em 87... no pedagógico, isso...

Prof_X:
Eu me formei em 87 no pedagógico...

Do primeiro ao quinto ano naquela época. E eu fiquei muito tempo sem fazer nada, eu fiquei um tempo também sem trabalhar, depois eu trabalhei três anos como auxiliar, mas fiquei assim muito tempo... só quando eu fui trabalhar em Niterói que foi em 99 que eu comecei de fato a investir nessa, nessa minha formação. Então eu já fui logo trabalhar com informática educativa, ai era um curso atrás do outro, ligados a informática, curso de Windows, Power Point avançado e foi muitos cursos, muitos cursos que eu fiz e depois eu vim pra Cabo Frio, fui pra Intel...

RJ:
Foi em que ano?

Prof_X:
Comecei em 99, comecei a fazer vários cursos de formação relacionados a informática dentro da educação, dentro da educação sempre. E sei lá, deve ter sido uns 9 cursos por ai, que eu fui fazer, então não da nem pra saber a data, porque as vezes são cursos de um mês, dois meses.
Quando eu vim pra Cabo Frio, o que mais me chamou a atenção foi o primeiro curso que teve que foi da Intel, que eu fiz junto com a Marcinha, a Márcia que era da escola naquela época e foi a tutora desse curso da Intel aqui e foi um curso bom e isso deve ter sido em 2004. depois eu fiz as oficinas do NTM começou, começaram e foi quando eu fiz a licenciatura e fiz um curso de extensão de mídias na educação na UFRJ, só teriam três módulos né, pra você obter a especialização e eu só fiz o primeiro módulo eu deixei pra começar o outro... a especialização da PUC de Tecnologias em Educação e foi um ano e meio. Então esse curso terminou em novembro do ano passado, essa minha especialização e nesse tempo todo... sei que na semana passada, não sei porque motivo eu fui olhar a pasta onde eu coloco meus certificados e eu contei 34... tô fazendo coleção assim, a pasta não tá cabendo mais, são 34 cursos né, mais... os da oficina da NTM que foi uns oito né, que recebemos? **(não foi possível compreender completamente o que ela falou nesse trecho 21:00)** teve uma porção de vídeos, de GIMP, de animação de vídeo... teve muitos, muitos, praticamente todos foram bem importantes para a minha prática e tem essa pergunta ai, quase todos eu utilizem de alguma forma na sala ou na aula de informática.

T2-prof_A: - Continuação...
Falando em datas, eu esqueci de falar as datas né, você falou que começou a trabalhar em 99, eu me formei na licenciatura em 98, mas eu já dava aula assim, em curso livre de inglês desde os 14 anos, e ai depois disso, depois de 98 fui direto né, com... já passei logo pra um concurso pro Estado, já entrei trabalhando mesmo, depois eu fiz concurso pra prefeitura e ai nesse meio tempo eu já fui fazendo todas as especializações e cursos até hoje o que aparecer a gente faz né... (risos)

RJ:
Campeões...

T2-Prof_Y:
Bom. Depois da graduação eu comecei a lecionar mesmo em 92, eu me formei em 1980 e não vou falar... (risos) comecei em 92, precisamente em setembro de 92, uma data que a gente não esquece né, quando a gente pisa na primeira turma é uma data que você não esquece. E até eu tive dando uma olhada no meu currículo pra fazer uma situação ai, e o meu primeiro curso tá lá 92, datado 92,

RJ:
Foi curso de quê?

Prof_Y:
Foi curso da editora Ática de matemática é... como é que eu vou falar... matemática, eu só me lembro da editora, editora... o certificado tá com o nome da editora Ática e dentro da área de matemática e a partir daí veio a seqüência de cursos dentro da área de matemática, até porque eu sou professor de matemática né, e ai então eu priorizo sempre a matemática. A tecnologia é um contato mas recente, eu falo em termos de informática educativa eu posso pontuar, é que eu comecei a usar a informática é, dentro da escola, como diário eletrônico, usando o Excel isso em informática, mais a tecnologia em si, no caso seria o VHS né, a fita de VHS comecei a usar mais na década de 90.
eu me lembro que o primeiro filme que eu exibi, foi do Pato Donald com a matemática né, que era fita de VHS, muito legal. Em 98 eu trabalhava numa escola que eu propus no trabalho de matemática, eu falei pros alunos que eu não queria que eles me entregassem nada escrito, que eu queria que eles filmassem, foi uma confusão danada pra eles filmares, porque eles tinham que arrumar uma câmera, aquela câmera maior, alguns tinham a câmera que era VHSC né, e aos trancos e barrancos o trabalho saiu e muitos acabaram me entregando trabalhos escrito, porque eles não conseguiram produzir o filme.

Não era um filme, seria em vez de ta, na época foi uma coisa bem primária n dentro da minha proposta que foi que, em vez de tá escrito, foi que apresentassem o trabalho, apresentassem o trabalho, era um trabalho de geometria, falassem, poderia mostrar objetos pra câmera e saiu um pouco... não saiu bem o que eu queria né, porque também a coisa não tava amarrada e porque eu também não passei nada amarrado pra eles né. Eu queria que eles me entregassem um vídeo, pronto e acabou, isso foi em 98 numa escola de São Pedro e então usando a tecnologia e não informática é eu posso pontuar que o meu primeiro contato foi em 98 né, fita VHS e a informática educativa é bem mais recente e desde então os cursos são muitos, como eu pude pontuar o primeiro foi de 92 da editora Ática né e de lá pra cá a minha pasta também, fui olhar pra ver como é que tá meu currículo e ela tá chapada de cursos misturado né matemática, matemática específico de álgebra, de análises dentro... Matemática diversos e cursos ligados a informática educativa também.
Agora pontuando especialização, eu fiz uma especialização em educação e matemática que foi em 2001 né, conclui ela em 2002 e fiz uma outra especialização vídeo científico educativo que ela foi concluída em 2008 e até hoje não recebi o certificado.

RJ:
Depois eu mostro pro Cubeiro... (risos)

Prof_Y:
É, eu não vou entrar em detalhes, se você for editar eu posso falar que realmente é uma coisa muito frustrante você ficar 2 anos, o curso foi muito bom, foi um curso de alto nível, foi excelente, excelentes tutores, professores, curso de alto nível, mas aconteceu essa situação, mas a gente tá aguardando o certificado, espero nessa vida ainda poder vê-lo. (risos)
De imediato na sequência é comecei no curso de mídias, concluí apenas um módulo, não dei continuidade porque...

RJ:
Desculpa esse curso de mídias foi aonde?

#Prof_X:
Foi na UFRJ... é a distância... realmente a distância...

Prof_Y:
A distância, mas é um curso da UFRJ reconhecido tá,

RJ:
Desculpa, de onde ele é? Do NTE'S não?

#Prof_X:
É no portal da PROINFO...

#prof_A:
Basta escrever federal e em cada local tem uma universidade responsável.

Prof_Y:
Ai eu não dei continuidade porque na sequência, nós começamos também pela UFRJ o mestrado é ciência do ambiente no meio social e políticas públicas, esse era o nome do mestrado e na sequência nós começamos o mestrado que eu consegui fazer três módulos, mas o mestrado também estava com problemas de documentação e muitos cursistas abandonaram e eu na sequência abandonei, deixei de concluir o curso de mídias que era uma especialização pra fazer esse mestrado e que pra mim seria muito mais interessante, por fim...
interrupção externa

Prof_Y:
Por fim, o mestrado eu fiquei um ano e meio quase dois anos envolvido com ele, mas que por causa de documentação deixei o mestrado de lado e agora na sequência em 2012 eu fui contemplado pra fazer o curso de Tecnologias na Educação, também a distância pela PUC e a primeira coisa que eu fiz foi conversar com alguém que já tivesse terminado o curso e no caso a minha colega aqui, pra saber como é que foi a questão do certificado, porque eu não vou enveredar um curso que no caso a pós-graduação que eu fiquei dois anos envolvido e o mestrado que eu também fiquei praticamente dois anos envolvido, não vou enveredar um curso que não vai me dar nenhum certificado e a Prof_X falou que o certificado

veio pelos correios, bonitinho, histórico com... com... com firma reconhecida em cartório que todo certificado hoje tem. Então atualmente eu tô fazendo o curso, esse curso de tecnologia em educação da PUC e tô satisfeito...

RJ:
Desculpa eu perguntar, é do departamento de ensino à distância? A professora Gilda Campos que coordena?

#Prof_X:
É, é... eu acho que era isso mesmo.

Prof_Y:
A coordenadora em não sei. É porque na verdade eu não entrei nesse...

RJ:
Não, é porque ela foi nossa orientadora no LIpE, a Gilda Campos, ela foi orientadora no início do nosso projeto.

#Prof_X:
Ela não era tutora, ela era coordenadora do curso.

RJ:
É, ela é coordenadora geral, ela é responsável pelo setor de educação à distância da PUC.

#Prof_X:
Na verdade ela foi uma das pessoas que avaliaram o … a nossa apresentação...

RJ:
Legal, legal...

Prof_Y:
Então é isso, no caso fechado são três especializações no meu curso, mestrado incompleto, uma parada esquisita de se falar né, Parece que a pessoa abandonou, e cursos de capacitação né e aí tem, (Ricardo diz muitos) graças a Deus tem muito e também pelo tempo, hoje em dia a gente não pode ficar parado, a gente realmente tem que se capacitar. E eu sempre coloco todo curso meu voltado dentro da área de matemática porque é uma disciplina complicada, uma disciplina que ela já tem uma rejeição natural, então nada melhor que atrelar a tecnologia que é algo que desperta atenção pro aluno, já na matemática e a tecnologia.

Tema3: A partir dessas formações, vocês perceberam mudanças em suas práticas em aula? E se: Quais?
RJ:
Então, o terceiro bloco seria, se a partir dessas formações que vocês fizeram, dessas diversas formações que vocês fizeram se vocês observaram mudanças nas suas praticas em sala de aula e se vocês observaram, quais? Se vocês conseguirem me dizer, que mudanças, né! A gente podia dizer o antes e o depois dessas formações, o antes o depois desses cursos, que coisas vocês perceberam?

T3-Prof_X:
Pra mim foi completamente... mudou completamente né... eu nem pego exatamente em sala de aula, né! Mas é a aula do professor que vai pra dentro da minha sala, eu não consigo mais imaginar uma aula, sem o uso da tecnologia. Como... quando eu peguei essa turma de...essas turmas de ciências, pra aulas de ciências, invés de eu ir pra sala deles de sétimo, oitavo e nono ano, eles que vinham pra sala de informática. Todas as minhas aulas tinham pelo menos dois recursos tecnológicos e eu não conseguia pensar de forma diferente, entendeu! Eu fiquei imaginando o professor tentando me explicar como ele dava aula, eu não consigo me ver fazendo aquilo, colocando o negocio no quadro, o conteúdo no quadro, passando vinte perguntas pra eles escreverem, responderem usando olhando o livro, entendeu? E eu preciso de visualização, isso eu acho que é importante pra mim, eu acho que é importante pra eles. Então eu precisava ver os vídeos sobre o temas, sexualidade, aparelho reprodutor. Como é que eu vou falar sobre aparelho reprodutor, fecundação se eu tenho tanto material disponível na internet pra mostrar, gestação que mostra passo a passo, imagens em 3d e eu vou falar isso no quadro, cuspi giz, a o bebê com dois meses aparece o coraçãozinho batendo, eu tenho, não faz sentido. Então, todas as aulas

precisam de pesquisa, do vídeo pra que eles ouvissem e vissem a imagem real e depois alguma... a parte da pesquisa eles tinham que me dar uma contrapartida com raciocínio, não adianta também só pesquisar a resposta disso aqui e botar no caderno e acabou, porque ele também não vai entender porque ele só reproduziu. Então elas tinham que entrar em vários sites pra entender e apresentar pra mim, explicar pra mim sem ler, eu não quero que leia, eu não quero palavras difíceis, não precisa decorar nomes, eu só quero ver se vocês entenderam, então explica da maneira de vocês e eu acho que isso é que é... Seria a minha prática agora se eu fosse pra sala de aula, eu acho que iria torra um bocado a paciência do professor de informática porque eu ia querer dar todas as aulas lá, entendeu..é... Visualização, som, pra mim, eu preciso dessa coisa do concreto, por isso, talvez eu tenha um pouco de problema com matemática, sempre tive na minha vida escolar, porque é mais difícil você, poder ver aquilo de forma concreta né, eu preciso do concreto né, e ai então não tem mais como pensar em aula pra mim sem, sem usar recursos, o recursos pra mim é tudo, é o principal.

T3-prof_A:
É eu concordo com a Prof_X, a gente muda completamente, é a gente já vem, vem de uma geração né, em que a aula era totalmente expositiva bota lá o conteúdo no quadro, você decora depois você faz a prova e tal. Hoje em dia eu não consigo ver mais isso, eu não consigo entender que um aluno que tem acesso ao mundo na maquina que tá na sala da casa dele, ele vai aprender qualquer conteúdo dessa maneira né, eu acho ate uma crueldade fazer isso, eu tive, outro dia a gente tava aqui em aula com os professores e um dos alunos tava uma brincadeira que apareceu, ele chamou a... disse que o cabelo da menina tava parecendo o rabo de um quati aí a gente há... não sei o que é um quati, não sei o que é um quati, o menininho que tava aqui o filho da...da Jaqueline deve ter uns sete anos eu perguntei pra ele assim, tá vamos lá, apareceu na sua sala de aula um quati, a história de um quati o que você vai fazer? Procuro no Google... (risos) quer dizer, como é que eu agora vou chegar na sala de aula e vou dizer: - um quati é e dá a definição do quati e sem nem mostrar uma imagem do bicho ou qualquer coisa assim, né, eu tive a oportunidade ano passado por conta da gripe suína de pegar uma turma de matemática de uma professora tava grávida e foi assim muito curioso, porque eu sentava com ela né, falava por telefone, montava as aulas com ela e eu baixava tudo da internet eu pegava todos...todos... o Sandro me ajudou bastante com coisa de site, de jogos, de atividades e tal e eu consegui trabalhar isso no laboratório de informática com eles, consegui ficar quase dois meses com os alunos trabalhando, a minha formação é inglês e eu também tinha essa rejeição natural a matemática, mas eu consegui trabalhar esse conteúdo com eles é..é sempre assim a professora quando voltou ela se enquadrou, ela adorou o resultado e tudo e conseguiu trabalhar também, eu acho que a gente, esses cursos todos que a gente colocou aqui nesta pasta de certificados ela tem que servir pra moldar mesmo a nossa pratica, pra gente todos os dias ir vendo que tá na hora da gente respeitar também que o aluno, o potencial dele, que ele traz de informação e pra gente também poder estruturar novas maneiras de, dele construir esse conhecimento, ele não vai mais decorar, decorar ele tem , informação, armazenamento de informação ele tem no computador dele, tem acesso, ele vai aonde ele quiser, por ali. Mas construir o conhecimento, realmente é um outro processo.

T3-Prof_X:- Continuação...
Você pode até não usar aquela ferramenta que você aprendeu na oficina naquele momento, mas você vai usar um dia, uma hora você usa.
Intervenção simultânea da mulher de blusa branca:
uma hora você usa!

T3-Prof_Y:
Bom, o que acontece é, no meu caso é, eu sempre olho a matemática tem uns, uns determinados conteúdos que são complexos, a gente passa por situações de ter que muitas vezes imaginar no quadro durante um tempo, eu até falo pra eles que eu não sou nenhum homem bonito, não sou nenhum Giannechini, mas que eu preciso da atenção deles durante cinco minutos então tem alguns conteúdos que tem, que rasgar no quadro principalmente quem trabalha com ensino médio, ai tem a questão da matemática conteudista que ela tá, que o aluno vai se deparar, vai fazer uma prova pro ENEM vai fazer uma prova pra uma universidade federal, estadual então ele vai se deparar com essa situação. Agora, muda completamente o olhar na hora que você vai elaborar uma aula, quando você vai planejar uma aula, se eu vou planejar uma aula eu já penso o que eu posso inserir de diferente pra que minha aula não fique cansativa porque realmente o aluno, a criança, o adolescente ele tem, ele vive na velocidade, ele vive na era da informação ele tá na frente do computador conversando, pesquisando, batendo papo, é navegando no Facebook, no Orkut, no MSN ele faz tudo ao mesmo tempo, então a gente coloca ele dentro de uma sala de aula preso cem minutos, ele tem que ficar olhando pro quadro, pro professor cem minutos, realmente aquilo fica cansativo, então esses cursos todos que a gente faz, realmente eles

facilitam pra você na hora de planejar sua aula, você ter um novo olhar, pera aí, não dá pra eu ficar cem minutos no quadro, colocando uma criança, sentada numa cadeira, nem é pra gente como a gente não aguenta isso, como uma criança tem hormônio a vontade. Então, só contado uma aula que eu tive a duas semanas atrás, com ensino médio, tinha que trabalhar probabilidade com eles, então a probabilidade cotidiana do aluno né, em várias situações e eu foquei no caso, eu tinha que da o conteúdo de probabilidade, tava dentro do conteúdo programático e eu foquei na questão da loteria, na loteria, então eu fui até a casa lotérica, peguei o cartão da mega sena né, e comecei minha aula distribuindo cartão da mega sena pra todo mundo e com data show é, eu comecei a exibir as... quais são é... é na internet né, no caso né, o data show tava lincado no computador que tava plugado na internet, quais os números que mais sai né, quais os números que menos sai, durante... quais os que mais saíram e os que menos saíram, quais os números que nesse ano, qual foi o ranking dos números que mais saíram e isso tudo dentro da aula, um debate e um foram contra, assim brincando, dizendo que eu tava fazendo apologia ao jogo né, os alunos, no caso alunos do ensino médio, falando de brincadeira, mas professor o senhor tá instigando a gente a jogar? Eu falei não, a gente tá conversando aqui, tá construindo e daqui pra frente vocês vão jogar se vocês quiserem né, então a aula foi toda montada em cima do Power Point né, mas junto com um debate né, não só eu lá na frente expondo a aula né, então a aula ela teve vários momentos, que foram momentos de todo mundo marcar o cartãozinho né, eu fiz, eu fiz um jogo de verdade da cena, uma possibilidade, então, tudo isso foi montado por que? Por causa desse novo olhar na hora de criar uma aula, vou criar uma aula, vou falar sobre probabilidade, eu assumo que há alguns anos atrás, eu ficava enchendo o quadro de exercício né, aquilo começava a ficar cansativo...

#Intervenção da Prof_X e da prof_A

Todos nós né...

É... a gente aprendeu assim também...

Prof_Y:
Aprendemos probabilidade assim dessa forma, então como eu inseri, introduzi o conteúdo de uma forma diferente, depois dos exercícios que realmente eu tive que trabalhar com eles, exercícios de vestibulares, exercícios de ENEM, eles começaram a ter um olhar diferente pra probabilidade, porque a apresentação da, da... do tema probabilidade foi feito de forma diferente né, e foi muito legal e o resultado realmente foi muito bacana, agora eles chegando no exercício em si, eles tinham aquela instigação, poxa o que é que vai entrar? tô fazendo exercício de probabilidade e probabilidade é legal né professor, você tem varias situações, qual a probabilidade de nascer homem ou mulher, num lançamento de um dado, qual a probabilidade de eu lançar uma moeda três vezes e o quê que vai dar, isso tudo eu fiz com eles em sala. Então atrelei a tecnologia a tudo isso, na verdade, eu até coloco aqui, porque aqui eu sou tutor, eu coloco pros meus colegas que não é necessário, você vai usar o computador a internet e não é necessário você ficar ou colocar em regras pra eles, tem uma aula de 100 minutos, não é necessário você ficar 100 minutos com o aluno de frente pro computador, você vai ter um momento de pesquisa, você vai ter um momento de debate, voe vai ter um momento, você vai tá exibindo um Power point né, também trazendo um debate, não fazer exibindo o Power point com a troca, vou trocar... vou trocar o quadro por um data show né, por um projetor, eu não vou trocar, eu quero essa troca, o aluno vai tá interagindo com aquilo que eu vou trazer ele vai tá acrescentando, então a aula não precisa ser 100% na sala de informática ou 100% Power point, até mesmo porque são 100 minutos de aula né, a coisa pode ser realmente dinâmica, você ter vários momentos pra você construir até aqui.

Continuação do tema 3(.1) : Aprofundando nas possíveis mudanças...
RJ:
É, vocês já falaram algumas né, mas que outras diferenças mais, vocês poderiam é citar entre a forma que você aprendeu né, ou seja, a forma que você realmente aprendeu né, durante os anos que você teve na escola e a forma que você ensina né, quais as diferenças entre como você aprendeu e como você ensina?

T3.1-Prof_X:
A aula totalmente expositiva, totalmente expositiva, eu não me lembro, eu não me lembro do professor nem usar retroprojetor isso até no ensino médio né, tanto no ensino médio como no pedagógico, nem retroprojetor usava, não me lembro de nada inovador, não me lembro, eu só tive alguns exemplos, tive algumas aulas com o uso de tecnologia na faculdade agora em 2007, assim mesmo eu acho que foi muito menos do que deveriam ser, hoje eu comentei na minha escola, que não vou citar nomes aqui, mas eu tive uma professora aqui na faculdade, que dava aula de botânica, se ela assisti isso vai saber

que é ela, dava aula, porque ela é muito conhecida de botânica e raízes, raízes e ela desenhava na folha de acetato lá que ela diz, e passava no retroprojetor e ela deu a primeira aula, segunda aula, raízes, folhas e caules, com aquele desenho feito a mão por ela mesma ali no quadro branco e ai nos preceitos da aula eu virei pra ela e desculpa, desculpa, não quero interferir na sua aula, mas eu não consigo imaginar porque que a gente tem um laboratório de informática lá em baixo e a gente tá vendo raízes num desenho feito mão? Se tem o vídeo, com fotos e imagens daquilo feito com lâminas, raízes e lâminas, folhas e caules, com corte transversais, lâminas microscópicas e a gente tá vendo aquele negocio desenhado a mão, uma raiz de mandioca assim como assim como é, tá melhor, aliás isso tá melhor do que essa que você desenhou no quadro. Então quer dizer, até hoje mesmo nas faculdades olha o que tem na área de informática aplicada na educação. Você tem muito pouca aulas que utilizam recurso, então assim, eu acho que a prática que eu tive e uso é bem diferente. A que eu recebi e a que estou aplicando é bem diferente, mudou completamente.

T3.1-prof_A:
Eu acho que muda também assim, o foco que a gente... a Prof_X deu esse exemplo da professora, eu acho assim, tudo aquilo que a gente falou aqui de formação continuada, mestrado frustrado ou não, eu acho que tudo isso serve pra abrir os nossos olhos, pra maneira de usar a tecnologia, a maneira de você entrar na sala, a maneira de você buscar essa conjunção de conhecimento, porque não adianta a pessoa ter mestrado na França e chegar aqui e não se abrir pra isso, então assim, eu me lembro, eu trabalho nas escolas mais antigas de Cabo Frio né, em escolas com mais de 50 anos e lá a gente tem sala de projeção é uma sala muito antiga, de um projeto do governo federal ai nos anos 60, 70 não me lembro que já tinha projeção né, um cineminha dentro da escola e tal, quer dizer, tecnologia ela existe desde sempre né, e agora ela foi, de que maneira ela foi usada? Eu me lembro dos meus professores de ensino médio, ensino fundamental usando retroprojetor, mas substituindo o quadro negro né, os exercícios eram ali no retroprojetor, os desenhos as vezes apareciam no retroprojetor é, me lembro dos vídeos também os professores de história, sociologia usando o vídeo, passavam o vídeo inteiro, então como ele tinha uma aula ou duas, ele tinha que pegar duas ou três semanas pra gente assistir o filme e hoje em dia não, a gente tem a possibilidade de pegar as partes do filme que você precisa né, e despertar no aluno a curiosidade de assistir lá fora é... você tem a possibilidade de usar um data show pra usar esse tipo de vídeo, trabalhar com imagens em 3D em fim, construir com as crianças né, algum tipo de coisa, a gente teve por exemplo um professor que queria fazer um simulador de montanha russa com alunos em 3D, então os alunos construíram os óculos pra usar o 3D, isso na nossa época não era feito, se tivesse que fazer alguma coisa que houvesse a possibilidade do 3D naquela época, isso teria que ser comprado né, a gente não produzia isso, não havia esse estimulo, o uso da tecnologia era pra exemplificar qualquer coisa muito, muito superficialmente ou pra substituir... e a gente não viu hoje em dia e que não aconteça, mas eu não consigo conceber né, esse tipo de visão hoje em dia.

#Prof_X:
Eu acho que a única coisa que eu me lembro que a gente construía na época em que eu estudava era maquete né, só maquete, essa era a nossa maior tecnologia.

prof_A:
A é verdade...
A tecnologia assim, na escola sempre foi utilizada, mimeógrafo né, é uma tecnologia, em fim, era fantástico naquela época aquelas coisas eram usados assim, pra facilitar o trabalho do professor, não o trabalho de construção do conhecimento, não o trabalho educativo, talvez o trabalho mesmo né, físico do professor.

T3.1- Prof_Y:
O que eu posso falar na minha graduação, realmente eu fiz minha graduação e uma pós-graduação dentro da área de matemática, realmente a coisa é triste, realmente é complicada, me lembro até da especialização que eu conclui agora em 2002, talvez a mais recente e a pós-graduação no caso eu perdi uma tarde só fazendo calculo só isso, realmente mais nada, chegava lá e o professor de análise, por exemplo na área de análise ele já chegava com 50 exercícios e eu já sabia que ia ficar de manhã e tarde só fazendo exercício, isso foram durante, eu acho que foram 7 ou 8 disciplinas na pós-graduação né, e 7 ou 8 disciplinas transcorrendo todas nesse mesmo porte, isso na pós-graduação, na graduação, também foram, mas ai realmente foi na década de 80, então era mais complicado. Mas na década de 80 eu estudei nessa escola que a prof_A pontuou né, assisti bastante vídeo nessa sala de projeção, assisti! Eu fiz meu ensino médio lá, assisti bastante filme na sala de projeção, o professor de biologia ele usou bastante o laboratório, não sei como está o laboratório hoje, então vamos só pontuar 80 e 90, 2000 e 2010. (risos) Bota ai vinte e poucos anos atrás, então eu sai do ensino médio, nesse momento, então o professor de biologia usava o laboratório e usava bem, o professor Adelino ***(não foi possível***

compreender bem o que ele disso depois) nós fizemos é teste de sangue pra ver qual o tipo sanguíneo, em vários momentos ele realmente sempre utilizava o laboratório, então já era um recurso a mais né, não que é mas, mas ele saia da sala de aula, essa sala de projeção eu assisti muitos filmes na sala de projeção, isso na década de 80, eu não sei se na época o governo estadual ou federal mondou um kit de filmes, porque eu assisti muitos filmes então no ensino médio eu tive algumas aulas diferentes. Tive aulas em campo também no caso é na praia do forte com o professor de biologia, eu acho que biologia é uma área muito rica, eu acho que o professor de biologia, biologia e ciências que usam o quadro é... usar a turma dentro de sala de aula é realmente complicado, porque a... o tema, tudo que você vai falar em si, você pode sair da sala de aula... (intervenção da Prof_X: - tem imagem pra mostrar... e da prof_A: - é...) eu me lembro que eu tive no ensino médio três professores de biologia e os três realmente utilizaram muito... os três realmente tiraram muito a turma da sala de aula e no caso essa escola que a prof_A falou fica do lado da praia né, então a gente ia pra praia, a gente ia pro canto do forte, a gente ia ver rocha, a gente ia ver alga, a gente ia ver ouriço, a gente observava tudo, então realmente é, as aulas eram interessantes, utilizaram muito o laboratório e utilizaram muito a sala de projeção, isso na década de 80. Então quanto mais aos outros, o professor de matemática realmente muito preso ao quadro, o professor de língua portuguesa, história realmente muito preso a textos, a folha né, datilografada ainda, então a diferença de lá pra cá hoje eu acho que quem vai fazer é o professor né, pelo menos o que a gente observa o professor de biologia e de ciências, biologia trabalhando muito a coisa do chamado cospe giz né, então a diferença quem vai fazer é o professor né, hoje recurso é o que não falta né.

EXTRA 3(.2)- para MT- Quais são as principais características dos professores que vão se apropriando dessa tecnologia e vão avançando? E dos que não se apropriam?

RJ:

Aproveitando esse gancho que você colocou no final ai né, vocês três né, além de professores, vocês são, qual é a classificação mesmo? Não é monitor, é... ***(intervenção dos entrevistados: é multiplicador...)*** Então, o quê que assim de maneira genérica, só pra gente tentar começar a aproximar dessa imagem, o quê que vocês observam com esses professores das escolas que vocês estão, mais do que os professores dos cursos né, são professores das escolas em geral que vocês acompanham, o quê que vocês observam que é o diferencial entre ele usar o recurso tecnológico ou não, entre ele usar bem ou não, entre ele criar uma atividade que a gente tava falando antes ou ele passar pra você tarefas de criar a, essa atividade, quais são é, resumindo né, quais são as principais facilidades ou características desses professores que vão se apropriando dessa tecnologia e vão avançando? E quais são as principais que não faz? Lembrando que podem falar porque esse vídeo vai ficar entre a gente, não vai ser passado em lugar nenhum.

T3.2-prof_A:

Eu acho que até já escrevi isso ai.

Hoje em dia eu acho assim, a dificuldade material a gente já passou né, a gente tem, as escolas estão muito bem equipadas é, o governo federal mandou as máquinas e mandou verba também quer dizer, em fim, é uma questão de gestão também da escola né, internet, a gente tem internet banda larga 2 mega, laboratório cheios de máquinas, projetores nas escolas, notebooks em fim, então claro, vou voltar a enfatizar que tudo depende da gestão né, tem gestões que são mais flexíveis por esse lado tecnológico e da informática e investem mesmo nisso, e gestões que acham que a prioridade em outros aspectos, mas assim, de maneira geral né, essa dificuldade material a gente superou, agora o grande problema é exatamente isso, o professor ele quer né, quer usar o laboratório é normalmente ele quer fazer, quer botar os alunos pra fazer pesquisa né, ou então, ai você sugere né, a função de um multiplicador tecnológico é um pouco essa também né, você vai facilitar esse trabalho, esse trânsito entre o professor e máquinas e ai a gente sugere alguma coisinha a mais, só que o professor ele tem alguns problemas, primeiro é, talvez ele até domine, então quando ele domina o software, ele domina o uso da máquina ele não tem tempo, infelizmente a gente é obrigado hoje em dia a trabalhar em três, quatro lugares, então se tem uma pessoa que vai fazer isso pra ele é mais fácil, ele fala o que ele quer, você monta e ele já chega lá com tudo pronto, ou então ele não domina mesmo ai ele precisa que você faça né, aquilo ali. Tem professores até que domina a máquina no seu uso pessoal, mas não se sentem a vontade pra...pra trabalhar aquilo ali, não vê aquilo ali como uma ferramenta de educação e não sabe como tirar dali alguma coisa, ai a gente faz a sugestão, trabalhar com a produção de vídeos, seminários, podem utilizar a máquina pra produzirem seminários em fim, podcast, a gente vai inventando e nisso o professor é, quando ele vê o resultado é... é muito curioso porque assim, tem gente claro, que vai ficar sempre acostumada a fazer assim, faz um ??? no Excel pra mim, tem professor que vai fazer isso, mas quando ele vê isso, vê o resultado, quando vê assim, que o aluno articula melhor, que... na hora você não acredita que esse aluno na prova faz um... escreve tudo errado e chega aqui num vídeo, fala como se fosse a Marília Pera ou então escreve, tem professor nessa escola que a gente tá falando, que a gente

sempre debate com ele, então você quer dizer que esse meninos é na prova são analfabetos funcionais, mas chega na frente da máquina opera um milagre e eles escrevem tudo não. Não é exatamente isso, mas eles conseguem se comunicar bem, não sei se é porque tem uma intimidade muito grande com o equipamento, e eles se comunicam claro! Cheios de erros de português e tal, mas comunicam e expressão ideias, coisas que na sala de aula, se você colocar em debate, provavelmente você não vai conseguir, porque eles estão tão travados por essa, essa... tradicionalismo da gente né, o professor fala e o aluno escuta, e ele fala quando o professor permite que ele normalmente não consegue se expressar tão bem, quanto ele se expressa no Facebook ou no Orkut ou no Blog dele, com 30 milhões de erros de português, mas passando uma opinião, passando uma ideia né.

T3.2-Prof_Y:
Eu acho que também trabalhando com você, eu acho que o aluno se trava muito, ele acha até que no momento vai ser avaliado, ele tá em sala então tudo ele vai ser avaliado, e quando ele tá na frente do computador ele tá a vontade, não tem nada acontecendo então eu vou me expressar, eu vou falar, eu vou falar.

T3.2-Prof_X:
Em relação ao professor é como a gente viu naquela hora, o professor que não costuma utilizar, não faz por que as vezes não tem domínio de turma e ele acha que na sala de informática usando a tecnologia ele vai piorar a situação e que ele não vai conseguir manter o domínio. E os que levam, geralmente são aqueles que já tem, também dominam a máquina e leva e não leva mais por que também tem a questão do conteúdo curricular, aquele mau dito conteúdo curricular que é enorme e que ele sabe que na sala de informática se ele for usar a tecnologia, aquele conteúdo que ele daria dois ou três num dia só na sala aquele conteúdo mesmo, na sala de informática ele vai da um só, porque tem tantas ferramentas pro aluno usar e interagir que ali ele vai restringir, vai trabalhar melhor, mas vai restringir e ele tem lá 59 conteúdos por ano, então as vezes ele deixa de levar, porque as vezes vai perder muito tempo na sala de informática mesmo sabendo que vai ser boa, entendeu. Então ainda tem aqueles que domina a tecnologia né e não leva, não levam os alunos, mas eu acho que esses dominam a tecnologia, mas não domina a turma e acontece esse problema, não leva porque não domina a turma, não tem é esse controle, eu vejo isso acontecer, então preferem ficar até pela questão do tempo também né, são vários fatores né, tem que da um monte de conteúdo e vou pra lá e vou dar um só e aqui eu posso da três ou quatro.

#prof_A:
É mas a gente lembra também que nem sempre só na sala de informática, você pode trabalhar também com tecnologias em sala de aula...

Prof_X:
É como uma questão de projeto né, a gente sabe que trabalhar com projeto dá certo e geralmente dá certo né, e... mas também sabe que pra você trabalhar com projeto você vai levar mais tempo do que o normal daquele conteúdo...

Video1-parte3 – Inicio da Revisão
e quando você tem muita coisa pra dar você acaba as vezes pulando(**), pra poder cumprir a exigência do PCN.

 # prof_A:
**Classes muito heterogenias, então você...

T3.2- Prof_Y: - Continuação...
É, olha só!
O que a Prof_X falou eu concordo e existe um outro ponto também: parte do planejamento, uma situação delicada mas, é..., pra você também usar a tecnologia você precisar ter um planejamento ele não pode ser solto, até eu pontuei que fui usar a tecnologia pra um trabalho, que eu queria que o trabalho fosse entregue, que eles filmassem e tal e eu mesmo não amarrei a coisa... (**) pra eles eu não amarrei a coisa e a coisa ficou solta. Então a gente também tem a experiência de alguns colegas que querem usar, mas muitas vezes a gente coloca, vamos montar um pequeno planejamento? O planejamento ele tem que ser feito em qualquer tipo de aula, seja aula tradicional, tradicional que a gente fala é aquela aula só no quadro ou sendo uma aula usando uma tecnologia.
O professor também muitas vezes no seu dia a dia e eu posso até me incluir, né.. você vive num mecanismo de como se fosse uma locomotiva de trabalho, sai de uma escola e entra em outra... sai de

uma escola e entra em outra... então o que a prof_A falou do colega que chega pra gente, por que por exemplo, o multiplicador tecnológico, aquela pessoa que na Prefeitura de Cabo Frio tá ali com uma dedicação exclusiva pra sala de informática, ela tá com tempo ali a disposição, não é com tempo, ela tá ali a disposição do docente, pro professor, então o professor olha para um multiplicador como uma pessoa que vai resolver, vai montar e vai elaborar a aula... pra planejar, então muitos professores chegam pra gente e: "olha, eu tô dando o conteúdo tal e eu gostaria que você fizesse qualquer coisa, a eu tô usando essa expressão, pode ser uma expressão forte, mas o professor também ele tá cansado do trabalho dele, então ele chega pra gente e você que sabe, você que tem o domínio, você que é capacitado, eu quero qualquer coisa dentro desse assunto, por que qualquer coisa não é qualquer coisa esculachada, ele quer uma ideia, o quê que a gente pode fazer? Então o que acontece é isso, o professor chega pra gente dessa forma por que? Porque realmente ele sai dali e ele chega na escola 1h da tarde e ele tem que dar aula até seis horas, aí sai daquela escola seis horas e vai pra outra escola à noite, então realmente o tempo dele pra tá planejando uma forma diferente o tempo dele acaba ficando muito... ele acaba ficando sem tempo pra sentar e planejar. Então por isso que eles chamam o multiplicador, pra que o multiplicador possa tá auxiliando. O quê que eu posso fazer?

#prof_A:
(**)Pra você tava muito claro né, pra eles...

#Prof_X:
Por isso, essa idéia da dedicação exclusiva que eles estão pensando agora depois de tantos anos, seria bom, bom né? você se dedicar a uma única escola, acaba essa correria e você tem mais tempo pra planejar.

Prof_Y:
O interessante seria, quando o professor procura a gente e senta, a gente fala, a gente pode passar um filme disso, a gente pode fazer uma pesquisa assim e as sugestões são sempre bem vindas, porque o professor fala poxa! Poxa! eu posso fazer numa aula só? Pode! coloca o Power Point e faz uma avaliação escrita! por mais que seja uma coisa simples, você abrir um arquivo de texto né, um Word, avaliação da aula, por mais que seja uma coisa simples, mas para o aluno já é diferente e ao término enviar pro e-mail do professor, e o professor lá fazer a avaliação dele, então....

T3.2-prof_A:
O mais interessante é que o professor fica mesmo... durante o processo de produção, ele fica super inseguro, mas isso aqui vai dar certo? isso aqui?... que tecnologia tem essas coisas também né? nem sempre as coisas funcionam da maneira que a gente planejou, ai ele fica inseguro, super inseguro e quando ele vê que dá certo, gente, mas olha isso... olha , isso aqui é... parece que ele descobriu a pólvora né?

EXTRA 3(.2.1)- para MT- Grau de autonomia dos professores que eles acompanham?

RJ:
Agora vocês observaram que algum, alguns desses professores, até você prof_A, antes tava falando assim que, a o professor quando ele vê que a coisa tá dando certo ele se empolga ai você não completou, eu pensei que você fosse continuar o raciocínio, tanto você quanto vocês também, conseguiram observar se algum desses professores né, que simplesmente chegam pra vocês e pedem que vocês construam a aula pra eles né, vocês observaram que algum desses professores começou com o tempo, ele mesmo a, a planejar também? Chegar com a coisa, não só com uma ideia, olha eu quero falar sobre isso mas com algum plano de aula, vocês viram algum professor que se apropriasse a ponto de fazer, de ser autor, que pudesse criar coisas...

Prof_X:
Ser autônomo né?

prof_A:
Autônomo! Isso. De planejamento, execução...

RJ:
Ou pelo menos aumentar o seu grau de autonomia né, não chegar lá tão, tipo assim, eu quero uma coisa sobre o assunto x...

T3.2.1-prof_A:
Pra aumentar o grau de autonomia já, agora pra ser completamente autônomo poucos, muito poucos. É impressionante isso.

RJ:
Poucos...
Então vamos falar um pouco do grau de autonomia. Alguns casos, algumas pessoas, vocês não precisam citar nomes, mas, o quê que vocês acham que aconteceu pra que essa pessoa fosse ganhando esse... essa(**) segurança e fosse passando essa pessoa a planejar? Apesar do problema de tempo que você colocou, apesar das né... da insegurança, da dificuldade. Se a gente pudesse destrinchar um pouquinho isso, o quê que fez essa pessoa ganhar um pouco de autonomia no planejamento das atividades e na execução também.

prof_A:
(**)Segurança...

T3.2.1-Prof_X:
No meu caso é... Pouquíssimas pra não dizer uma só. Ela comprou o próprio notebook, usou a sala, planejamento por minha conta, os alunos usaram e ajudaram e apresentaram um bom resultado, ela gostou, se interessou, achou legal e o primeiro passo que ela deu foi comprar o próprio notebook dela, pra ela também poder aprender né, construir o próprio conhecimento dela, de aprendizagem dela. Então foi a... eu acho que foi o primeiro passo que ela deu pra... ela tem o próprio equipamento,(**) começou a pensar em planejar, ainda não... eu acho que provavelmente só pro ano que vem que ela vai conseguir construir o próprio planejamento, mas ela já começou a se dedicar a isso, a pensar em comprar, quer dizer já comprou e planejar uma aula né, já é um passo.
O outro professor também é voltou, começou a usar a sala de informática e se tornou autônomo só que a autonomia pra mim dele não é eficiente, ele só baixa os vídeos, na casa dele, baixa vídeo e a aula dele é só vídeo ou slide Power Point que ele mesmo aprendeu a fazer, mas ai é só uma aula expositiva. É uma autonomia, é o que ele entende por autonomia.

RJ:
(**)Mas ela já começou a planejar as atividades?

T3.2.1-prof_A:
É, eu tenho assim, alguns professores que já, já conseguem por exemplo, essa eu posso até citar o nome porque ela começou com a gente é a prof_B, ela, ela começa assim, o professor na verdade ele é pesquisador né, mesmo que a gente não esteja numa universidade só se dedicando a isso, a gente acaba fazendo dentro das nossas salas de aula pesquisando por quê que o fulaninho não aprende né, por quê que fulana aprende com mais facilidade, por quê que eu trabalhando com tecnologia é talvez os alunos aprendam melhor, mais assim, é a prof_B foi um exemplo muito legal disso, ela é um exemplo muito legal disso, ela começa né, na verdade ela pede sempre uma produção é... mais criativa, ela pede... ela usa muito a tecnologia, as vezes de maneira expositiva, as vezes pra buscar produção e ela é muito curiosa, ela viu, ela vê um site ela chega e fala: prof_A eu vi um site chamado livroclip em que os alunos, em que os livros estão resumidos através de clipes de imagem. Tem como eu fazer com os meus alunos? Que eu quero que eles leiam livro, mas eu quero que eles me contem essa história, só que eu não quero que eles cheguem aqui na frente e fiquem falando, falando. Eu quero que eles coloquem ali imagens do que eles aprenderam né. É e assim, ela vai vendo o que eu tô fazendo, ela vai vendo como que eu fiz, eu respondo – não, tem sim, vamos usar outro programa tal. E ai ela vai olhando, quer dizer, agora eu trabalho em turno diferente dela, ela foi olhando e aprendendo. Ela tá trabalhando com animações, eu tô trabalhando noturno, ela tá trabalhando de manhã é e ela aprendeu comigo as animações e tá La produzindo as animações em cima de animações com os alunos dela. É uma professora que já tá independente, mas existem aqueles professores que, que, por exemplo, compraram notebook, tem uma professora na minha escola de 60 anos que comprou seu primeiro notebook, me pediu assessoria, saímos, compramos, mas ainda tá nesse momento de pesquisar na internet, baixar vídeo, mostrar imagem, ela ainda não busca uma produção, uma construção com os alunos, mas é um primeiro momento, é um primeiro passo né, infelizmente nem todos não ficam tão independentes quanto a prof_B, mas já começam a produzir seus próprios conteúdos, você já não precisa só baixar coisas da internet, eles constroem, eles aceitam também que os alunos levem alguma coisa né, os alunos as vezes falam – a, eu tenho um vídeo, a eu tenho uma coisa... trabalham com o material do aluno, eu acho isso muito interessante, pra gente também sair do pedestal de professor e vê que eles entendem muito mais daquilo do que a gente.

#Prof_Y:
(*) É

T3.2.1-Prof_X: - Continuação...

Eu acho assim…isso que eu ia dizer,... de repente, as oficinas que nós fazemos, é... nos proporciona o conhecimento de exigir isso na nossa prática, a construção de alguma coisa né, não só a visualização e tal e isso pro professor que está regendo a turma ele não tem, acho que de repente se ele estivesse na mesma capacitação que nós, o tempo todo e se todos fizessem, lógico que alguns fazem, mas são muito poucos ainda, eu acho que eles aprenderiam a criar esse tipo de atividade, atividade que tenha construção.

RJ:
Pode falar um pouco mais sobre isso? Ou seja, você falou que no curso você faz...

Prof_X:
Porque as oficinas que nós fazemos hoje aqui e ao longo da vida é, elas é que ensinaram pra nós MTs como trabalhar com esse tipo de planejamento, um planejamento que não tenha só exposição e tenha também um retorno, uma elaboração, uma produção de material, que o próprio aluno construa o material dele, produza alguma coisa com o conhecimento que ele adquiriu...

RJ:
E nessas oficinas vocês tinham que produzir isso? É isso?

Prof_X:
Nós aprendemos a buscar isso, a planejar isso,(**) a trabalhar dessa forma entendeu? Esses professores que estão em sala de aula, eles podem até ter conhecimento tecnológico, mas eles não tem conhecimento disso, eles não tem essa formação de como planejar uma aula assim entendeu, se eles fizessem essas oficinas que nós fazemos como o curso de senhoras, esse projeto que prof_A ganhou agora pra gente e outros todos, nossos cursos são voltados pra que a gente pense dessa forma, buscar sempre uma produção do aluno entendeu e eles não tem se eles tivessem eu acho que de repente eles aprenderiam a pensar dessa forma.

#Prof_Y:
(**)A trabalhar dessa forma.
Agora, não são oficinas pra um grupo seleto, são oficinas abertas pra todos os professores

Prof_X:
Abertas pra professores, mas eles não se inscrevem, suficientemente...

T3.2.1-prof_A:
Pra todos os professores da rede...
Nesse turma que a gente tá fazendo agora de projetos né Prof_X? de projetos de aprendizagem a gente tem um aluno que não é multiplicador tecnológico e é uma turma aberta pra todos os professores e é assim, a gente entende que tem a questão da falta de tempo, a gente entende o (**)cansaço, mas a gente entende também, até por nós também somos professores que trabalhamos em mais de uma escola né? com mais de uma jornada, a gente entende também que tem que ter esse momento, tem querer, tem que ter o momento da capacitação e tem que abrir, abrir seus horizontes até por que se não você não vai aguentar.

T3.2.1-Prof_X: - Continuação...
(**) Tem o cansaço...
Mas também por outro lado eu penso assim que ambos têm que ter a sua cota, vamos dizer assim, de sacrifício, o professor é, é... se predispor a também a tirar de repente umas horinhas de lazer pra fazer um curso pra melhorar e também por outro lado o empregador no caso a Prefeitura ou Estado ou a escola particular abrir mão de algumas horas de trabalho desse professor dentro da sala de aula pra que ele vá e se capacite também, por que ele não tá perdendo nada, ele tá ganhando um profissional mais qualificado entendeu, então eu acho que poderia haver um acordo nisso ai para que todos os professores sem exceção fizessem capacitações periódicas.

T3.2.1- Prof_Y:

Inclusive a questão da própria palavra fala né, formação continuada né, não adianta a pessoa ficar pontuando, ah! eu fiz um curso há três, quatro, cinco anos atrás por que a formação realmente tem que ser continuada e eu observo como as colegas falaram eu também observo que existe um querer nos colegas né, os colegas que estão com turma e já começam com um pequeno investimento, faz um investimento, compra um laptop né, compra uma máquina né, nem que seja um PC pra ficar em casa, (**)uma câmera digital, ne? Ah não tem internet!, apesar de que a internet ele não vai usar somente pro seu trabalho docente e tal.
Agora o que acontece... agora vou falar mais daqui da prefeitura, isso dentro do meu olhar, olhar de Prof_Y, é que como os colegas que estão com a turma vêem, eles sabem que tem uma pessoa naquele espaço, no laboratório de informática com dedicação exclusiva, então realmente eles (**2) aproveitam disso, de repente o comodismo que a gente tá pontuando, pode até ser por causa disso porque ele sabe que tem uma pessoa ali que vai dar, vai dar aquele empurrão na sua aula, empurrão desculpa a expressão mas vai dar aquele UP down na aula dele, pra poder a aula dele ser diferente é, então é ele é... de repente esse comodismo pode tá atrelado a isso, apesar de que eu trabalho em outras escolas que não tem essa pessoa com dedicação exclusiva dentro do laboratório e observo que também nesse caso o laboratório fica fechado né, não tem ninguém lá e também nenhum professor leva.. né?, então, é... na Prefeitura de Cabo Frio eu faço essa análise dessa forma, lá na outra escola já tô fazendo análise de outra forma, lá tá fechado, fechado, pronto e acabou. Não vou dizer que ninguém leva né, eu uso, outro colega usa, o outro montou um blog e tal... mas no geral o espaço fica ocioso e bem ocioso.

#prof_A:
(**)Compra uma câmera digital...

#Prof_X:
(**2) Se acomodam

T3.2.1-prof_A:
Ter um dinamizador, ter uma pessoa que faça esse trabalho faz mesmo falta né? até porque é um espaço em que alguém precisa se responsabilizar e muito professor tem medo de levar o aluno para o laboratório de informática *"porque vão quebrar e vão... e se não funcionar? e se eu não conseguir colocar o data show?*" é um problema assim, eu digo pro professor... Tenho até que fazer até estrelinhas de parabéns pro professor quando ele mesmo já consegue ligar o data show, que ele tem um medo..., você não sabe ligar? *"Eu sei é só ligar aqui e ligo na energia que tá tranquilo"*. Mas, então por que você não liga? *"Ah se esse negócio quebrar na minha mão?... quebrar na minha mão...?"* É complicado!

T3.2.1- Prof_Y:
Ai tem também a questão de muitas vezes o gestor, ele chegar e pontuar assim: "*olha, cuidado!"* A direção, a chefia, seja lá quem for que está acima: *"Olha, cuidado!"* tem que ver, ai... o colega também fica preocupado. Pô, você vai pegar um equipamento de dois mil reais pra uma aula e de repente você queima uma lâmpada, *"vão colocar a culpa em mim?"* né..., então né, eu já vi também casos desses, não vou generalizar, que o colega não queria usar o espaço *"não! Para eu entrar lá, eu vou ser o responsável? eu não posso me responsabilizar, se um aluno derruba uma torre dessas, um monitor desses? eu não posso me responsabilizar...",* mas isso são falas né? são falas que não é a fala geral, mas são falas que também a gente ouve, tá!

Tema4 (m) modificado -MT: Quais são os principais obstáculos para que o professor consiga se ver como autor?
RJ:
Vocês é conseguem se ver como autores das atividades, das práticas, né? todas as falas de vocês, vocês vem isso, né?
É... Como é que posso?... é difícil pra mim agora precisar isso assim...
O que estou tentando falar é uma coisa que a gente vinha falando antes né...
É... não só em relação a questão tecnológica né, vamos pensar em aula como um todo né, nós temos livro didático, nós temos várias coisas.
Quais vocês acham que são assim, além das que vocês já falaram né, tempo e tudo isso né, quais são na opinião de vocês os principais obstáculos pra que o professor consiga se ver como um autor também, pra que ele consiga se ver como uma pessoa que vai criar coisas novas né, criar planejamentos novos, com ou sem tecnologia.

T4m-prof_A:
Eu acho assim, que a gente não foi educado pra ser produtor de conteúdo. É desde a nossa formação

na escola, a gente na verdade reproduz e quando a gente chega na graduação é muito, é ...eu não sei, eu acho que a gente ainda tem que caminhar muito é, com relação a reformulação do currículo, dessa questão da graduação, porque a gente também não é estimulado a produzir e inclusive hoje em dia eu tenho visto pessoas já saindo da graduação pro mestrado e eu fico assim espantada e eu não sei é como eu digo que a gente é alfabetizado, é uns são alfabetizados pelo sistema aos sopapos e eu não sei se é isso que acontece, porque de uma maneira geral eu não vejo na graduação nenhuma produção acadêmica assim muito fantástica e que eu vou até reduzir, restringir isso e vou falar bem aqui da região né, eu não vejo muita produção, na verdade eu não vejo muito estimulo pra pessoa ser produtora de conteúdo. Então quando você sai da graduação e vai pra sala de aula você vai reproduzir o que você aprendeu e ai você também não estimula nesse aluno a questão da produção de conteúdo. Eu de uma maneira muito assim particular, eu não uso, não trabalho com livro didático, por que eu acho que é... trabalho muito pouco assim, eu tiro algumas coisas, por que eu acho que é me fazer preguiçosa né, por que a gente pega aquilo prontinho, aquilo empacotado, aquilo muito cartesiano e a gente acaba... se rendendo ali por que é fácil né, tem uma coisa pra se escorar, mas assim é, depois que eu comecei a trabalhar isso com tecnologia essa questão minha de produzir o conteúdo, ficou muito mais latente porque, por que... assim, eu acho que foi um desafio a minha pessoa, eu mesma olhei e falei assim – Meu Deus do céu, como é que pode? eu sou professora eu tenho que ter um domínio do conteúdo, do assunto trabalhado, mas eu não consigo analisar por quê que meu aluno não aprende, não consigo produzir de maneira que eu contemple aquele, ou que eu consiga ver até onde aquele ali.. é... alcança e eu não posso sempre fazer essa, eu não conseguia fazer essa análise dentro da minha turma né? e tinha professores que conseguiam fazer isso muito bem, professores que trabalhavam comigo e conseguiam fazer isso muito bem, perceber essas nuances dos alunos. Então eu acho que a gente acaba reproduzindo. Eu tenho muito medo... e se hoje em dia a gente tá na sociedade da produção, do compartilhamento né? as crianças estão fazendo “N” coisas ai e postando e coisas muito boas e coisas horrorosas também, mas eu acho que já que a gente tem toda essa facilidade agora é nossa obrigação correr atrás disso, correr atrás de, de estimular essa produção e de produzir também.

T4m-Prof_X:
Além disso, que prof_A falou da falta de preparo do profissional que sai pro mercado pra área de educação e isso é sem dúvida, eu mesma acho que se dependesse disso, da faculdade sai sem saber ser autônoma nas aulas, eu não posso desassociar quatro fatores, eu acho que também tem igual importância que é a questão do tempo e excesso de conteúdo, pouco tempo pra muito conteúdo, o comodismo de alguns professores, não são todos, mas alguns tem mesmo e a desmotivação. Ele trabalha muito, ele diz que tá cansado e ele ganha mal, então ele acha também que o tamanho, a dedicação dele é do tamanho, o esforço dele é do tamanho do salário também, isso acontece também e são muitos fatores né.

T4m-Prof_Y:
Bom! Prof_X colocou uma coisa assim complicada que falando em termos de profissional é, eu vou falar uma coisa bem pessoal, mas que até resume. Sempre que eu vou fazer algum curso, que requer investimento, a minha esposa pergunta o quê que eu vou ganhar? Por que ela é profissional também e sabe do trabalho na educação, então a falta de reconhecimento como a gente já pontuou aqui, você ter uma pasta com 30 certificados ou com 50 a falta de reconhecimento, essa é uma coisa que desestimula né, o profissional. O que acontece é até mesmo botando esse curso da PUC que eu falei que tô fazendo, ontem, eu tive essa semana, semana de trabalho, e eu tive conselho de classe no sábado, então eu tinha uma atividade que eu tinha que entregar até ontem no curso né, então, ai ontem, de manhã, domingo, eu acordei e falei: eu não vou fazer esse seminário, eu preciso de um tempo pra mim e a gente tá em fim de ano, o professor no final de ano é muito complicado: é prova, é conselho de classe e eu trabalho num sábado, num conselho de classe extremamente estressante, de uma outra escola, então, ai ontem mesmo eu pensei, eu falei: eu tô fazendo mas essa pós-graduação, mais uma pós-graduação e... onde eu vou chegar com ela eu não sei, só Deus sabe.

T4m-Prof_X:- Continuação...
Sem dúvida, eu quando peguei a minha pastinha com 34 cursos ali, a primeira coisa que passou na minha cabeça foi assim: 34 cursos feitos, realizados, concluídos e eu não ganho nenhum real a mais e outros professores que não tem curso algum, então isso as vezes também não é justo né, imagina você: quantos cursos você, quanto tempo, quantas horas aula você se dedicou? a gente pode não se enquadrar nesse... nesse típico professor concursado, mas a gente continua fazendo, e vai continuar fazendo, mas se parar pra (**) pensar... se parar pra pensar você vai achar injusto... você...

#prof_A:
(**) Esse questionamento existe

T4m- Prof_Y:
O colega que tá lá, realmente, na hora dele fazer esse investimento a mais, em termos de tempo, deixar família(**), deixar a família pra ele elaborar uma mega aula por que ele sabe que ele vai ser reconhecido, a gente tá tocando num ponto polêmico, daqui há pouco a gente vai chegar e tá falando de salário, o que minha esposa pontua é porque dentro da área profissional dela, ela tem um reconhecimento, e ela vê dentro da família que ela tem no caso, nós temos parentes que são ligados a área de exploração de petróleo, então eles fazem investimento violento mesmo tirando do bolso pagam cursos de quatro mil, cinco mil reais, eles sabem que vão fazer aquele investimento e aquilo ali vai ajudar profissionalmente, vai ter um retorno(**2) profissional, retorno profissional lá no bolso né, financeiro. Então você pega um colega, por exemplo eu tenho 18 anos de educação, ai você pega um colega que já tem 25 anos e tem até aquele mesmo que tá na faixa etária nossa, entendeu? e o colega fala... o colega já tá pensando em se aposentar, por quê que eu vou ficar me esmerando, me acabando, não tô generalizando, nê? tô só colocando situações pontuais. Então realmente a questão da pessoa tá investindo a parte pra tá elaborando, planejando realmente tem hora que é complicado.

#Prof_X:
(**) Deixar família, seu lazer, seu descanso...
(**2) Isso não é difícil solucionar, né?

T4m-prof_A:
É, talvez isso faça mesmo a grande parte dos professores pensar e não.. e não.. e sim reproduzir simplesmente, se apoiar num material que já existe, num material que de repente não tem haver com...com... não tem significativo, não é significativo do que você trabalha pra região onde você trabalha e você acaba usando mesmo porque tem a questão de conteúdo, tem a questão financeira, tem a questão de tempo né, então tudo isso que a gente pontuou aqui.

#Prof_X:
Eu já ouvi mais de uma vez, várias vezes as pessoas assim. Você tá bem, trabalha na informática, ganha uma graninha a mais. Eu falei: Que graninha, rapaz? (risos) Eu ganho a mesma coisa que você, nem um pouco a mais... (risos)

prof_A:
Mas, você sabe que uma coisa assim. Voltando lá naquela coisa que a gente falou dos cursos de formação continuada é, uma das escolas que o Prof_Y trabalha eu tive a oportunidade de fazer o curso, na época de treinamento pra entrar na escola, eu optei por não entrar, fui pra uma outra escola e tal, mas esse treinamento, foi o treinamento que me abriu os olhos pra construção de material, eu parei de usar qualquer material assim, passei a construir o material no caderno dos alunos, por que eu vi isso lá, foi uma das propostas da escola e eu fiquei encantada com aquilo, “por você não usar, não usar uma coisa pronta principalmente na minha área que os materiais são importados e não tem nada, nada a ver com o que a gente, com a nossa realidade e construir aquilo com o aluno, usar material autêntico, usar material que eles produzam” né...

#Prof_Y:
(**) Dentro da realidade do cotidiano.

RJ:
Eles quem?

prof_A:
Os alunos, os próprios alunos, sempre com produção deles, trabalho de campo...

RJ:
Essa formação foi dada pela escola?

prof_A:
Foi.
Foi no começo né, a gente fazia os seminários e uma coisas, pra você poder, pra você fazer um treinamento pra ir trabalhar nessa escola, numa escola particular né e eu gostei muito, achei assim fantástico a proposta e inclusive é uma pena que a escola vá fechar, vai encerrar as suas atividades, mas é uma proposta pedagógica muito legal.

RJ:
Foi ai então que você disse que você...

prof_A:
Que eu despertei pra essa construção, pra construção do material. Que até então, eu usava o material e tava insatisfeita com isso né, na verdade eu não usava porque em escola pública você não tem material de inglês né, então você pega um pouquinho daqui, um pouquinho dali, mas vai usando o que os outros já que reproduziram e a partir desse treinamento, eu comecei a... não, pera ai, eu posso fazer também e posso fazer de maneira muito mais eficiente, por exemplo, é um dos projetos que eu desenvolvi com as crianças foi, por quê que em tudo quanto é lugar, todas as lojas, todas as coisas, tem apóstrofo S? E as crianças não sabiam o quê que era aquilo, mas todo lugar tem né, Luciano's Bar, Cristiane's … e uns nomes assim que tinham (**)... cabeleireiro, que não tinham, mas porque? Eles saíram fotografando, e na época a gente não tinha câmera digital com essa facilidade! eles fotografaram, revelaram e fizeram o por quê, isso tá certo, isso tá errado, fizeram entrevistas com as pessoas, recolheram material do local, foram no BOB'S, no Mac Donald's, né, e foram... e construíram isso no caderno deles sabe? Apresentaram, fizeram mural, depois um mural coletivo e foi assim uma coisa que deu estalo exatamente dentro desse treinamento. Então eu acho que esses treinamentos, que essas formações que a gente vai fazendo tem um lado muito positivo, mas a gente esbarra também no cansaço, a gente esbarra na questão financeira, porque o professor tem uma profissão muito ingrata.

RJ:
(**) Cabeleireiro...

Prof_Y:
E o engraçado é que é formação continuada né? quer dizer que não vai acabar nunca! (risos)

prof_A:
É não vai acabar mais (risos)
É a gente fala pros alunos, a gente não desiste de estudar...

Prof_Y:
Eu vou ter que sair, mandar uns emails ali ...

RJ:
Claro, você ficou muito mais que você podia tá, obrigadão mesmo....

Comentários Extras Finais com Prof_X e prof_A

prof_A:
A nossa profissão é muito ingrata né, por que assim a gente não ganha bem, mas a gente tem que ler bem, tem que se vestir bem, a gente tem que falar bem, escrever bem, tem que consumir bem né (risos) e assim...
Isso exatamente

Prof_X:
Falar bem, escrever bem...
E se você comete um erro então e todo mundo percebe... Se escrever errado todo mundo percebe...

prof_A:
O professor ta sempre no olho do furacão e tem também a questão de... De consumir né, você tem que ta né, você tem que consumir né, consome livro, consome informação, você não ganha pra isso e também a questão de como é que você vai mensurar o produto do seu trabalho né? que as vezes o aluno tira uma nota ruim numa prova ou numa avaliação externa dessas, mais ele é bom, argumenta bem, só que tem uma lacuna entre ele argumentar bem e escrever bem que agente ainda não trabalhou e ai como é que agente vai mensurar isso né? Como o Prof_Y tava falando, o pessoal da área de petróleo tem como mensurar produção, agente tá ainda nessa questão que eu digo das olimpíadas e das avaliações externas, quem consegue mais fica em primeiro lugar IBEP agente agora ta nessa corrida.

Prof_X:
No IBEP...
É avaliação o tempo todo, faca no peito e...

prof_A:
E não é avaliação que agente, que agente tem visto nas formações continuadas né, e se avaliar agente precisa mesmo ta avaliando o tempo todo. Precisa ta avaliando até pra recorrer, repensar, recorrer, re planejar, reconstruir mais, na verdade assim é, não é esse tipo de avaliação que agente vê e entre, essa questão dos índices é muito importante por que o aluno não é exigido pro aluno que ele faça uma prova o ano inteiro do jeito que ele faz na Prova Brasil, que ele faz no ENEM e ai ele chega lá totalmente despreparado, você também não pode trabalhar aquilo ali o ano inteiro também detrimento de outras coisas é uma situação complicada pro professor mais se esforça. Agente gosta um bocado desse desafio.

RJ:
Eu acho que já esgotou todos os meus temas e se vocês quiserem vários outros.
É agente fala que o aluno não pode ficar sentado se não agente ganha esporo e eles ficam noventa e poucos minutos... já é um longa metragem... já não é um curta né.. (risos)
papo indireto sobre temas de cansaço e cadeiras desconfortáveis....

RJ:
Só mais uma pergunta, numa coisa que não ficou claro pra mim.
Vocês tem dado além dessa assistência (pode ficar em pé, eu já ajustei pra você poder falar em pé).
Vocês, só pra acabar a exploração né, vocês percebem né, agente vê agora me deu branco também...
Vocês fazem formações né, vocês acompanham esses professores mais vocês também fazem formações desses professores, normalmente não é na escola é aqui pelo que eu entendi, essas formações?

prof_A:
É aqui. As vezes agente faz na escola também.

RJ:
Também faz formações nas escolas.

Prof_X:
É, de vez em quando.... Mais ai o espaço fica a critério nosso.

RJ:
Mais vocês fazem ou na escola ou aqui..

Prof_X:
Eu sinto a necessidade de um professor que ele ta querendo trabalhar vídeo e não sabe ai eu faço oficina.

RJ:
Mas aí você faz pra um professor ou pra um conjunto de professores?

Prof_X:
Eu abro pra quem quiser se inscrever, não obrigo, a ninguém até porque geralmente é eu, então por exemplo na minha escola eu abro dois turnos porque eu trabalho lá o dia todo, eu abro uma turma de manhã e outra a tarde quem quiser vir a tarde ou de manhã, mais fica aberto pra funcionário, aluno e professor.

RJ:
Normalmente vêm quantas pessoas?

Prof_X:
Na minha última oficina se inscreveram é...

RJ:
Professores?

Prof_X:
De professores se inscreveram eu acho que quatro e só apareceu um, não só apareceram dois e só permaneceu um.

prof_A:
É eu faço essas oficinas também num dia em que eu não trabalho na escola, eu vou e fico manhã e tarde...

RJ:
Voluntário?

prof_A:
Voluntária.
E faço, abro sempre pra professor e duas se inscreveram é, as duas ficaram assim muito, eu tive que ficar puxando pra elas se...
Agora o que eu abro assim, alunos, professores e funcionários também. Aluno, aluno vai...

Prof_X:
Tem mais funcionário e aluno do que o professor.

prof_A:
O aluno vai participar.

Prof_X:
Mais em geral a desculpa, ou desculpa...

RJ:
A justificativa.

Prof_X:
A justificativa é que ele não pode de manhã ou a tarde nenhum dos dois horários por que de manhã ele está trabalhando na escola e a tarde ele está em outra entendeu, ou vice versa. Ele só ta lá a tarde e de manhã ele ta trabalhando em outro lugar, as vezes em até outro município né em Areal, Cabo Frio é Búzios então...

RJ:
Usando um pouco o que a prof_A falou antes né, do DNA né, DNA do professor, vocês três né, no caso agora vocês duas que ficaram, é como se vocês tivessem no DNA a questão de vocês de ir fazendo esses cursos né, essa formação continuada. Agora o que na verdade vocês acham que impulsiona vocês né, o que move vocês pra tá nessas formações continuadas e ter dado esses passos iniciais né, nessas avaliações?

Prof_X:
É olha eu. Eu acho que eu poderia ser bem melhor profissional do que sou, acho que eu tenho muito ainda pra aprender, já aprendi muito e tenho muito pra aprender. Mais eu acho que eu sou boa no que eu faço e eu sou por uma única razão, eu gosto de ser boa. É uma variante pessoal minha eu gosto de ser boa no que eu faço, mesmo que seja uma atividade que eu não goste. As vezes tem coisas que você faz no seu trabalho que você não gosta e nem concorda com aquilo, mais eu gosto de ser boa, ser... pra mim é faz parte da minha vida, no meu relacionamento afetivo e pessoal, familiar, pra mim ser boa no trabalho é tão importante como ser boa mãe, ser boa companheira entendeu, então eu faço as oficinas, além disso não ser uma escolha, agente tem que fazer pra permanecer na área, eu faço por que eu quero me aprimorar, não quero ficar pra trás, porque eu quero continuar sendo boa no que eu faço, porque o dia que eu achar que eu sou ruim nisso eu voou ter que... mudar de profissão...

prof_A:
Mudar de profissão. (risos)

Prof_X:
Entendeu, vou ter que mudar, porque eu vou me sentir mau comigo mesma. A Prof_Xtiane é uma incompetente, se alguém falar comigo que eu sou uma incompetente vai me matar. (risos) eu posso não ser simpática, mais não ser professora palhaça, mais agente tem que ser bom, ninguém vai poder dizer que eu sou ruim, que isso me incomoda.

prof_A:
É agente outro dia tava aqui conversando né, essa questão mesmo da capacitação cada um ta com seu DNA né, porque as pessoas falam, a tô precisando distrair eu vou viajar, agente fala assim, a vamos

fazer aquela oficina tal assim, não que agente também não vá viajar mais agente é se distrai bastante fazendo essas coisas e te essa questão também de eu gostar de ser boa, da excelência na coisa, mais eu acho também que assim, eu lido com aquilo ali o tempo inteiro, lido com aquelas crianças, com as dificuldades, com o, com o ter que ensinar alguma coisa, com o ter que buscar alguma coisa e eu preciso fazer isso da melhor maneira possível, eu preciso fazer isso de uma maneira agradável pra mim e pra eles né, de maneira significativa principalmente.

Prof_X:
Até porque é a sua vida também né.

prof_A:
Exatamente, eu quero descomplicar tanto pra mim quanto pra eles e se e o lugar onde vou aprender, onde eu vou trocar experiência pra poder fazer isso bem feito, é nessas oficinas é nessas formações continuadas sabe, é... é pesquisando, eu acho que, quando falo pro professor é um pesquisador ele é, em alguns isso ta adormecido, mais nós somos pesquisadores sabe, pesquisadores da matéria mais rica que agente pode ter que é o ser humano né, e agente ta ai o tempo inteiro é aprendendo coisas e as vezes agente aprende empiricamente e depois agente vê alguma coisa em algum lugar e agente poxa, mais eu falei isso em tal lugar, mais já tinham falado antes que dizer, foi até uma coisa que me levou a pensar em agora voltar pra faculdade e fazer pedagogia porque eu tenho lido algumas coisas assim que eu penso e gente Vygotsky falou isso a 300 mil anos atrás e porque eu não li isso aqui antes eu li outra coisa e não li isso? Então quer dizer, tem muito também da gente querer abraçar o mundo de uma vez só, mais eu acho que agente precisa abraçar pelo menos...

Prof_X:
Até porque quanto melhor você for na sua profissão, maiores são as chances do aluno aprender melhor né isso é bom pra todo mundo, é bom pra ele, é bom pra você, é bom pro profissional ta sempre... lida no seu dia a dia com o professor, quanto o próprio aluno entendeu e no fundo no fundo agente já sabe que o nosso salário não é espetacular, agente também não for é se agente não for conseguir o seu objetivo que é, que é melhorar a informação do aluno, não tem graça ser professora, então quanto melhor você for como profissional, melhor será seu aluno e mais ele vai aprender e ai a gratificação que você tem né, quando acaba o ano você tem um sentimento de que alguns pelo menos alunos cresceram, desenvolveram melhor graças ao seu trabalho né, com a sua inserção ali naquele, naquela escola.

prof_A:
E é muito bom agente vê assim, vê o processo de aprendizagem né, às vezes eu sempre digo assim, o aluno é alfabetizado aos sopapos pelo sistema, por que agente tem alunos, a questão da inclusão né, agente tem alunos inclusos na escola que agente nunca, antes né, não tinha acesso a formação de inclusão e agente trabalhava com isso, trabalhava da melhor maneira possível, acertando, errando e procurando lá de alguma maneira é fazer aquilo bem feito e o aluno vai se alfabetizando ali né, ao decorrer dos anos e às vezes o aluno era pra fazer o ensino fundamental em até 4 anos e às vezes ele faz em oito, dez mais ele sai, agente tem experiências assim nas escolas né, mais eles saem cidadão mesmo né, sai uma criatura que escreve e que compreende e tem agente tentando ajeitar aquilo da melhor maneira possível.
Acho que é muito gratificante você vê esse retorno, talvez o nosso retorno não seja financeiro, não seja mensurável, mais...

Prof_X:
É então o nosso maior doce é esse, se não tiver isso também não queria ser professora.

prof_A:
É isso que me deixa muito triste também com esse monte de economista, especialista em educação começa a publicar, publicar por aí coisas que agente é lê e se rasga de raiva, (risos) porque é um pessoal que nunca esteve nessa situação né, nunca esteve ali pra vê a carinha né.

Prof_X:
Às vezes até se diz professor mais só deu aula em faculdade, não sabe a realidade é outra né, por fora né do Estado e tal, a realidade é outra, então ninguém melhor que os professores que trabalham aqui em baixo na terra dos mortais pra poder falar sobre isso.

prof_A:
É verdade.

RJ:
Olha só, eu tinha falado que era a última mais agora realmente é a última mesmo, prometo.
Por que vocês estavam falando e acabou voltando na fala de vocês um tema. Por exemplo, vocês falaram a pasta de 30 cursos né e que todos colaboraram de alguma forma, um você não vai usar agora, mais vai usar depois. Mais vamos é, pensar de uma maneira assim, um pouco mais crítica não é, com certeza alguns tiveram maior peso, maior influência e outros tiveram menor.
Se vocês pudessem encontrar uma característica ou algumas características que diferenciassem aquelas formações, aqueles cursos, aquelas pós né, independente da duração, independente do estilo né, o quê, o quê caracteriza pra vocês como sendo as que tiveram maior impacto nessas transformações que vocês mesmos falaram e foram detalhando e os que não tiveram tanto impacto, ou seja, será que agente consegue é ver que característica, ou que características conseguem diferenciar essas formações? Colocar em...

Prof_X:
É a aplicabilidade né, é a aplicabilidade daquilo. Se você trabalha com, se você faz uma oficina com um material que você é, usa no dia a dia, precisa no dia a dia e quando você vai aplicar aquilo com certeza vai de alguma forma te ajudar naquela, naquele conteúdo e têm outros que tem menos aplicabilidade no caso, vamos citar um. Eu fiz aqui um, acho que esse curso nem cheguei a concluir ou foi mudado pra outro dia e por alguma razão eu não concluí de música né, era com o RLMMS pra alguns professores pode ter tido a maior aplicabilidade para mim não teve, eu nunca usei, mais o que eu acho e pelo que eu me lembre esse foi o único (risos) lembrando assim acho que foi o único.

prof_A:
Acho que assim, é muito consonante com o que agente tava falando né, é na verdade agente essa formação é para o trabalho mesmo, nossa formação profissional, então agente precisa de alguma coisa que alia teoria a prática, que eu possa visualizar mesmo que seja só uma palestra, que eu possa ouvir aquilo ali e eu possa visualizar aquilo ali sendo aplicado no meu dia a dia. Agente assistiu uma palestra, não sei se você assistiu esse ano do Julio Furtado, eu achei aquilo ali fantástico é uma palestra de duas, três horas né e foi uma coisa assim, que esse homem deu todo um gás pro meu ano letivo né, porque ouvir uma pessoa doutor que da aula em ensino fundamental e ensino médio e ele chegou lá em cima no palco e falou assim, não eu estudei, realmente eu sou doutor, eu trabalho numa universidade também, mais eu trabalho com sexto ano e também com terceiro do ensino, sexto ano do ensino fundamental e terceiro ano do ensino médio por que? Porque eu estudei pra fazer aquilo ali melhor, eu to estudando, to me capacitando pra fazer daquela base, uma base melhor que vai chegar na universidade. Então aquilo ali foi assim uma coisa que ele, como ele é professor de sala de aula de ensino fundamental e médio, ele colocou muito situações muito reais, muito pertinentes a nossa realidade e aquilo ali foi o que deu gás pro meu ano letivo todo. Eu tinha falado que esse ano eu não ia fazer mais nada, porque eu estou muito cansada e ia ser meu ano, meu ano de férias e já engatei três coisas esse ano (risos) e se tivesse tempo pra fazer mais alguma eu teria feito, porque realmente agente tem que fazer pra melhorar alguma coisa, eu não vim aqui a passeio, eu não to nesse mundo a passeio e eu não sou professora porque não tinha o que fazer da vida né, eu sou professora porque preciso trabalhar, mais também porque gosto do que eu tô fazendo, mesmo que não gostasse eu tô a tanto tempo ali que se eu ficar fazendo alguma coisa que eu não gosto é porque eu sou muito masoquista, então tem que, tem que ter significativa aquilo que agente vê lá eu tenho que ta imaginando ele aplicado.

Prof_X:
É que nem você fazer um curso de material, de um software de repente que serve apenas pra Windows, só instala no Windows e você só tem Linux na escola entendeu, então isso é inviável.
Hoje nós fazemos oficinas que você possa aplicar com o Linux, porque agente só trabalha com Linux, então tem que ser viável, tem que ser usável pra gente entendeu? (risos) e tem que ser se não, não adianta e eu acho que agente aqui tem essa preocupação. O pessoal do (não foi possível compreender a palavra) tem a preocupação de só oferecer oficinas que facilitem a nossa vida de software, de programas de aplicativos e que agente precisa ou que esteja precisando pra, pra sala de aula e a sala de informática e no geral são todos bem, bem.

prof_A:
E o interessante assim é que os professores vão entrando pro grupo é e nem todos são assim, expert em tecnologias e informática a minoria né, tem gente, mais assim a pessoa tem que ter, quando agente faz a entrevista agente procura ter um perfil da pessoa que queira descobrir, que queira trabalhar com aquilo ali e ai agente ta numa lista de discussão em que um contribui com o outro, eu não sei usar mais

você sabe, então eu pergunto ali, todo mundo responde e isso eu acho muito legal, isso eu acho que é uma característica do professor. Agente acabou ficando muito, muito trancado nas próprias salas de aula, cada um na sua e cada um fazendo lá os seus projetos e tal e ai depois começou a gente a trabalhar com projetos interdisciplinares e tal e eu acho que agente ta conseguindo descobrir que agora não é só o adolescente que compartilha né, o professor também compartilha. Eu acho que isso assim é a palavra que me vem, compartilhamento, adoro essa palavra, meus alunos brincam muito com isso, que agora a câmera compartilha, eu compartilho, tudo compartilha

Prof_X:
E a internet da escolha compartilha, descobri hoje que a internet estava a semanas atrás tava péssima caindo toda hora e um dia estava usando, todo mundo usando e caiu a internet toda Wi-Fi né a wireless né sem fio, ai as que estavam com cabo funcionando, as que eram só se fio parado né, aquele xzinho em todos os computadores ai eu pensei, tem alguma coisa estranha, você ta usando o negócio e não houve nenhuma queda de luz nem nada e não resetou, não reiniciou o moldem e caiu e eu fiquei bolada com aquilo, fiquei dois dias sem internet pau da vida, ai eu falei assim, esse treco ta estranho, eu acho que alguém ta mexendo lá no site, ai eu fiquei sabendo que assim muito professor, muita gente até funcionário me pedia a senha da internet pra poder usar a secretaria e o notebook né e ai eu fiquei sabendo que um funcionário tem um filho na escola e que eu não sabia e ele deu a senha pro filho, ai o filho distribuiu né, distribuiu pra todo mundo.

prof_A e RJ:
Compartilhou...(risos)

Prof_X:
Ai o quê que eu fiz, troquei a senha no roteador, troquei a senha de todo mundo, fui na secretaria, na sala de direção e botei eu mesmo a senha e não dei pra ninguém e todo mundo que pede, me dá aqui seu notebook, eu boto a senha pra você, pros professores né e ai hoje apareceu um garoto lá na sala de informática e chamou o meu aluno monitor né, que eu tenho um aluno monitor que me ajuda duas vezes por semana, ai chamou cochichou no ouvido dele e ele falou não, não sei, não sei. Aí ele veio na minha mesa e falou olha ele me pediu a senha da internet e eu falei que eu não sei e não sei mesmo, porque eu também não dei pra ele, não sei e então é isso mesmo, eles estavam usando e quem sabe estavam até fuçando a senha pra modificar a senha e tipo de sacanagem um com o outro então eles fazem isso. E agora eles estão desesperados porque eles não estão conseguindo mais acesso a internet e que eles estavam acessando do celular, o negócio não era pra eles usarem no notebook ou computador em casa ou porque mora perto não, era porque eles estavam usando a internet pelo celular e todo mundo tinha a senha da internet.

prof_A:
A gente não tem condições né, disso ser realidade, mais seria muito interessante que todo mundo tivesse um acesso, um acesso vigiar né, um acesso...

Prof_X:
E como é que você vai vigiar o acesso pelo celular do cara? (risos)

prof_A:
A mais você tem como bloquear determinadas coisas.

Prof_X:
O que vai ter de vídeo pornô por ai.

prof_A:
Mais você tem como bloquear determinadas coisas, mais assim, seria o ideal se agente tivesse isso, se eles tivessem a maturidade pra lidar com isso, mas, o ideal nem sempre ta ao alcance do real.

Prof_X:
Nem temos megabytes para isso.

prof_A:
É nem temos, é fisicamente impossível, mais de repente...uma hora...

----------B- ENTREVISTA PROFESSOR_B----------

Tema1: O que motivou a sua escolha de ser professor e as suas primeiras experiências?

- **O primeiro assunto é o início da sua carreira como professora, inclusive se você quiser falar o que te levou a ser professora de português.**

T1-prof_B:
Na verdade eu fui ser professora porque era a única opção que eu tinha aqui e dentro das possibilidades que tinham aqui eu achava que eu me encaixava melhor na coisa de português, Língua Portuguesa e Literatura e eu me apaixonei, eu me apaixonei quando eu comecei mesmo quando eu entrei na sala de aula foi uma das melhores coisas que aconteceu, eu me apaixonei pela profissão, pelo trabalho, pelo contato com o adolescente que eu falo que na verdade não é nem o fato de você estar lá explicando a matéria, é a troca que você tem, é o contato com eles, é isso que eu gosto.

- **Então você fez só a parte de línguas, antes você fez o normal?**

Não, eu fiz o antigo Formação Geral, eu fiz formação geral, eu sou professora só de sexto ao nono e Ensino Médio

- **Mas ai você falou a questão da opção né, você tinha alguma coisa na cabeça que você gostaria de, você tinha algum sonho, porque as pessoas falam o que ela queria seguir uma carreira x, y.**

Eu pensava muito em Direito, mas hoje em dia eu vejo que não é a minha praia, não é a minha praia, eu vejo, contato com pessoas que são advogadas e tudo, não é a minha praia eu acho que eu tô, Deus escreveu certo por linhas tortas, eu acho que eu tô bem.

Tema2: Que Formações continuadas vocês participaram?

- **Depois da formação inicial, que outros cursos você fez, cursos curtos, cursos mais longos.**

T2-prof_B:
Eu fiz pós em Lingua Portuguesa, eu fiz vários assim, seminários, cursinhos de um dia, vários, fiz Literatura Infantil e Juvenil após e tava fazendo agora formação continuada no estado, só que eu não gostei, porque essa produção de exercício, eu achava que aquilo não tava acrescentando nada, sabe, achava que não tava acrescentando nada, só produção de exercício.

- **Quem que dá esse curso?**

É o Estado, o Governo do Estado, o Governo do Estado fez, abriu esse curso, essa formação continuada pros professores de primeiro ano do ensino Médio e nono ano, ai eu comecei a fazer, me inscrevi, tava, tava empolgada pra caramba, mas eu não gostei do curso, eu não gostei porque é só produção de exercício, exercício eu sei preparar.

- **Você falou que é uma pós ou duas pós que você fez.**

São duas

- **Você fez duas, uma foi de Literatura Infantil e Juvenil e a outra?**

A outra de Língua Portuguesa. E eu comecei no Estado, comecei no Estado de Ciências naturais e Políticas Públicas, só que não tem nada a ver comigo, nada a ver comigo.

- **Você fez quantos períodos?**

Dois

- **Ai depois parou.**

Ai parei

Tema3: A partir dessas formações, vocês perceberam mudanças em suas práticas em aula? E se: Quais?

- **Agora você observou alguma mudança na sua prática como professora depois desses cursos que você fez?**

T3-prof_B:
Assim, parece que quando você tá lá, você se sente a pior pessoa de todas, nossa tudo que eu faço é errado, tudo que eu faço é errado. Ai você vai tentando, adaptando uma coisa aqui, uma coisa ali, pra realidade, pra nossa realidade e algumas coisas a gente acaba usando né, algumas coisas a gente acaba usando, outras coisas não, eu usei, eu tenho usado muito, tenho procurado usar muito a questão da informática né, tenho procurado usar muito a questão da informática, sempre tento adaptar alguma coisa daquela, daquele conteúdo que eu tô dando, pra fazer alguma produção na sala de informática, eu sempre tento colocar alguma coisa nesse sentido, não é nem exercício, mas assim, **que eles produzam mesmo**, eles produziram fotonovela, eles produziram história em quadrinho, eles produziram, meus alunos já produziram uma novela de cavalaria.

Novela de cavalaria! Como é isso?
É, eles fizeram um vídeo. Novela de cavalaria é a prosa da Idade Média, o Rei Arthur, novela de cavalaria, Tristão e Isolda. Ai ele, eu trabalhei com eles a questão da novela de cavalaria na parte teórica e mandei eles produzirem uma, um vídeo, ficou muito legal.

Eles fizeram antes o roteiro, tudo isso.
Eles fizeram o roteiro, tudo isso, porque a gente tá com a, a pessoa responsável lá, ela, a gente fez uma oficina também pra ensinar fazer roteiro, a questão da posição da câmera, tudo e a gente fez, fez isso, e também a ultima foi animação de recortes com fábulas, e aqui a gente fez um áudio book com livros, peguei um livro da, de contos de terror que é muito bom Sete Ossos e uma Maldição.

Qual?
Sete Ossos e uma Maldição da Rosa Amanda Strausz e ai é, eu trabalhei oralidade com eles, fiz muito treino oral com eles e a gente pegou e eles tiveram que ler o conto interpretando né a coisa, ficou muito legal.

E isso tudo foi gravado, foi registrado?
Foi gravado, foi registrado, foi até com ela porque foi aqui, foi até com ela isso.

Será que tá lá naquele site que a gente viu depois.
(outra pessoa) Ainda não porque não fizemos a edição.

Ah, a Tati que tá fazendo a edição, legal, tem coisas muito interessante lá.
(outra pessoa) Muito legal

Então, ou seja, nesse não foi tanto a, a criação da história, na novela de cavalaria eles tiveram que criar a história.
Criar a história, alguns grupos trouxeram pra modernidade né, eles modernizaram a novela de cavalaria e ficou muito legal.

E no caso esse último não, esse último já é mais a questão de, da prática da oralidade, da expressão oral.
Exatamente, da leitura de ler a questão da pontuação da entonação, porque as vezes muitas coisas eles não entendem o que tão lendo porque não seguem a pontuação. Ai eu fiz um trabalho com eles assim.

Ai esse curso que você fez foi dele que veio a idéia da novela de cavalaria ou eles tiveram uma outra idéia e você adaptou, como é que foi isso?
Não a idéia foi minha mesmo

A idéia foi tua?
A idéia foi minha

O curso falava sobre fazer vídeos é isso não?
O curso não, assim, eu fiz, eu fiz o curso, eu fiz aquele de cem horas no MTM, como é nome daquele curso . Eu fiz algumas capacitações no MTM de HT, de Throo, fiz algumas capacitações e ai, fui, assim, usando entendeu, e ai na questão da, especifica da, da matéria que tem que, que trabalhar, eu vou assim, é mais por tentativa e erro, é mais por tentativa e erro, eu tento pegar uma coisa aqui. Hoje em dia eu ensino, assim, eu sinto que os professores de português, em geral, eles tão muito divididos porque a gente ou trabalha gênero textual, que é a linha seguida atualmente, é trabalhar em cima de

gênero, você deixar um pouco a gramatica, adaptar a gramatica praquilo, mas, se você vai, se o aluno sai e vai fazer um concurso, qualquer concurso, Petrobras, TJ, qualquer concurso a gramatica, assim, que a gente chama de pauleira, a gramática que segura, que é o que não tem mais na escola, então o professor, é, ele fica muito dividido, que ai eu acho que não tô sendo não tô sendo honesta com o aluno entendeu? Ai eu tento dividir um pouco, deixar, aplicar essa nova tendência do gênero textual, de tentativa e erro, porque também não tenho receita de bolo pra fazer e tento ainda puxar um pouco da gramatica pra poder ver se ajuda.

- **Na gramatica você já conseguiu fazer de alguma forma diferente ou ainda não?**

Eu vou tentar (risos) porque na gramática, gramatica não tem muita. É aquilo mesmo, é explicar a matéria e passar exercício, muito exercício, muito exercício, muito exercício.

Continuação do tema 3(.1): Aprofundando nas possíveis mudanças...

- **Agora, é, que, que diferenças você observa entre a forma que você aprendeu né, desde o início né conforme a gente falava no nível superior né, que diferença você observa entre a maneira que você aprendeu e a forma que você ensina?**

T3.1-prof_B:

De aluno, quando eu era, assim, eu vejo a postura. Acho que a coisa que mais diferencia é a postura, a postura do aluno hoje é muito diferente da postura dos alunos do meu tempo de aluna. É, parece que o questionamento, a busca por aquilo, a importância que se dá é, nada, não tem importância então, a gente fala, fala, fala a mesma coisa um monte de vezes e é como se nunca tivesse falado né, eu vejo a diferença na postura. As vezes eles tão estudando alguma coisa, falando alguma coisa, se você cita alguma coisa “Há, como é que você sabe isso?” Eu estudei isso. “Há, mais a gente estudou e não sabe”. Vocês não prestaram atenção na aula, é uma coisa mais ou menos assim entendeu, parece que é tudo muito superficial, não passa da página 2.

- **#Isso, você tá falando mais da mudança dos alunos, da sua época e atual, mais eu, e isso é interessante, é importante também, mais assim, mais especificamente é você aprendeu, ou seja, você, como é a relação entre as aulas que você assistiu como aluna e as aulas que você dá como professora. Voce nota muitas diferenças muitas semelhanças viu, entre o que você assistiu e o que você faz como professora em sala de aula. Que coisas são semelhantes, que coisas são diferentes?**

A abertura que se tem pra, pra discutir, pra expor, pra ouvir do aluno hoje é muito, é muito mais aberta a troca e, é eu acho que basicamente é isso, hoje em dia acho tem o retorno, é, você propor pelo menos esse retorno e, mas, a gente não podia falar muito, era isso, ponto final e acabou. Até em alguma coisa de debate, não tinha muito o que debater entendeu, era mais imposto.

Tema4: Vocês se vêem como autores do processo didático ? Por que?

- **E você se vê como uma autora desse processo ou não, como, de que forma?**

T4-prof_B:

Processo de ensino/aprendizagem?

- **Isso**

Ah não, autora não, porque não dá pra fazer tudo sozinha a gente tem que ser parceria. Ensino/aprendizagem. Só posso ensinar se alguém quiser aprender. Alguém só pode aprender se tiver alguém pra ensinar. Pra mim é via de mão dupla. Pra mim não dá pra ser autora, tem que ser uma parceria. Voce tem que estar disposta eu acho, tem que estar disposto a. Eu acho isso.

- **E, você, como é que é a tua relação com livro didático, né com os materiais didáticos?**

Eu quase não uso livro didático.

- **Por que?**

É, tem assim, no Ensino Médio tem a questão do aluno levar o livro. Saco!!

- **Como assim, não leva é isso?**

Ele não leva. E assim, o livro que tava sendo usado lá na escola, ele, ele tava fora do programa porque o

Estado lançou um currículo mínimo que é uma benção de Deus na nossa vida (risos) que não se encaixa em nenhum livro didático e você tem que, então você não tem como usar o livro, você tem que ficar pesquisando aqui e ali pra poder levar o material pro aluno né, então, é muita folha, muita folha, muita folha, que você tem que dar, é, porque, o livro você ele não, você tem o livro pra posicionar algumas partes, mas o livro que estava sendo utilizado esse ano ele não se encaixava muito dentro. Ai eu quase não usei e também não tinha livro pra todo mundo. Na minha turma muitos ficaram sem livro.

- **Entendi. Mas em anos anteriores, você usou?**

Uso, é um apoio mesmo, não é o objeto central, é o apoio, uso muito os textos do livro, a interpretação de texto, para leitura e tudo, mas ele não é o central, nem mesmo na parte da gramática, não é a parte mais importante, é apoio mesmo.

- **E os outros materiais normalmente, essas outras folhas, esses outros textos.**

Folhas...

- **Como é que você consegue isso?**

Em revista, em outros livros, eu elaboro exercício, eu pego propaganda, história em quadrinhos, monto perguntas em cima daquilo que se encaixa dentro da matéria que eu tô dando.

----------C- ENTREVISTA PROFESSOR_C----------

Tema1: O que motivou a sua escolha de ser professor e as suas primeiras experiências?

RJ: Então, é.., não são perguntas assim objetivas, tá! Eu vou falar os temas e pedir que você fale o máximo que você puder, fale a vontade, sobre cada um deles. Então vamos lá: O primeiro tema é o início: Porque que você virou professor, como foi o início de sua carreira como professor, então essa parte agora é falar um pouco sobre o início, do professor e da disciplina que você escolheu. Conte um pouco pra gente como foi o início.

T1-prof_C:

É, eu sempre tive o sonho, né de participar da formação da sociedade, tá dentro, a própria área que eu escolhi de história né, tem essa coisa meio revolucionária de querer transformar a sociedade, e foi nesse sentido um pouco que eu escolhi ser professor, e porque o que eu sempre sonhei fazer, que eu gosto de fazer, que é estudar, tá sempre estudando, hoje é muito complicado, afinal de contas tem um monte de escolas, um monte de turmas, fica difícil estudar, mas é..., essa escolha, porque eu sempre fui muito apaixonado mesmo pela, por conhecer cada vez mais, e a história, eu tinha até um professor da faculdade que falava que é como cachaça, depois que você começa a experimentar, vai bebericando cada vez mais e não consegue mais largar e você acaba viciando cada vez mais e eu sou assim, com história, então cada vez mais que eu vou lendo algum texto, vou querendo pesquisar cada vez mais sobre aqueles assuntos que vão perpassando aquele texto e é por aí.

RJ: E depois que você terminou a licenciatura..., você terminou em que ano a licenciatura?

Prof_C: 2008

Tema2: Que Formações continuadas vocês participaram?

RJ: Terminou em 2008. Você fez outros cursos, outras formações, ou se você quiser falar sobre alguns que tenha feito em paralelo com a licenciatura também.

T2-prof_C:

Assim que eu terminei a graduação eu já emendei logo numa primeira pós graduação, que eu não consegui..., que eu fiquei pensando como é que seria a minha vida sem um estudo estruturadinho, aquela obrigatoriedade, então logo assim que eu acabei eu fiz uma pós em história contemporânea no Rio, foi um aprendizado muito grande não só pela disciplina e pelas coisas que eu aprendi na aula, mas pela correria do dia a dia e a gente sempre vai aprendendo a aproveitar cada pedacinho do tempo que a gente tem para poder não desperdiçar... o tempo, e logo que eu acabei essa pós em história contemporânea eu já emendei em outra que foi uma pós em história das religiões, justamente a área que

eu gosto mais de estudar, não sei porque o povo sempre diz que eu sou muito polêmico, eu adoro uma polêmica, então acho que a questão da religião na sociedade tem muito disso, né? As polêmicas que ela causa, que ela cria e eu adoro estudar essa influência daquilo que é, da religiosidade, daquilo que é divino na sociedade, como ela influencia.

RJ: E no caso é..., depois que você começou a dar aula você fez outros cursos? Não?

Prof_C:Não, não, eu tentei entrar em alguns outros cursos complementares, mas nunca consegui bater tempo, bater horário,

RJ: Mas antes dessa pós você já dava aula, já?

Prof_C: Já, já dava aula, é … primeiro ano...

RJ: Você já dava aula enquanto já estava na graduação já, não é isso?

Prof_C: Eu cheguei a dar aula particulares e em algumas escolas também, né... que na realidade deveria ter sido só o estágio, fazer parte do estágio: uma aula ou outra, mas a gente sempre acaba dando mais do que isso pois as necessidades são muito grandes e...

RJ: Não, a pergunta é se você já dava aula antes de fazer essa pós graduação?

Prof_C: Sim, Sim. Já dava antes da pós graduação. É foi um início é sempre meio complicado né. Chegar numa turma cheia fica com medo, ansioso. Mas depois que pega o jeito, pega o ritmo é... sente falta, depois sente falta.

Tema3: A partir dessas formações, vocês perceberam mudanças em suas práticas em aula? E se: Quais?

- **Agora você observou alguma mudança na sua prática como professora depois desses cursos que você fez?**

RJ: E você chegou a observar alguma mudança na sua prática como professor. É... no antes e no depois dessa pós graduação?

Prof_C: É...,haaaa....

RJ: Que tipos de coisas que você notou? Se notou?

T3-prof_C:

M: A prática ela vai sempre se modificando. Acho que a tendência é sempre ele ir melhorando com o tempo, quando a pessoa tá sempre se especializando e melhorando. E a forma de lidar com a história né, que agente vem com uma formação. Não faz muito tempo que eu estudei o fundamental e médio, mais eu ainda lembro que agente tinha que ficar decorando ainda muita data, muito nome e eu sempre fui percebendo isso e não achando isso muito interessante. Então é como é voltada a minha prática hoje que é muita análise de texto, analise de imagem e ai que entra a questão da informática educativa é com o curso que eu fiz também em 2006.

RJ: Foi o curso que agente fez pela UFRJ?

Prof_C: Isso, pela UFRJ. E que foi muito interessante, porque eu comecei a observar a forma de trabalhar de fato com a informática na sala de aula. Que eu já sabia como trabalhar com slides né que é o básico. Só que agente no inicio que eu comecei a trabalhar com slides eu ficava muito preso aqueles slides textuais, eu transformava o data show num quadro em que eu podia rabiscar e não precisava ficar escrevendo o tempo todo e a medida que eu fui aperfeiçoando a minha forma de dar aula que é a interpretação de texto, de imagem, vídeo, áudio ai eu comecei a ver uma função muito mais importante pro data show, pra informática na sala de aula. O curso ele foi muito importante nesse sentido.

Continuação do tema 3(.1): Aprofundando nas possíveis mudanças...

- **Agora, é, que, que diferenças você observa entre a forma que você aprendeu né, desde o início né conforme a gente falava no nível superior né, que diferença você observa entre a maneira que você aprendeu e a forma que você ensina?**

T3.1-prof_C:

RJ: É... queria que você falasse um pouco mais sobre uma possível comparação entre a forma que você tinha as aulas quando você ainda era aluno e a prática tua agora como professor né, o quê que é diferente, o que é parecido como é que isso?

Prof_C: Aquela clássica é... definição né, a aula cuspi giz. Na época em que eu estudei era muito preso aquele texto do livro né. Não tinha aquelas variações de ler os próprios historiadores, artigos de época, fontes históricas e agente ficava muito preso aos fatos. Nessa data aconteceu tal coisa e não se preocupava com o mais importante que é por quê que aconteceu isso? E o quê que vai aconteceu depois disso, qual a consequência? O quê que isso vai levar, o que esse fato vai levar? E é nisso que eu gosto de trabalhar muito hoje e acho que é a principal é... mudança minha mesmo, em relação ao como eu estudei e a forma com que me interessa trabalhar. E o que é muito difícil atualmente porque as crianças é ... os alunos em geral não tão muito acostumados em ter que pensar né... na sociedade já tem uma sociedade que entrega tudo pronto pra eles. Você dá um texto, prova geralmente né, as avaliações tem muito, bastante texto, tem imagem também e o que sempre ouço é.. pô professor pra quê esse monte de texto né? Pra quê? Eu tô com preguiça, não vou ler. E agente vê que é complicado você é, trabalhar, tá tentando favorecer uma, uma... um ensino crítico mesmo, a partir de uma análise que ele possa fazer e eles estão querendo voltar lá naquele passado que é, agente sempre brigou pra acabar com aquela decoreba toda de antigamente. E eu já tive inclusive pai de aluno reclamando que o filho lê, ele decora mais chega na hora da prova ele não consegue fazer por que tem que refletir sobre os textos né. Ai eu não sei onde enfio a minha cara, eu fico meio sem graça as vezes, em certos momentos.

Tema4: Vocês se vêem como autores do processo didático ? Por que?

- **E você se vê como uma autora desse processo ou não, como, de que forma?**

T4-prof_C:

RJ: E a outra pergunta é se você se vê como um autor das suas aulas?

Prof_C: É, isso pode soar até meio soberbo né, uma coisa assim orgulhosa, mas eu me acho um bom autor das minhas aulas por que, bem que do meio ano pra cá, que até peguei mais turmas ficou mais difícil preparar com aquele carinho né. Mas eu sempre me considerei, me considero um autor das minhas aulas por que tem toda aquela preocupação de buscar em livros o que é mais importante. Por que também quando agente vai trabalhar em sala de aula, não dá pra gente trabalhar cada detalhe da historia né, então agente tenta buscar aqueles pontos mais importante que tenta afetar a realidade do aluno, que ele vive aqui e quando agente prepara... eu não sei como falar... eu me sinto as vezes até um pouco desiludido porque agente tem todo um trabalho de preparar, de montar e eu trabalhei e trabalho durante muito tempo com data show, praticamente desde quando eu comecei a dar aula eu tento trabalhar com as questões da mídia e todo cuidado na hora de preparar, de tentar editar um vídeo pra melhorar a qualidade, melhorar o áudio e chega na hora nem sempre sai como o planejado. De certa forma isso é bom porque, acaba demonstrando um pouco da capacidade de que tem de dar a volta por cima e na situação da aula, mas toda aquela preparação que agente faz, as noites de sono mal dormidas de ta preparando se perde um pouco ali nessa.

RJ: Você acha que perde exatamente o quê?

Prof_C: Os alunos, eles anseiam muito por novidades, por coisas diferentes e tão sempre reclamando querendo coisas diferentes. Mas quando agente traz as coisas diferentes, não é como eles querem. A professor você não passa um filme, você não faz isso, não faz aquilo. Quando você traz um filme, não é o filme que ele quer ver. Ele quer ver aquele filme que tem né, cenas de violência e tudo mais e não tem uma ligação, uma ponte com o conteúdo que você ta estudando. Então até nisso agente tem que pensar antes de trazer um vídeo, de preparar a aula, por que tem que pensar na ligação que ele vai levar o conteúdo, mas também tentar atrair a atenção desse aluno, o que é a parte mais difícil. Por isso hoje é... Até nisso eu já dei uma evoluída na preparação das minhas aulas, eu já não trago mais o filme, eu edito partes dele e faço inserções com comentários é sobre esse conteúdo ali dentro.

RJ: Você mesmo faz os comentários antes?

Prof_C: É... antes do filme e as vezes quando eu tenho tempo de editar bem o filme, ai também eu faço gravações de áudio pra ir inserindo ali dentro ou então balõezinhos que se coloca. Há isso faz parte daquele conteúdo que agente estudou, então quando se tem tempo da pra se fazer um trabalho muito bom e tentar não é... tentar atrair cada vez mais atenção do aluno, o que geralmente com o filme

completo, ele acaba se dispersando e esquecendo de analisar não só como lazer mais também como uma parte do conteúdo.

RJ: Você chegou a falar até que você chegou a comprar um projeto, data show?

Prof_C: É eu comprei um data show, projetor. Eu quando, fui economizando um dinheiro uma vez pra poder ter uma... um pé de meia, como agente fala né, mais ai surgiu a oportunidade de eu ir pro Paraguai. Ai eu fui ao Paraguai e torrei toda a minha poupança lá e aí comprei o data show , foi um dos melhores investimentos que eu já fiz, mas que hoje... agente até conversou antes... já não tem a mesma empolgação e a mesma animação de preparar aquelas aulas e vir com uma mochila do data show e uma mochila do computador, uma outra bolsa com caixa de som, mais material de aula, caneta, livro e ai tem que montar e desmontar isso todo inicio de aula e fim de aula. Montar e desmontar, então agente já acaba perdendo um tempo. A grande dificuldade hoje na... no uso da informática da educação é na precária infra estrutura que agente tem. Por que agente tem dois, três data show no máximo por escola e quando eu dei aula deveria ser um equipamento em cada uma das salas, mas também agente tem vários outros problemas em torno disso. Como os próprios alunos pra quem se direciona isso, são os primeiros a depredar, você vê que, se você for em noventa por centos das escolas ai você vê muitos equipamentos que deveriam servir pra eles, mas que eles acabam destruindo. Eu não sei se é pela ânsia de usar né, ou a falta de cuidado porque o dinheiro não é deles. Eu aprendi tudo isso com a minha avó sobre isso. O dia que você comprar com o seu dinheiro você vai aprender a dar valor vai aprender a cuidar.

RJ: Agora eu queria retomar uma coisa que você falou lá no inicio, nem sei se agente vai usar né, na entrevista agora não, que eu fiquei curioso, que você falou que foi importante né o curso que você fez com agente da UFRJ, você tava né, no inicio.

Prof_C: É, eu tava ai né, entrando mesmo na profissão e eu sempre... eu sou a favor da aula que agente chama tinta e giz é... cuspi e tinta né... que não usa mais giz... Isso é muito bom porque é uma coisa que não pode se perder porque é muito importante essa relação de transmissão de... da... não sei como explicar... pra não cair naquela coisa de transmissão de saberes né... não é simplesmente isso, mas todo processo passa por isso e você não pode ficar restrito a isso, mas eu ficava meio intrigado, não pode, tem que ter alguma coisa diferente, agente tem que ter, tem que aproveitar essa internet que ta ai dentro da vida de todo mundo pra uma coisa positiva. Que você liga o computador e vê tanta bobagem na internet e que é de fácil acesso, um bom site, com site de museu é difícil você conseguir acessar as vezes é mais difícil do que por exemplo usar as redes sociais que a maioria das vezes não são utilizadas para fins interessantes né, tem gente que coloca “vou tomar banho”, “vou comer” e reflexões positivas nunca são “muito curtidas”, por falar no linguajar atual. Mas o curso ele me mostrou que era possível você trabalhar isso dentro de sala, mas ao mesmo tempo me fez parar pra refletir justamente a questão da infra estrutura, é muito importante o uso da informática na educação, porque como eu falei faz parte de toda uma vida, mais você precisa ter condições pra isso e a vida de professor, sempre cai na mesma ladainha, agente trabalhar pra caramba em várias escolas e nunca tem tempo de se aperfeiçoar naquele determinado ponto né, determinada situação e... eu acho que eu to me perdendo naquilo que eu to falando...

RJ: Não, ta não. Ta indo bem. Mas então, você lembra de alguma característica, já faz ai cinco, já temos, já passaram cinco anos né, mas desse curso ainda que você fez, você lembra um pouquinho como ela foi? Você só não participou da parte do Rio, mas você participou dela lá no Edilson. O que mais te chamou a atenção assim sabe, o quê você acha que teve como maior contribuição naquela oficina?

Prof_C: Pode até parecer um pouco bobo, mas na época como eu tava ainda em formação, caminhando pro final da formação é... eu achei muito interessante que é uma coisa que eu aprendi lá é a estruturar justamente o uso dessa informática na sala de aula, porque as vezes agente fala: “...há eu vou fazer isso...”, vou fazer tal trabalho na sala de informática ou com alguma coisa com relação a informática, mas é... se não souber estruturar direitinho como foi uma aula que agente teve, que era criar um plano de aula, se você não estruturar direitinho, você se perde e você não consegue descobrir porque que eu to fazendo isso. Porque que eu to fazendo essa aula então? Pode parecer um pouco bobo, mas essa aula foi pra mim naquela época foi muito importante aquilo porque é... eu queria usar, trabalhar e como que eu vou montar a aula, com qual sentido, pra quê? Entendeu? Tiveram vários outros pontos, mas o que me marcou muito foi justamente essa preparação da aula, acho que foi o que ficou na minha memória, ficou gravado apesar de todo o tempo.

RJ: Legal, legal. Por que agente planejou, depois agente discutiu.

Prof_C: agente discutiu, planejou, discutiu e aí isso era interessante.

RJ: Depois colocou em prática.

Prof_C: É... justamente.

RJ: Depois agente discutiu de novo.

Prof_C: É... isso é muito importante é o diálogo, não é nem diálogo, eu acho a discussão mesmo, o famoso, quando o circo pega fogo que eu acho importante, eu acho interessante, porque sempre sai alguma coisa útil.

RJ: Não sei se você lembra que agente colocou, pode criticar a vontade né, normalmente o pessoal fica...

Prof_C: Eu mesmo, falei muito pouquinho, agora eu ainda sou tímido, mas naquela época eu era bem mais e afinal de contas eu era iniciante...

RJ: Tava entrando ainda...

Prof_C: Como diz um professor meu da pós, eu era um... ainda só né.. eu era mais ainda um pigmeu intelectual perto dos PH Deus que tem por ai e os caras são bons pra caramba, inteligentes.

RJ: Mais ai, ou seja, você já fazia licenciatura, mas essa questão do planejamento pelo menos...

Prof_C: É... na graduação agente sempre leva as matérias pedagógicas um pouco né... meio a la Bangu. Mas mesmo tendo ... quando agente faz na graduação a matéria pedagógica agente sempre faz o famoso cuspi giz, por mais que todos os professores de didática e quando se fala de experiência pedagógica critiquem a própria aula deles, é uma aula cuspi e giz. Então, ali foi interessante porque eu consegui fugir disso né... foi um planejamento que eu fiz, fugindo do cuspi giz. Eu lembro que o planejamento que eu fiz, o próprio aluno ia construir a aula dele.

RJ: Você planejou com quem, Era dupla né?

Prof_C: Era...

RJ: Foi com a prof_A, com a prof_B?

Prof_C: Eu planejei com ela, mas depois eu planejei com outro rapaz também que tava lá. Eu não me lembro o nome dele.

RJ: Lembra a área dele pelo menos?

Prof_C: Geografia...

RJ: Geografia...
Prof_C: Agente até perdeu um tempo no renascimento, pra falar sobre isso... agora onde é que ele entrou nessa historia eu não me lembro.

RJ: Agora, como é que era? O aluno planejava a aula? Eu não entendi.

Prof_C: É... Eu pensei no seguinte... Em vez de... É, a minha aula seria o próprio aluno planejar uma apresentação da aula.

RJ: Há ta, entendi.

Prof_C: Entendeu. É porque eu... o meu grande sonho como professor seria trabalhar com os famosos seminários, porque hoje eu depois que entrei em sala de aula eu cai muito na real, eu vi muito que não funciona como agente sonha, mas quando o aluno... mas quando agente professor vai se preparar pra dar uma aula agente estuda, agente vai ler, vai buscar fonte, vai buscar imagem, vai buscar vídeo e eu acho, o que tentei fazer foi justamente o oposto foi do aluno percorrer esse caminho entendeu com o

auxilio do professor e fazer uma apresentação nesse sentido.

RJ: Eu acho que eu to lembrando. Você da um tema, ai ele tinha que pesquisar esse tema na internet e ....

Prof_C: É justamente. Até na época, agente foi botar isso em pratica, ficou muito... há botar aquelas imagens e quando você busca renascimento no Google vem as mesmas imagens do inicio e todo mundo, aluno uma vontade de pesquisar né e vai e pega as primeiras imagens e ai os comentários sobre as imagens, eu acho nesse sentido muito interessante o uso dessas mídias e esse planejamento. E eu to me lembrando de detalhes deles agora inclusive, to pensando, to parando pra pensar aqui e to lembrando dos detalhes que eu não me lembrava e nesse sentido é muito interessante mesmo.

RJ: Eu lembro que tinha a proposta né, que tava falando antes, de que você trabalhasse com outro professor né... você lembra depois, quando caiu na vida real né, como você falou, no dia a dia, você já ter feito alguma vez um planejamento com outros professores, seja da mesma disciplina, seja de disciplina diferentes?

Prof_C: Eu acho que desde quando eu comecei a da aula, eu acho que eu nunca planejei uma aula junto com outro professor. Eu tentei, esse ano eu fiz um projeto na escola em que eu trabalho, sobre um projeto de fotografia de Cabo Frio histórico....

RJ: Mas que tipo de escola é? Particular, pública?

Prof_C: Pública. Uma outra escola pública. Ai, só que acabou sendo uma coisa muito corrido e não deu, eu pensei justamente em trazer um professor de ciências, de geografia pra participar dessa mostra de fotografia histórica, retratando os monumentos de Cabo Frio, mas não simplesmente eles em si histórico, mas dentro de todo um conjunto arquitetônico e ecológico ali onde ele ta inserido. Acabou não dando muito certo, porque eu não consegui planejar de fato esse projeto, mas eu comecei a escrever ele pra ver se ano que vem sai.

RJ: Mas você escreveu com outro professor?

Prof_C: Não. A idéia é começou meio sozinho, ai tem uma outra amiga minha de historia que agora agente se juntou, porque tem inclusive um trabalho de conclusão de curso pra...um curso que eu to fazendo de historia de Cabo Frio pelo IF. Ta tendo um curso de extensão de historia regional e uma das ... tem um trabalho de conclusão de curso e a idéia é justamente criar um city tour histórico de Cabo Frio e transformando isso também numa cartilha pra facilitar... não é nem o turista em si, mas os próprios habitantes da cidade conhecerem um pouco da sua historia que agente sabe que quem ta sempre lidando com os alunos, eles não conhecem um por cento da historia da região. Inclusive quando eles vem o nome deles de Cabo Frio no livro didático, as vezes tem um mapa como nome de Cabo Frio, quando se fala das feitorias eles levam susto. Eles caraca Cabo Frio ta no mapa. É Cabo Frio tem importância histórica. Ai nosso... meu projeto que eu fiz desse ano na escola, casou com a idéia dela desse trabalho de conclusão ai agente acabou se juntando pra estruturar no papel esse projeto ai eu to pensando como é que eu vou... meu pensamento é como é que eu vou trazer a informática pra dentro dele, eu to com esse pensamento assim desde o inicio. A prof_A inclusive deu a idéia da gente fazer um documentário em cima disso. Ai eu ... Vamos ver pro ano que vem como é que vai sair...

RJ: Legal, legal...muito bom. Te agradecer, teu tempo, tua participação.

----------D- ENTREVISTA PROFESSOR_D e PROFESSOR_E----------

Tema1: O que motivou a sua escolha de ser professor e as suas primeiras experiências?

- Colocar o início da história de vocês como professora, se quiser, o que motivou o que levou e o que vocês fizeram no início da carreira de vocês.

T1-prof_D:

Bom, eu comecei, a principio eu queria ser engenheira, engenheira civil, mas ai teve um “percalçozinho”

em que eu engravidei e tal e então não pude sair daqui e fui fazer a faculdade que tinha na minha região que na época só era a Ferlagos, então dentre as disciplinas que tinha aqui era pra ter mais, pra quem queria fazer engenharia civil né, eu tinha que ir pra matemática. Eu passei quatro anos na faculdade falando que não queria entrar na sala de aula e hoje eu não me vejo em outro lugar,

#prof_E - Esse negócio entra no sangue

prof_D – Pois é, ai, fiquei dois anos também estudando, e ai depois de quatro anos, e depois de mais dois anos é que eu comecei a lecionar. 2000, é pouquinho tempo, um dia atrás ai, e foi assim, comecei numa escola rural, que era contrato.

- Aonde?

prof_D – Aqui no Santo Antonio, Agrisa.

- Aqui em Cabo Frio mesmo?

prof_D – Cabo Frio mesmo, escola rural, ai depois eu passei em concurso pelo estado, passei em concurso no município e eu acho que eu tô nas duas melhores escolas de Cabo Frio. No estado é a minha a Miguel Couto e no município é Américo Vespúcio e eu acho que eu comecei numa época em que todo mundo já tava com essa coisa da Informática, porque eu não me lembro assim de ter muitas, tinha dificuldades sim em relação a não, a gente né, não tinha o laboratório ainda nos primeiros, mas eu sempre, a gente sempre trazia, eu sempre né, trouxe alguma atividade diferente, entendeu, sempre mexi com essa coisa da, da informática e agora depois com o laboratório montado, já tem dois anos que eu não atuo aqui, que eu tô na direção e tal, não sei o que, mas sempre que eu tô né aqui, na escola, tô dentro da sala de informática, não é prof_A? E lá no, lá no laboratório também no Miguel Couto eu trabalho a noite, sempre trabalhei lá a noite e só que a dificuldade da noite hoje em dia é assim, nossa deficiência dos alunos a falta dos alunos demais sabe, então prejudica até mesmo no andamento, você quer levar, a única coisa que é bom, que você leva pra sala da informática fica um em cada, porque, não tem aluno, então fica um em cada computador e se tivesse realmente a sala, até né, o que é isso no nosso questionamento, mas a dificuldade é que não tem um computador pra cada né, porque ai seria realmente assim, mas tendo dois ou três em cada, facilita bastante.

#prof_E – Você ainda deu sorte, porque na minha escola no estado, só tem um computador funcionando, o resto quebrado.

prof_D – Não, mas agora tem mais dez lá.

#prof_E – Não, mas lá resolveu nadar todos, todos nadaram, encheu a água, encheu o computador todo.

prof_D – Agora fala você, minhas dez páginas já foram.
T1-prof_E:
Eu comecei, eu fiz pedagógico, comecei dando aula porque eu precisava pagar a faculdade, não tinha dinheiro pra pagar a faculdade.

- Fez pedagógico, é ensino normal?

prof_E – É normal, antigamente chamava pedagógico, porque isso faz uns dez mil anos, não tão distante porque eu já tenho vinte e seis anos de magistério, vinte e seis anos de prefeitura que meu primeiro emprego foi na prefeitura, fiz o pedagógico pra pagar a faculdade porque eu queria ser jornalista e não cai na matemática de vez, primeira faculdade minha foi biologia, no meio da biologia eu descobri turmas de matemática que me enfiaram turmas lá de matemática e eu tava fazendo biologia, fiz em Cabo Frio porque la na época.

- Você ia fazer jornalismo?

prof_E – É, olha só a minha vida dentro dai.

- Jornalismo, ai você fazia a disciplina junto com Biologia?

prof_E - Não, eu não tinha jornalismo em Cabo Frio.

- Ah, não tinha, entendi.

prof_E – Cabo Frio só existiam três disciplinas, uma faculdade que é a Faelagos, só existia, Matemática, Ciências, Inglês e Portugues, só existiam essas quatro dentre essas eu nunca me vi na Matemática, olhava assim, eu queria fazer uma faculdade, eu não tinha dinheiro pra bancar uma faculdade de jornalismo, bancar no Rio, aqui não existia, então, também não queria ficar parada. Ah comecei a dar aula pra pagar a faculdade, e entre as que estavam aqui o que ainda me agradava era Biologia, só que no meio do caminho, eu já estava trabalhando na Prefeitura de Cabo Frio, que eu me formei, não precisa dizer o nome não, em 84, em 85 teve concurso eu passei e fica quieta, com jeitinho, para de falar essas bobagens na minha frente. Dali peguei, comecei já a trabalhar na prefeitura que eu já passei como professora do primário pagando a faculdade. Nessa escola, eu comecei a trabalhar também em outro local também em Búzios que ainda pertencia a Cabo Frio e que era um reino tão, tão distante que a gente levava uma hora e dez minutos, uma hora e quinze pra gente chegar na escola. Era uma loucura conseguir chegar dentro da escola, isso quando passava do caminho e muita coisa, ai lá me ofereceram umas turmas já pro, hoje seria o Ensino Fundamental II né, de matemática, eu vou pegar, peguei, comecei a pesquisar, correr de um lado pro outro, mas eu fazia Biologia e gostei da Matemática, gostei de dar aula de matemática mas ai, já tava fazendo de Biologia, terminei a de Biologia pra depois eu vim fazer a de Matemática no futuro. Comecei a dar aula já e tudo e como algumas pessoas disseram “Isso entra no sangue” , depois que você começa a dar aula fica difícil você vá pra outro objetivo. Comecei, a Biologia, o Jornalismo dançou, comecei ai, comecei a gostar a participar de cursos, oficina, tudo na área de matemática, que eu me identifiquei lecionando Matemática. E depois passei pra rede estadual que eu trabalho no Ciep do Jacaré. Uma coisa interessante foi que eu comecei a dar aula no EJA, mas todos, eu tinha vinte anos eu dava aula pra alunos de 60 anos, ficava todo mundo assim, eu achava muito estranho, né, senhores, senhoras, porque antigamente o EJA tinha uma característica diferente de hoje em dia, o EJA atendia mais senhores e senhoras, eram pessoas mais velhas, hoje em dia não, o aluno passa de 16 anos, já tá indo pro EJA, então mudou essa característica do EJA, e eu continuo trabalhando com o EJA a noite, e como ela mesmo relatou é complicado, a falta, eles trabalham, não conseguem chegar, a falta do aluno, eles desistem no meio do caminho, você começa com uma turma de 50 você termina com uma turma de 20, a evasão é muito grande, é complicado, na escola onde eu trabalho, chega dezembro você não tem mais aluno, porque eles começam a trabalhar, porque Cabo Frio vive do turismo, muitos voltam a trabalhar em praia isso e aquilo e não vão mais, então é complicado você trabalhar com eles nesse sentido. E no município, eu trabalho na escola Americo Vespúcio, desde que a escola foi fundada, tem o que? 20 anos essa escola, só nessa escola tenho 20 anos. Eu tenho 26 de prefeitura, o mesmo tempo que eu tenho de profissão de, que eu terminei o pedagógico e comecei ai né, quando eu comecei, não existia informática, não existia nada, tudo que a gente fazia era papel, era cartaz, era, a gente fazia, mil e uma artimanhas, elaborava mil coisas pra tornar aulas interessante, mas tudo assim, era papel, era giz, não existia quadro branco, era giz, era, trabalhava muito, gostava muito, gosto ainda de trabalhar muito com origami, pra fazer com aluno adulto que eram coisas que eu poderia fazer usando o que você tinha ali, que era o papel, caneta até porque as escolas antigamente não tinham tanto recurso qnanto hoje em dia, a verba que recebia era muito pequena e a gente não tinha acesso a nada, não existia xerox, exista o mimeógrafo, a gente só rodava aquele negócio, que na metade da matriz já não tinha mais, você tinha que fazer outra coisa.

#prof_D – Eu ainda peguei essa época.

prof_E – Eu peguei muito, peguei toda a minha época, e começou, ai começou a divulgação de informática chegar aqui na escola, e eu comecei também a me interessar, a pesquisar sobre isso, a achar utilidades dentro das minhas aulas, como fazer isso e cada dia um desafio, porque não é fácil ah, porque como a gente relatou a principal coisa falta de tempo, o professor precisa trabalhar em várias escolas, então o tempo que ele tem pra pesquisar, pra planejar uma aula usando as mídias usando tudo que você tá ai, é complicado exatamente pela falta de tempo já que o professor, ele tem que estar em várias escolas pra ter um poder aquisitivo um pouquinho maior né.

Tema2: Que Formações continuadas vocês participaram?

- Perfeito, então um sub tema nosso né, seria depois da licenciatura né, que cursos que formações, ai pode ser de qualquer nível, desde formações bem curta até palestras, seminários até pós graduações ou seja, depois da, da, da licenciatura né, depois que vocês terminaram a qualificação básica de vocês não é, que outras formações continuadas vocês é fizeram?

T2-prof_E:

Ai, muitas, eu já, eu já nem me lembro assim.

- As que der pra lembrar assim, as que você acha que foram mais relevantes assim.

prof_E – Pós graduação eu fiz em Matemática e produção de vídeo e informática educativa pela UFRJ que foi ministrada em Cabo Frio.

- Fez como professor primeiro.

prof_E – Isso, e fiz é, de Matemática também, pós graduação, cursos eu fiz todos que eu tinha acesso, todos que eu podia fazer, principalmente na, no começo muito na área de Matemática, né porque pela Sociedade Brasileira de Matemática, pela SBEM, você tem vários encontros, eu participei de vários, quase todo o ano eu participava de encontros, de palestras e depois eu comecei a fazer algumas coisas dentro da área de informática até com a minha MT ali, aqui mesmo em Cabo Frio, porque Cabo Frio tava oferecendo vários cursos interessantes, Blog, Google Docs, Web Quast a gente começou a fazer, tem disponibilidade, tem horário eu faço.

T2-prof_D:
Eu fiz dois anos depois que eu terminei a faculdade, consegui entrar num mestrado no Rio, né, fiquei dois anos no curso durante as aulas e depois eu precisei voltar pra cá, então eu fiquei naquela parte da dissertação, só que como eu comecei a trabalhar como professora, no meu primeiro ano eu já tava em três escolas, ou seja a coisa foi andando lenta né, em relação ao término do meu curso, e no ano seguinte eu já tava em quatro escolas, então pra resumir o curso não atendeu o mestrado o curso ficou como uma pós, né, uma especialização, que a minha foi economia empresarial, né, lá pela Candido, ah, depois também eu fiz também a pós pelo estado em Administração Pública, né, e agora faço, também esses vários cursos pela UFRJ, que já nem me lembro mais, é tanto tempo, acho foi em 2006 eu acho, e agora eu faço um curso de formação continuada de professores de matemática pelo, pelo estado, tô lecionando o nono ano no Miguel Couto e eu entrei pra esse curso.

Tema3: A partir dessas formações, vocês perceberam mudanças em suas práticas em aula? E se: Quais?

- E depois de fazer esses cursos né, vocês observaram alguma mudança na, na, na prática de vocês em sala de aula, ou seja, vocês conseguem observar mudanças é, significativas né, entre o antes e o depois desses cursos, dessas formações que vocês fizeram? Voces podiam falar um pouco mais sobre isso.

T3-prof_D:
prof_D – Eu acho assim, acredito que de tudo assim você tira um pouco, não que você consegue pegar né o curso inteiro, até porque a realidade as vezes é muito diferente, então de uma turma pra outra a realidade é diferente, mas acredito que só em você tá ali, e a troca de experiência com um colega também que está fazendo o curso um determinado curso, isso aí já assim, nossa você muda totalmente, as vezes uma idéia de uma coisa, uma troca de experiência, um relato de alguma, você começa assim, você muda totalmente aquele conceito.
T3-prof_E:
Com certeza, porque, é seria muito até assim, banal, você faz um curso, você faz, se prepara e nada muda, então não valeu, acho que sempre muda né a sua visão de turma sempre muda a sua prática de sala de aula, porque de repente por exemplo, quando eu comecei o professor era cuspe e giz como se dizia antigamente, né você não encontrava professores que faziam, é, dinamizavam as aulas, faziam, coisa, que faziam alguma coisa até porque eu trabalhava com o primário no começo, mas não era aquele negócio e você vai vendo que o mundo muda e você tem que mudar junto com ele porque senão se você ficar pra traz a escola não vai atender as necessidades do aluno.

prof_D – Se você ficar pra traz você não consegue dar aula também

prof_E – Então você precisa aprender com tudo que se faz , vários cursos deram, claro, por exemplo, muitos cursos ai eu não sabia trabalhar uma Web Quast, um Blog, hoje é claro, não sou nenhuma expert, mas a gente tem uma noção de como fazer as coisas e você pode até também não só mudar as suas aulas, mas também o seu convívio com o aluno, porque você já tem um outro tipo de convivência, porque o aluno ele aprende muito rápido tudo, o mundo tá ai, pra ele é só absorver. Geralmente o adulto é que tem um certo bloqueio com essas coisas, então a gente precisa também estar em contato pra que você atinja o seu aluno, você chegue até ele, a conversa tem que mudar, a sua prática tem que mudar, e

eu acho que os cursos facilitam sim, né, porque você vai vendo uma nova visão como ela falou, a troca, você conhece outro tipo de pessoa, você consegue trocar, poxa eu não gostei disso, vamos fazer diferente, como que eu posso fazer.

prof_D – Eu acho que nenhum curso assim é, é magnânimo naquilo, ah, eu aprendi tudo só naquele curso. Eu acho que cada um.

prof_E – Se aprende um pouco e troca com o outro a idéia e ai que vai incluindo.

EXTRA: Continuação do tema 3(.0.1): Conseguem identificar alguma característica mais relevante desses cursos?

- Será que vocês conseguiriam identificar é, algumas características dos cursos que tenham sido assim mais é, relevantes, não sobre o curso, mas que coisa no curso você acha que, vocês já falaram por exemplo sobre essa questão da troca de relatos com outros professores, troca de experiência com outros professores né, mas tem alguma coisa que vocês identifiquem como sendo o que faz com esses cursos, essas formações sejam diferentes das outras.

T3.0.1- prof_D:

Meus outros dois cursos não tem nada a ver com a prática em sala de aula, porque um é em economia e o outro é em administração pública, mas é a parte física da escola, então esse agora que eu tô fazendo que é o mais recente é que é em relação a prática da sala, então por exemplo, o material que eles dispõe pra gente, que a gente também trabalha em cima deles, que a gente tambem faz o nosso em cima deles, é um material assim, muito bom e é, e faz uma diferença porque é um material todo assim e ele, não é um material pronto não é, ele vem com uma certa montagem, uma certa né forma e você vai, você pode ir incorporando e então isso faz com que você possa assim, ter é, maneiras que você possa entrar na sua realidade, porque é um curso que abrange todo o estado do Rio de Janeiro, então é um material único, mas eu posso aplicar aqui como alguém lá em Campos pode aplicar de uma forma diferente, entendeu vendo a realidade minha aqui e vendo a realidade lá de.

T3.0.1-prof_E:

Eu acho que o que a gente vê muito é isso, a aplicabilidade, sabe, além da troca, a aplicabilidade do material também porque muitas vezes você recebe o material, você não sabe, e eu acho que muitos dos cursos que eu fiz me ensinaram, deram uma diretriz de como utilizar os materiais, acho uma coisa interessante porque é te dá essa idéia, você pode usar em vários aspectos, mas uma idéia principal, dali você coloca a sua idéia, mas uma idéia principal da aplicabilidade de vários materiais.

T3.0.1-prof_D:- Continuação...

Uma outra coisa também que, como você tá fazendo o curso, você também é forçado a pesquisar muito mais, entendeu, então que dizer, você pesquisando muito mais, você tem assim, uma gama mais de informações, que você pode também adequar, né, dentro da sua sala de aula.

T3.0.1.1-prof_E:- Continuação...

Uma outra coisa é isso ai a pesquisa né, o professor mais antigo, ele não tem muita pratica nessa pesquisa né, porque a precisa precisa ser restrita, você não pode abrir todo o leque e você não conseguir se concentrar ali, você tem que ter um objetivo e eu acho que mostra também muito esta direção do objetivo né, objetivar bem as coisas é os cursos, porque é na minha época, eu ainda falo assim, não era, professor não pesquisava, professor pegava livro, mas hoje em dia não a gente pesquisa, não só como exercício, mas também como aplicar aquilo ali, como que ele esta sendo visto em outros lugares do mundo né, então é uma coisa interessante também isso.

T3.0.1-prof_D: - Continuação...

Eu acho que a Internet veio pra assim, veio pra nos ajudar e nos afundar também de vez em quando né.

Continuação do tema 3 (.1): Aprofundando nas possíveis mudanças...

- É, professora prof_E começou a falar um pouco isso já né, queria que vocês é, tentassem falar um pouco mais sobre as diferenças que vocês observam né, da forma como vocês aprenderam em geral né, é obvio que vocês passaram por vários professores, várias escolas né, desde lá no início até a formação em superior, a pós, tudo isso, mas que diferenças fundamentais vocês observam entre a forma que vocês aprenderam e a forma que vocês ensinam?

T3.1-prof_E:

prof_E – Eu acho que uma das coisas é a interação do aluno com o professor, antigamente o professor, o aluno ficava sentado recebendo só conhecimentos, o professor passava conhecimento e o aluno recebia, hoje em dia há uma interação, não existe mais aquela, professor só que sabe, não, o professor está ali ministrando, mas ele, há essa interação, o aluno também trás, antigamente você não levava em conta a experiência do aluno, o que o aluno coisa.

#prof_D – Mas eu acho que isso também agora é muito pouco, porque assim, a gente não tinha essa gama de informação que os alunos tem hoje né.

prof_E – Então é, por isso que eu tô falando, porque antigamente, e também hoje prof_D, mesmo que existisse não era muito bem aceita não, pelo menos na minha época assim o professor não chegava e pedia opinião pro aluno, não, hoje em dia o professor abre esse espaço, ele pede a opinião do aluno, ele aceita o que o aluno trás, aceita várias interferências, eu achava assim, eu estudei numa escola religiosa, a minha vida inteira, então era muito tradicional, muito tradicional, o ensino excelente, mas muito tradicional e hoje eu vejo que existe todo um universo diferente, que nós estamos buscando e que o aluno também tá querendo isso na escola, a visão do aluno, tanto do professor quanto a do aluno mudou no mundo em geral não só no mundo em geral, nosso mundo era a sala de aula, hoje em dia o mundo é o mundo, não é só a sala de aula.

#prof_D – Nosso mundo ficava restrito só ao nosso bairro, só e olhe lá.

prof_E – E na escola era a sala de aula e no máximo um espaçozinho depois, você não tinha uma visão muito além daquilo, hoje não, as coisas estão mudando e assim, acho que já mudaram muito, até a minha prática, quando eu aprendi em escola, aprendi não, e assim, vi com eu dava aula e como eu ministro pros meus alunos hoje em dia, eu então era super tradicional nas minhas aulas, não deixei de ser, não deixei de cobrar do aluno insistentemente, não deixei de ficar em cima do aluno pra exigir que ele estude, porque eu acho que isso não tem que acabar nunca, o aluno tem que estar presente nas aulas, ele tem que participar, ele tem que estar ali, mas também muda a forma que você vê o seu aluno, você não vê mais o aluno com só uma cabeça, só pensa e pronto, vê ele no todo integral. Eu então dei uma volta de 360 graus, porque eu aprendi num método extremamente tradicional eu sempre fui, sou taxada de professora ruim porque eu cobro muito do aluno, fico no pé do aluno, então eu, eu e antigamente não existia, eu não conseguia ver esse aluno como um todo, depois a gente vai né, se aperfeiçoando, e você hoje, qual é a sua primeira referência? o que você teve, então a primeira referência que você tem de aula foi a aula que você teve, então você acha que aquilo era o certo e você começa a fazer aquilo, depois que as coisas começam vir, as informações, você começa a aprender, você começa a ter contatos, você vê que aquilo ali não é aquilo só, né, o aluno precisa ser trabalhado no todo. Hoje em dia eu acho que **eu consigo criar um pouquinho mais** do que isso, ainda sou meio arcaica, mas eu ainda consigo fugir bastante disso.

#prof_D – Eu acho assim, claro que o abismo dela de antes pra agora, o meu é menor.

prof_E – Ela fez uma plástica na _____?

#prof_D – O meu é menor, tanto que na época ainda da faculdade, que a gente, né começou a ter um laboratório de informática na faculdade onde a gente descia de vez em quando.

prof_E – Na minha nem existia esse negócio.

T3.1-prof_D:
Mas na minha tinha, de vez em quando o professor da gente na faculdade levava pro laboratório, então já começou ali né ah, o meu assim, o meu envolvimento com a máquina né, com a informática em si, mas realmente assim o meu começo, o meu primeiro ano de, de como professora pra hoje é, mudou muita coisa, entendeu, mudou é, como a gente lida realmente, como a prof_E falou, a gente aprendeu de uma forma que o aluno ah, tinha que realmente, na hora de estudar tinha que ficar quieto e esperar o professor falar, falar, se tiver que falar alguma coisa seria depois né.

#prof_E – E ai, se permitisse né.

prof_D – Mas hoje em dia não é mais assim, mudou muito, essa, esse salto assim, acho que também foi um salto por causa de tanta informação ai, com a, do dia a dia né, de todo mundo, na palma da mão você tem informação do mundo inteiro. Então se a gente não entrar nisso ai a gente.

- Mas, podia detalhar um pouquinho mais que, que diferenças você observa né, apesar de não ter né, tido como você falou né, que diferença você observa entre a forma que você trabalha em sala de aula com os alunos e a forma como você era.

prof_D – Eu acho que é o interesse mais deles entendeu, o interesse, porque antes era, como a gente tá

começando com esse negócio da informática né, que informática, quando é fala que vai pra sala de informática eles adoram entendeu, porque é, porque eles gostam do computador, gostam né, então já ai é uma ferramenta diferente daquele lápis, quadro, né, então quer dizer, eles ficam assim, eu acho, o interesse deles em tá ali, no lugar, naquele lugar que eles se sentem bem, lugar que eles se sentem em casa, acho que se sentem em casa mais aqui do que na própria sala de aula, é, isso melhora muito o aprendizado né, assim, o aprendizado, então, acho que, isso né, essa parte que você, sair da sala pra trazer pra sala de informática ou levar alguma coisa da informática pra sua sala de aula, eles se sentem bem, porque hoje em dia eles só vivem mais em frente a uma tela de computador.

T3.1-prof_E: - Continuação...

Eu acho que não só o interesse do aluno, acho que o interesse do professor melhorou muito, o professor se vê é, me fugiu a palavra, vê testado, o aluno cobra, ele se vê cobrado, né, então eu acho o interesse do professor também é, dificilmente eu numa aula quando eu comecei a 26 anos atrás eu teria o tipo de aula que eu tenho hoje, até porque a matemática era enxergada como, né aquela coisa, fechada, só gênio gostava e hoje em dia não, ela tá no mundo e isso trouxe o aluno pra perto. Eu sempre tive uma dificuldade muito grande nesse relacionamento aluno x professor, pra mim o aluno tava lá e eu aqui, e o que me, acho que assim, o principal pra mim foi, é, diminuir a distância aluno x professor, eu tive vários exemplos, vários, é, oficinas, coisas que eu fiz que, foi diminuindo esse espaço. Hoje em dia o aluno interage, eu digo assim, meu, meu, minha experiência tá, foi muito gritante porque agora o aluno tá ali com a gente, mas eu não tinha, então eu acho pra mim foi principalmente isso e professor também tá demostrando mais interesse em querer fazer, em aprender, em admitir que ele não sabe tudo e que ele tem que correr atrás também porque antigamente o professor não admitia que ele não sabia tudo, então sabe aquela história que professor não erra, o professor se engana. (risos) Eu era dessa época.

Tema4: Vocês se vêem como autores do processo didático ? Por que?

- Então a última, a última questão né, é, vocês se vêem né, agora a pergunta bem, bem pessoal né, que a interpretação é de vocês né, mas vocês se vêem como é autores, como autoras né, vocês se vêem como autoras de desse processo é, didático de vocês né? Voces foram falando já varias coisas, mas, é, mas especificamente nesse, nesse aspecto, vocês conseguem se ver como autoras deste processo ou não, com, sim, de que forma, de que forma sim, de que forma não?

T4-prof_D:

prof_D – Autoras ou co-autoras é tudo, é tudo o que a gente falou, pra questão de, de desenvolvimento né, não foi uma coisa ah, foi uma questão, foi se desenvolvendo junto também com tudo aquilo, junto até com a que a gente né, esta inserida acho que tudo é um, é um processo em desenvolvimento, acho que, acredito que ninguém hoje ainda tá aqui falou: pronto, eu já sei tudo! é, e a gente ainda não tá assim, com certeza ainda vou pesquisar mais, vou aprender mais pra ensinar muito mais entendeu, então eu acho que eu me vejo sim, eu acho que pelo, acho que pelo desenvolvimento que a gente, que eu tenho, que eu já tive durante esses 11 anos ai, posso dizer que eu já.

T4-prof_E:

Eu acredito que sim, porque a gente não deixa de ser autor daquilo que você esta tentando realizar, porque se não houvesse o meu interesse de tentar mudar, não mudaria, então eu acho que há, há participação né, nada se muda sozinho, tem que haver um objetivo pra isso e nesse momento nós somos autores daquilo que a gente tá tentando mudar, daquilo que você tá tentando fazer com os seus alunos, por exemplo eu estou 500 anos, tá me sacaneando, 500 anos em sala de aula, eu nunca sai de sala de aula, eu sou 26 anos de prática de turma, então é realmente, eu me sinto uma autora daquilo que eu tô tentando mudar, em mim, a gente só muda quando a gente quer, então na verdade nós somos autores da própria mudança porque se, não adianta as outras pessoas falarem se você não conseguir fazer essa diferença, eu acho que cabe ai, nós somos autores dessa diferença que nós estamos fazendo, eu acredito que sim.

prof_D – E é muito mais em nós mesmos.

prof_E – Sim, com certeza
prof_D – Do que as vezes, porque o processo do aluno...

prof_E – É muito mais rápido.

prof_D – É, é, não, é muito assim, o resultado do nosso trabalho no aluno é muito mais lento, a gente

não vê em um ano...

prof_E – Ah é.

T4-prof_D:- Continuação...

A gente vê esse processo só muito mais tarde, naquela coisa, quando a médica o médico, você faz o tratamento o paciente ficou bom você viu, não então o seu resultado deu.. o do professor não é assim o do professor é longo, o processo só as vezes, não é só porque você tá ali naquela ação social, porque eu só dei aula pro aluno naquela série ali, então naquela série ele tem que dar um resultado, tem, claro, ele tem que dar o resultado dele pra passar ou não passar, mas o resultado assim, da, dessa, dessa convivência que hoje que ela falou que, dessa aproximação, e quando você tem aproximação, você meche com tudo do aluno né, você meche com toda a vida dele também, então com certeza, naquele âmbito que você deu aula pra ele, você pode ter passado muita coisa pra ele do que, só mesmo, só a matéria em si.

T4-prof_E:- Continuação...

Mas com certeza dificilmente fica só a matéria, porque senão não há, essa, porque a educação, hoje eu consigo entender, não é só conteúdo, é um aspecto geral, engloba tudo, você não tá ali só pra ministrar a sua matéria, “Ah, hoje eu vou dar só equação, não quero saber de mais nada” Existe todo um contexto do aluno. Hoje você vê o aluno integral, você não vê o aluno só como um ser que tá ali pra pensar e receber só, aquelas caixinhas que só vão receber, e isso nós somos os autores dessa né transformação, tanto no aluno e acho que principalmente a nossa transformação que é difícil, esse troço é difícil, mas a gente chega lá.

- Tá ok, muito obrigado. Foi ótimo.

Apêndice V

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTAS COMPLEMENTARES POR CHAT EM DEZEMBRO DE 2012

OBS.: INTEGRA DA CONVERSAÇÃO REALIZADA PELO SKYPE:

PROFESSOR_A:

[15:01:49] ricardojullian114: Olá prof_A, boa tarde!!!
[15:02:08] ricardojullian114: Quando puder começamos!
[15:02:22] prof_A: olá
[15:02:47] prof_A: podemos!
[15:03:11] ricardojullian114: Tudo bem contigo?
[15:03:15] prof_A: tudo
[15:03:23] ricardojullian114: Podemos fazer por teclado?
[15:03:38] prof_A: claro, pra mim é até melhor
[15:03:51] ricardojullian114: Ok. vamos lá...
[15:04:07] ricardojullian114: 1- Quais fatores te motivaram a assumir a função de multiplicadora tecnológica (MT)?
[15:05:35] prof_A: primeiro, minha facilidade em lidar com as tecnologias e em usá-las como ferramenta pedagógica não só nas minhas aulas mas auxiliando meus colegas a usá-las também
[15:07:11] prof_A: depois, pela experência de desenvolver novos materiais para auxiliar no processo ensino-aprendizagem
[15:07:34] ricardojullian114: E em que ano você assumiu essa função?
[15:08:43] prof_A: em 2007
[15:09:45] ricardojullian114: Lembra em que mês aproximadamente? Se foi antes ou depois do 2o curso do LIPE (que acho que foi em maio de 2007)
[15:10:26] prof_A: foi antes do 2º curso. Acho que fiz o 1º
[15:11:20] ricardojullian114: Sim, vc fez o primeiro curso em maio de 2006. OK
[15:11:25] ricardojullian114: 2- Qual a importância da função do MT?
[15:13:35] prof_A: Além de organizar o espaço do laboratório de informática, nós administramos o uso e a introdução das tecnologias nas aulas e na escola de maneira geral. Apresentamos possibilidades pedagógicas do seu uso e pesquisamos alternativas, além de produzir material para o uso dos professores ou auxiliá-los nessa tarefa
[15:14:20] ricardojullian114: 3- Que fatores/aspectos mais dificultam a execução da função de MT?
[15:19:14] prof_A: No meu caso, que atuo no 2º segmento do EF, seria a participação dos professores. Preciso trabalhar o convencimento com eles pois envolver as tecnologias nas aulas envolve um planejamento maior e a elaboração de um "plano B" sempre. Como eles, via de regra estão preocupados com a relação conteúdo-tempo eu preciso quase que chegar com a proposta pronta para que eles façam adaptações e depois ainda preciso meio que liderar todo o processo para que ele ande dentro dos conformes (na parte tecnológica).
[15:21:25] prof_A: Os imprevistos com a tecnologia também atrapalham um pouco. Por exemplo, a conexão que o MEC fornece é fraca para tanta demanda (2M),algumas máquinas já estão ficando obsoletas, etc
[15:22:04] ricardojullian114: Quantas máquinas vcs tem no lab de info atualmente?
[15:22:23] prof_A: 28
[15:22:32] ricardojullian114: Todas funcionando? Senão quantas?
[15:22:50] ricardojullian114: funcionado atualmente?
[15:22:57] prof_A: das 28 5 pararam
[15:23:29] ricardojullian114: OK. Vcs devem ter mais máquinas que a m,édia das outras escolas, certo?
[15:23:46] prof_A: sim
[15:23:58] prof_A: apenas algumas escolas tem esse número
[15:24:09] prof_A: a média é de 17 máquinas
[15:24:23] ricardojullian114: OK
[15:24:27] ricardojullian114: 4- E que fatores mais facilitam?
[15:26:37] prof_A: A quantidade de máquinas, a estrutura da sala, com mobília adequada, ar condicionado e a assistência técnica (contratadas pelo MEC e pela Prefeitura), a crescente capacitação dos professores e o incentivo das novas gestões.
[15:27:35] ricardojullian114: Poderia exemplificar a "crescente capacitação dos professores"?
[15:30:19] prof_A: Muitos estão adquirindo equipamentos e buscando aprender a usá-los não só para lazer mas também como ferramenta pedagógica, ao menos aqui em Cabo Frio. Claro que o número

ainda é pequeno, mas tem progredido bastante.
[15:30:35] ricardojullian114: OK. E especificar um pouco "o incentivo das novas gestões" ?
[15:33:44] prof_A: A secretaria, em parceria com o governo federal, tem oferecido capacitação para os gestores e esses cursos envolvem toda a parte fiscal, mas também pedagógica e dentro dessa parte são apresentados os trabalhos e possibilidades com as tecnologias. Além de todo o sistema administrativo ser informatizado agora, o que obriga as novas gestões a terem um contato muito mais próximo com a internet e suas possibilidades, mais especificamente.
[15:33:57] ricardojullian114: 5- Em que aspectos os cursos promovidos pelo LIpE que você participou ajudam/ajudaram você no desempenho de sua função de MT?
[15:37:44] prof_A: Apesar de já utilizar as tecnologias na minha vida pessoal e até, de maneira moderada, em minhas aulas o curso me fez ver possibilidades pedagógicas em softwares de uso corriqueiro e até então sem nenhuma aplicação pedagógica para mim, como o pacote do office, além de me apresentar novas possibilidades e de reforça a importância do planejamento. Mas o mais importante foi abrir minha mente para o fato de que eu também posso ser produtora de objetos de aprendizagem
[15:38:58] ricardojullian114: 6- Em que momento (planejamento, Avaliação, execução) você observa que os professores encontram maiores dificuldades para trabalhar com a informática para educação ?
[15:44:22] prof_A: Avaliação e execução. Planejar é a parte mais tranquila, pois é parte do cotidiano. A execução é quando eles ficam mais ansiosos, pois nem sempre dominam o software, mas a maioria dos alunos tira de letra, o que ajuda muito. Agora, a avaliação é sempre um momento tenso pois eles estão acostumados com aqulele tipo de avaliação tradicional, que nem sempre é possível se fazer no trabalho com as tecnologias. Apresento as alternativas, como o sistema de rubricas, mas muitos resistem.
[15:48:41] ricardojullian114: Mas, quando falo em planejar estou me referindo ao planejamento da atividade na sala de informática, vc comentou antes que "eu preciso quase que chegar com a proposta pronta para que eles façam adaptações". Ou seja qual, em geral o grau de participação deles no planejamento das atividades pedagógicas no LIE?
[15:51:24] prof_A: Ah, sim.Não ocorre com todos mas com a maioria. Eu procuro o professor, pergunto o que eles estão trabalhando no momento, crio a atividade ou projeto e proponho ao professor, que entra com os detalhes (tempo de execução, objetivos, avaliação, etc) e também tem liberdade para alterar a proposta. Muitos só usariam a sala para pesquisas se eu não fizesse isso.
[15:52:39] ricardojullian114: Ok, já estamos quase no fim das perguntas, faltam apenas mais duas...
[15:52:52] prof_A: ok
[15:53:29] ricardojullian114: 7- Ao longo desses anos como MT você observa mudanças na prática pedagógica de alguns professores de sua escola?
[15:55:40] prof_A: Sim. Alguns já incorporaram o uso das tecnologias como fator corriqueiro, aé mesmo adquirindo equipamentos e pesquisando alternativas. Alguns até me apresentam novos softwares e propostas. E alguns até já lidam com o Linux!
[15:57:40] ricardojullian114: E mais especificamente em relação a prática deles como professores em suas disciplinas, você observa alguma mudança metodológica nesses últimos anos atuando como MT?
[15:58:16] ricardojullian114: Digo, mudanças na prática deles?
[16:00:08] prof_A: Sim. A escola tem trabalhado muito mais com projetos, com a questão da autonomia dos alunos, que apresentam seus trabalhos fazendo uso das tecnologias em todas as disciplinas. Até uns dois anos atrás havia professors que não aceitavam isso.
[16:02:03] ricardojullian114: E existe algum caso específico de mudança de prática de algum professor (ou professores)em específico que você possa relatar brevemente?
[16:05:14] prof_A: Bom, a prof_B e a prof_D eram muito burocráticas com relação as suas disciplinas e hoje em dia além de usarem as tecnologias para apresentarem os conteúdos de forma mais atrativa também avaliam com elas, sempre propondo trabalhos que envolvam o uso de ferramentas tecnológicas.
[16:05:40] prof_A: Pra elas acabou o momento "apenas cuspe e giz", rs
[16:07:31] ricardojullian114: Poderia exemplificar alguma das atividades que elas tenham proposto que vc ache mais interessante nessa "mudança" ?
[16:10:40] prof_A: A prof_B trabalhava com muita produção textual e questionários em literatura. Dessa vez ela apresentou as Novelas de Cavalaria através de apresentação em powerpoint e vídeos e solicitou a produção de vídeos utilizando a estética das Novelas de Cavalaria. As tecnologias foram usadas em todo o processo, desde a elaboração dos roteiros até filmagem, edição e exibição.
[16:13:44] ricardojullian114: Quando vc diz "A prof_B trabalhava com muita produção textual e questionários em literatura " está falando dela durante a utilização do LIE nos anos anteriores ou de antes de 2006/2007, antes de começar a utilizar o LIE?
[16:14:11] prof_A: antes de começar a usar o LIE
[16:14:22] ricardojullian114: Ok
[16:15:00] ricardojullian114: 8- Você acha que essas mudanças observadas na prática pedagógica utilizando a informática educativa produzem mudanças no trabalho pedagógico delas "em sala de aula comum"?

[16:17:31] prof_A: Definitivamente. As abordagens ficam muito mais coxtualizadas e mesmo que não sejam usados aparatos tecnológicos, a preparação das aulas envolve mais pesquisa e produção significativa e não só o uso do livro didático.
[16:18:12] ricardojullian114: Lembra de lagum exemplo com algum professor que exemplifique?
[16:18:46] ricardojullian114: digo: Lembra de algum exemplo específico?
[16:19:54] prof_A: A própria prof_D. Ela ensina matemática. Agora sempre inicia os assuntos contextualizando com um vídeo pesquisado na internet, usa as redes sociais para reforçar as aulas, postar material...
[16:20:15] ricardojullian114: Ok
[16:20:34] ricardojullian114: Podemos usar o aídio um pouco para finalizar?
[16:20:41] prof_A: podemos

PROFESSOR_B:

[20:34:10] ricardojullian114: olá prof_B.

[20:34:15] ricardojullian114: Tá com audio?

[20:35:01]Professora_B: não,

[20:35:09]Professora_B: :(

[20:35:18] ricardojullian114: Ok :)

[20:35:26] ricardojullian114: Sem problemas

[20:35:38]Professora_B: desculpe o transtorno de ontem..

[20:35:53]Professora_B: mas agora vamos lá.

[20:36:12] ricardojullian114: OK. Eu é que agradeço

[20:36:15]Professora_B: A propósito, só estrou entrando hj na internet com o pc

[20:36:26]Professora_B: por isso não vi seu e-mail ainda

[20:36:34] ricardojullian114: Ok

[20:36:37]Professora_B: respondo tudo quando acabarmos aqui.

[20:36:53] ricardojullian114: Podemos fazer as perguntas do e-mail por aqui mesmo. pode ser?

[20:37:11] ricardojullian114: É que tem uma certa ordem

[20:37:25] ricardojullian114: Um certo encadeamento.

[20:37:25]Professora_B: pode ser aqui, mais prático pra vc, não é?

[20:37:31] ricardojullian114: Isso

[20:37:45] ricardojullian114: Podemos começar então?

[20:38:03] ricardojullian114: Só para lembrar que vc não será identificada

[20:38:13] ricardojullian114: Fique bem a vontade

[20:38:26] ricardojullian114: não existe resposta certa ou errada

[20:38:38]Professora_B: tá.

[20:38:44] ricardojullian114: São apenas alguns elementos que preciso pra fechar minha pesquisa

[20:38:58] ricardojullian114: E depois, quando terminar posso dar o retorno

[20:40:07]Professora_B: td bem

[20:40:18] ricardojullian114: 1- Descreva um exemplo de prática pedagógica que represente quem você é como professora

[20:41:43]Professora_B: Bem, gosto sempre de trazer coisas diferentes para os alunos aplcarem o conhecimento, atualmente tenho procurado aliar à Informaática Educativa o conteúdo

[20:41:58]Professora_B: principalmente quanto ao gênero textual.

[20:44:05]Professora_B: Por exemplo, a atividadee que desenvolvi recentemente com meus aluno. O gênero era reportagem. Apresentei o gênero com um power-point com atividades textuais,

[20:45:32]Professora_B: depois foi dada uma oficina com noção de filmagem (ângulos , som, etc..) e eles produziram uma reportagem de 3 a 10 min. Alguns temas foram sugeridos. Ficou muito bom.

[20:46:13]Professora_B: Se quiser posso posso enviar o llink do youtube do melhor trabalho

[20:46:21] ricardojullian114: Claro

[20:46:27] ricardojullian114: que quero

[20:47:04]Professora_B: http://www.youtube.com/watch?v=mYzlQojP76A

[20:47:09] ricardojullian114: E vc tem algum planejamento ou roteiro dessa ativaidade escrito que possa me enviar?

[20:47:35] ricardojullian114: Assim que terminarmos a entrevista vou assistir...

[20:47:48]Professora_B: Não, mas posso preparar e enviar pra vc.

[20:48:38] ricardojullian114: Se puder vai ajudar muito.... Ah...Gostei muito daquele vídeo sobre a maquin de lavar e o defeito... muito bom....

[20:48:54] ricardojullian114: Vamos então a segunda pergunta:

[20:49:00] ricardojullian114: 2- Descreva um exemplo de prática pedagógica que represente quem você NÃO é como professora:

[20:51:33]Professora_B: Não faço nada que não tenha um objetivo de aprendizagem, como por exemplo enrolar com um filme só para passar o tempo.

[20:52:15]Professora_B: Se passo um filme é porque vou usá-lo de alguma forma.

[20:52:30]Professora_B: precisa de um exemplo disso

[20:52:36]Professora_B: ?

[20:53:07] ricardojullian114: Se puder dar um exemplo mais detlhado melhor...

[20:54:18]Professora_B: Já trabalhei muitas vezes com o filme 10 COISAS QUE ODEIO EM VOCÊ, é uma releitura da Megera Domada de Shakespeare.

[20:55:03]Professora_B: No filme há um soneto de Shakespeare que os alunos tem que fazer um trabalho.

[20:55:54]Professora_B: Pois bem, eu trabalho com o gênero poesia, falo um pouco sobre teatro e peço o mesmo trabalho ue o professor do filme com a produção de poemas

[20:56:20]Professora_B: Trabalho com o soneto traduzidoobviamente.

[20:56:32]Professora_B: Já sairam ótimos poemas.

[20:56:44] ricardojullian114: OK

[20:56:51] ricardojullian114: entendi...

[20:56:58] ricardojullian114: 3- Escolha uma prática pedagógica que você tenha realizado, utilizando informática para educação, e que o resultado tenha sido interessante. Descreva essa prática:

[20:58:04]Professora_B: Trabalho com contos. Usando uma releitura dos contos maravilhosos.

[20:58:43]Professora_B: 1. Passo um filme - A nova cinderela

[20:59:16]Professora_B: 2. Leio para os alunos um conto do lvro" Conto de fadas politicamente correto"

[20:59:55]Professora_B: Apresento o gênero conto.

[21:01:01]Professora_B: 4. Dou alguns exercícos de interpretação e perguntas teóricas sobre o gênero.

[21:02:59]Professora_B: 5. Peço aos alunos , que em grupos, criem um conto de fadas modernizado. Primeiramente os contos eram livros no power point.

[21:03:27]Professora_B: Também trabalhei com leitura.

[21:04:09]Professora_B: Fiz leituras com os alunos durante várias aulas, eles separavam textos para ler, fui trabalhando pontuação e entonação.

[21:05:05] ricardojullian114: Quando vc diz "Primeiramente os contos eram livros no power point" eram os contos escritos pelos alunos ?

[21:05:37]Professora_B: sim, eles criavam e escreviam baseados em um conto de fadas.

[21:06:02]Professora_B: Houve um assim " A menina do boné vermelho"

[21:06:51]Professora_B: Depois pedi para que eles filmassem a história como um roteiro de curta.

[21:07:01]Professora_B: não houve tempo para as filmagens.

[21:08:10]Professora_B: E os alunos produziram um audiobook, com os contos do livro " Sete ossos e uma maldição" de Rosa Amanda Strauz.

[21:08:53] ricardojullian114: E esse trabalhos estão em algum blog?

[21:10:57]Professora_B: Não, infelizmente . Só o audiobook que foi apresentado no Encontro de Tecnologia aqui em Cabo Frio e está registrado, não em blog , mas numa ppt

[21:11:53]Professora_B: prof_A tem esse arquvo.

[21:12:15] ricardojullian114: Ok, depois vou procurar no site do NTM, podem ser exemplos interessantes para mostra para outros professores...

[21:12:19] ricardojullian114: E....

[21:12:22] ricardojullian114: - Porque você escolheu essa prática como exemplo?

[21:14:46]Professora_B: Sinceramente, foi a primera que lembrei.

[21:15:03] ricardojullian114: e - Porque julga que essa prática foi interessante?

[21:16:11]Professora_B: Qual das duas?

[21:16:59] ricardojullian114: O trabalho com contos

[21:17:00]Professora_B: a do audiobook, pq notei que os alunos realmente melhoraram na leitura.

[21:17:32]Professora_B: a dos contos de fadas, pq adoram as histórias que eles criam, saem coisas bem interessantes.

[21:17:55] ricardojullian114: Ok

[21:17:59] ricardojullian114: 4- Escolha uma prática pedagógica que você tenha realizado, utilizando informática para educação, e que o resultado tenha sido um fiasco. Descreva essa prática:

[21:19:30]Professora_B: Sinceramente, todas que planejei deram certo.

[21:20:09]Professora_B: Bom a falta de tempo para as filmagens já reflete que não foi bem planejada.

[21:20:35] ricardojullian114: OK

[21:21:13] ricardojullian114: Vamos pra segunda parte:

[21:21:17] ricardojullian114: 1- Ao tentar lembrar dos seus professores e das aulas que vocês tiveram quando alunos (na sua disciplina), quais práticas pedagógicas você mais se recorda?

[21:22:07]Professora_B: Nenhuma, só o velho "cuspe e giz"

[21:23:10]Professora_B: Alguns trabalhos de pesquisa que o ctrl+c, ctrl+v era mais lento, com a mão mesmo! rsrsrsr

[21:25:31] ricardojullian114: 2 – Então, quais as principais diferenças entre a forma em que foi ensinada por seus professores quando aluna e a forma que você ensina? Quais seriam essas diferenças? Poderiam narrar alguns exemplos concretos?

[21:27:24]Professora_B: Acho que a principal diferença é o tempo. a visão de Educação mudou muito desde quando eu era estudante.

[21:27:54]Professora_B: A preocupação era o vestibular, muto conteúdo e muito exercício.

[21:29:12]Professora_B: Acredito que exatamente por isso é muito difícil comparar. Hj se busca uma educação que frme o cidadão crítico, uma formação mais completa buscando outras formas de inteligência.

[21:30:43] ricardojullian114: 3- E a sua própria forma de ensinar ao longo de sua vida profissional, vem se modificando ao longo do tempo?

[21:32:59]Professora_B: Vem, deixei de ser tão conteudista e passei a buscar outras estratégias. Mas ainda acredito no conteúdo pq no fim das contas é isso que se precisa. prova disso é a quantidade de

cursinhos para concurso que exploram somente a grama´tica, exercícios gramaticais.

[21:33:40] ricardojullian114: E no que mais vc mudou?

[21:35:02]Professora_B: Agora faço avaliação continuada, diário. Tudo, todos os exercícios dados são avaliados.

[21:36:28]Professora_B: Confiro todas as aulas quem fez os exerc´cios dados e marco diariamente. Eles só valem no dia feito. Faço da mesma maneira com deveres de casa.

[21:37:07] ricardojullian114: 4- Após o conhecimento da informática para educação através de cursos de formação continuada, você observou alguma mudança na forma como você ensina?

[21:38:45]Professora_B: Sim, sempre procuro uma maneira de usar a Informática Educativa no processo, pq acredito que assim o conhecimento é adquirido de maneira mais fácil. É como se estivese falando a "língua" deles, dos alunos.

[21:39:53] ricardojullian114: E poderia narrar mais alguns exemplo ?

[21:40:32]Professora_B: Já trabalhei usando o programa Hagaquê.

[21:40:49] ricardojullian114: Ok

[21:41:13] ricardojullian114: Essa agora é a ultima....

[21:41:36]Professora_B: Trabalhei com crônicas, onde eles produziram animação slowmotion com uma crônica pré-determinada.

[21:42:43] ricardojullian114: Eles criaram a cronica ou vc deu a cronica pronta ?

[21:44:06]Professora_B: Eu fiz um sorteio com algumas crônicas de Stanislaw Ponte Preta.

[21:44:33]Professora_B: Eles criaram a deles tb, mas não para a animação.

[21:44:45] ricardojullian114: 5- Que elementos do curso de introdução a informática para educação oferecidos pelo LIpE/UFRJ em 2006 você considera mais revelantes?

[21:46:18]Professora_B: O conceito de informática Educativa em si. Não é um maneira de continuar com o ensino tradicional - como aquela animação da aula de matemática com tabuada- .

[21:46:50]Professora_B: É dar ao aluno ferramentas para que ele desenvolva e construa o seu conhecimento.

[21:48:06] ricardojullian114: Ok

[21:48:09] ricardojullian114: prof_B

[21:48:16] ricardojullian114: Muito Obrigado

[21:48:37]Professora_B: Só isso? Foi rápido mesmo!

[21:48:57] ricardojullian114: Foi mais de uma hora...

[21:49:02] ricardojullian114: E foi ótimo

[21:49:15] ricardojullian114: Acho que dará para aproveitar muita coisa...

[21:49:28]Professora_B: :D

[21:49:46] ricardojullian114: O que eu vou te implorar é para vc escrever o planejamento daquela atividade que vc comentou no início

[21:50:22] ricardojullian114: sobre o genero de reportagem

[21:50:32]Professora_B: Ah, tá. Vou viajar amanhã e só volto segunda à noite. Então mando pra vc no meio da semana.

[21:50:59] ricardojullian114: E se vc tiver outros planejamentos que já tenha feito na Américo Vespucio...

[21:51:08] ricardojullian114: Se já estiver pronto...

[21:51:13] ricardojullian114: OK

[21:51:24] ricardojullian114: Espero seu envio no meio da semana.

[21:51:45]Professora_B: O da reportagem foi no Miguel Couto, que é onde estou em sala de aula atualmente.

[21:51:57] ricardojullian114: Não tem problema

[21:51:58]Professora_B: Na prefeitura estou na Sala de Leitura.

[21:52:05] ricardojullian114: Ok

[21:52:23] ricardojullian114: Na verdade o lugar de aplicação não é o fundamental

[21:52:51] ricardojullian114: Desde quando vc tá na sala de leitura na Américo Vespúcio?

[21:53:07]Professora_B: Desde 2010.

[21:53:43] ricardojullian114: Inicio de 2010?

[21:54:51]Professora_B: Isso desde fevereiro de 2010, fazendo muitos trabalhos em parceria com a Sala de Informática.

[21:55:44] ricardojullian114: Ah, se tiver algum planejamento dai também que puder enviar ajuda...

[21:55:55] ricardojullian114: OK, prof_B, valeu mesmo. Espero que sigamos em contato...

[21:56:15] ricardojullian114: Forte abraço e boa viagem!

[21:56:44]Professora_B: Tudo certo, de nada. Caso precise entrar em contato de novo, não há problemas, pode me procurar.

PROFESSOR_D:

[17/12/2012 10:58:14] ricardojullian114: Vamos fazer as perguntas do e-mail por aqui também. OK?

[17/12/2012 10:58:19] prof_D: ok

[17/12/2012 10:58:27] ricardojullian114: É que tem uma certa lógica

[17/12/2012 10:58:35] ricardojullian114: Então começamos:

[17/12/2012 10:58:56] ricardojullian114: 1- Descreva, um exemplo de prática pedagógica que represente quem você é como professor:

[17/12/2012 10:59:39] prof_D: Bom, qualquer aula q tenha ministrado sobre qualquer assunto, né

[17/12/2012 10:59:47] ricardojullian114: Isso

[17/12/2012 11:02:15] prof_D: Para iniciar o assunto sobre Teorema de Pitágoras,

[17/12/2012 11:03:12] prof_D: Apresentei o tangram, para manusear, brincar, montar

[17/12/2012 11:03:52] prof_D: foi discutida as peças com as caracteristicas de cada uma

[17/12/2012 11:05:40] prof_D: e para fechar esse momento, cada grupo escolheu uma figura e junto com a sala de informatica, fizemos um trabalho de fotografia

[17/12/2012 11:06:42] ricardojullian114: Ok

[17/12/2012 11:06:48] ricardojullian114: 2- Descreva, um exemplo de prática pedagógica que represente quem você NÃO é como professora:

[17/12/2012 11:06:59] prof_D: nao acabou...rs

[17/12/2012 11:07:09] ricardojullian114: Ah, desculpa

[17/12/2012 11:07:18] ricardojullian114: pode continuar..

[17/12/2012 11:07:50] prof_D: foram tiradas várias fotos de cada movimento de montagem da figura escolhida

[17/12/2012 11:07:53] ricardojullian114: Quando terminar, sinalize por favor (e para mim quanto mais detalhes vc der melhor)

[17/12/2012 11:08:00] prof_D: para a ediçao no adobe premiere

[17/12/2012 11:08:13] prof_D: com ediçao da prof_A, claro

[17/12/2012 11:09:18] prof_D: essa foi uma pratica que reprenta um pouco do que sou como professora

[17/12/2012 11:10:02] prof_D: gosto que meus alunos concretizem, ao máximo, o conteudo a ser trabalhado

[17/12/2012 11:10:20] prof_D: e trabalhando em parceria fica muito melhor

[17/12/2012 11:10:39] prof_D: posso ir para segunda questão??

[17/12/2012 11:10:53] ricardojullian114: Vc diz eles em parceria entre eles ou entre vc e a prof_A?

[17/12/2012 11:11:07] prof_D: entre eles

[17/12/2012 11:11:14] prof_D: e entre os professores tambem

[17/12/2012 11:11:18] ricardojullian114: OK

[17/12/2012 11:11:25] ricardojullian114: 2- Descreva, um exemplo de prática pedagógica que represente quem você NÃO é como professora:

[17/12/2012 11:11:34] prof_D: por isso a atividade em grupo

[17/12/2012 11:11:42] prof_D: bom, vamos a segunda

[17/12/2012 11:12:09] prof_D: Sabe que essa acho dificil de responder....rs

[17/12/2012 11:12:52] prof_D: Parece q temos que imaginar uma pessoa q nao sou

[17/12/2012 11:13:17] ricardojullian114: Pode ser uma prática que vc tenha visto outro professor qq fazer

[17/12/2012 11:13:28] ricardojullian114: Não precisa ser uma prática sua...

[17/12/2012 11:13:33] prof_D: Ah tah

[17/12/2012 11:13:37] prof_D: ai fica mais facil

[17/12/2012 11:13:38] prof_D: rsrs

[17/12/2012 11:13:43] ricardojullian114: Algo que te encomode muito!

[17/12/2012 11:15:30] prof_D: Bom, jogar o conteudo, sem dar apoio para o mesmo.....

[17/12/2012 11:16:14] prof_D: nao sei nem descrever como conseguem fazer isso....

[17/12/2012 11:17:09] prof_D: mas, essa pratica de so lançar conteudo sem "mostrar" outras formas para chegar ao produto final

[17/12/2012 11:18:11] prof_D: sabe aquela coisa também que fica so no quadro e giz.....

[17/12/2012 11:18:40] prof_D: ainda bem que trabalho com professores que não utilizam essa pratica

[17/12/2012 11:19:12] prof_D: por isso a minha dificuldade em responder.....(parece ate brincadeira, né)

[17/12/2012 11:19:55] ricardojullian114: Ok. vc terminou ou quer acrescentar algo mais neesa pergunta?

[17/12/2012 11:20:02] prof_D: terminei

[17/12/2012 11:20:03] prof_D: rs

[17/12/2012 11:20:23] ricardojullian114: 3- Escolha uma prática pedagógica que você tenha realizado, utilizando informática para educação, e que o resultado tenha sido interessante. Descreva essa prática:

[17/12/2012 11:22:21] prof_D: Parecida com a primeira questao....rs

[17/12/2012 11:24:03] prof_D: Ah...gostaria de falar da primeira, porque foi um trabalho que gostei muito.....quer dizer, eu e os alunos tambem....mas, para nao ser repetitiva vou descrever outra

[17/12/2012 11:24:43] prof_D: (pode aguardar um pouco q tem gente me chamando no portao?)

[17/12/2012 11:24:53] ricardojullian114: Claro...

[17/12/2012 11:29:10] prof_D: voltei

[17/12/2012 11:29:37] prof_D: Para a construçao de gráficos....

[17/12/2012 11:29:59] prof_D: Usamos o campeonato brasileiro de futebol

[17/12/2012 11:31:16] prof_D: e com a tabela do campeonato em mãos, construimos gráficos de barras e setores

[17/12/2012 11:31:38] prof_D: utilizando folha quadriculada

[17/12/2012 11:31:54] prof_D: régua, compasso

[17/12/2012 11:32:14] prof_D: e depois que eles visualizaram e colocaram a "mão na massa"

[17/12/2012 11:33:18] prof_D: fomos finalizar o aula na sala de informatica, onde os mesmos gráficos foram feitos utilizando o excel

[17/12/2012 11:34:46] prof_D: e foi muito interessante que alguns alunos não tinham a minima noção de como fazer isso, e ao final esses alunos acharam a "coisa mais facil"

[17/12/2012 11:35:31] prof_D: e outros que ja faziam uso da ferramenta, brincaram com os gráficos, utilizando todos os tipos disponiveis no excel, e mostrando aos outros colegas

[17/12/2012 11:36:23] prof_D: uma aula simples, mas achei super interessante.....foi como falei na primeira pergunta....PARCERIA.

[17/12/2012 11:37:09] ricardojullian114: Poderia explicar melhor " esses alunos acharam a "coisa mais facil" "?

[17/12/2012 11:37:39] prof_D: acharam facil porque o uso da "máquina" para fazer o grafico,

[17/12/2012 11:38:04] prof_D: eles so tiveram o trabalho de inserir uma tabela.....

[17/12/2012 11:38:24] prof_D: e depois era so clicar nas opções e escolher o que quer fazer

[17/12/2012 11:38:42] prof_D: isso que falaram da "coisa mais facil"

[17/12/2012 11:39:01] prof_D: diferente do que eles fizeram antes, quando construiram o grafico na folha

[17/12/2012 11:39:54] ricardojullian114: Ok, passamos a próxima?

[17/12/2012 11:40:03] prof_D: deu para entender?

[17/12/2012 11:40:21] ricardojullian114: Claro, obrigado

[17/12/2012 11:40:31] prof_D: ok

[17/12/2012 11:41:17] ricardojullian114: - Porque você escolheu essa prática como exemplo (ou a primeira, já que gostou mais do primeiro exemplo)?

[17/12/2012 11:41:56] prof_D: Descrevi essa para não ficar repetitiva....

[17/12/2012 11:42:20] prof_D: e para vc ver que tenho muitas aulas interessantes.....rsrs

[17/12/2012 11:42:46] ricardojullian114: Claro... por isso estou fazendo a pesquisa com vocês rsrsrs

[17/12/2012 11:43:24] prof_D: Tento, ao maximo, levar todos os tipos de ferramentas disponiveis para o conteudo fluir de maneira tranquila

[17/12/2012 11:43:38] prof_D: pq vc sabe né....matematica nao é vista com bons olhos

[17/12/2012 11:44:08] prof_D: qq dia vou aparecer em sala vestida de palhaça....pra ver se consigo ainda mais atençao dos alunos

[17/12/2012 11:44:10] prof_D: kkkkkk

[17/12/2012 11:44:21] prof_D: (desculpa pelas brincadeiras, ta)

[17/12/2012 11:44:53] prof_D: sei que essas perguntas são sérias.....mas, sou assim mesmo....um pouco timida e ao mesmo tempo palhaça....rs

[17/12/2012 11:45:11] ricardojullian114: Quanto mais informal é melhor para esse tipo de pesquisa...

[17/12/2012 11:45:23] prof_D: ok

[17/12/2012 11:45:24] prof_D: rs

[17/12/2012 11:45:44] prof_D: faltam quantas agora?

[17/12/2012 11:46:07] ricardojullian114: Estamos na metade. Pode prosseguir um pouco mais?

[17/12/2012 11:46:15] prof_D: é pq a cozinha me chama.....sera que vc se incomoda de me dividir com ela um pouco???

[17/12/2012 11:46:38] ricardojullian114: Se não te atrapalhar... por mim tudo bem...

[17/12/2012 11:46:42] prof_D: ta

[17/12/2012 11:46:47] ricardojullian114: Porque sigo trabalhando aqui...

[17/12/2012 11:46:57] prof_D: entao eu vou la um pouco e venho aqui tambem

[17/12/2012 11:47:10] prof_D: pode postar a proxima pergunta....

[17/12/2012 11:47:15] prof_D: ai venho aqui falar alguma coisa,

[17/12/2012 11:47:16] ricardojullian114: OK

[17/12/2012 11:47:19] prof_D: pode ser assim/

[17/12/2012 11:47:21] prof_D: ?

[17/12/2012 11:47:44] ricardojullian114: Claro! E quando vc tiver que parar de vez me avisa

[17/12/2012 11:47:56] ricardojullian114: Não quero atrapalhar demais

[17/12/2012 11:48:00] prof_D: essa vida de mae, dona de casa, professora.....olha q hj a minha secretaria ta aqui, mas almoço é comigo.....meu marido é chatoooooo

[17/12/2012 11:48:34] ricardojullian114: Que nem eu...

[17/12/2012 11:48:38] prof_D: kkkkkk

[17/12/2012 11:48:43] prof_D: aiaia....homens!!!

[17/12/2012 11:49:00] prof_D: bom, pode postar aqui q vou na cozinha, ta

[17/12/2012 11:49:05] ricardojullian114: - E Porque você julga que essa prática foi interessante?

[17/12/2012 11:58:43] prof_D: Ricardo, meu marido chegou agora, e eu preciso ir ao banco para ele, antes de pegar a Sofia....vou sair e quando voltar eu entro de novo, ta

[17/12/2012 11:58:47] prof_D: tudo bem pra vc?

[17/12/2012 11:58:57] ricardojullian114: Ok

[17/12/2012 11:59:03] prof_D: ate daqui a pouco

[17/12/2012 11:59:09] ricardojullian114: Vou aproveitar para almoçar também..

[17/12/2012 11:59:22] ricardojullian114: Quando voltarmos avisamos... até já.

[17/12/2012 11:59:26] prof_D: ok

[15:25:26] prof_D: oi

[15:25:35] prof_D: respondendo a sua ultima pergunta de ontem

[15:25:44] ricardojullian114: Olá!

[15:27:48] prof_D: julguei interessante porque houve muita participação da turma, na colaboraçao em ajudar o colega, pois enquanto eu estava auxiliando algum aluno em dificuldade para usar a ferramenta (computador), os que sabiam faziam o mesmo.....

[15:28:13] prof_D: e como para esse trabalho foi usado um tema que todos gostam: futebol

[15:28:31] prof_D: a aula foi bem descontraida e....

[15:28:55] prof_D: os comentarios que eles fizeram tambem me levaram a crer isso

[15:28:58] prof_D: .

[15:29:42] ricardojullian114: Ok, podemos passar a outra pergunta?

[15:31:12] ricardojullian114: Podemos?

[15:32:15] prof_D: sim

[15:32:20] ricardojullian114: 4- Escolha uma prática pedagógica que você tenha realizado, utilizando informática para educação, e que o resultado tenha sido um fiasco. Descreva essa prática:

[15:32:50] prof_D: ih

[15:33:05] prof_D: isso nao aconteceu ainda.....rs

[15:33:43] ricardojullian114: Ou que não tenha sido um fiasco, mas que vc ache que não foi tão bem quanto pensava...

[15:34:29] prof_D: ai deixa eu pensar um pouquinho

[15:34:39] ricardojullian114: Claro...

[15:40:09] prof_D: olha ricardo....buscando aqui na minha ....não me lembro desse ano ou do ano passado ter acontecido isso.....todas as atividades que foram feitas chegaram ao objetivo.

[15:40:26] prof_D: *memória

[15:40:47] ricardojullian114: Ok

[15:40:59] ricardojullian114: Passamos a próxima pergunta?

[15:41:06] prof_D: sim

[15:41:37] ricardojullian114: Segunda parte:

[15:41:40] ricardojullian114: 1- Ao tentar lembrar de seus professores (na sua disciplina) e das aulas que eles davam, quais as práticas pedagógicas que você mais se recorda?

[15:42:13] prof_D: fazer os exercicios do livro

[15:42:15] prof_D: kkkkkkkk

[15:43:24] prof_D: ah fala serio! quem me dera na minha epoca ter ao alcance todas essas ferramentas q temos hj....

[15:43:55] prof_D: só era livro, caderno e quadro (de giz ainda)....kkkkkk

[15:44:30] ricardojullian114: Como vc classificaria seus professores de matemática (em geral)?

[15:45:13] prof_D: da minha epoca?

[15:45:49] ricardojullian114: Isso, os professores que vc teve de matemática?

[15:47:01] prof_D: poxa, tadinhos.....não posso comparar com hj em dia....mas, eles eram bons

[15:47:20] ricardojullian114: De que forma?

[15:48:52] prof_D: tinham firmeza ao passar o conteudo

[15:49:26] ricardojullian114: Ok, passamos a próxima?

[15:49:35] prof_D: yes

[15:49:59] prof_D: aiai....sofia ja acordou

[15:50:24] prof_D: uma hora pra fazer dormir e meia dormindo.....fala serio, né....

[15:50:40] prof_D: se eu pudesse dormiria a tarde toda....kkkkk

[15:50:54] ricardojullian114: Não parece um bom investimento... Também!!!

[15:51:06] ricardojullian114: Como fazemos, que prefere?

[15:51:25] prof_D: pode passar, demorar sabe pq

[15:52:47] ricardojullian114: Desculpe não entendi.

[15:53:14] prof_D: pode perguntar, ai se eu demorar a responder é pq to fazendo alguma coisa com ela

[15:53:18] ricardojullian114: OK

[15:53:24] ricardojullian114: No problems!

[15:53:39] ricardojullian114: 2 –Quais as principais diferenças que você observa entre a forma que seu professor ensinava e a forma que você ensina? Quais seriam essas diferenças? Poderia narrar alguns exemplos concretos?

[15:55:35] prof_D: a principal diferença pra mim é nas ferramentas pedagogicas que existem nos dias de hj....isso vale tanto para a era tecnologica como tambem para jogos didáticos de vários materiais.

[15:56:52] ricardojullian114: Que mais vc poderia exemplicar?

[16:01:55] prof_D: destaco a internet, pq podemos compartilhar ideias.....e essa troca de informação é fantastica.....enriquece muito a minha aula

[16:02:42] prof_D: os jogos que uso tambem sao fantasticos: tipo o tangram, os solidos geometricos

[16:03:17] ricardojullian114: Algo mais?

[16:04:26] prof_D: claro q o computador por si so...é um grande aliado com seus softwares...

[16:05:02] prof_D: tadinho dos meus prof....olha o q perderam....rs

[16:05:26] prof_D: mas uma coisa eu tenho muita inveja deles

[16:06:13] prof_D: o respeito q eles recebiam dos alunos

[16:06:27] prof_D: e de toda a sociedade, né

[16:06:42] prof_D: hj em dia....aff!!!

[16:07:18] ricardojullian114: 3- E a sua própria forma de ensinar ao longo de sua vida profissional, vem se modificando ao longo do tempo?

[16:07:28] prof_D: muitooooo

[16:07:47] ricardojullian114: De que forma? Poderia dar exemplos dessas mudanças?

[16:08:13] prof_D: so um minuto...perai

[16:14:40] prof_D: Quando eu iniciei ao magisterio....não muito tempo atras....há 12 anos....eu ainda não tinha computador....então, minhas aulas eram mais no quadro, usando o básico, e logo depois veio o BOOM da tecnologia, e ai a velocidade das informações foi aumentando mais e mais....ideias foram sendo compartilhadas, criadas, e logo fui aperfeiçoando minha pratica

[16:15:15] prof_D: usava muito o livro didatico

[16:15:28] prof_D: hj, pra mim, ele serve como apoio em casa....

[16:17:10] ricardojullian114: Alguma mudança mais?

[16:17:37] ricardojullian114: Que vc lembre?

[16:18:31] prof_D: nao

[16:18:58] prof_D: ah! ficou mais facil tambem trabalhar em parceria com outros profs

[16:19:05] prof_D: agora so nao me pergunte o pq

[16:19:22] ricardojullian114: Vc já respondeu a quatro junto com a três. vamos pra última...

[16:19:39] prof_D: ok

[16:19:48] ricardojullian114: 5- Que elementos do curso de introdução a informática para educação oferecidos pelo LIpE/UFRJ em 2007 você considera mais revelantes?

[16:20:16] prof_D: Vc jura isso mesmo

[16:20:37] ricardojullian114: Não entendi?

[16:20:41] prof_D: voltar a 2007

[16:21:01] ricardojullian114: São apenas 5 anos..

[16:21:05] prof_D: juro q vou tentar lembrar.....

[16:21:58] prof_D: sabe de uma coisa q lembro muito do curso, se vc nao ficar zangado comigo, acho que é a unica

[16:22:17] prof_D: é do software da tartaruguinha

[16:22:41] prof_D: e agora o nome me falho

[16:22:42] prof_D: kkkk

[16:22:48] ricardojullian114: Logo

[16:22:54] prof_D: isso mesmo

[16:23:49] ricardojullian114: Vc já usava a Informa´tica em suas aulas antes do curso de 2007?

[16:25:00] prof_D: muito pouco

[16:25:33] prof_D: devido a quantidade de computadores na escola